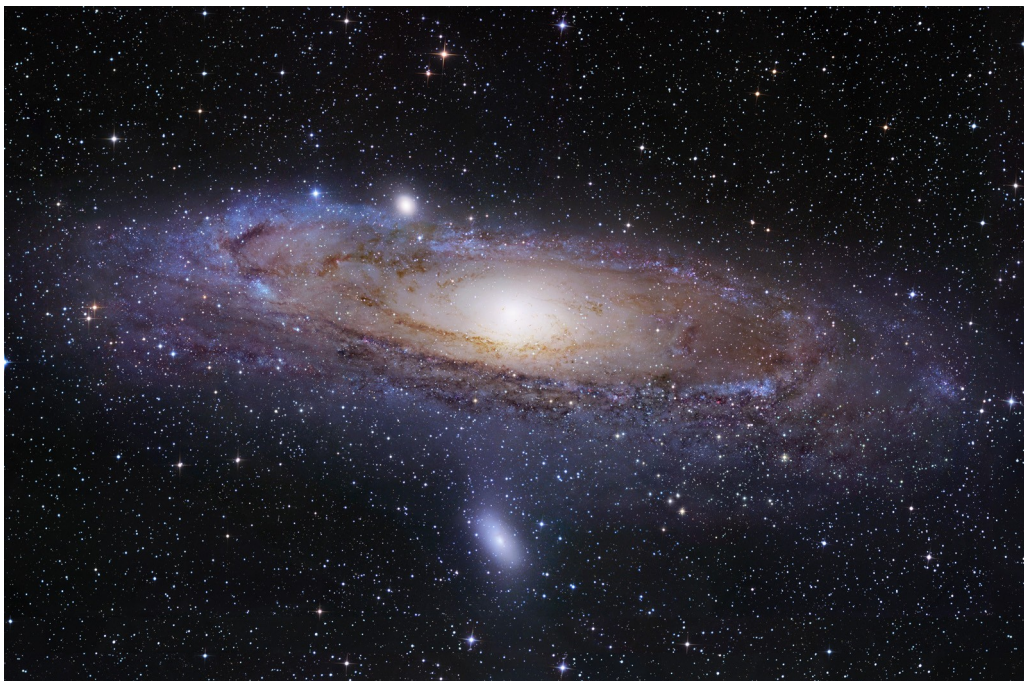


TERAPIA DE VIDAS PASSADAS

**APOSTILA BÁSICA
DE FORMAÇÃO TEÓRICA**



***APOSTILA QUE VISA CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO
TEÓRICA E CONCEITUAL DE NOVOS TERAPEUTAS DE VIDAS
PASSADAS E COMO INFORMATIVO PARA O PÚBLICO
EM GERAL***

Autor: HUGO LAPA

Observação importante:

Este material é o resultado de um esforço que tem como principal objetivo divulgar o estudo teórico da Terapia de Vidas Passadas. A totalidade das informações aqui contidas poderá ser utilizada livremente em cursos de formação para terapeutas de regressão e também como informativo para a propagação da Terapia de Vidas Passadas junto ao público em geral.

O uso dessa apostila está liberado para qualquer meio impresso ou eletrônico. Não é permitida, sob nenhuma hipótese, a venda ou qualquer utilização desse material para finalidades comerciais. Apesar de sua livre divulgação e de seu caráter inteiramente gratuito, esta obra não é de domínio público. Seu conteúdo está devidamente protegido pela lei dos direitos autorais. Qualquer citação de partes desse texto deve obrigatoriamente conter a indicação da fonte. O infrator estará sujeito à penalidade conforme a legislação brasileira.

O conteúdo aqui exposto não pode ser considerado suficiente para a formação de um profissional de terapia de vidas passadas. Esta apostila deve ser encarada apenas como uma manual teórico do nosso campo de estudos, e não como material que basta para a certificação do terapeuta. De igual forma, não há possibilidade de que as informações aqui contidas possam servir para o ensino das técnicas terapêuticas hipnóticas, regressivas ou psíquicas, pois estas só podem ser aprendidas em cursos regulares e oficiais de formação, de preferência os cursos indicados na parte final desta apostila.

Este material não foi escrito numa sequência de ideias. Isso significa que a leitura dos primeiros capítulos não é pré-requisito para entendimento dos subsequentes. O leitor pode sentir-se à vontade para ir a qualquer ponto da apostila que seja de seu interesse.

Uma melhor apreciação desta obra será obtida com a impressão dessas páginas.

Desejamos a todos uma leitura edificante! Que todos possam encontrar o objetivo máximo da existência: a natureza divina eternamente presente dentro de cada um.

Sobre o Autor



Hugo Lapa nasceu no Rio de Janeiro em 1977.

Formou-se em Psicologia na UNESA, no Rio de Janeiro.

Ministra atendimentos e cursos de Terapia de Vidas Passadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, desenvolvendo uma nova abordagem com enfoque que valoriza a dimensão espiritual da existência humana.

Comunicador de rádio, apresentou o Programa Viver e Voltar com sua esposa Camila Sampaio – programa sobre Terapia de Vidas Passadas e Espiritualidade, também disponível para download em seu site.

Dedica-se ao estudo do espiritualismo, esoterismo e misticismo desde os 14 anos de idade. É membro de ordens iniciáticas e procura difundir a sabedoria da tradição espiritual para o mundo.

Contato

Hugo Lapa

Telefone: (21) 9542 5495

E-mail: lapapsi@gmail.com

Blog: <http://hugolapa.wordpress.com>

Site: www.terapiadevidaspassadas.net

Comunidade no Orkut (Terapia de Vidas Passadas-TVP):

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=62285>

Facebook: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100001215440079&ref=ts>

Twitter: @HugoLapa

Msn: hugolapatvp@hotmail.com

Skype: hugoregressao

Entre em minha lista de discussão sobre TVP:

terapiadevidaspassadastvp@yahoogrupos.com.br

Certa vez perguntaram ao Dalai Lama:
"O que o surpreende mais na humanidade?"

Ele respondeu:

"Os homens perdem a saúde para juntar dinheiro e depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde. Por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem o presente, e acabam por não viver nem no presente e nem no futuro... Vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido."

"Para ser grande, sê inteiro
Nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes.
Assim, em cada lago,
a lua inteira brilha,
Porque alta vive."

(Poeta e Místico Fernando Pessoa)

"Sede vós mesmos vossa própria bandeira e vosso próprio refúgio. Não confieis a nenhum refúgio exterior a vós. Apegai-vos fortemente à Verdade. Que ela seja vossa bandeira e vosso refúgio. Aqueles que forem eles próprios sua bandeira e seu refúgio, que não se confiarem a nenhum refúgio exterior a eles, que, apegados à Verdade, a tenham como bandeira e refúgio, atingirão a meta suprema." (Buda)

A fonte corre cantando
Da nascente para o mar,
Serve e luta no percurso
Para ser pura ao chegar...
(Chico Xavier; Emmanuel)

Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova.

[Mahatma Gandhi](#)

"Buscai primeiro o reino dos céus e a sua justiça e todas estas coisas serão acrescidas." (Jesus)

Índice

Dedicatória

Agradecimentos

1. **Introdução à Terapia de Vidas Passadas..... 10**

A Terapia de Vidas Passadas

Contraindicações

As distorções da Terapia de Vidas Passadas

2. **Leis naturais.....20**

A Reencarnação

A Metempsicose

O Conceito Annata Budista

O Karma ou Lei de Causa e Efeito

O Karma Coletivo

O Karma Bumerangue

O Livre arbítrio

A Evolução Espiritual

O Dharma

O Princípio Holonômico

A Sincronicidade

A Coincidência

3. **As correntes espirituais.....51**

O Espiritismo

A Teosofia

Budismo Tibetano (O Livro Tibetano dos Mortos)

As Ordens Iniciáticas

4. **O Terapeuta de Regressão.....66**

A Ética do Terapeuta

A Relação Terapêutica

A Empatia

A Equipe Espiritual do Terapeuta

A Intuição

5. Hipnose.....	75
O Mesmerismo de Franz Anton Mesmer	
A Hipnose	
O Transe	
A Amnésia pós-hipnótica	
A Hipnose Regressiva	
A Hipnose Ericksoniana	
As Ondas cerebrais	
6. Tempo, Memória e História Oculta.....	88
O Tempo	
A Memória Extracerebral	
Os Arquivos Akashicos	
O Continente Perdido da Atlântida	
O Continente Perdido de Mu (Lemúria)	
7. Tipos de Regressão.....	102
A Análise de Vidas Passadas	
A Regressão	
A Regressão Espontânea	
A Regressão em Grupo	
A Regressão Simbólica	
A Regressão à vida animal	
Regressão à vida mineral	
Regressão em Espíritos	
Regressão a vidas felizes	
Regressão a vidas paralelas	
Progressão a Vidas Futuras	
A Autorregressão	
8. Anatomia Sutil Humana.....	125
A Anatomia Sutil	
O Espírito	
A Alma	
Eu Superior	
Corpo astral	
Cordão de prata	
Corpo Etérico	

Corpo Físico
A Aura
Os Chakras
Os Nadis
Os Átomos Permanentes

9. Psiquismo Humano.....146

O Ego
A Personalidade
O Inconsciente
O Caráter
A Aptidão
As Emoções
Os Skandhas
Os Sonhos
COEX

10. Fases da Regressão.....167

O Roteiro Kármico (ou Plano de Vida)
Os Senhores do Karma
A Vida intrauterina
O Nascimento
A Descida
A Morte
A Morte consciente
A Revisão de vida
O Suicídio
A Experiência de Quase-Morte
O Kamaloka
O Bardo
O Devachan
O Entrevidas
A Metaconsciência

Dedicatória

Esta apostila é dedicada ao nosso querido
Morris Netherton, o primeiro sistematizador da
Terapia de Vidas Passadas.

Agradecimentos

Agradeço a minha esposa Camila pelo grande incentivo que me deu durante a elaboração desta obra e pela disposição em criar as condições para que ela pudesse ser escrita. No cerne de seu esforço está a certeza de que a Terapia de Vidas Passadas é um instrumento eficaz para o aperfeiçoamento e a purificação da humanidade.

Capítulo 1

Introdução à Terapia de Vidas Passadas

Definição e Aspectos Gerais

A Terapia de Vidas Passadas (TVP) é uma abordagem terapêutica, ainda não vinculada à Psicologia e à Medicina, que tem como hipótese fundamental a realidade do renascimento sucessivo, ou a teoria da reencarnação.

A Terapia de Vidas Passadas usa técnicas semelhantes à Hipnose regressiva, que tem como meta regressar no tempo até os primeiros períodos da vida atual – como infância, nascimento e vida intrauterina. A TVP, por sua vez, declara ser possível conduzir o ser humano a estados de consciência anteriores ao nascimento físico e a fase intra-uterina; estados que transcendem a perspectiva de sua personalidade atual. A TVP deriva seu nome da experiência de regressar à vidas passadas, tendo como objetivo o tratamento de outras existências, para o alívio de sintomas físicos e psíquicos.

A Terapia de Vidas Passadas trabalha com o pressuposto de que muitas experiências originárias de encarnações passadas podem ter criado marcas profundas em nosso psiquismo. Essas marcas podem ter sua gênese em momentos determinados durante a vida ou no momento da morte. Com a amnésia pós-nascimento da vida seguinte, nossa memória fica velada, mas as repercussões decorrentes das marcas deixadas de vidas passadas continuam ressoando em nosso ser, gerando múltiplos e variados problemas, como dores, fobias, traumas, angústia, ansiedade, sintomas físicos e emocionais.

Os dois pilares do tratamento da Terapia de Vidas Passadas ou TVP são a catarse e o insight. Catarse é a descarga de energias emocionais e psíquicas não elaboradas e não digeridas do passado recente ou remoto. Insight é uma compreensão súbita e inefável de uma grande verdade sobre nós mesmos, uma percepção panorâmica de nossa condição, algo que muda radicalmente nossa visão de perspectiva. Tanto a catarse como o insight são

fundamentais para que ocorra o alívio dos sintomas e o autoconhecimento.

A Terapia de Vidas Passadas é considerada por muitos como uma modalidade expandida da Terapia de Regressão. Porém, vai um pouco além disso. A TVP trata das personalidades do nosso passado encarnatório, trata de nossos complexos ou subpersonalidades (parte dissociadas do eu atual) e também pode tratar entidades obsessoras ou possessoras. Alguns autores chamam essas consciências externas ao cliente de “presenças” espirituais. Há muitas evidências clínicas de que boa parte dos problemas enfrentados pelo ser humano sejam reforçados e alimentados pelas “más companhias” espirituais.

O Objetivo da TVP não é apenas conhecer intelectualmente nosso passado além da vida atual. Durante a regressão, entramos num processo mais profundo que nos permite atravessar novamente uma situação, revivenciar, reatualizar os eventos passados e senti-los com grande intensidade, sem no entanto perder a referências de nossa mente objetiva atual e nos mantendo conscientes durante todo o processo. Diz-se que a intensidade da experiência, seja ela física, emocional ou psíquica, é proporcional ao efeito terapêutico. Essa revivência é como um psicodrama, ou seja, uma retomada do drama inicial reproduzido pelo nosso psiquismo.

A TVP pode tratar diversas fases de nossa vida ou vidas passadas. A fase adulta, a adolescência, a infância, o nascimento, a fase intrauterina, o plano de vida, o espaço entrevidas, as vidas passadas, a morte na vida passada, dentre outras possibilidades. É interessante mencionar como os hipnotizadores que trabalham com a regressão de idade (sem a hipótese das vidas passadas), muitas vezes ouvem relatos dos seus clientes que aparentam ser reminiscências de vidas passadas.

Mesmo quando encontramos uma aparente causa da queixa do paciente em algum evento da vida atual, como por exemplo a infância, ainda existe a chance desse acontecimento ter uma origem ainda anterior à infância desta vida. É possível que apanhar de cinto na vida atual possa evocar emoções fortíssimas de uma vida de escravo, quando apanhávamos de chicote. Assim, dizemos que existem algumas situações traumáticas da vida atual que são reestimuladores de traumas ainda mais antigos.

O paciente que se submete à TVP não precisa ter qualquer crença em reencarnação nem em vida após a morte. Pode mesmo ser cético ou agnóstico, não ter qualquer crença religiosa. Mesmo assim os efeitos terapêuticos se fazem presentes. Ou seja, a TVP

funciona independente das crenças dos indivíduos. Por outro lado, a TVP é uma terapia mais curta do que as psicoterapias convencionais, mas cada sessão regressiva é mais intensa do que as sessões de psicologia clínica.

Sobre a rapidez da TVP, o psiquiatra Denis Kelsey disse que, comparando seu trabalho (como terapeuta de regressão a vidas passadas e como psiquiatra) com o trabalho de seus colegas, ele afirmou que *"Em um período máximo de doze horas de terapia de regressão, eu posso realizar aquilo que um psicanalista demoraria três anos."* As palavras de Denis Kelsey refletem a observação de muitos terapeutas que trabalham diariamente com a TVP. Trata-se de uma terapia rápida e eficiente na maioria dos casos.

A Terapia de Vidas Passadas não tem como foco de trabalho a produção de evidências que venham a comprovar a reencarnação. Embora isso seja uma consequência natural do processo terapêutico, não é isso o que se busca. Por outro lado, a TVP nada tem a ver com religiões e os terapeutas são unânimes em declarar que a TVP não herdou conceitos religiosos de nenhuma corrente mística ou confessional, embora existam paralelos muito significativos entre a TVP e certos princípios de algumas correntes religiosas. É preciso dizer que dificilmente uma pessoa conseguirá, através da TVP, a comprovação da realidade das vidas passadas; aqueles que entram na terapia com esse objetivo, podem não estar buscando pelo motivo correto.

As pessoas procuram a regressão pelos mais variados motivos. Há uma ideia falsa que circula em alguns meios espiritualistas de que a maioria das pessoas procura a TVP por curiosidade, mas esse equívoco é facilmente contestável pela experiência diária dos terapeutas que acolhem as mais diferentes queixas. Há um percentual extremamente reduzido de indivíduos que buscam a TVP apenas por curiosidade ou para saber quem eram no passado. Uma pesquisa realizada em 1988 por instituições americanas, sendo conduzida por terapeutas como Rabia Clark (1995), Garritt Oppenheim (1990), Hans Ten Dam (1993) e Shakuntala Modi (1998) revelaram que existem alguns motivos mais comuns da procura por esse tipo de terapia. Esses motivos são:

- 1) Medos e fobias
- 2) Problemas de relacionamento
- 3) Depressões
- 4) Sintomas físicos sem explicação médica ou que não respondem a nenhum tratamento medicamentoso.
- 5) Problemas sexuais

- 6) Vícios
- 7) Obesidade e transtornos alimentares.

Não vou me estender muito nessa introdução, até por que os mais variados aspectos da TVP estarão descritos com detalhes nas páginas que se seguem nesta obra. Desejamos que sua leitura seja rica, profunda e inspiradora, pois o objetivo da TVP é elevar o homem a sua real identidade: a de Homem Primordial, criado a imagem e semelhança de Deus, num vínculo indissociável com o Universo.

Toda a referência bibliográfica constará no final do terceiro volume.

Contraindicações

As Contraindicações se referem a casos onde a Terapia de Vidas Passadas não pode ser realizada. Os terapeutas não aconselham a realização da Terapia de Vidas Passadas em alguns casos especiais, como segue:

Gravidez: a energia despedida em momentos de catarse forte pode influenciar o feto de várias formas. Há ainda o agravante do espírito que espera à reencarnação ser uma das pessoas envolvidas na vida que será evocada. No entanto, existem terapeutas no Brasil que trabalham com grávidas e relatam que, em sua experiência, nunca tiveram qualquer problema nos atendimentos.

Psicose e pré-psicose: Uma das principais razões para se evitar a regressão em psicóticos e pré-psicóticos é a ausência de uma estrutura de ego bem formada. Outra justificativa citada pela literatura e pelos terapeutas é a incapacidade do psicótico em concentrar sua atenção nos procedimentos terapêuticos, nos comandos e na trama resgatada de sua memória. Diz-se que alguns psicóticos e esquizofrênicos não conseguem manter o foco de sua consciência num dado aspecto por muito tempo, perdendo-se em seguida numa rede de associações mentais aparentemente desconexas. “Num surto psicótico não é geralmente possível uma concentração suficiente para obter uma entrada em transe hipnótico e, portanto, a terapia regressiva não pode ser tentada”, diz Lívio Túlio Picherle no livro “Terapia de Vida Passada”. De qualquer modo, há pesquisas na literatura que apontam para a possibilidade de tratamento do psicótico ou esquizofrênico com a regressão.

Problemas Cardíacos: Pessoas com problemas cardíacos acentuados não devem realizar a TVP. Esse impedimento se justifica no fato de que, durante a TVP, muitos núcleos traumáticos serão remexidos, muita emoção virá à tona e o cardíaco pode ter complicações nesse momento. Uma forte taquicardia pode levar a pessoa a algum prejuízo. É aconselhável somente aceitar pessoas com descompensações cardíacas com autorização médica em laudo.

Surdez: Infelizmente, o surdo não pode acompanhar a fala do terapeuta de olhos abertos. A comunicação através da linguagem dos sinais também não é possível. Por isso, coloca-se a surdez, não como contraindicação, mas como impossibilidade ao tratamento regressivo.

Epilepsia: Há perigo de um ataque epilético durante a regressão, o qual o terapeuta pode não estar apto a lidar. No caso de ocorrer um ataque epilético, deve-se ligar imediatamente ao hospital e solicitar ajuda especializada.

Asma: A asma só deve ser realizada quando o cliente possuir o aparelho de contenção da crise. Caso contrário, durante a TVP a crise pode vir à tona e provocar sérios problemas à pessoa.

Pressão Alta: Com as emoções ao extremo, indivíduos com esse problema podem ter um aumento significativo da pressão, o que pode acarretar problemas clínicos diversos. Da mesma forma que nos problemas cardíacos, um atestado médico poderá ser solicitado pelo terapeuta ao médico.

Deficiências mentais, retardamento: O indivíduo com retardo mental, pela sua própria condição, não está apto a realizar uma regressão terapêutica. Pessoas com problemas degenerativos cerebrais, como Mal de Alzheimer, infelizmente também estão incapacitadas de passar pelo processo.

Pós-prandial: período que sucede refeições copiosas ou “pesadas”. De acordo com alguns terapeutas, aumenta-se o risco de transtornos gastrointestinais ao cliente.

Distorções Da Terapia de Vidas Passadas

A Terapia de Vidas Passadas, infelizmente, ainda é muito incompreendida pelo público em geral. Por isso, é importante mencionar as mais comuns distorções que ocorrem na percepção do público perante a TVP. Muitos utilizam a palavra “mito” como significando falso, mentiroso, irreal - “os mitos da TVP” - mas a palavra mito não possui o sentido que comumente lhe emprestam. Assim, certas ideias falsas ou destituídas de embasamento sobre as técnicas regressivas podem atrapalhar muitas pessoas necessitadas de tratamento. As principais ideias distorcidas são as seguintes:

Posso ficar preso ao passado ou a uma vida passada: Essa é uma distorção muito comum, mas é totalmente irreal. Ninguém pode ficar preso ao passado pelo simples motivo de que ninguém se desloca ao passado. A pessoa em regressão não quebra a barreira do tempo físico, mas apenas acessa arquivos de memória não digeridos ou traumáticos que permanecem até o momento presente. O que pode ocorrer é o cliente ficar tão relaxado após o tratamento de seu passado; tão desprendido de várias cargas passadas que o molestavam, que ele pode apresentar certa dificuldade de retornar e perder aquele estado “nirvânico”. Lívio Túlio Picherle comenta no livro “Psicoterapias e Estados de Transe” que, em 35 anos de prática de Hipnose e regressão, nunca seus atendidos demoraram mais de 5 minutos para retornar à consciência objetiva. Além disso, as pessoas já estão, de certa forma, presas a muitas experiências passadas. O que a Terapia de Vidas Passadas realiza é retirar as pessoas desse passado e fazê-las viver mais plenamente no presente.

Reviver uma vida passada pode fazer a pessoa surtar ou enlouquecer: Se uma pessoa tem uma pré-disposição à loucura, qualquer evento ou acontecimento de sua vida que provoque um estado emocional mais forte – levando-a a conteúdos psíquicos que ela deseja dissimular, esconder de si mesma, reprimir e até esquecer por completo – pode, ao menos em tese, levar a pessoa ao surto e à loucura. Qualquer coisa em nossa vida pode provocar um surto quando temos essa pré-disposição. No entanto, a loucura, enquanto estrutura psicológica, já estava presente na constituição do indivíduo. Assim, não podemos dizer que foi a TVP ou qualquer técnica associada que provocou aquele estado de loucura, mas sim a estrutura ou constituição da pessoa. De qualquer forma, o autor

desta apostila desconhece qualquer caso em que a regressão tenha levado uma pessoa ao surto. Essa parece ser mais uma ideia criada por pessoas que não se deram ao trabalho de pesquisar e não têm qualquer experiência na área.

Posso dizer ou fazer coisas que não quero: Esse é outra distorção muito comum, mas que não encontra qualquer base na realidade. Os pesquisadores do Hipnotismo sempre procuram desconstruir essa ideia de que a pessoa fica submetida ao domínio do terapeuta e é enfraquecida em sua vontade consciente. Ninguém vai expor durante a TVP nada do que não deseje. Vários experimentos já foram realizados a esse respeito e já está amplamente demonstrado que isso não passa de uma falsa noção sobre a Hipnose e a regressão. Porém, todos os conteúdos de vidas passadas que interfiram de algum modo na harmonia da vida presente devem ser atravessados, revistos e purificados, para se atingir os almeçados objetivos terapêuticos.

Ficarei inconsciente e não lembrarei de nada depois: Nas técnicas de indução com Hipnose ativa, relaxamento e outras técnicas de concentração verbal, emocional, somática e de visualizações, a pessoa mantém total consciência de todo o processo, mas mergulha num estado mais profundo que a permite acessar dados além do limiar da vida atual. Assim, geralmente as pessoas permanecem conscientes e recordam de toda a vida. São muito raros os casos da chamada “amnésia pós-hipnótica”. Esta só ocorre em alguns indivíduos e mesmo assim a pessoa precisa entrar num estado de transe bem profundo.

A maior parte das pessoas que fazem regressão dizem ter sido pessoas famosas: Essa é uma noção tão difundida quanto irreal e centenas de vezes já demonstrou ser algo sem qualquer sentido. As pesquisas empíricas de Helen Wambach e centenas de terapeutas respeitados ao redor do mundo sugerem que a maioria das pessoas em regressão se depara com existências simples e comuns, por vezes até chatas e sem graça. Raríssimos são os casos em que nos percebemos como alguém famoso, tal como um ícone da História. Porém, no caso disso ocorrer, não se pode descartar a hipótese do sujeito ter acessado uma memória coletiva da humanidade. *Ver Arquivos Akashicos.*

TVP é uma técnica perigosa: Não há qualquer perigo em se realizar uma regressão com um profissional capacitado e bem formado.

Sempre faço a analogia da rua onde passam os carros. Se uma pessoa atravessa a rua sem olhar para os lados, há o perigo de sermos atropelados por um carro. Mas se olhamos para os dois lados, nos certificamos de que nenhum veículo está vindo e então passarmos de um lado a outro, não pode existir qualquer perigo. Na TVP ocorre a mesma coisa. Quando um profissional é bem formado e experiente, não há qualquer possibilidade de riscos ao atendido. Mesmo quando algumas pessoas passam mal após a regressão, isso pode ser uma catarse, ou seja, pode fazer parte da descarga de energias próprias de todo processo de desintoxicação mental e emocional. Porém, esse processo de descarga das energia pós-regressão tem uma duração média de 2 a 4 dias e depois desse período, tudo volta ao normal e a pessoa sente-se melhor.

Conhecer uma vida de algoz pode causar culpa ou remorso: Em alguns meios espiritualistas costuma-se afirmar equivocadamente que conhecer vidas de algoz pode causar culpa ou remorso. Se faço uma regressão e me vejo fazendo mal a pessoas que me são caras (como parentes e amigos), eu poderia desenvolver um sentimento de culpa após essa percepção, situação que atrapalharia para sempre a minha relação com essa pessoa. Não há nada mais falso do que essa ideia. É preciso deixar claro que, no caso de uma ou várias vidas de algoz, a culpa ou o remorso já existe na pessoa antes de fazer a TVP. A pessoa sente uma culpa inconsciente perante as pessoas que ela feriu ou provocou sofrimento no passado atual ou encarnatório. A culpa está presente antes da realização do tratamento e o que acontece após a regressão terapêutica é o tratamento, diminuição ou a remissão completa dessa culpa. Muitas pessoas supõem que conhecer eventos traumáticos ativa novamente as emoções originais do trauma. Isso é verdadeiro por um lado, porém, trazer à tona as emoções envolvidas no trauma é uma condição definitiva para a sua cura. Após a revivência ou reatualização do trauma, ele desaparece, pois pode ser descarregado e conscientizado pelo cliente. Assim, essa ideia da culpa pós-tratamento em vidas de algoz não possui nenhuma base empírica e só é difundida por pessoas que desconhecem completamente a TVP.

A TVP só deve ser procurada em último caso: É verdade que, em casos de doença física, devemos procurar em primeiro lugar uma ajuda médica e realizar um diagnóstico, com seu consequente tratamento. Porém, nada impede que a pessoa busque paralelamente e de forma complementar ao tratamento médico um

tratamento psicológico e espiritual como a Terapia de Vidas Passadas. Por outro lado, muitas pessoas passam anos recorrendo a tratamentos médicos e psicológicos caros e prolongados, quando já poderiam optar por encararem seu problema sob um prisma novo e amplificado. Essa ideia equivocada parece supor que a TVP, por ser um tratamento mais forte e intenso, só deve ser procurada em circunstâncias extremas, igualmente fortes e intensas. “Como já estou muito mal, nada pode me fazer piorar. O que vier a partir de agora é ganho” pensam alguns. A TVP só é forte por que nos coloca frente a frente com o que somos. A intensidade da experiência é diretamente proporcional à intensidade do problema que já está presente dentro do indivíduo. Por isso, um problema mais forte, pede uma intervenção de nível mais profundo e capaz de penetrar mais diretamente na raiz do problema.

Procurar a TVP em último caso é sem dúvida um erro que só atrasa o tratamento das vidas e prolonga o sofrimento dos indivíduos. Dezenas de pessoas já comentaram comigo que, em apenas algumas sessões de regressão, já tinham conquistado mais resultados do que em anos de tratamentos convencionais. Então, qual o motivo de adiar um método que tem se mostrando eficaz ao longo das últimas três décadas?

Os espíritos de luz podem bloquear o processo quando a pessoa não está preparada: Não há nenhuma referência mais contundente na bibliografia que indique tal possibilidade. O que os autores costumam enfatizar é sobre os mecanismos de defesa do ego, que bloqueiam a passagem de certas informações que poderiam desestruturar a pessoa. Quando isso ocorre, não é nenhum mestre ou espírito de luz que bloqueia, mas a própria pessoa que criou uma barreira natural protetora. Mas no caso de supor que os espíritos de luz possam bloquear o processo, eles não farão nada mais do que a própria pessoa já fez ou faria com os recursos de suas defesas naturais. Assim, não parece haver qualquer possibilidade do espírito de luz fazer algo que a própria pessoa já faz.

Certa vez estava conduzindo uma regressão e o cliente perguntou ao seu mestre: “posso ver as verdades a meu respeito? Isso me será concedido?” O mestre respondeu: “Você pode ver tudo o que você quiser, a questão é que você não quer conhecer muitas coisas sobre você. Então, naturalmente, você verá dentro dos limites do seu próprio desejo”.

É preciso equilibrar a pessoa antes de fazer a regressão a vidas passadas: Esse é outro erro corrente. Se a terapia de vidas passadas necessitasse de um equilíbrio ou uma harmonização antes de ser realizada, não seria ela mesma uma forma de terapia, mas necessitaria de outra terapêutica prévia que lhe desse sustentação. Mas na realidade, é a própria TVP que realiza esse equilíbrio e essa sustentação.

Algumas pessoas conservam esse equívoco por acreditar que a TVP pode representar certos riscos, o que já vimos ser falso. A TVP serve justamente para a conquista do equilíbrio e da harmonia do psiquismo. Além disso, qual forma de psicoterapia convencional daria base para se tratar as vidas passadas se nenhuma delas faz das encarnações anteriores seu objeto de tratamento?

Na TVP, geralmente as vidas passadas mais brandas e menos graves vem primeiro, como defende Roger Woolger. Provavelmente nosso psiquismo vai liberando os conteúdos mais leves para que nos acostumemos com o processo. Logo depois, emergem os conteúdos mais arraigados, porém igualmente com mais poder transformador. Assim, quanto mais adiantado estiver o tratamento, mais a pessoa conseguiu penetrar, remexer e purificar seu lado obscuro de vidas passadas.

Capítulo 2

Leis naturais

Reencarnação

Reencarnação é um termo considerado o grande pilar explicativo, a principal hipótese da Terapia de Vidas Passadas. Reencarnação significa literalmente “retorno à carne”. Processo pelo qual a alma vai tomando vários corpos por meio de uma sequência de nascimentos e mortes, até a libertação final daquilo que os orientais chamaram de “roda de samsara”: a roda da ilusão do mundo ou ciclo das encarnações sucessivas.

Apesar da importância da reencarnação para a TVP, os terapeutas são unânimes em afirmar que o paciente não precisa acreditar em reencarnação para submeter-se ao processo.

Além da teoria da reencarnação, existe a hipótese da metempsicose (falaremos dela à frente). Essa tese preconiza o retorno da vida humana à vida animal e vegetal. Um homem poderia, de acordo com essa hipótese, encarnar-se como sendo um animal e depois nascer novamente como homem. É importante dizer que as pesquisas com regressão não endossam essa teoria. A Metempsicose é comum no Budismo Tibetano, mas é possível que o sentido de seu ensinamento seja mais simbólico do que literal.

Encontramos a doutrina da reencarnação em várias partes diferentes do mundo, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea. A reencarnação é, possivelmente, a crença mais difundida de toda a História. Na antiguidade, Orfeu, Pitágoras, Empédocles, Platão e alguns gnósticos foram reencarnacionistas. Na modernidade, a Teosofia de Helena Blavatsky, o Espiritismo de Allan Kardec. No Oriente, o Hinduísmo desde o ano V A.C, após os primeiros Upanishads e o Bhagavad Gita. Além da Yoga e do Jainismo, o Budismo (popular e tibetano) também é reencarnacionista. A Cabala, o esoterismo judaico, também ensina a reencarnação.

Platão fala claramente da reencarnação quando diz “A alma do homem é imortal e num momento chega ao fim – o que se chama de morte – para nascer outra vez em outro, sem nunca perecer... Compreendemos então que a Alma é imortal, que nasceu muitas vezes, que viu todas as coisas deste mundo e do Hades e que aprendeu todas as coisas, sem exceção; por isso, não é de se

surpreender que ela possa lembrar-se de tudo o que soube antes sobre a virtude e outras coisas”.

Em nosso livro “Regressão e Espiritualidade” fizemos algumas observações sobre o significado do termo reencarnação: “Apesar do termo “reencarnação” ter se tornado mais conhecido e popular, ele não expressa de forma exata a significação da lei que lhe dá suporte e existência. Reencarnar tem o sentido de “retornar à carne”, voltar a viver num corpo carnal. Porém a reencarnação, conforme admitida por diversas tradições, inicia-se no mineral, vegetal, indo ao animal e ao hominal, e indo além do hominal a reinos ainda desconhecidos, pois não existe qualquer limite para a evolução. Dessa forma, se a reencarnação ocorre também nos dois primeiros reinos (mineral e vegetal), não podemos falar em “retorno à carne”, pelo simples motivo de que os minerais e os vegetais não possuem uma constituição carnal.

Dessa forma, talvez a ideia mais próxima da realidade do processo de nascimento e morte seja a noção não de “retorno à carne”, mas de “retorno à forma”. Tudo o que existe na natureza manifesta-se sucessiva e periodicamente através do retorno a diferentes formas. Outra ideia mais verossímil é o princípio dos ciclos e ritmos, no qual a alma vai oscilando suas manifestações dentro da dualidade, até atingir níveis mais elevados além da expressão dual. Assim, para a melhor compreensão do processo, devemos sempre lembrar que se trata de um retorno à forma, à múltiplas e variadas formas em diversos níveis, dentro de uma variação cíclica. Falaremos mais sobre o princípio do ritmo no próximo tópico. Por enquanto, vamos continuar utilizando o termo “reencarnação”, mesmo limitado em sua abrangência, apenas por se tratar de um conceito mais corrente”.

O termo reencarnação não é suficiente para abranger todos os aspectos que a lei do renascimento sucessivo deveria abraçar. Por isso, a ideia mais completa não seria a da utilização de “retorno à carne”, mas de “retorno à forma”. O que ocorre no renascimento sucessivo é a constante modificação das formas que revestem o princípio espiritual. Citar apenas o retorno à carne nos parece ser uma conceituação limitada dentro de uma perspectiva mais universal.

Existem alguns aspectos gerais a se considerar sobre a reencarnação:

A vida é uma só: Quando se fala em reencarnação ou Terapia de Vidas Passadas é preciso sempre ter em mente que não existem

várias e várias vidas, mas apenas uma única vida. Essa vida única é a vida do espírito. Apesar do espírito revestir vários invólucros ou corpos físicos; apesar dele mudar constantemente de estados e condições, isso não implica na existência de múltiplas vidas, mas tão somente vários fluxos diferentes, miríades de fases diferentes de um mesmo continuum temporal, que é a vida una do espírito. Quando se fala em reencarnação ou em vidas passadas, é preciso lembrar que isso é apenas uma representação para que nosso entendimento capte melhor o sentido geral, mas não deve ser levado ao pé da letra.

Responsabilidade pessoal: A lei do nascimento cíclico nos faz senhores de nosso destino. Tudo o que nos acontece é o resultado de nossas ações em vidas passadas ou na vida atual. Isso representa um senso de responsabilidade total pelo que nos acontece. Tudo o que experimentamos na vida, sejam as alegrias ou tristezas, são o fruto de uma ação e uma escolha prévia.

Assim, nossa existência não é determinada pelo acaso e tampouco por decretos divinos arbitrários, mas sim regido por uma lei. Essa lei é a lei da reencarnação e a lei de causa e efeito. Não existe nenhum grande administrador gerindo nosso destino: o que plantamos, nós mesmos colhemos. Isso significa que a qualquer momento podemos mudar o rumo de nossa vida, só depende de certo gradiente de escolhas e ações corretas.

Retorno não compulsivo: As pesquisas com a regressão a vidas passadas mostram que é pequeno o número de pessoas que nasce contra a vontade. Porém, todas as pessoas são atraídas para a vida pela força de seus próprios desejos. Seja o desejo de sentir prazeres sexuais, seja o desejo de ter sensações materiais, seja o desejo de comida, de bebida, de viciar-se em substâncias, em guerrear, etc. O desejo é o pilar dos nascimento e morte; ele impulsiona o espírito a retornar ao mundo sensório para ter as experiências desejadas. Isso ocorre também em decorrência da atração do magnetismo da Terra, que puxa os espíritos para suas proximidades por questões de afinidade, simpatia e vibrações similares.

Quando uma pessoa perde o desejo pela vida, isso não implica em dizer que aquele desejo está morto, completamente extinto. Ele pode estar adormecido e aguardando um corpo físico mais propício para aparecer. Enquanto estamos no mundo, o desejo nos move para o nascimento, a vida e a morte. Por esse motivo Buddha disse que “A dor nasce do desejo”.

Tanto um fardo quanto uma benção: Dizem os mestres espirituais que a reencarnação – e todo o cárcere que lhe é inerente – é tanto um peso, um fardo, uma prisão, quanto uma oportunidade de libertação, aprendizado e evolução. Enquanto estamos encarnados, permanecemos submetidos a todo tipo de provas, expiações, desafios, tribulações, sofrimentos, conflitos, transtornos, dor, perda, etc. Os liames do corpo físico são a maior fonte de prazer e também (e principalmente) de sofrimento e desespero. Percorremos a longa e tortuosa jornada da existência a fim de dissipar todas as impurezas do nosso ser e de atingir a libertação dos estados primitivos de existência. É necessário vivenciar tudo isso, toda a dor e o sofrimento do mundo, para se libertar do mundo. Por isso se diz que a reencarnação é tanto uma maldição quanto uma benção; tanto um fardo quanto uma oportunidade de libertação.

De acordo com Hans Tendam, há seis fontes modernas sobre a reencarnação, são elas:

Tradição Hinduísta antiga: Com a tradução dos textos hindus, aos poucos o Ocidente foi conhecendo as quase insondáveis profundezas da cultura e sabedoria Hinduísta. Tendam aponta duas visões sobre a reencarnação na filosofia Hindu:

1) As almas são produzidas a partir do ser supremo. Ao longo do tempo, elas vão se distanciando do absoluto, perdendo sua memória e vivendo longa série de manifestações sucessivas, na qual ficam limitadas, adormecidas, embotadas e confundidas pela ilusão. Porém, elas mantêm a natureza do absoluto em si mesmas, seu atman, ou centelha divina, o núcleo de toda a vida, que jamais as deixará.

2) As almas, ou jivas, iniciam sua jornada rumo ao absoluto desde as formas mais simples e primitivas às mais elevadas, passando pelos reinos mineral, vegetal, animal e humano, até atingir o estágio divino, o atman, que cada jiva já guarda encoberto e latente dentro de si mesmo, mas que não é ainda consciente.

Espiritismo de Allan Kardec: Segundo a doutrina espírita, o espírito encarna-se numa sucessão ininterrupta de vidas até atingir a perfeição. Cada existência traz a necessidade de enfrentar provas e expiações, para com isso obter adiantamento moral e espiritual. Vai evoluindo de encarnação em encarnação, fazendo o bem, depurando-se das imperfeições e aprendendo com os erros.

Teosofia de Helena Blavatsky: A Teosofia propagou a reencarnação em suas várias publicações. O trabalho de Blavatsky teve seguimento com Leadbeater e Anie Besant, além de outros discípulos. A visão da Teosofia é direta, proveniente de insights e leitura dos campos energéticos através da clarividência ou expansão da consciência.

Blavatsky teria escrito o seu célebre “A Doutrina Secreta” com a ajuda dos Mahatmas, ou Adeptos, seres de altíssima evolução. Diz o Glossário Teosófico: “a Alma, o princípio vivo, o Ego ou a parte imortal do homem, depois da morte do corpo em que residia, passa sucessivamente para outros corpos, de modo que para um mesmo indivíduo há uma pluralidade de existências ou, melhor dizendo, uma existência única de duração ilimitada, com períodos alternados de vida objetiva e vida subjetiva, de atividade e repouso, comumente chamados de “vida” e “morte”, comparáveis de certo modo aos períodos de vigília e de sono da vida terrestre; cada uma dessas existências na Terra é, por assim dizer, um dia da Grande Vida Individual”.

Albert de Rochas: Hipnotizador francês que pesquisou muitos casos de recordação de vidas passadas através da Hipnose regressiva. Rochas foi o primeiro experimentador a pesquisar a fundo a recordação de vidas passadas. Já em 1898 descobriu que seus sujeitos, quando colocados em transe, obtinham recordações da infância, do nascimento e até do que pareciam ser outras existências físicas. Além de vidas passadas, Rochas descobriu que alguns indivíduos também começavam a falar de vidas futuras. O trabalho de Rochas não obteve tanto reconhecimento na época e suas pesquisas acabaram ficando um pouco esquecidas. De qualquer forma, ele é o precursor da Terapia de Vidas Passadas.

Edgar Cayce: Considerado por alguns como um dos maiores clarividentes de todos os tempos. Além de revelar as vidas passadas e o karma das pessoas, prescrevia medicamentos com os olhos fechados, previa eventos futuros e realizava outros prodígios. Cayce praticamente nada escreveu, mas suas palestras e sessões compiladas rendem até hoje uma fonte quase inesgotável de conhecimentos sobre a reencarnação, a lei de causa e efeito e outros ensinamentos espirituais.

Vejamos algumas das maiores evidências da existência da reencarnação:

Doenças e sintomas congênitos: Doenças e sintomas de nascença sem uma contraparte genética.

Memórias emergentes de vidas passadas: o indivíduo recorda-se de suas encarnações passadas sem o uso de técnicas. São as chamadas recordações espontâneas.

Sonhos repetidos: Algumas vezes os sonhos recorrentes revelam situações já vividas. (Ver sonhos).

A genialidade, os meninos prodígio e as vocações: crianças superdotadas que manifestam desde cedo uma incrível facilidade de aprendizado, inteligência e dons incomuns, sem o aprendizado e o desenvolvimento comumente necessário.

Marcas de nascença: É comum encontrar marcas e constatar em regressões fatores passados que as provocaram. (Ver Marcas de nascença).

Traummas, fobias e outros sintomas psíquicos sem causa aparente: mais comum do que se imagina e não há explicação na vida atual de tais limitações.

Afinidades e antipatias não explicadas: geralmente originárias de fatos ou eventos passados que geram um afeto ou repulsa entre pessoas.

Para Tendram (1994) existem quatro níveis de encarnação:

Natural: Consiste numa encarnação natural, ou seja, sem o consentimento ou escolha consciente da alma. O espírito não faz planejamento de vida e sente-se apenas sendo “aspirado” ao útero materno. Isso pode ocorrer com espíritos que permaneceram longos períodos presos à Terra, obsedando pessoas, confusos, agindo instintivamente e apegados à condição humana e aos apetites da vida anterior.

Educacional: Esse nível se relaciona com uma encarnação com determinadas metas kármicas a cumprir. Nesse sentido, há variadas obrigações de pendências deixadas em vidas pretéritas que precisam ser trabalhadas durante a existência. Os espíritos anseiam por receber aprendizado dentro de experiências e condições de vida que lhes ensinem a se libertarem de suas

imperfeições. Em outras situações, os espíritos desse nível têm uma encarnação compulsória e recusam as oportunidades concedidas pelos Senhores do Karma (ver Senhores do Karma).

Volitivo: Neste nível, o espírito compreende a importância de um bom planejamento de vida e aceita as condições da encarnação. Ele realiza a programação de vida juntamente com os Senhores de Karma, sem oposição, uma vez que já entende suas necessidades e possui um forte desejo de evoluir espiritualmente.

Missionário: Os chamados missionários não planejam uma encarnação apenas para o seu próprio benefício pessoal de adiantamento, mas o fazem em correlação com uma missão que pode representar um despertar coletivo de um ou vários grupos humanos específicos. A encarnação de missionários é mais raro de ser encontrada, mas dia a dia cresce o número de almas em vias de vir ao mundo para cumprir missões de cunho global. O retorno é voluntário e tem como principal objetivo tornar-se um servidor da humanidade e ser um farol a indicar a direção para almas sedentas de luz.

Um missionário se torna um exemplo ou modelo; uma personificação dos ideais mais elevados. No Budismo, esses são os chamados Bodhisattwas, seres que encarnam por compaixão à humanidade. Um bodhisattwa deseja compartilhar o amor e a sabedoria que eles conquistaram. Uma pessoa não precisa ser santa ou perfeita para ser uma missionária, basta elaborar um plano de vida onde sua missão seja coletiva e não meramente individual. Diz-se que, atingindo um certo nível de crescimento espiritual, as almas passam a se tornar responsáveis não apenas por eles e seu karma pessoal, mas também pelo karma coletivo.

A Metempsicose

Termo de origem grega, sendo “meta” (depois, mudança) “em” (em) e psiquê (“alma”). É a mudança ou transição, transmigração, de um corpo onde a psiquê ou alma virá “animar” outro corpo. A teoria da Metempsicose admite a passagem ou transmigração da alma do vegetal, animal e humano e também o contrário: do humano podendo nascer como animal e vegetal. Ou seja, na metempsicose acredita-se na alternância entre as encarnações humanas e encarnações animais. Posso nascer numa vida como humano e na vida seguinte como animal.

A Metempsicose era comum na antiguidade. Recebeu a adesão de alguns gregos, egípcios, romanos, chineses, tibetanos e outros. “Os que tiverem vivido no mal e na impiedade, não só lhes será recusado o retorno ao céu, como ficarão condenados a passarem para corpos de uma outra espécie, através de uma migração vergonhosa, indigna da santidade do espírito” (Corpus Hermeticum, Asclepius)

- A Terapia de Vidas Passadas não admite a metempsicose. E o faz não por uma ideia preconcebida, mas por que não existem evidências que apontem para um retorno da condição de humanidade para uma existência animal. “A recordação de vidas passadas definitivamente ratifica a reencarnação, mas dá pouco apoio à metempsicose”. (Tendam, Panorama 1)
- Ensinam algumas doutrinas que, a partir do momento que o ser humano desenvolveu certos centros, que são próprios do estado humano, não há mais possibilidade de retorno ao reino animal, vegetal ou mineral.
- Há possibilidade da metempsicose ser uma espécie de distorção do princípio original da reencarnação. Quando os povos antigos aprendiam sobre a reencarnação, começaram a associa-la com o retorno compulsivo também à animais. Na época, a convivência com os animais eram muito mais vasta que hoje. Posteriormente, comportar-se mal tornou-se sinônimo de regresso a estágios de vida em reinos inferiores.

O Conceito Annata Do Budismo

Significa ausência de eu, ou mesmo “não-eu”. Trata-se de um aspecto da filosofia budista que nega a existência de qualquer realidade ou essencialidade inerente àquilo que conhecemos como ego ou eu. A realidade do eu ou de individualidade não pode ser encontrada nem nos fenômenos corporais, nem nas estruturas mentais e nem mesmo além disso.

Algumas escolas budistas não aceitam a transmigração de coisa alguma que detenha em si mesmo uma realidade essencial e isolada de tudo. Segundo a noção do annata, não há uma individualidade que esteja ligada à realidade.

Segundo essa doutrina, não há nenhuma substância inerente, nenhuma essencialidade na noção de eu ou de individualidade. A doutrina do annata nega veementemente a concepção de um espírito ou alma imortal individual. Após a morte, não há sobrevivência do espírito, posto que o eu individual é ilusório e não

pode transpassar à morte. Não haveria uma continuidade de consciência, uma identidade e nenhuma possibilidade de se estabelecer uma concepção de um continuum psíquico ou espiritual, pois o eu encontra-se influenciado por maya, pelas ilusões e transitoriedades da existência condicionada. O que há é uma descontinuidade de formas de corporeidade e consciência. Segundo essa visão, não se pode falar em um eu permanente.

Essa concepção tem frequentemente contrastado com a ideia de um espírito, tal como no Espiritismo, que passa de uma vida para outra e carrega consigo marcas, conhecimentos e uma identidade de suas vidas passadas. Dentro da visão budista do *annata*, não há nenhum ego autônomo e contínuo que reencarne. Dessa forma, ensina-se apenas a repetida e constante alternância de múltiplos e variados estados de ser e existir, em contínuo processo de surgimento e desaparecimento, com as transformações inevitáveis dos fenômenos mentais e corporais. Alguns budistas, como Matthieu Richard, falam de um “fluxo de consciência” que sobrevive a morte, e não de uma alma ou espírito.

Embora a hipótese da inexistência de uma identidade que atravessa de vida em vida não seja universal no Budismo, ela é seguida à risca por vários ramos, principalmente o Budismo Theravada, que é uma das escolas mais ortodoxas do Budismo.

Por outro lado, isso não significa que não haja a possibilidade de recordação de nossas vidas passadas. Para os budistas, o próprio Buddha recordara-se de centenas de suas encarnações anteriores. Roger Woolger, no livro “As Várias Vidas da Alma” conta a estória de um discípulo que questiona ao seu mestre sobre a continuidade das identidades:

O rei perguntou: “Venerável Nagasena, a pessoa que renasce é a mesma pessoa (que morreu) ou é uma pessoa diferente?”

“Nem é a mesma pessoa, nem é outra diferente.”

“Dê-me um exemplo.”

“...Suponha, Majestade, que um homem estava para acender uma lâmpada. Será que a lâmpada queimaria a noite toda?”

“Sim, venerável Senhor, queimaria.”

“Bem, majestade, a chama que queima na primeira hora da noite é a mesma que queima na segunda hora da noite?”

“Não, Venerável Senhor, não é.”

“A chama, Majestade, que queima na segunda hora da noite é a mesma que queima na terceira?”

“Não é, Venerável Senhor.”

“Então, majestade, a lâmpada da primeira hora era diferente da lâmpada da segunda e diferente ainda da lâmpada em uma terceira hora?”

“Não, Venerável Senhor, a luz vem da mesma lâmpada durante a noite toda.”

“Exatamente deste modo, Majestade, um ser humano está na sucessão ininterrupta de estados físicos e mentais. Assim que um estado se desvanece, nasce um outro, e isso ocorre de tal maneira que não há diferenciação entre os estados precedentes e os sucedentes. Portanto, nem é a mesma pessoa, nem é uma pessoa diferente que chega à totalidade final da consciência.”

Esse conto é muito esclarecedor. A analogia com a chama da lâmpada é muito pertinente para clarear o que acontece a nossa identidade após a morte. Podemos comparar a chama com o espírito (analogia muito utilizada na antiguidade) e as mudanças na chama seriam comparadas aos sucessivos estados físicos e mentais que se alternam na consciência. Assim, há uma só chama (espírito) que é universal e está além das transformações do mundo. Por outro lado, num nível inferior, há o caráter ilusório da existência, com suas sucessivas mudanças de estados, representados pelas modificações sofridas pela chama, tal como a o corpo e a mente no mundo. Essa chama nunca é a mesma na primeira hora, na segunda e na terceira, nem é idêntica a qualquer outra chama, mas sua essência é a mesma.

Conclui-se que o ser humano é dotado de uma chama, um espírito que encarna em sucessivos estados de ser e existir, sendo estes transitórios e ilusórios.

O Karma

A Lei do karma está plenamente relacionada com a lei dos nascimentos e mortes cíclicos, a reencarnação. Por isso, é importante falar com mais detalhes sobre ela e dar-lhe a atenção necessária.

A palavra sanscrita karma significa literalmente “ação”, “ato” ou “feito”. As ações que estão sendo produzidas são chamadas de Kriyas, as que já foram finalizadas recebem a denominação de “karma” (livro: *“Da Morte ao Renascimento”*). Segundo a doutrina Hindu, toda ação que produzimos no mundo tende a retornar para nós na mesma medida, grau e natureza.

- A noção do karma é comum a boa parte das maiores filosofias orientais, como o Budismo, Hinduísmo, Cabala, Gnose e Jainismo, e encontra adesão também entre as correntes ocidentais da Teosofia, do Hermetismo e do Espiritismo. O karma é entendido, de forma mais geral, como o conjunto de ações humanas e suas correspondentes e inexoráveis consequências.
- Essa é a conhecida lei de causa e efeito, ou lei de ação e reação. Na Física, essa lei é expressa como “Para toda ação existe uma reação de força e sentido contrário”. Newton deu um revestimento científico e mecânico a essa antiga e sagrada lei oriental, porém, na Física, suas qualidades teriam apenas um viés material e fenomênico. De outro modo, a lei de causa e efeito, ou lei do karma, é encontrada tanto na matéria quanto nas fases mais sutis do espírito, incluindo vários níveis, como nossas emoções, nosso comportamento e nosso plano mental e psicológico. Assim, tanto nossas ações, quanto nossas emoções e pensamentos teriam também o poder de gerar uma quantidade de karma e não apenas nossos atos manifestos e objetivos.
- Várias tradições concordam que a intenção humana é muito importante na geração de karma. Se minha intenção era positiva, mas eu cometi um erro, o karma será muito menor. Se minha intenção era negativa, mas a ação não gerou tantos efeitos negativos, o karma poderá ser ainda maior. A intenção é encarada como a matéria-prima da produção de karma positivo ou negativo e seu aspecto mais decisivo.
- A teoria do karma nos leva a explicação de que tudo o que plantamos nós inevitavelmente colheremos. Jesus afirmou esse princípio através de uma metáfora simples quando disse “A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”. O ser humano tem sua vida e sua morte regida sob a tutela do seu próprio karma. Buda afirmou isso de uma forma mais direta quando declarou que “Eu sou o resultado de meus próprios atos, herdeiro de meus próprios atos; os atos são meu parentesco; os atos recaem sobre mim; qualquer ato que eu realize, bom ou mal, eu dele herdarei”.
- O Budismo ensina que as sementes do karma se alojam no “alaya-vijnana”, que significa algo como “armazém da

consciência”. Essas sementes vêm à manifestação quando encontram um terreno fértil para seu crescimento e expressão, ou seja, quando as condições apropriadas ao seu aparecimento são criadas. Um ditado budista explica isso de forma mais simples: “Todos os atos, bons ou maus, geram consequências. É só uma questão de tempo até se manifestarem”. A sabedoria popular traduz isso de uma forma objetiva: “A justiça tarda mas não falha”.

- Ainda segundo o Budismo, há duas formas de extinção do karma:
 - 1) a prática de bons atos e pensamentos, com poder de neutralizar o mau karma;
 - 2) a prática da meditação, que pode libertar a consciência do mundo dos fenômenos (que geram ações que têm consequências) através dos estados superiores de consciência.
- O karma é gerado a partir de nossas escolhas. O livre arbítrio do homem, usado com fins positivos ou negativos, é fator essencial. Se escolhi um caminho de acomodação, só encontrarei estagnação; se escolhi a luta, serei atingido por ela; se escolhi o amor, ele se fará presente em minha vida. As escolhas nos fazem seguir certos caminhos que engendram nossa vida.
- Toda essa energia formada a partir de nossas ações ficam impregnadas em nossos corpos sutis, ficam então suspensas em nosso ser até que num dado momento essa vibração começa a se precipitar e vem à manifestação.
- Como falaremos mais a frente, o nosso roteiro kármico é elaborado com base numa parcela do nosso karma. O roteiro kármico é nosso plano de vida, ou seja, um programa prévio que foi planejado antes do nosso nascimento e que contém a maioria dos acontecimentos que precisamos passar numa existência material.
Assim, o nosso programa encarnatório é definido, em parte, com base em nosso karma passado. Isso porque aquilo que erramos no passado pode nos ajudar a melhor compreender as lições necessárias ao nosso aperfeiçoamento e adiantamento espiritual.

- Aquilo que chamamos de destino e livre arbítrio está estreitamente ligado ao nosso karma passado. Podemos mesmo afirmar que a noção do karma explica e integra as aparentes contradições existentes entre a teoria da liberdade de escolha (livre arbítrio) e a teoria das causas determinantes (destino). Filósofos se debatem durante séculos para compreender como conciliar a questão do livre arbítrio com o destino. É o que nos propomos a fazer nesta oportunidade utilizando os conhecimentos explicativos fundamentais da Terapia de Vidas Passadas.
- Quanto mais instruída é a alma, mais ela deverá se responsabilizar pelos seus atos e decisões. Não pode haver responsabilização em seres que não tem consciência nem conhecimentos dos resultados de suas ações. Pode-se culpar um gato por ter avançado sobre um prato de peixe deixado sobre a mesa? Se tenho plena visão das consequências nefastas de minhas ações e mesmo assim opto em executá-las, isso acarretará um karma bem mais pesado. Um indivíduo considerado ignorante terá menor responsabilidade, ou seja, o seu peso kármico será menor. Isso não significa que um ignorante deixará de colher os frutos de suas ações e decisões, mas sim que sua carga será menor.
- Antes de nascer, a alma pode escolher a natureza e a quantidade de carga kármica de uma vida. Desastres, doenças, fracassos, pobreza, assim como sucesso, saúde, abundância, tudo isso é fruto dos nossos méritos anteriores e também da carga kármica maior ou menor a ser atravessada. Em outras palavras, nós mesmos decidimos o quanto de nosso karma será trabalhado numa vida. Podemos acelerar a manifestação do nosso karma numa vida, ou ele pode aparecer aos poucos.
- No entanto, caso a alma não esteja empenhada em melhorar-se e mais e mais karma venha se acumulando durante as vidas, prejudicando o espírito, os senhores do karma podem forçar um pouco a sua expressão durante as vidas. Nesse sentido, nem sempre temos poder de escolha, pelo simples motivo de que nosso nível de consciência ainda é rudimentar e primitivo. É como uma criança de 5 anos que não deseja tomar uma vacina que futuramente irá imunizá-la contra várias

doenças. Nenhum pai se recusaria a dar a vacina se a criança alegar que não quer tomá-la porque esta lhe causa dor.

Segundo a tradição Hindu, existem três tipos principais de karma:

Karma adormecido (Sanchita): O sentido literal desse karma é “karma armazenado”. Este é o karma que já foi produzido, mas encontra-se guardado nos arquivos espirituais da alma. Esse karma mantém-se arquivado ou adormecido até que as condições propícias precipitem sua manifestação em forma de destino, tal como a semente jogada no solo aguarda a chuva, a estação e os nutrientes para florescer. Esse é o karma que foi gravado nos arquivos da consciência, mas que ainda não está ativo.

Karma Ativo (Prarabda): Nesse tipo de karma, podemos denominá-lo pela expressão “já no processo de produzir frutos” ou “karma começado”. O karma ativo é o karma que começou a se expressar em nós e nada pode ser feito para impedir o processo. É como um acidente que já aconteceu e que trará todas as inevitáveis consequências. Esse é o karma que ocorre no momento atual, é o karma que está se abatendo sobre nós, ou seja, está ativo. É constituído por todas as circunstâncias que fazem parte do momento presente.

Esse é considerado o karma do destino, pois é aquele que acontece sem que tenhamos poder sobre ele. Apesar de não ter muito o que fazer, podemos colher esses frutos com sabedoria e extrair as lições necessárias para evitar erros futuros. O karma Prarabda é como a flecha que já foi atirada pelo arqueiro: uma vez lançada, não há mais como ir buscá-la antes de atingir o alvo.

Karma Potencial (Kriyamana): Esse é literalmente o “karma a ser realizado”. Nesse tipo de karma, ainda não cometemos a ação, mas tudo indica que o faremos, ou seja, todas as condições foram criadas para que pratiquemos o ato. É como produzir uma flecha para matar nossos inimigos. A flecha está presente e estamos indo para o campo de batalha: tudo leva à conclusão que a flecha será usada contra um inimigo e o karma será consumado. Esse karma ocorre quando todos os elementos estão presentes para a sua concretização, restando apenas sua execução.

Bíblia e Karma

Quem ama o perigo, nele perecerá. (Eclesiastes 3, 27)

Quem cava uma fossa, nela cairá... quem põe uma pedra no caminho do próximo, nela tropeçará... quem arma uma cilada a outrem, nela será apanhado; o desígnio criminoso volta-se contra o seu autor. (Eclesiastes 27, 29)

Semearão ventos, colherão tempestades. (Oseias 8, 7)

Quem procura prender, será preso. Quem fere pela espada, pela espada será ferido. (ap. 13,10)

Tribulação e angústia cairá sobre todo aquele que pratica o mal. (Romanos 2, 9)

O que muito dá, muito receberá (Provérbios 11, 25)

O Karma Coletivo

Karma Coletivo é o vínculo de causa e efeito compartilhado por uma coletividade de indivíduos, família, grandes grupos ou nações inteiras. Diferente do karma individual, o karma coletivo é produzido por vários indivíduos, centenas, milhares, milhões e até bilhões. Dentro do karma coletivo, há o karma familiar, nacional, étnico, planetário, galáctico e cósmico.

O que acontece com uma coletividade de indivíduos, sejam consequências positivas ou negativas, pode ser um efeito do karma coletivo. Assim, uma pessoa não é influenciada apenas pelo karma individual, mas também pelo karma coletivo.

“Isso acontece porque com frequência as nossas ações estão estritamente relacionadas, e há ligações e inter-relações sutis que nos influenciam reciprocamente e que fazem com que se forme uma espécie de ‘destino’ de grupo”, diz a ocultista Angela Maria La Sala Bata no livro “Conhecer para Ser”.

- Acidentes envolvendo grande número de pessoas estavam previamente determinados? Hans Tendam no livro “Cura Profunda” afirma que eventos catastróficos de grandes proporções não têm necessariamente relação com karma coletivo, embora ele admita que exista o karma grupal.

Segundo ele, “É uma experiência, e aprendemos, mas ela não foi planejada para criar aprendizagem. O significado vem depois do fato (...) tudo isso é evolução, não karma.” Ao invés de enxergarmos tudo pela ótica do karma, podemos sempre enxergar uma evolução, cujo significado foi produzido após o evento.

- Pode também ocorrer do significado evolutivo preceder o evento catastrófico. Em outras palavras, é possível que um grupo de indivíduos tenha a necessidade de aprender certas lições por intermédio de uma catástrofe. Se for este o caso, todos os participantes de um desastre de avião, por exemplo, seriam reunidos pela força das leis de atração e do karma àquela aeronave. Talvez o karma individual se some ao karma de cada pessoa e acione a queda do veículo. De qualquer forma, essa é uma questão polêmica e pode suscitar diferentes visões e interpretações.

O Karma Bumerangue

Karma Bumerangue é o princípio de que toda a ação realizada por alguém retorna invariavelmente para ela na mesma vida ou em vida seguinte, com o regresso de uma ação de mesma qualidade, grau e natureza. Por exemplo: se matei alguém com uma faca, alguém deverá matar-me com uma faca numa vida futura; se roubei alguém, serei roubado; se traí, serei traído, e assim por diante. A hipótese do karma bumerangue foi trazida para a Terapia de Vidas Passadas por Gina Cerminara.

- Em algumas doutrinas espiritualistas e místicas, como o Jainismo, o karma bumerangue ainda resiste com força total, talvez por ser uma maneira de entender o karma bem simples e acessível à maior parte do público leigo. Porém, devemos alertar que, embora o processo do karma bumerangue seja uma possibilidade real, ele não explica a totalidade dos fenômenos envolvidos e apresenta uma visão do karma bem limitada.
- A TVP não aceita o karma bumerangue. Argumentos bem simples podem desconstruir essa visão do karma. Podemos nos reportar para a primeira e a última ação realizada dentro do processo do karma bumerangue. Imagine um homem que

matou o filho de outro homem. Na vida seguinte, esse assassino terá o próprio filho assassinado e assim vai se seguindo vida após vida. Se adotarmos a visão do karma bumerangue, então a última ação de matar o filho um do outro simplesmente não teria fim, pois em cada vida um sempre estaria assassinando ou sendo assassinado. Ou seja, se numa vida matei o filho de alguém, na outra matarei meu filho, e na outra matarei o filho deste, que matará novamente meu filho na outra, e assim sucessivamente.

- Tendam (1994) explica isso: “a improbabilidade é clara pela consequência: jamais terminaria. Se é preciso ser zombado para reparar a minha própria zombaria na vida anterior, os que zombam de mim agora terão que ser zombados nas vidas seguintes, *ad infinitum*”.
- Por outro lado, se voltarmos à primeira ação realizada (e deve necessariamente ter existido um início nas mortes), veremos que em algum momento no passado o primeiro homem que teve seu filho morto não matou o filho do outro, mas foi o algoz inicial e o outro foi a vítima inicial. Assim, chega-se a um momento no passado em que um deles deve agir sem que outros tenham agido sobre ele. Por outro lado, o outro deve sofrer a ação sem que tenha produzido a mesma ação numa situação pretérita. Neste caso, sempre é possível voltar no tempo e ver alguém que praticou uma ação anterior, e outro que a praticou antes desta, e outro que a realizou ainda antes, e assim sucessivamente. Nunca seria possível encontrar a primeira ação executada que gerou toda a reação em cadeia do karma bumerangue. Dessa forma, como entender um início desse karma sem algum momento no passado que o teria antecedido?
- Essa visão do karma retira do homem aquilo que ele possui como um dos seus maiores bens: seu livre arbítrio. Trata-se de uma concepção mecânica e determinista do karma, algo que simplesmente não existe na TVP. Se considero que o homem deve necessariamente matar o outro por força e determinação do karma, estou negando sua capacidade de escolher, retirando a possibilidade do desenvolvimento de um aprendizado, do perdão e de seu próprio livre arbítrio.

- Aceitar o karma bumerangue é negar que um assassinato pode ter outras consequências. Por exemplo, o assassino da vida anterior poderia sentir medo de pegar em armas; ou poderia sentir o horror pela morte; ou poderia sentir-se culpado diante da pessoa que ele assassinou (que pode ser algum parente atual); ou poderia ainda sofrer uma morte trágica para valorizar a vida. Também é possível que o assassino da vida anterior seja morto por outra pessoa, e não aquela que ele matou numa vida passada. Fica claro que o karma não possui uma relação do tipo “Se A, então B”. Não há determinismo, pois cada alma encarnada pode reagir de formas totalmente diferentes diante de uma mesma ação.
- É possível que o karma bumerangue ocorra de fato, mas ele é apenas uma dentre várias possibilidades de aplicação da lei do karma e não deve ser tomado como uma lei geral do mecanismo de causa e efeito. Judy Hall afirma que esse é um nível do karma, dentre outros que existe. Esse seria o nível do karma ‘dente por dente’ ou ‘olho por olho’.
- Podemos ainda dar outros exemplos para demonstrar que uma atitude não se manifesta num mesmo grau, natureza e qualidade que a ação passada: se eu cortei o braço de alguém numa vida passada, posso não ter meu braço cortado pela mesma pessoa, mas posso nascer sem o mesmo braço, com a finalidade de aprender alguma lição. Neste caso, estarei experimentando em mim mesmo o que fiz a outros sem que o outro tenha que produzir a mesma ação sobre mim. Esse tipo de mecanismo causal é mais comum de ser visto na TVP do que o karma bumerangue.

O Livre Arbítrio

Livre arbítrio é o termo que define a capacidade humana de escolher os rumos do seu destino. Com o livre arbítrio, o ser humano seria o senhor de sua vida. Ele pode optar seguir pelo caminho que seja orientado pela sua vontade e seus desejos.

A liberdade de escolha é um tema recorrente nas tradições espirituais e muitas delas afirmam que o homem precisa libertar-se dos apegos, do erro e da ilusão para retirar o véu de seus olhos e enxergar suas mais altas possibilidades. A alma tem a capacidade natural de escolher. Essa faculdade está ligada ao seu nível de

consciência. Somente assim, o ser humano alcançará a verdadeira liberdade e terá real poder sobre o curso de sua vida.

- Os estóicos acreditavam que um ato, para ser considerado livre, deve conter em si mesmo a causa ou o princípio. Nesse sentido, afirmavam que apenas o sábio é livre e que os ignorantes são escravos de sua própria criação ilusória. A Tradição da Yoga segue essa mesma linha. Afirma que a condição do ser humano é de “escravidão” em relação a sua identidade, sentidos, apegos e paixões. A liberdade pura reside apenas na realização de sua real identidade: a suprema consciência, o atman. Antes disso, o ser humano não tem, na maioria das vezes, consciência daquilo que escolhe, e por esse motivo, as consequências de suas ações nem sempre trazem aquilo que ele esperava ao praticar uma ação ou tomar uma decisão. Por exemplo, uma mãe escolhe ajudar seu filho, mas não sabe que essa ajuda pode atrapalhar sua independência, autonomia e desenvolvimento próprio. É preciso que ela sinta as consequências de suas ações para tomar consciência disso.
- Segundo o Hinduísmo, nossas vontades e escolhas determinam toda a nossa existência. Isso ocorre graças ao mecanismo inteligente da lei do karma, ou lei de causa e efeito. Enquanto o ser humano produzir efeitos a partir de suas próprias ações, ele estará aprisionado a esses efeitos, sendo um escravo do seu próprio karma (o acúmulo das ações que geram reações em tempos futuros). “Enquanto nos identificarmos com o corpo e a mente limitados, ou personalidade humana, não podemos ser livres” (Feuerstein, 1997). Ou seja, nossas ações são a causa de uma prisão, e essa prisão se constrói a partir dos efeitos dessas mesmas ações.
- O Budismo segue a mesma linha de pensamento com relação ao karma e ao livre arbítrio. Esse princípio encontra-se perfeitamente representado e explicado na seguinte máxima: *O Livre arbítrio gera o karma que determina qual será o nosso destino*. Diz Buda que “o homem é o herdeiro e escravo do seu karma”. O homem é o criador das ações que se tornarão o princípio ou a natureza do seu destino. Ele realiza as ações e fica vinculado a elas. Em última instância, o ser humano é a causa inconsciente de si mesmo. Nesse sentido, nos

tornamos escravos da própria rede que tecemos; própria teia de fiamos. Todo esse emaranhado de efeitos acabam por obscurecer nossa visão; como se uma cortina fosse colocada em nossos olhos. A consequência disso é a diminuição da nossa capacidade de escolha, pois aquele que não enxerga bem as coisas, só poderá escolher de forma imperfeita e limitada.

- O cenário existencial criado pelo karma detém o terreno mais fértil para o nosso aprendizado e libertação da ilusão das causas, efeitos e condições. É preciso penetrar na ilusão para sair dela; da mesma forma que precisamos mergulhar na água para aprender a nadar ou a sair dela.
- Apesar de muitas doutrinas e religiões acreditarem no livre arbítrio, este não pode ser considerado absoluto, muito longe disso. Por exemplo, se consigo enxergar dois caminhos possíveis dentre outros vinte que não consigo perceber, meu poder de decisão fica consideravelmente reduzido. Se eu pudesse ver ao menos 4 ou 5 caminhos, e não apenas 2, provavelmente meu poder de decisão seria usado de outra forma. Por isso que alguns pensadores afirmam que o livre arbítrio do homem é muito relativo. Isso significa que a minha visão maior ou menor da vida determina também aquilo que vou escolher. Em suma, as opções que temos são aquelas que podemos enxergar, se não as vemos, não podemos escolhê-las. As escolhas estão intimamente relacionadas com nossa consciência e visão do mundo e das possibilidades que temos.
- Para o Espiritismo, o livre arbítrio é uma realidade, mas encontramos em algumas obras espíritas uma noção de seu caráter relativo e das suas limitações. Deolindo Amorin (2005), no livro “Análises Espíritas”, diz que “O livre arbítrio aumenta à medida em que o espírito se adianta - não apenas em conhecimento, mas principalmente em moralidade. Contrariamente, o determinismo é mais forte quando o espírito é mais ignorante ou grosseiro”. Essa ideia encontra base na Terapia de Vidas Passadas. Vemos, por exemplo, Joel Whitton afirmar algo semelhante, no que diz respeito ao planejamento da encarnação antes do nascimento: “Nem todos os planos são realizados com termos assim tão específicos. Personalidades menos desenvolvidas

parecem precisar da orientação de um plano esquemático detalhado [isso implica num livre arbítrio reduzido], ao passo que almas mais evoluídas concedem a si mesmas apenas um esboço geral, para que elas possam então agir mais criativamente em situações decisivas [livre arbítrio sensivelmente maior]”. Fica claro que o grau de liberdade de escolha da alma antes de encarnar é diretamente proporcional ao seu nível de esclarecimento espiritual.

- O momento em que mais verificamos a maior evidência do livre arbítrio na TVP é no período anterior ao nascimento. Nessa fase, os espíritos realizam o planejamento ou proposta encarnatória, também chamada de plano de vida ou “roteiro kármico”. A elaboração desse roteiro de vida é realizada pelos “legisladores cósmicos”, que regulam as leis do karma para os espíritos. Esses são também chamados de Senhores do Karma.

Esses espíritos muito evoluídos demonstram à alma prestes a encarnar seus erros e virtudes de vidas passadas e deixam patente, através da revisão de uma ou várias vidas, quais são os defeitos e as imperfeições que ela precisa depurar a fim de elevar-se cada vez mais. Nesse momento, o espírito tem acesso a um amplo panorama de sua existência espiritual ao longo das centenas ou milhares de encarnações.

Podendo conhecer-se, ele possui uma consciência privilegiada que lhe confere grande poder de escolha e decisão sobre o seu destino. Assim, o máximo instância do livre arbítrio é o momento em que, no espaço entrevidas, o espírito passa a tomar conhecimento de todo o seu karma, e assim pode elaborar sua próxima vida de modo que as circunstâncias em que será colocado lhe facilitem a purificação, libertação e adiantamento espiritual.

- Há pessoas que, mesmo tendo acesso a esse incrível insight sobre seus próximos passos evolutivos, se negam a percorrer o caminho. É nesse momento que os senhores do karma podem tomar a frente e forçar a escolha para o caminho que eles sabem ser melhor para o espírito. Uma provação muito dura pode ser empreendida em prol de um desenvolvimento superior. Como já exemplificamos, eles fazem tal como o pai que, sabendo dos benefícios de uma vacina, obriga seu filho a tomá-la, mesmo que este berre e se agite recusando a dor que a injeção proporciona.

- A Terapia de Vidas Passadas, com todo o seu cabedal de conhecimentos e prática terapêutica, deixa clara a verdade de que a alma é a causa e o efeito de si mesma. Ela percorre a eternidade a fim de encontrar a verdadeira liberdade de ser e existir. Por outro lado, quanto mais conseguimos tratar nossas vidas passadas, mais descobrimos quem somos e maior autonomia, independência e liberdade conquistamos para a nossa evolução.

A Evolução Espiritual

A evolução espiritual é a ascensão espiritual do homem, sua progressiva purificação e regeneração ao cabo de inumeráveis renascimentos. A evolução não se restringe apenas ao reino humano, ela existe em todas as formas animadas e inanimadas: no homem, animal, vegetal, mineral, atômico, elemental, dévico, angélico, extraterrestre, dentre outros. Tudo no cosmos possui uma consciência mais ou menos elevada, conforme o nível em que se encontre.

Existem três visões gerais da evolução:

1) *Evolução linear*: A evolução, dentro dessa visão, ocorre através de experiências sucessivas da alma no campo material e experiencial, onde o espírito vai adquirindo conhecimentos, aprendizagem, habilidades e capacidades, resguardando e conservando em si mesmo estas experiências e aprendizado. Dessa forma o espírito vai evoluindo. Trata-se de um modelo de evolução linear, progressista e positivista, o qual René Guenon e outros metafísicos procuraram contestar.

Em outras palavras, a evolução é um processo de aquisição gradual, algo que não possuímos em nosso ser essencial, mas algo que devemos buscar. A evolução aqui descrita assemelha-se a uma escada na qual devemos subir degrau por degrau para atingir o cume, onde supostamente existe uma perfeição que está a nossa espera.

2) *Evolução cíclica*: Nessa visão, a evolução não se apresenta de modo estritamente linear, mas de forma cíclica. Há subidas e descidas; há desníveis e descontinuidade. Aparentemente estamos avançando, mas logo decaímos e enfrentamos um pesado karma. Uma parte de nosso karma passado se manifesta e tudo parece

desabar. Aqui a aquisição de lições e aprendizados não é linear, mas vai oscilando em altos e baixos. Nessa perspectiva, a alma pode regressar, mas esse retorno também provoca a força para um impulso que eleva e compensa a queda anterior, projetando a alma a uma ascensão cada vez mais sutil.

Por exemplo: uma pessoa vai praticando meditação e sente-se bem e tranquila. Conforme vai aprofundando nas práticas, ela vai remexendo as camadas mais sombrias do seu inconsciente e do karma passado. Toda sorte de samskaras adormecidos, como raivas, desequilíbrios, impulsos negativos, tristezas, dentre outros, vão assombrando o praticante. Assim, o que aparentemente era estável, passa a manifestar as impurezas de centenas de nascimentos e mortes anteriores. Sob um ponto de vista restrito, isso parece uma decaída e aqui muitos praticantes espirituais se desviam de seu caminho, por acreditar que não estão tendo progressos ou mesmo que estão piorando sua situação.

Em outro exemplo: uma pessoa pode ser uma cristã convicta numa vida e ser nazista na última vida. Isso só acontece quando uma parte de seu ser, (digamos mais autoritária e negativa) não se manifestou na vida de cristã e se expressou mais plenamente na vida de nazista. Isso não implica numa involução, mas tão somente num aparecimento de aspectos negativos numa vida (a vida de nazista) que não tinham ainda aparecido em outra (na vida de cristã convicta).

Alguns impulsos podem se fazer presentes numa existência e não em outras. Tais impulsos podem existir em estado potencial durante um tempo, mas tão logo as condições lhes sejam propícias, esses impulsos podem se manifestar, dando a falsa impressão de que se trata de uma involução. Dessa forma, dentro dessa visão, a evolução cíclica é feita de subidas e descidas onde vamos equilibrando os opostos e atingindo níveis cada vez maiores.

3) *Despertar da consciência*: Aqui a evolução ocorre através do despojamento, desapego e despreendimento das múltiplas camadas de consciência inferior que envolvem a alma. A evolução se daria como um descascar de uma cebola, onde os estratos ou níveis vão sendo transcendidos. Ou seja, os véus de maya vão se rasgando a medida que a alma vai despertando e sua visão passa a ser ampla e mais clara. O que antes a alma não enxergava, passa agora a ver mais nitidamente. Nessa visão, várias camadas ou invólucros obscurecem a plena manifestação de nossa essência espiritual, como a luz de uma lâmpada impedida de brilhar pela sujeira acumulada ao seu redor. Dentro dessa perspectiva, toda a

evolução já está dentro de nós; está a nossa disposição em estado potencial, como centelha divina esperando o momento de se expressar plenamente. Como uma semente que contém a árvore em estado potencial. Basta apenas descobrir que já somos luz divina. A evolução aqui descrita assemelha-se a um despertar, como se tivéssemos caído num sono profundo do espírito, e num certo momento começássemos a abrir os olhos e ver a realidade universal já presente em nosso interior.

A primeira visão é mais comum ao Espiritismo, ao espiritualismo e neo-espiritualismo dos EUA e Europa, além de ser também encontrada no movimento New Age mais popular. A terceira visão é mais comum ao Budismo, Hinduísmo, Yoga e diversas outras tradições espirituais. A Teosofia, a Antroposofia e outras correntes esotéricas abordam a segunda e terceira visões, embora ensinem aspectos da segunda. Parece que muitos esoteristas e espiritualistas apenas divulgam a primeira visão por ser mais simples de assimilar aos olhos do público, apesar de carecer de uma lógica mais bem fundamentada. A segunda visão, apesar de ser mais refinada, ainda é incompleta, carecendo da abrangência da terceira visão.

No Zen Budismo, por exemplo, não se usa o termo “evolução”, fala-se em atingir a consciência de Buddha. Uma metáfora revela bem o entendimento zen: alguns mestres defendem que a mente é como um espelho brilhante e a missão do monge deve ser a contínua purificação desse espelho, limpando a poeira acumulada, para que nela não se assente o pó. Assim, a mente seria como um espelho que reflete a perfeição clara e límpida da verdade, nossa natureza real.

Nesse sentido, não existe para o zen a evolução gradual no sentido da soma de habilidades e conhecimentos (visões 1 e 2), mas um despertar da natureza de Buddha presente em tudo. É como se a pessoa estivesse caída num sono profundo e num certo momento, começasse um processo de despertar, “acordando” para a verdade e para a natureza íntima do ser.

Além das três visões supracitadas, há duas visões mais gerais sobre a evolução no que se refere a origem das almas e sua queda e ascensão. A primeira visão é antiga e tradicional, enquanto a segunda é mais recente:

A Doutrina da “Queda do espírito”: A doutrina da queda é comum a várias tradições antigas. Ela é mais conhecida do ocidental através da parábola de Adão e Eva, da queda do paraíso ao reino da

matéria. Essa condição de perda do paraíso implica na perda de seu estado natural, considerado como divino pelas religiões. A condição divina é a condição anterior à queda.

Para os judeus e cristãos, a queda tem origem no “pecado original”, onde Adão comeu os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal. A aspiração ao paraíso perdido é quase universal nas culturas tribais e nas religiões. Tanto nas alegorias Bíblicas quanto nas parábolas Hindus, se fala de um rompimento das relações entre o céu e a terra, quando o paraíso primordial foi perdido.

Nesse sentido, as tradições falam de uma involução que precede uma evolução. A involução seria a perda do paraíso, onde comungamos eternamente com a divindade e somos seres perfeitos, criados “à imagem e semelhança de Deus”. Ou seja, primeiro a alma deve descer de uma condição perfeita e experimentar os reinos inferiores, para depois preparar o seu retorno, a sua volta ao plano da eternidade e do infinito. Esses seriam os chamados “arco descendente” e “arco ascendente”.

Essa ideia parece contraditória, pois como seria possível perder-se um estado de perfeição? Se somos perfeitos, íntegros e completos, por que agora somos limitados, carentes, imperfeitos e errantes? Costuma-se explicar que o ser humano ainda guarda, em sua essência, a perfeição divina. Porém, o espírito perdeu seu estado divino e caiu no mundo da ilusão, acreditando que não é herdeiro do infinito. Mas, em última instância, a perfeição continua latente dentro do seu ser e nunca o abandonará. Na Teosofia, vemos Alfred Sinnet, em seu livro “O Budismo Esotérico”, afirmando que tanto no início da cadeia descendente quanto no final ou a meta espiritual de todos, a última etapa da caminho ascendente é, de igual forma, perfeita.

Há evidências dentro da TVP de que viemos do superior e não do inferior? Muitas pesquisas indicam que sim. Há suficiente material empírico que abre brechas para a interpretação de uma origem divina no ser humano, que aos poucos foi sendo perdida mais e mais, até cair numa condição inferior como a que vivemos atualmente. Porém, esse tópico ainda merece mais pesquisa. Além da pesquisa, é possível que seja um assunto que demande certo grau de entendimento e não apenas um conjunto de dados objetivos.

A Doutrina do inferior ao superior: Essa doutrina é mais aceita no meio espiritualista. Diz-se que a evolução começou no reino atômico, depois no mineral, animal e humano, passando deste para o divino. Léon Denis diz o seguinte: “A lei do progresso não se

aplica unicamente ao homem. Ela é universal. Há, em todos os reinos da natureza, uma evolução que foi reconhecida pelos pensadores de todos os tempos. Desde a célula verde, desde o embrião flutuando nas águas, a cadeia das espécies, no decurso de séries variadas, tem-se desenrolado até nós.

Nessa cadeia, cada elo representa uma forma de existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida. Mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência, a liberdade aparecem apenas depois de muitos degraus. Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente.

A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas”.

Assim, a ideia da evolução progressiva e positivista impregnou a consciência dos primeiros estudiosos metapsíquicos que analisavam a evolução do espírito. Eles consideraram que o espírito vai evoluindo dos reinos inferiores aos superiores, numa cadeia sucessiva e ininterrupta.

No Hinduísmo existe tanto a primeira quanto a segunda visão. Na segunda visão, as almas, jivas, começam nos estágios mais primitivos; iniciam sua jornada num grau infinitamente inferior e vão progredindo gradualmente, alcançando estágios mais elevados, passando pelos reinos mineral, vegetal, animal, humano e sobrehumano. Cada alma ou jiva contém em si mesma o princípio universal divino, ou atman, em estado potencial, e esse atman vai sendo desperto a medida que vai avançando espiritualmente nas diversas fases. Na primeira visão, as almas se originaram em atman, o ser supremo, o único e absoluto ser universal, do qual todas as almas vieram. Mesmo tendo sua origem na perfeição, as almas começam a percorrer várias encarnações e acabam se esquecendo dessa natureza divina, que se torna latente e escondida no fundo da alma, sufocada pelos limites impostos pelo esquecimento de nossa real condição como ser supremo. As várias vidas seriam, nesse sentido, um caminho para o retorno a essa fonte eterna, perfeita e infinita, de onde todos os seres emanaram. Conseguem-se o desprendimento do esquecimento e da ilusão através do que os hindus chamam de Moksha, a libertação.

A grande controvérsia dessa noção de progresso do inferior ao superior é a noção de origem divina. A pergunta que se faz é: como Deus pode, sendo perfeito, criar seres imperfeitos? Poderia a perfeição criar o imperfeito? Mas nesse caso o imperfeito não seria,

ele mesmo, perfeito, já que foi criado por um ser perfeito? Se os seres são criados pela perfeição, eles não deveriam ser, tal como Deus, seres perfeitos? Além desse questionamento, podemos indagar: em que momento começa a forma mais inferior de existência? Se essa forma infinitamente inferior tem um início, não haveria sempre a possibilidade de se criar algo ainda mais inferior? Algo infinitamente inferior não seria também, de certa forma, infinito? Esse “ponto de início” da criação universal nunca poderia ser identificado nem no tempo nem no espaço, pois sempre haverá uma brecha para algo que lhe seja anterior em origem e inferioridade. Assim, quanto a essas duas visões, trata-se ainda de uma incógnita. Ou pode-se tentar unir as duas em uma só: as almas nasceram da perfeição, mas a perderam após penetrarem no ilusório e, após essa perda, iniciaram sua jornada do inferior de volta ao superior, de onde saíram. De qualquer forma, a criação das almas permanece ainda sendo um mistério a ser desvendado.

- Evolução das espécies é bem diferente da evolução espiritual. Enquanto a primeira diz respeito ao desenvolvimento das espécies dentro do plano físico, a segunda descreve as etapas do crescimento, purificação e despertar do espírito.
- O ser é uno com o infinito, o todo universal. Sua evolução se dá na medida em que ele se aproxima da unidade. Em última instância, não há qualquer divisão entre o espírito universal e os seres viventes. Somos como uma imagem do sol num espelho empoeirado, incapaz de externar seu grandioso brilho. Na medida em que esse espelho vai sendo purificado, o sol (nosso ser real) vai expandindo sua luminosidade, que é sua verdadeira natureza.
- O ser sempre existiu; nunca teve um começo temporal. Vive desde a eternidade e viverá para sempre. Suas formas de manifestações e seus estados e condições podem variar ao longo de sua jornada, mas sua essência permanece intocável.
- O objetivo da vida é um só: a evolução. O progresso e o adiantamento incessante do espírito em sua jornada cósmica. Tudo na vida do espírito sempre conspira para a abertura de possibilidades sempre crescentes. Há um propósito em toda a vida e em tudo o que nos acontece, mas ainda somos incapazes de percebê-lo em nossa rudimentar compreensão.

- A eternidade e o infinito são aqui e agora. Não existe eternidade do passado ou do futuro, assim como não há espaço infinito que não seja aqui mesmo. O presente é o único momento eterno que existe e o infinito está em todos os lugares.
- “O renascimento ocorre em zonas materiais ou imateriais que correspondem a nossa sintonia, desejos, aspirações e necessidades. O padrão de energia que estamos, com base em tudo o que vivemos em existências anteriores e em nosso grau de consciência, determinará as condições do nascimento, da vida e da morte seguinte” (Livro: Regressão e Espiritualidade)
- “O ser não retrograda nunca em sua evolução, assim como não ascende se não possuir méritos. Todo aperfeiçoamento realizado de uma experiência bem atravessada é terreno seguro conquistado, sem o qual ele não poderá elevar-se ainda mais e, da mesma forma, não poderá retornar a graus inferiores, posto que aquilo que é do espírito, não será perdido nunca.” (Livro: Regressão e Espiritualidade).

O Dharma

Dharma é uma palavra sânscrita muito conhecida no Hinduísmo e no Budismo. Dharma vem da raiz (dhr = sustar; manter) que agrega múltiplos significados. Dharma é uma palavra que não tem tradução direta para as línguas ocidentais, mas costuma-se defini-la como Lei universal, doutrina maior, justiça, dever, ordem cósmica, dentre outros.

No Hinduísmo, o Dharma é compreendido como uma Lei ou princípio universal que rege o mundo e que deve ser seguida dentro de certos preceitos e deveres, formando uma ética comum a todos. Para o Hindu, o Dharma tem um sentido prático, de convivência e valores morais. Este abrange o comportamento em nossa casa, as orações, a meditação, a alimentação, dentre outros. No Budismo, o Dharma indica a Doutrina e a Lei de Buda. Em tempos recentes, o Dharma passou a assumir um sentido mais metafísico e passou a ser considerado o fundamento último da existência (Abbagnano, Dicionário de Filosofia).

Dharma e Karma são dois conceitos que muitas vezes formam um contraste entre si. Diz-se que estar de acordo com o

Dharma, não gera karma e ajuda no despertar espiritual. Porém, aqueles que se afastam do Dharma, começam a gerar um karma que trará frutos negativos futuramente, que atrasa o nosso progresso. Algumas referências citam o karma como o débito do passado e o Dharma como o crédito do passado, mas essa comparação parece não ser muito precisa.

O Princípio Holonômico

Princípio Holonômico é um termo citado no livro de Roger Woolger (1978) que representa um princípio segundo o qual cada elemento psíquico reproduz a totalidade de todo o psiquismo. Em qualquer parte ou aspecto do psiquismo é possível encontrar a sua totalidade em cada uma de suas partes. Segundo Woolger, “tudo na psique espelha todas as outras coisas”.

Esse princípio é semelhante ao princípio do holismo. Acrescenta Woolger *que* “a terapia não se limita mais a um ponto de entrada no complexo. Não importa mais se eu começo na infância, com o corpo, com a situação da realidade, com o trauma do nascimento ou com vidas passadas; qualquer destes aspectos pode levar-nos ao sentimento nuclear do complexo quando trabalhado de maneira adequada”.

Isso significa que, através de qualquer ponto de entrada, podemos atingir o núcleo de um complexo, sem a necessidade de começar por um aspecto ou por outro, da mesma forma que qualquer ponto de uma circunferência tem a mesma distância do centro de um círculo. Um elemento específico da consciência pode trazer à tona o potencial da totalidade. Esse é o mesmo princípio da visão holística que afirma que a parte reproduz o todo. Esse é o paradigma holístico ou paradigma holográfico.

As tradições espirituais de sabedoria também professam esse princípio. Para a Tradição, o mundo físico e objetivo é encarado como um reflexo do absoluto. Para darmos um exemplo, no Budismo Mahayana, o universo é comparado a uma grande rede de jóias, em que o reflexo de uma destas jóias está contido em todas as jóias, e o reflexo de todas as outras está contido em uma. Isso significa que a multiplicidade dessa rede de jóias é formada por uma única jóia e a totalidade delas reflete uma jóia fundamental, que está em todas e em nenhuma.

Sincronicidade

Sincronicidade é um termo criado por Carl Gustav Jung para definir os acontecimentos que não possuem uma relação causal, mas uma relação por nexos de significados. Trata-se de um princípio não causal de compreensão. “Coincidência significativa” é outro termo que define o processo da sincronicidade. As circunstâncias de um dado evento não aparecem aleatoriamente, mas subjaz um padrão de significado que une os elementos. Quando a sincronicidade aparece, ela revela um sentido que deve ser compreendido pela mente, mas nem sempre obedece a uma lógica formal e concreta. É necessário que sobrevenha um insight para a melhor assimilação dos termos de relação.

Exemplo 1: Uma mulher acabou de perder seu emprego. Caminha pela rua e ouve dois homens falando “Em momentos difíceis, é preciso não desistir, pois uma hora acabamos conseguindo o que queremos”. Esta situação não possui um vínculo causal entre a situação da moça desempregada e a fala dos homens, mas por processos sutis de significado, a fala se refletia à situação da moça. O que Jung chamava de sincronicidade, os antigos chamavam de “sinais”. É necessário compreender os sinais que o universo nos transmite para completarmos nosso plano de vida ou roteiro kármico, além de alcançar o autoconhecimento.

Exemplo 2: Exemplo dado pelo próprio Jung no seu livro *Sincronicidade*: “Na manhã do dia 1º de abril de 1949 eu transcrevera uma inscrição referente a uma figura que era metade homem, metade peixe. Ao almoço houve peixe. Alguém nos lembrou o costume do “Peixe em Abril” (primeiro de abril). De tarde, uma antiga paciente minha, que eu já não via por vários meses, me mostrou algumas figuras impressionantes de peixe. De noite, alguém me mostrou uma peça de bordado, representando um monstro marinho. Na manhã seguinte, bem cedo, eu vi uma outra antiga paciente, que veio me visitar pela primeira vez depois de dez anos. Na noite anterior ela sonhara com um grande peixe. Alguns meses depois, ao empregar esta série em um trabalho maior, e tendo encerrado justamente a sua redação, eu me dirigi a um local à beira do lago, em frente à minha casa, onde já estivera diversas vezes, naquela mesma manhã. Desta vez encontrei um peixe morto, de mais ou menos um pé (30cm) de comprimento, sobre a amurada do lago. Como ninguém pôde estar lá, não tenho ideia de como o peixe foi parar ali.”

O terapeuta pode ajudar a pessoa a reconhecer os sinais que o universo nos fornece. Porém, todo cuidado é pouco para não

forçar certas interpretações. Quando a sincronicidade acontece, ela é bem clara como mensagem, embora ela possa ser aprofundada em seu significado ao infinito, pois não existem fronteiras para o sentido dos símbolos. Lembrando sempre que o terapeuta não é nenhum guru que interpreta os sinais para a pessoa. Uma investigação regressiva pode até mesmo se valer do conteúdo dos sinais para revelar um sentido mais profundo em que, no estado de vigília, não houve o adequado entendimento.

A Coincidência

Um tópico que tem total relação com a sincronicidade é a chamada “coincidência”. Para a Terapia de Vidas Passadas, a coincidência ou o acaso são processos ainda não compreendidos por nós, mas que possuem um encadeamento lógico de eventos e acontecimentos sutis. Muitas vezes, esses acontecimentos impulsionam a alma para a evolução ou o despertar de sua consciência.

Como diz o *Caibalion*: “O acaso é um nome dado a uma lei não reconhecida”. Tendamos a manifestar isso de forma mais direta: “Como uma série de ‘coincidências’ significativas de encontro com pessoas, chegar em algum lugar ou encontrar livros que desempenharão papéis importantes em nossa vida”.

Capítulo 3

As Correntes Espirituais

O Espiritismo

O Espiritismo é uma doutrina religiosa codificada pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, ficando posteriormente conhecido como Allan Kardec (nome de uma de suas encarnações como druida).

Allan Kardec proclamou que o Espiritismo possui três aspectos principais: ciência, filosofia e religião. Trata-se de uma doutrina que acredita na comunicação dos seres humanos com espíritos de pessoas falecidas. Toda a doutrina espírita foi fundamentada nos ensinamentos dos espíritos através do recurso da mediunidade. “Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível.” (Kardec).

O Espiritismo é considerado pelos espíritas como um conjunto de princípios e leis revelados pelos espíritos superiores para a regeneração da humanidade.

Allan Kardec publicou em 1857 a obra que seria considerada a principal fonte dos ensinamentos espíritas, o chamado “O Livro dos Espíritos”. O Livro dos Espíritos foi recebido mediunicamente por duas médiuns parisienses. O Espiritismo da França migrou para o Brasil e encontrou grande receptividade entre os brasileiros.

O Espiritismo conta com vários livros principais, como o já citado “O Livro dos Espíritos”, o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese”, “O que é Espiritismo” e os volumes da “Revue Spirite”, ou Revista Espírita (pesquisas da sociedade parisiense de estudos espíritas). Além das chamadas “obras básicas”, existem as obras que foram denominadas de “obras complementares” dentro do movimento espírita brasileiro, algumas delas são as conhecidas obras do médium mineiro Francisco Cândido Xavier que ganhou grande repercussão no Brasil e no mundo ao psicografar mais de 400 obras em quase 70 anos de trabalho mediúnico.

As principais críticas feitas ao Espiritismo é que a forte personalidade e influência de Allan Kardec pode ter modificado as respostas dos espíritos às principais perguntas da obra “O Livro dos

Espíritos”. Segundo o francês René Guenon, expoente do esoterismo e do estudo da Tradição, o mestre lionês teria utilizado as médiuns inconscientemente como um “espelho mental”, ou seja, as médiuns teriam tão somente reproduzido aquilo que Kardec as transmitia pelo pensamento, captando as respostas não dos espíritos, mas da própria mente e crenças de Kardec. De qualquer forma, as pesquisas de Allan Kardec confirmam as pesquisas atuais no campo da Experiência de Quase-Morte e da Terapia de Vidas Passadas.

O Espiritismo tem como princípios básicos:

1) *A existência de Deus*: “Sendo considerado inteligência suprema, a causa primária de todas as coisas.” (...) “Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.” Deus nunca esteve inativo e cria os espíritos a todo momento. A prova da existência de Deus seria o axioma de que “não há efeito sem causa” e de que o nada não pode criar coisa alguma.

2) *A existência e imortalidade do espírito*: O espírito é o “Princípio inteligente do universo”. (...) “A inteligência é um atributo essencial do espírito”. Segundo os espíritos, não é fácil explicar o espírito na linguagem humana. Os espíritos não teriam uma forma determinada aos olhos dos encarnados, mas eles podem ser considerados uma “chama, um clarão ou uma centelha etérea”. Eles viajam “rápido como o pensamento”. Cada espírito é uma “unidade indivisível, mas pode estender seus pensamentos para muitos lugares”. O espírito é imortal, viverá para sempre, não havendo um fim para ele.

3) *A Lei de Causa e Efeito*: Conhecida dos orientais como lei do karma. Tudo que fizermos aos nossos semelhantes e ao mundo retorna para nós. Colhemos aquilo que plantamos. Toda causa tem seu efeito e todo efeito tem sua causa. Essa é a lei base para a compreensão do mecanismo da reencarnação.

4) *O Livre arbítrio*: O homem possui livre escolha para seguir os rumos do seu destino. Mas ao mesmo tempo é responsável por tudo o que decide e colherá posteriormente os frutos de suas obras. O espírito escolhe o gênero de provas pelas quais quer passar, mas essas dependem das suas necessidades evolutivas. Escolhe-se apenas o gênero das provas, mas os detalhes são consequência das condições do meio.

5) *O contato com os espíritos*: Essa comunicação com os espíritos se dá através do fenômeno da mediunidade. A mediunidade, diz-se, é um fenômeno de cunho universal, sendo encontrada em praticamente todas as culturas antigas. O que varia é a sua forma de utilização nas práticas dos diferentes povos. Allan Kardec codificou diversos tipos de mediunidade: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos, audientes, videntes, sonambúlicos, curadores, pneumatógrafos, escreventes, dentre outros.

6) *A pluralidade dos mundos habitados*: Segundo o Espiritismo, todos os mundos ou globos são habitados, pois não haveria sentido em dizer que Deus teria feito algo inútil no universo. A vida em outros mundos é adaptada ao meio em que vivem. “Se nunca tivéssemos visto os peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água”, diz “O Livro dos Espíritos”.

7) *A lei da evolução espiritual*: Todo espírito deverá adiantar-se espiritualmente e atingir a condição de espírito puro em sua última encarnação. O espírito não pode elevar-se sem passar pelos degraus anteriores da escala. O número de níveis nessa escala é ilimitado, mas costuma-se dividi-los com fins didáticos. Há dez classes de evolução na escala espírita: espíritos impuros, espíritos levianos, espíritos pseudo-sábios, espíritos neutros, espíritos batedores e perturbadores, espíritos benevolentes, espíritos prudentes ou sábios, espíritos de sabedoria, espíritos superiores e espíritos puros. Quanto mais o espírito é puro, mais inclinado está para fazer o bem e para se livrar das paixões que o degradam. Elevação do espírito nada tem a ver com posição social. O brilho dos espíritos varia de uma sombra ao brilho de um rubi.

8) *A existência de um corpo espiritual (perispírito)*: Para o Espiritismo, existe o chamado perispírito: “O espírito é envolvido por uma substância vaporosa para vós, mas ainda bem grosseira para nós; é suficientemente vaporosa para poder se elevar na atmosfera e se transportar para onde quiser. O perispírito retira seu envoltório semi-material do fluido universal de cada globo. (...) Ao passar de um mundo a outro, o espírito muda de envoltório, como trocamos de roupa”. O espírito, por meio do perispírito, toma a forma que melhor lhe convém para a sua manifestação.

A TVP e o Espiritismo encontram muitos paralelos, analogias e semelhanças. Obviamente, tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os dois daria um volume inteiro e nem tudo seria

dito. Por isso, vamos apenas citar alguns dos pontos em comum para deixar esse tópico mais claro a terapeutas e espíritas. Para um maior aprofundamento, podemos nos reportar ao livro escrito pelo terapeuta de regressão Milton Menezes “*TVP e Espiritismo: distancias e aproximações*”.

Algumas das similaridades mais importantes são:

- * a existência de uma alma ou espírito,
- * a realidade da reencarnação,
- * a lei de causa e efeito (também chamada de Lei do Karma na TVP),
- * a existência de um corpo espiritual, o perispírito (por vezes chamado de corpo astral na TVP),
- * a possibilidade do resgate das memórias de encarnações passadas (perguntas 395 e comentários da 399),
- * a pluralidade dos mundos habitados (a vida extraterrestre vista pelos remigrantes, ou pessoa que faz a regressão),
- * a vida após a morte (amplamente conhecida e estudada na TVP),
- * simpatia e antipatia entre os espíritos,
- * a escolha das provas (o plano de vida ou roteiro kármico na TVP),
- * a evolução espiritual (o propósito supremo da vida),
- * a influência dos espíritos sobre os encarnados (chamada por vezes de obsessão ou possessão espiritual),
- * espíritos protetores (mestre, mentor ou guia espiritual),
- * o livre arbítrio do homem, dentre outros.

Além dos paralelos mencionados acima, que são parte integrante dos escritos do francês Allan Kardec, encontramos obras do Espiritismo brasileiro que dão indicações de outras similaridades, como:

- * os centros de força (chamados de chakras na TVP e no esoterismo),
- * o campo magnético ou biomagnético, chamado no esoterismo de aura (na TVP existe uma técnica de exploração da aura),
- * o desdobramento espiritual, ou emancipação da alma (chamada de experiência fora do corpo na TVP e na parapsicologia),
- * a existência dos espíritos da natureza (elementais ou deusas na TVP, no esoterismo e na Teosofia); os espíritos da natureza são mencionados nas obras do movimento espírita brasileiro e também no Livro dos Espíritos, pergunta 536 à 540, dentre outras ideias parecidas.

Observamos, nesse sentido, que o Espiritismo e a Terapia de Vidas Passadas têm bastante em comum.

Por outro lado, há algumas diferenças fundamentais que também merecem ser citadas nesta oportunidade:

O Espiritismo vai da revelação à experiência: Isso significa que o Espiritismo não surgiu como método empírico, mas surgiu a partir das revelações de espíritos superiores dadas à Allan Kardec e outros partidários e entusiastas da doutrina. Quando uma doutrina nasce da revelação e não de experiências empíricas, há uma tendência a se considerar a revelação como definitiva e intocável, como se tudo já tivesse sido dito e ensinado. Essa noção, no entanto, contradiz a própria recomendação de Allan Kardec, quando diz em várias passagens que o Espiritismo deve permanecer como uma ciência da observação e progredir com o tempo e os avanços da ciência.

Apesar do próprio Allan Kardec ter sido também, de certa forma, um empírico, sua doutrina tem o caráter de revelação, e isso acaba tendo como consequência uma certa estagnação dentro de alguns setores espíritas. Nesse sentido, as pesquisas empíricas, as observações sistemáticas acabam cedendo lugar a respostas prontas e fechadas tendo como base única e exclusivamente as obras da codificação de Allan Kardec. Isso é, obviamente, totalmente contrário ao esforço de pesquisa empírica que deveria ter caracterizado o Espiritismo desde os seus primórdios.

Por outro lado, TVP surgiu a partir das pesquisas com a Hipnose clássica e a Hipnose regressiva. Relatos espontâneos de vidas passadas foram surgindo, sem qualquer base numa revelação superior, mas apenas como resultado de uma experimentação com vários indivíduos. Assim, a TVP deve ir da experiência a sua validação através de mais e mais testes empíricos e resultados terapêuticos. A partir desses dados empíricos, pesquisados exaustivamente, uma teoria vai sendo sistematizada e formada. Mas mesmo esta teoria não deve ser considerada jamais um conjunto de princípios fechados e inalteráveis, pois eles devem sempre ser confirmados pela prática.

O Espiritismo considera a autoridade dos espíritos: Para a doutrina espírita, a autoridade dos chamados espíritos superiores ou puros é irrefutável, pois se encontram num nível de progresso e adiantamento moral e espiritual muito mais avançado do que a média dos encarnados. Dessa forma, qualquer modificação que se possa realizar na doutrina espírita deve necessariamente passar

pela aprovação desses seres elevados. Uma vez escrito na codificação de Allan Kardec, o princípio ensinado conquista ares de eterno e não pode ser revisto, a não ser por descobertas científicas que o refutem.

Já a TVP não considera a autoridade de nenhum mestre externo, mas focaliza suas pesquisas no material empírico e experimental que vai surgindo conforme suas pesquisas e sua prática terapêutica. Embora exista o contato com o mestre ou com o Eu Superior, a autoridade de sua mensagem deve ser corroborada por uma amostra significativa de relatos semelhantes, com terapeutas e pesquisadores em diferentes lugares e épocas para que se forme um padrão a ser considerado como válido.

O Espiritismo é essencialmente cristão: A obra espírita “O Evangelho Segundo o Espiritismo” ressalta os aspectos espíritas que encontram ressonância no cristianismo. O Espiritismo se autointitula o “cristianismo redivivo” e o “consolador prometido” e aceita o desafio de renovar o cristianismo, trazer-lhe as noções corretas, restaurar a ideia da reencarnação e realizar outras modificações. A TVP não professa nenhuma visão devocional, confessional, sacerdotal, seja cristã, budista, judaica, islâmica etc. Mas procura extrair das tradições de sabedoria o néctar dos ensinamentos para uma completamentação ou explicação de algumas lacunas que surgem em sua prática experimental.

O Espiritismo não estuda os símbolos: O Espiritismo possui sua base bem assentada numa herança positivista e racionalista da metade do século XIX. Allan Kardec, de certa forma, reproduz a ideologia positivista e procura uma síntese entre o cientificismo clássico e o cristianismo ortodoxo. Dessa forma, o Espiritismo não corrobora o estudo dos símbolos da psiquê ou arquetípicos. Por outro lado, a TVP dá grande importância à produção simbólica do inconsciente, inclusive dotando-a de poder terapêutico, tal como a Psicanálise, a Psicologia Junguiana, Psicossíntese e outras abordagens de psicoterapia.

A Teosofia

A palavra é composta dos radicais gregos *Theos* (Deus) e *Sophia* (saber). Significa “sabedoria de Deus” ou “sabedoria das coisas divinas”.

Inicialmente o termo Teosofia foi utilizado por alguns neoplatônicos, (Dicionário de Filosofia, Ferrater-mora), em especial Amônio Sacas. Jacob Boehme também usou o termo “teósofo” em dois de seus livros. A palavra Teosofia ficou amplamente conhecida após a fundação da Sociedade Teosófica, tendo como figura central a ocultista Helena Petrovna Blavatsky (HPB).

Segundo Helena Blavatsky a Teosofia pode ser considerada "o substrato e a base de todas as religiões e filosofias do mundo, ensinada e praticada por uns poucos eleitos, desde que o homem se converteu em ser pensador. Considerada do ponto de vista prático, é puramente ética divina". A Teosofia moderna ressurgindo a partir dos escritos de HPB e de outros escritores da Sociedade Teosófica se assenta sobre algumas bases e princípios essenciais, como os que seguem:

- Todas as coisas do Universo têm sua origem a partir de uma fonte infinita, ilimitada, incognoscível e eterna. Após um período de manifestação sobrevém uma fase de repouso da energia expressa retornando ao imanifesto. “O universo é a combinação de milhares de elementos, e contudo é a expressão de um simples espírito – um caos para os sentidos, um cosmos para a razão” (Blavatsky).
- Tudo no cosmos é vivo, inteligente, vibrante, consciente e divino.
- As leis naturais e os princípios da vida são impulsionados e regulados por inteligências hierárquicas superiores.
- Uma das leis mais importantes é a lei de causa e efeito, ou lei do karma, que preside toda a manifestação em vários graus de escala universal.
- A reencarnação é um dos principais pilares da doutrina. Acreditam os teósofos numa série numerosa de nascimentos do mesmo Ego. Há, no entanto, uma distinção entre personalidade e individualidade. A personalidade é temporal e passageira; a individualidade não é perdida após a morte. “A doutrina fundamental da filosofia esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, salvo aqueles adquiridos por seu próprio eu, através de esforços e méritos pessoais, durante uma longa série de metempsicoses e reencarnações” (Blavatsky).

- Para a Teosofia não há criação, mas ressurgimento cíclico. Os teósofos crêem nas manifestações sucessivas e periódicas do cosmos por emanção ou irradiação da essência divina. Essas manifestações são cíclicas e se assentam na lei dos ciclos e do ritmo.
- Tudo no Universo é regido pela lei do setenário, seja no metafísico ou no físico. Esse fenômeno universal decorre do mistério do número sete, representando uma lei chave para a existência universal.
- Os números não são meras abstrações matemáticas de raciocínio objetivo e mensurável do concreto. Os números são verdadeiros princípios; são ideias supremas, arquétipos, ou noções filosóficas adiantadas. Neles encontram-se a chave para a compreensão de inúmeros fatos ocultos. “Pitágoras ensinava que todo o universo é um vasto sistema de combinações matematicamente corretas. Platão mostra a deidade geometrizada. O mundo é sustentado pela mesma lei do equilíbrio e harmonia sobre a qual foi construído” (Blavatsky).
- A evolução é um princípio universal e não se limita a Terra, mas existe no mundo físico e no anímico. “A evolução na Terra, afetando homens, animais, vegetais e minerais procede da evolução de outros planetas” (A Doutrina Teosófica, Blavatsky).
- Existem sete raças-raízes. Atualmente estamos na quinta raça-raiz. Cada raça desaparece por ocasião do surgimento da próxima.
- A Teosofia apresenta o universo e o ser humano composto de sete níveis, sendo constituído de três princípios e quatro veículos.
- A humanidade tem uma mesma origem espiritual, herdeira de uma unidade essencial infinita, eterna e incriada.
- A raça lemuriana era a terceira raça-raiz e os atlantes a quarta raça. Existiram evoluções significativas nesse período.

- A alma ou espírito desce ao mundo da ilusão e transição para aprender, adquirir experiências e autoconsciência, purificando seu ser e despojando-se gradualmente dos seus veículos inferiores ou camadas de consciência, quando então vai retornando à fonte primordial de onde vieram todas as almas, quando se fundem numa unidade paradoxalmente sem qualquer perda de quem somos.
- O princípio da correspondência ou lei das analogias rege o universo e é a chave para a compreensão da estrutura fundamental do cosmos. Isso foi descrito no axioma hermético: *“Assim como é em cima é também embaixo”*.
- O pensamento, os desejos e nossas energias se projetam e ultrapassam os limites do nosso corpo e mente, influenciando e modelando os arredores de nossa existência, contaminando a sequência de acontecimentos futuros e atraindo energias de mesma natureza.
- Enquanto nos planos inferiores o pensamento é abstrato e intangível, nos planos superiores ele é tangível e tão real como uma parede é real para nossos sentidos físicos.
- Em manifestações sucessivas os grandes instrutores e redentores da humanidade nascem no mundo. Eles trazem mensagens espirituais, servem de exemplo moral e ético, impulsionam o desenvolvimento do pensamento humano, promovem reformas variadas em correntes espirituais e organizações iniciáticas, além de ajudar a purgar certa parcela do karma planetário.

Os Teosofistas acreditam que há cinco aspectos que induzem uma alma a reencarnar. Essas condições poderiam ser resumidas em alguns fatores, como apego, desejo, karma, o magnetismo terrestre e a necessidade de manifestar-se para conhecer-se. Para que fique mais bem compreendido, vejamos os fatores principais:

- 1) A atração exercida pelo planeta Terra
- 2) O nosso karma individual ligado ao karma coletivo do planeta.
- 3) O desejo de obter impressões externas a fim de reforçar nossa autoconsciência.
- 4) O desejo de autoexpressão no plano da manifestação.

5) O apego a objetos materiais e a estados e condições sensório-físicas.

Obviamente, verificamos facilmente que todas as ideias expostas guardam semelhanças claras com os conceitos da Terapia de Vidas Passadas. No entanto, há certas divergências superficiais, conforme assinalaram Hans Tendam e outros pesquisadores. Uma das maiores discordâncias é o tempo do entrevidas. Alguns teósofos acreditam em intermissões de vários séculos. Diz Tendam que ao longo do desenvolvimento da Teosofia, a ideia dos teósofos sobre o tempo do entrevidas vai ficando cada vez mais curto. As pesquisas de Ian Stevenson com crianças também parecem não confirmar as ideias teosóficas sobre o tempo de intermissão.

Outra divergência seria a mudança de sexo. Teósofos afirmam um caráter cíclico para essa mudança, com três ou sete encarnações em cada sexo, masculino ou feminino. Até o momento, as pesquisas com regressão não confirmaram nem refutaram essa declaração, trata-se ainda se uma questão em aberto. Mas a princípio, não parece existir essa sucessão. Como esse assunto é extremamente vasto, nos limitaremos a algumas considerações gerais. Para maiores informações a esse respeito, ver os livros Panorama da Reencarnação 1 e 2, de Hans TenDam.

Budismo Tibetano (O Livro Tibetano Dos Mortos)

Também chamado de Bardo Thodöl, cujo significado é *“Libertação pela audição no plano pós-morte”*. Trata-se de um texto tibetano muito antigo cuja mensagem era oculta ao público em geral, sendo apenas transmitida de mestre a discípulo ao longo do tempo. Porém, por algum motivo desconhecido ou não especificado, seu conteúdo passou a ser aberto e qualquer pessoa poderia ter acesso.

Ninguém sabe ao certo há quantos séculos o Livro tibetano dos mortos foi escrito. Não existem registros de sua origem, por tratar-se de uma tradição secreta e oral, passada de boca a ouvido ao longo do tempo. No entanto, acredita-se que o texto remonte a VIII d.C., na época do grande mestre tibetano Padma Shambava.

O Livro Tibetano dos Mortos afirma não apenas que existe vida após a morte, mas que é possível morrer de forma consciente e de um modo que seja proveitoso para o despertar espiritual. O livro é geralmente lido em voz alta a uma pessoa que está bem

próxima da morte e continua a ser recitado mesmo após a passagem do indivíduo. Isso é uma indicação de que os tibetanos acreditavam que, mesmo após a morte, a pessoa permanecia de alguma forma mantendo contato com o local onde morreu (ao menos por algum tempo) e assimilava aquilo que era proclamado com a leitura do livro. Dessa forma, uma pessoa que passa pela transição entre a vida e a morte com conhecimento de causa e sabendo com profundidade o que acontece “do outro lado da vida” pode aproveitar essas informações e saber como se conduzir nos diferentes estados e planos de consciência do pós-morte. Nesse sentido, o Livro Egípcio dos Mortos possui a mesma intenção: ajudar o moribundo no passamento do limiar da morte e ser um guia para esse momento de suma importância na vida da alma.

O Livro Tibetano dos Mortos foi trazido ao ocidente pelo Dr. graduado em Oxford T. W. Evans-Wentz, que escreveu um livro no início do século XX (1927) traduzindo e explicando o Livro Tibetano dos Mortos. Carl Gustav Jung escreveu um prefácio de uma das edições do livro analisando seu conteúdo do ponto de vista psicológico. Jung declarou ter sido um leitor assíduo do livro e que devia a ele muitas de suas ideias. Jung escreveu que “todo leitor sério forçosamente irá perguntar-se se estes antigos e sábios lamas, afinal de contas, não poderiam ter vislumbrado a quarta dimensão, arrancando assim o véu dos maiores mistérios da vida”. Jung ressalta ainda que por se tratar de um livro aberto hoje em dia, isso não significa que todos consigam compreendê-lo em sua essência. Assim, se tornou aberto para o público, mas continua “fechado” ao entendimento de muitos.

A mensagem central do livro tibetano dos mortos é basicamente a seguinte: o texto explica que após a morte, a pessoa desencarnada se confrontará com várias cenas, visões, aparições etc. Em cada um dos bardos, a pessoa terá a experiência de cenas e visões diferentes, mas ela deve atravessar tudo isso com total tranquilidade. Para tanto, é necessário compreender uma coisa essencial: tudo o que ela vir e experimentar lhe parecerá real, mas trata-se tão somente do conteúdo de sua própria mente projetado no exterior e tornado perceptível tal como se fosse realidade. O texto adverte que as visões não são verdadeiras, são apenas uma emanção da consciência do observador.

O livro insiste que a pessoa deve focalizar a Lua Clara e não se abalar com tudo o que lhe vier de percepções aparentes. A única verdade é a Luz Clara, uma manifestação do vazio de formas e substâncias, mas plena de vida. Concentrando-se na Luz e deixando de lado todo o resto, o morto poderá atingir o universal, a

iluminação. Caso não tenha sucesso, a alma cairá novamente no mundo fenomênico e retornará ao ciclo dos renascimentos.

Como o conteúdo da mente projetado no espaço e tornado visível à pessoa depende de suas crenças e criações mentais, cada pessoa verá uma coisa diferente. As imagens descritas no livro são adaptadas à cultura tibetana, que possui uma visão específica do que ocorrerá após a morte. Por isso, os autores do texto consideram que o tibetano terá certas visões, que são típicas dos costumes religiosos do povo. Mas o que está descrito pode variar de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, dependendo das expectativas dos recém-desencarnados. Dessa forma, os cristãos ortodoxos poderão ter visões sobre o purgatório, o inferno ou mesmo o paraíso. Tudo isso varia de acordo com as crenças, pensamentos, sentimentos e expectativas de cada um.

Essas indicações do Bardo Todhöl assemelham-se significativamente às recentes pesquisas da Terapia de Vidas Passadas. Na TVP, autores escreveram que a alma se depara com suas criações mentais e expectativas e percebe mesmo aquilo que espera que aconteça. Podemos nos questionar se além desta, há outras semelhanças entre o Bardo Todhöl e as recentes pesquisas com regressão a vidas passadas. Podemos enumerar outras possíveis semelhanças:

Vida após a morte: A própria realidade da vida após a morte. Essa ideia é abordada em todo o livro e enfatiza claramente que o real não pode ser encontrado na rede de ilusões do mundo, mas apenas no esplendor dos planos superiores.

Planos de realidade: A existência de outros planos de realidade além do plano físico. O Bardo Thodöl vai descrevendo os diversos estágios ou níveis de percepção da ascensão do eu.

A Luz Clara: A existência da Luz Clara, a famosa luz no fim do túnel que relatam alguns remigrantes. . “O teu ego e teu nome estão em jogo de acabar. Estás pondo-te em frente da Luz Clara.” O livro fala da existência da Luz Clara, mas vai além: diz que existem três níveis dessa luminosidade, em cada um dos bardos.

Transcendência e liberdade: A sensação de transcendência e unidade conferida pelo contato com a Luz Clara. “Quando o corpo e a mente se separam, experimentas uma rápida visão da verdade pura, sutil, radiante, brilhante. Vibrante, gloriosa.”

A ilusão das formas e o vazio de realidade: A percepção da ausência de formas, objetos, tempo e espaço; mas apenas do vazio supracósmico. “Não-pensamento, não-visão, não-cor. É vazio. Esse vazio não é o nada”, afirma o livro. Mas é pleno de consciência e realidade universal. “O intelecto brilhando é cheio de felicidade e silencioso. Este é o estado de perfeita iluminação”.

As criações mentais exteriorizadas: Há três estados de perda dos invólucros ou camadas da consciência, as três diferentes formas de expressar a individualidade no plano objetivo (etérico, astral e mental). “Agora vais experimentar três bardos. Três estados de perda do eu”. O que o livro chama de “jogos de alucinações fantasticamente variados” são as formas percebidas por aqueles que acabaram de morrer, mas que ainda acreditam e afirmam a realidade das formas-pensamentos concentradas na última vida. Vemos aquilo que criamos mentalmente ao longo da vida. “Para ti é suficiente saber que estas aparições são as formas de teu próprio pensamento”.

Em outra parte, o livro ressalta que a libertação do jogo ilusório da existência é possível através da observação das formas psicológicas que atravessam nossa mente: “Medita calmamente sobre o conhecimento de que estas visões são emanações de tua própria consciência. Desta maneira podes obter conhecimento próprio e libertar-te. No retorno ao plano dos nascimentos e mortes, a alma aguarda seu nascimento.

Roteiro Kármico ou Plano de vida: O Livro Tibetano dos Mortos declara, assim como a TVP, que é possível selecionar e antever a personalidade da próxima vida. O Bardo Thodöl não dá detalhes sobre isso, mas afirma que “É quase tempo de voltar. Faz a seleção de tua futura personalidade de acordo com os melhores ensinamentos. Escuta bem: os sinais e características do nível de existência a vir aparecerão ante ti em sinais premonitórios. Reconhece-os”. Embora isso não esteja especificado, é possível que a frase “de acordo com os melhores ensinamentos” seja uma indicação do ensinamentos que vem de fontes superiores, como os Senhores do Karma, os “planejadores” da futura encarnação, tal como evidenciam as pesquisas da TVP.

Predisposições na geração do feto: Pouco antes do nascimento, o futuro encarnado é compelido a unir-se a um feto. Nesse sentido, O Livro Tibetano dos Mortos afirma que “Teu estado mental agora, afetará seu posterior nível de ser”. Isso pode demonstrar que, antes

do nascimento e na fase intrauterina, o estado mental, nossas reações ao que ocorre no meio e nossa predisposição psíquica podem influenciar a geração do feto, o nascimento e as tendências futuras. Isso combina muito bem com as atuais pesquisas de regressão à fase intrauterina e antes do nascimento.

As Ordens Iniciáticas

As Ordens Iniciáticas são organizações, fraternidades, confrarias ou associações de sábios, mestres ou iniciados que se unem em torno da preservação e transmissão de certo conhecimento espiritual e tradicional. As Ordens Iniciáticas, em sua maioria, possuem um sistema de desenvolvimento espiritual e do despertar das faculdades latentes do ser humano baseado em graus de estudo e prática. Os membros vão ascendendo as etapas da iniciação e aperfeiçoando-se interiormente. Muitas Ordens iniciáticas existem no plano físico e sutil; outras apenas nos planos sutis.

Segundo Pierre Riffard, um dos maiores representantes acadêmicos do estudo do Esoterismo e das Ordens esotéricas, uma organização iniciática pode ser definida como um “Grupo social restrito e fraccionário cuja estrutura, tipo, funções e funcionamento são secretos, não de forma exterior (sociedade secreta), mas de forma interior, já que a forma e o conteúdo são mistérios e fundamentalmente incomunicáveis. Frequentemente é exigido o juramento de guardar segredo sobre os ritos e símbolos”.

Segundo Dion Fortune (1982), consagrada ocultista, as fraternidades esotéricas possuem sempre dois níveis: elas existem tanto no nível físico (como expressão de uma egrégora), quanto nos planos sutis (a egrégora em si). Muitos acreditam que quando uma organização é extinta no plano físico, ela simplesmente deixa de existir, mas segundo pesquisadores isso não é verdade. As fraternidades iniciáticas que encerraram sua participação no plano material podem ser acessadas mentalmente pelos discípulos, ou qualquer pessoa de boa vontade e intenção pura. Elas estão eternamente gravadas na aura planetária e por isso, sua presença sutil permanece inviolável nos planos interiores. Dessa forma, quando se fala em “Ordem iniciática” não estamos fazendo referência apenas a organização ou instituição do plano físico.

Na Terapia de Vidas Passadas é possível retomar muitas vidas onde os atendidos foram discípulos ou iniciados nessas fraternidades ocultas. Muitos dos juramentos prestados nessas

organizações, quando retiradas do seu contexto, podem provocar desequilíbrios e desadaptações na vida atual. Geralmente, as vidas dedicadas às ordens esotéricas são muito fortes, energéticas, agudas e penetrantes. Elas podem induzir a comportamentos não condizentes com as necessidades culturais de hoje. Em outras situações, as vidas podem trazer certa nostalgia, principalmente como uma fuga da confusão dos dias de hoje, pois muitas dessas vidas eram dedicadas à meditação e interiorização e muitos clientes hoje têm certa dificuldade de se adaptar a um mundo moderno corrido, materialista e competitivo.

Outro exemplo de problemas são os votos de silêncio, votos de celibato, votos de pobreza e outras práticas comuns que podem gerar alguns problemas para o cliente. Não se pode afirmar que esses votos sejam negativos em si mesmos; prejudicial é o apego que se tem em relação a eles. Muitos discípulos dessas organizações antigas fizeram votos solenes de compromisso e fidelidade e se apegaram aos costumes e mentalidades de uma época. Esses votos ficaram gravados em sua consciência. O apego à vida contemplativa pode ser a origem dos problemas de adaptação à vida moderna.

As confrarias ou fraternidades iniciáticas são em grande número, mas podemos dar alguns exemplos para que o leitor consiga situar as principais organizações iniciáticas conhecidas na História, que são:

- Os mistérios do Egito, na grande pirâmide de Quéops e nos vários centros iniciáticos, como Saís, Busíris, Bubástis, Papremes, Ombos, Abidos.
- Os mistérios de Elêusis, na Grécia;
- Os mistérios Órficos, também na Grécia;
- Os mistérios de Mitra, em Roma;
- Os mistérios do druidismo (povo Celta), na Gália e Irlanda;
- Os mistérios dos Essênios, próximos de Jerusalém;
- Algumas seitas gnósticas antigas;
- A corrente esotérica do Shingon budista, das palavras secretas (mantras) e da Yoga dos três mistérios;
- A Ordem dos Drusos, entre o Líbano, a Síria e Israel;
- A tradição da Cabala Hebraica, movimento esotérico dentro do Judaísmo (que dizem tem dado origem ao próprio judaísmo);
- A confraria dos dervixes dançarinos do Sufismo, o esoterismo árabe;

- A corrente mística dos cátaros, o esoterismo dentro do Cristianismo;
- A franco-maçonaria, que dizem ser herdeira da sabedoria iniciática do Templo de Salomão e Hiran Abiff;
- O esoterismo da escola pitagórica de Crotona;
- Os mistérios da Ordem dos Templários;
- Os mistérios da Ordem da Rosacruz Primitiva, dentre outros.

Capítulo 4

O Terapeuta de Regressão

A Ética Do Terapeuta

Como em qualquer profissão, a questão da ética é primordial dentro da Terapia de Vidas Passadas. Talvez na TVP a ética seja ainda mais fundamental, pois de certa forma é a ética que faz o trabalho funcionar adequadamente. Durante a regressão, estamos ativando forças psíquicas com as quais deveremos tratar com o máximo respeito e cuidado, pois estamos entrando no universo encarnatório e simbólico de cada um. Erros como imprudência, negligência ou imperícia podem desestruturar uma pessoa, tal como na medicina e na psicologia. O trato com o humano sempre deve vir acompanhado de uma sólida e comprometida postura ética.

Como definir a ética do terapeuta de vidas passadas? Existem alguns aspectos específicos no trabalho do terapeuta de regressão que merecem ser ressaltados como necessidade de uma postura ética. Podemos resumir algumas orientações gerais a esse respeito:

Negar o papel de guru: É comum o cliente ver o terapeuta como uma espécie de guru, que tem conhecimentos para dar respostas a muitas questões. O terapeuta jamais deve corresponder a essa fantasia e sempre deve dar preferência à autodescoberta do cliente sobre ele mesmo. Em vez de responder, o terapeuta deve buscar a resposta na prática da condução regressiva com o cliente, pois a resposta está dentro dele mesmo. Especulações teóricas só produzem estagnação e atrasam aquilo que pode ser verificado na prática. Não se utilizar da imagem idealizada para ganhos pessoais, no máximo para o manejo da transferência a favor da cura, de uma maneira freudiana.

Evitar o envolvimento: Tomar cuidado com o envolvimento do terapeuta com o cliente. Enquanto durar o tratamento, há sempre uma linha fronteira a ser delimitada entre ambos, sob pena das emoções do terapeuta interferirem no processo regressivo e terapêutico.

Entrecruzamento de vidas: É raro, mas de vez em quando pode acontecer do terapeuta fazer parte da vida passada do cliente. Quando isso ocorre, é preciso tratar com toda naturalidade e não deixar que isso atrapalhe o fundamental no processo: o sentido terapêutico.

Nunca prometer a cura: O terapeuta nunca deve fazer promessas sobre o tratamento, como por exemplo prometer a cura, muito menos a cura física, pois esta é uma atribuição da medicina convencional e oficial, tal como definida na forma da lei. Promessas de cura podem criar a exigência de se corresponder às expectativas sobre a saúde do cliente, as quais não há certeza de resultados concretos. Além disso, no Brasil, prometer cura pode gerar processo na justiça por curandeirismo ou exercício ilegal da medicina. Não se deve também prometer que ex-namorado vai voltar ou que o cliente arranjará um emprego, ou algo do gênero.

A percepção direta e pessoal: Deve-se evitar a persuasão e o convencimento da pessoa, principalmente porque nossa argumentação pode estar voltada para nossas crenças pessoais acerca de questões diversas sobre o que é melhor para a pessoa. É importante deixar sempre o cliente perceber tudo por si mesmo, com uma participação mínima do terapeuta.

O duelo de egos: Evitar também o confronto direto com o cliente, sob o perigo de se cair num duelo de egos e numa rivalidade que nada acrescentará no tratamento. O objetivo não é competir com o cliente, ou se mostrar superior, mas contribuir para que ele descubra a si mesmo e conquiste seus objetivos.

O valor da terapia individual: O terapeuta deve sempre manter sua terapia individual e supervisão. Todo terapeuta de vidas passadas deve, invariavelmente, tratar o máximo de suas vidas passadas, caso contrário pode projetar suas questões inconscientes sobre o cliente e atrapalhar o processo.

Empatia é imprescindível: Colocar-se no lugar do outro é fundamental para o bom terapeuta, mas é preciso tomar cuidado com o envolvimento exagerado com o mundo subjetivo do paciente. Coloque-se na posição do outro, mas ao término da sessão retorne para a sua.

A relação em primeiro lugar: Muito cuidado para não privilegiar a técnica acima da relação terapêutica. A mera aplicação da técnica, por mais minuciosa e rigorosa que seja, não tem tanto poder quando a confiança do cliente no terapeuta sustentada por uma boa relação. O contato humano sem envolvimento exagerado é fundamental no processo terapêutico.

Não prolongar o tratamento: Jamais prolongar a alta ou ficar enrolando o paciente. Essa postura leva ao descrédito e prejudica o cliente. O lado comercial nunca deve prevalecer sobre o lado humano.

Não julgar outro profissional: Caso o cliente venha descontente com o trabalho de outro profissional, jamais opinar negativamente sobre o trabalho do colega. É importante sempre procurar agir de forma neutra. Mesmo ficando bem claro e evidente o erro de outro profissional, devemos evitar as críticas. Podemos julgar as ideias e as técnicas, mas não as pessoas.

A importância do sigilo: Nunca quebrar o sigilo profissional. É importante evitar expor o cliente de várias maneiras. Caso haja intenção de publicar o caso, sempre pedir autorização antes. Deve-se sempre mudar o nome do cliente preservando o caráter sigiloso das informações, a não ser que o cliente, por escrito, autorize a divulgação de sua identidade.

Atração pelo cliente: No caso de interesse pessoal pelo cliente, lembrar sempre do mecanismo da transferência que pode estar em jogo. No caso da atração ou mesmo do desejo sexual contínuo, é sempre importante encaminhá-lo a um colega.

Não misturar religião e terapia: É importante aprender a separar as coisas quando lhe perguntarem qual a sua religião ou se você acredita em Deus. Princípios filosóficos não estão proibidos de serem conversados, mas nossas preferências religiosas não devem afetar o tratamento ou coagir a mentalidade do cliente. O cliente não é obrigado a acreditar em reencarnação ou na lei do karma para ser submetido à terapia.

Curiosidade e Pesquisa: Nunca usar o paciente como fonte de pesquisa. Mesmo que isso possa ser previamente combinado, não é produtivo terapeuticamente. Pesquisa de vidas passadas é uma coisa, terapia de vidas passadas é outra. Por outro lado, deve-se

evitar o encantamento pela história narrada e esquecer a parte clínica. Certas tramas podem ser muito sedutoras e podem desviar o foco terapêutico. A curiosidade não deve sobrepor-se às necessidades de cura. Durante a anamnese, é recomendado não valorizar excessivamente a coleta de informações, mas focar na relação terapêutica.

Evitar a ortodoxia: Hipóteses terapêuticas podem ser formuladas, mas cuidado para não fazer de tudo para encaixar os fatos na hipótese levantada. Na Terapia de Vidas Passadas, é preciso ter mente aberta, pois é todo um novo universo que se descortina empiricamente onde nossas crenças podem ser postas em cheque em várias situações. Dogmatismo não tem lugar na Terapia de Vidas Passadas.

A Relação Terapêutica

A relação do terapeuta com o cliente é considerada uma das principais causas do sucesso nas psicoterapias e também na Terapia de Vidas Passadas. Uma boa relação facilita todo o tratamento e é uma evidência de que a terapia terá bons resultados. Isso é facilitado pela confiança que se desenvolve entre ambos, da empatia e da naturalidade, própria de um trabalho de qualidade.

A rigidez e a necessidade de autoafirmação do terapeuta perante seu cliente, assim como a preocupação demasiada com a correta aplicação das técnicas, pode criar barreiras à aproximação e ao entendimento de ambos. Todas as abordagens de psicoterapia concordam que a relação terapeuta-cliente sempre deve ser privilegiada, e em muitos casos, admite-se que é justamente uma boa relação que confere o caráter terapêutico do processo, daí o nome relação terapêutica.

Há, no entanto, terapeutas que valorizam apenas a relação e deixam de lado a boa aplicação das técnicas psicoterápicas ou regressivas. É importante ressaltar que técnica e relação devem sempre andar de mãos dadas. Aos olhos do terapeuta, uma deve ser tão importante quanto a outra. Nem se deve dar atenção excessiva apenas à relação e nem apenas à técnica de indução, condução e tratamento. O terapeuta de vidas passadas deve investir na relação terapêutica, pois esta pode influenciar a confiança da pessoa ao submeter-se à técnica regressiva.

- O cliente pode sentir algum desconforto ao falar sobre si mesmo. Mas ele se sente livre no momento em que confia no terapeuta. Um vínculo positivo flexibiliza as defesas inconscientes e favorece a catarse mesmo sem a regressão.
- Nos contatos iniciais, mesmo antes da regressão, é possível o cliente apresentar já uma certa melhora, sentir-se bem e mais leve. Isso é mais comum quando se estabelece um bom vínculo entre ambos.

A Empatia

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, dentro de sua perspectiva e, ao menos por alguns momentos, procurar enxergar a realidade sob o prisma de outrem. É necessário desenvolver o sentimento semelhante, compartilhando da visão de uma pessoa a que se pretende ajudar.

Empatia se distingue da simpatia: enquanto a segunda se refere a afinidades de gostos, preferências e atitudes, ela ainda se mantém na sua própria perspectiva. Na simpatia há troca. Na empatia há integração com a perspectiva do outro. “A maior expressão de empatia é sermos compreensivos com alguém de quem não gostamos” diz Mark Baker.

De certa forma, a empatia significa transcender nosso estado de ego e ver a vida sob uma perspectiva transcendente. Na empatia acolhemos o outro compartilhando o prisma no qual ele se encontra, mesmo que seu ângulo de visão seja muito limitado.

É imprescindível ao terapeuta de vidas passadas procurar desenvolver a empatia, posto que é essencial à natureza do trabalho realizado. Uma análise fria e distante do outro é absolutamente incompatível com o trabalho. No entanto, como já dissemos, todo cuidado é pouco para não misturar suas questões com a subjetividade do cliente, perdendo-se de si mesmo e projetando no cliente nossos próprios conteúdos inconscientes.

A Equipe Espiritual Do Terapeuta

Trata-se de uma técnica que permite ao terapeuta perceber diretamente a “equipe espiritual” com a qual trabalhará em seu exercício profissional. Embora essa técnica não esteja descrita na literatura, ela é utilizada pela terapeuta Camila Sampaio, autora do

livro “O Fio de Ariadne: abordagens da Terapia de Vidas Passadas”, em seus cursos de formação.

Camila expõe essa técnica da seguinte forma: o novo terapeuta, após toda a preparação exigida pelo curso, terá finalmente a possibilidade de conhecer o que comumente se chama de sua “equipe espiritual”. A equipe espiritual é uma plêiade de seres de luz que têm a missão de contribuir para o bom andamento das sessões regressivas realizadas pelo terapeuta. Por mais incrível que isso possa parecer, é isso mesmo que ocorre. Cada terapeuta possui espíritos que ajudam em seu trabalho, mesmo que disso não tenha consciência.

Isso não significa que ele seja o senhor destes espíritos, e nem que eles trabalham para nós. Ao contrário, nós trabalhamos para eles e somos os seus instrumentos. Nossa equipe espiritual estará mais próxima se nosso trabalho for correto, honesto e sem pretensões mesquinhas baseadas apenas no lucro. Quanto mais abnegados formos, mais ajuda teremos da espiritualidade.

Alguns profissionais da terapia regressiva contestam o fato de que podemos possuir uma equipe trabalhando conosco. Mas não é incomum em nossos atendimentos alguns clientes comentarem a visão ou sensação de luzes, cores, ou “espíritos de luz” trabalhando sobre eles no dia anterior da sessão regressiva. Pessoas mais sensíveis a energias sutis, como médiuns ou sensitivos, podem relatar sensações diferentes de seu campo áurico, ter sonhos, visões ou receber várias impressões no dia ou dias anteriores à sessão regressiva. Os clientes da TVP passarão por uma revisão de valores, crenças e comportamentos, vão remexer em camadas profundas e enraizadas do inconsciente. Nesse sentido, elas poderiam ficar um pouco expostas caso uma preparação vibratória anterior não fosse realizada.

Segundo o relato de Camila Sampaio, os guias espirituais podem atuar em três momentos decisivos da terapia:

Antes da regressão: Os espíritos de luz ajudam o cliente a chegar bem e confiante ao tratamento. Por outro lado, é comum ocorrer a intensificação de alguns sintomas e energias que serão purificadas durante a regressão. Por exemplo, uma pessoa pode tratar uma vida onde sofreu forte trauma em sua barriga. Esse trauma pode ser ativado dias antes da regressão e a pessoa sentir dores estomacais ou sintomas correlatos. Esse é um processo natural e recomendável no tratamento, posto que levanta os sintomas e também deixa a causa mais clara, acessível e mais próxima de ser

tratada. Assim, a intervenção dos guias pode ajudar a equilibrar essas energias.

Durante a indução: Durante a indução à regressão os guias espirituais trabalham com o terapeuta e ajudam na proteção do atendido, para que este chegue bem ao consultório e possa estar em condições de realizar a regressão. É comum constatar atrasos, pequenos acidentes e problemas diversos que impedem o cliente de chegar no dia da sessão. Isso ocorre por que, além da equipe espiritual, também existem entidades sombrias que procuram atrapalhar a ida ao consultório e fazem de tudo para desanimar a pessoa em dar continuidade a terapia.

Caso o paciente esteja tenso ou ansioso, o que é normal antes da regressão, a equipe pode procurar irradiar sobre ele influxos de energias positivas para tranquilizá-lo. Na hora da regressão, os guias podem ajudar o cliente a abrir os seus canais perceptivos ou aumentar a frequência vibratória dos seus chakras, ou centros de força. Apesar disso ocorrer, o terapeuta não deve confiar que os guias vão atuar dentro daquilo que é da competência do terapeuta. Por outro lado, o terapeuta não deve ficar mencionando os guias para dar mais confiança, para impressionar o cliente ou para valorizar seu próprio trabalho. Como diremos na parte que abordaremos a questão do mestre espiritual, o terapeuta é o responsável pela boa condução da regressão e não deve ficar transferindo aquilo que é de sua competência para o invisível. A ideia é trabalho conjunto e não subordinação.

Durante a condução: Ainda segundo Camila, os guias também podem contribuir na condução. Isso é importante, pois ajuda o cliente a atravessar as situações chave geradoras dos problemas atuais. Segundo Woolger (1987), cada um de nós possui um “guardião” que nos protege de mergulhar muito rapidamente na regressão. Isso pode ser realizado pelo mestre da pessoa juntamente com a equipe espiritual do terapeuta. Se esse guardião é simbólico ou literal, se ele representa os mecanismos de defesa do psiquismo ou se é uma entidade de luz, isso cada pessoa deve decidir a partir de suas crenças e observações. Se pudéssemos acompanhar tudo o que ocorre nos planos invisíveis, veríamos muitas atividades sendo realizadas por espíritos em nosso benefício.

A Intuição

Capacidade humana de receber impressões, informações ou sensações que transcendem o seu raciocínio objetivo. A palavra intuição vem do latim *intuitus*. Dentro da Filosofia, o primeiro a falar em intuição foi o neoplatônico Plotino. Plotino encarava a intuição como o *conhecimento imediato e total que o Intelecto Divino tem de si e de seus próprios objetos* (Abbagnanno, Dicionário de Filosofia). Alguns cientistas, como Gerald Holton, afirmaram que a intuição está diretamente relacionada com as novas descobertas científicas, tal como já ocorreu em vários casos de inovações na História da ciência.

Ao longo da História da filosofia, um dos sentidos predominantes dessa palavra foi o da relação direta do sujeito cognoscente com o objeto do conhecimento, trazendo a presença desse mesmo objeto. Intuição seria a “relação direta (sem intermediários) com um objeto qualquer; por isso, implica a presença efetiva do objeto” (Abbagnanno). A intuição age como uma percepção direta e sem mediação com aquilo que desejamos conhecer. Ela parece trazer a presencialidade da coisa em nossa consciência.

Ao contrário do discurso racional e analítico, que separa e fragmenta o real, a intuição une e associa. A intuição vem como uma rede de significados que apontam a melhor opção, mesmo que disso não tenhamos consciência. Ela dispensa e não precisa de nenhuma justificção, pois age diretamente como conexão numa relação direta entre a consciência e o objeto.

Como ideia mais moderna, a intuição foi associada a presença de espíritos de luz, como uma ideia, impressão, sentimento ou conhecimento que nos chega externamente. Por outro lado, a intuição pode ser encarada como um vínculo com o Eu Superior, que tudo sabe e tudo vê.

Muitos terapeutas defendem que os profissionais de regressão a vidas passadas não devem utilizar-se apenas do intelecto, por suas óbvias limitações, mas também devem estar abertos a sua intuição. Muitas vezes, o terapeuta faz questionamentos ao cliente que nem faz ideia de onde vieram. Ideias podem surgir espontaneamente e essas podem ser a base para intervenções importantes. Depois ele se pergunta de onde veio aquele pensamento ou aquele comando que deu ao seu cliente num momento que ajudou a condução. Assim, a intuição revela um caminho certo para a clarificação do problema a ser tratado, ou do caminho para sua resolução.

No entanto, é preciso alertar que a abertura da consciência do terapeuta para a intuição se distingue do uso da sensibilidade psíquica, mediunidade ou percepção extra-sensorial durante a condução regressiva. Essa não deve ser utilizada pelo terapeuta, caso contrário o tratamento deixa de focalizar no ritmo do cliente e passa a ser definido nos termos da percepção do terapeuta. Isso extrapola os limites de aplicação das técnicas regressivas; estas sempre pressupõem que o terapeuta siga a percepção do cliente e seja orientado tão somente por ela. Em última instância, é no cliente que deve ser colocada a responsabilidade pela criação e resolução dos problemas.

Capítulo 5

Hipnose

O Mesmerismo De Franz Anton Mesmer

Também conhecido como magnetismo animal, o nome Mesmerismo vem do responsável pelo descobrimento de um magnetismo sutil dos seres humanos e animais, o médico austríaco Franz Anton Mesmer. Mesmerismo é o termo que vem definir as técnicas de cura magnética que se utilizam das mãos do operador para tratar casos de doenças físicas.

Inicialmente, Mesmer começou suas pesquisas com o ímã e com a magnetização de objetos. Depois descobriu que não apenas os minerais, mas também os animais e o homem eram possuidores de uma forma especial de magnetismo, a qual chamou de magnetismo animal. Mesmer acreditava no espiritual, havia lido Paracelso e buscava a chave da lei das analogias ou correspondências, tão estudada pelos místicos renascentistas, alquimistas, hermetistas e astrólogos, da antiguidade e da Idade Média.

O princípio básico do Mesmerismo diz que tanto os animais quanto os seres humanos seriam também possuidores de uma forma de magnetismo, tal como o magnetismo de um ímã. O nome magnetismo animal vem diferenciar-se do magnetismo mineral. Mesmer fez sua descoberta devido a sua convicção de que todas as coisas eram constituídas de um magnetismo especial, distribuído por todas as coisas, como um agente magnético universal. A analogia do magnetismo nos minerais permitiu a Mesmer criar uma correspondência desse magnetismo com os seres humanos. Esta energia teria um poder curador, já que sua origem é o próprio cosmos infinito criado por Deus. Assim, o magnetismo não existe apenas na natureza, mas também no ser humano. Esse magnetismo humano pode ser transferido a outras pessoas com uma finalidade curativa.

Mesmer ficou conhecido por aplicar o que hoje em dia chamamos de “passes magnéticos” em pessoas enfermas. Obviamente, em sua época, Mesmer recebeu duras críticas e intensa oposição de médicos ortodoxos, chegando mesmo a ser banido da Medicina.

Segundo os pensamentos de Mesmer, “existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os corpos inanimados”. Essa influência se dá por intermédio de um “fluido universalmente difundido e contínuo”.

Parece que o Espiritismo de Allan Kardec tomou por base as noções mesméricas e incluiu em seu corpo doutrinário a noção de um “fluido cósmico universal”, muito similar à concepção do Mesmerismo. Inclusive, Mesmer ensina que a ação dos astros sobre os seres humanos ocorre graças ao magnetismo animal sofrendo a influência do magnetismo celeste.

Apesar do sucesso de Mesmer em muitas de suas curas, uma comissão médica composta por sábios da época foi reunida, sendo alguns muito conhecidos, como Benjamin Franklin e Lavoisier. Eles foram orientados a avaliar a eficácia dos efeitos curativos do magnetismo animal. Infelizmente, essa comissão deu parecer desfavorável à existência e aos resultados dos experimentos de Mesmer, classificando as curas como puro efeito de sugestão. Porém, outra comissão de cientistas formada anos depois veio demonstrar alguns dos erros da comissão de Franklin e Lavoisier, assumindo a realidade das curas magnéticas.

É curioso observar que a Hipnose foi descoberta graças à ação magnética do Mesmerismo. Como explicamos no livro “Regressão e Espiritualidade”: “Desde a época de Mesmer, alguns mesmeristas, em especial o Marquês Chastenet de Puységur (que teve o primeiro caso de Hipnose registrado) começaram a perceber que o magnetismo animal, quando aplicado, poderia induzir uma pessoa a uma espécie de sono magnético, onde se entrava num estado mais profundo de grande sensibilidade interna e externa, ficando sugestionável aos comandos do mesmerista. Victor Race, um dos pacientes do Marquês Chastenet de Puységur, se viu curado de dores torácicas e dispnéia após o “sono misterioso”. A partir desse momento apareceu a Hipnose (e outras técnicas de indução também surgiram), mas a aplicação do magnetismo animal ficou conhecida como uma possibilidade de estabelecer um estado hipnótico”. Dessa forma, o Mesmerismo, o passe magnético e outras formas de cura magnética podem induzir uma pessoa ao transe hipnótico. Inclusive Tendam (1988) aconselha utilizar-se dos passes magnéticos quando nos deparamos com algum bloqueio nas regressões.

Nos dias atuais, o Mesmerismo tomou diversos nomes e formas distintas. Dentro do Espiritismo ele é conhecido como “Passe Magnético”. Na Igreja Messiânica ele é chamado de “Johrey”. Choa Kok Sui criou a expressão “Cura Prânica”, uma

forma de magnetismo emanado pelas mãos. Outro termo conhecido é a denominada “Polaridade” difundida pelas pesquisas de Richard Gordon, que consiste no equilíbrio e harmonia das energias do corpo através do magnetismo curativo irradiado pelas mãos. A técnica de cura sutil conhecida como Reiki também consolidou-se como terapêutica vibracional e conta hoje com milhões de adeptos espalhados pelo mundo. O Reiki traz uma inovação diante de outras técnicas de cura magnética: a utilização de símbolos com funções variadas. Há também a possibilidade de realizar irradiações de energia sutil à distância.

Pesquisas atuais realizadas por Ricardo Monezi para o seu mestrado na USP constataram que os ratinhos com câncer que receberam Reiki tiveram uma resposta imunológica do dobro da capacidade dos ratinhos que não foram submetidos ao Reiki (Revista Galileu). Isso é muito significativo, pois vem demonstrar, por experimentação científica, os benefícios que há séculos os sábios já atribuem ao magnetismo sutil irradiado pelas mãos.

De qualquer forma, o Mesmerismo deve ser lembrado e o gênio de Mesmer não deve ser relegado ao esquecimento. Sua vida e obra permanecem uma fonte preciosa de reflexões.

A Hipnose

Hipnose é um termo que caracteriza um estado especial de consciência induzido por recursos diversos, que variam da fixação do olhar na chama de uma vela ao relaxamento profundo. Atualmente, o médico que usa a Hipnose é chamado de Hipniatra, ou seja, aquele que pratica a Hipniatria.

A Hipnose pode ser induzida por músicas, voz, cantos, batidas, imagens, fixação do olhar, dentre outros. Na Hipnose clássica ficamos mais sensíveis às sugestões do hipnotizador. Muitos consideram a Hipnose como uma técnica para atingir um estado de transe. O nome Hipnose foi dado pelo médico britânico James Braid.

Ao contrário do que muitos pensam, a Hipnose nada tem a ver com sono ou com adormecer. Apesar do grego Hipnos significar “sono”, hoje em dia se reconhece que a Hipnose nada tem a ver com dormir, mas com atingir estados de consciência diferenciados do habitual.

Todas as características relacionadas com o estado de vigília são preservadas. No estado hipnótico, nossa atenção é mais orientada para o nosso interior, há uma expansão de nossa

memória e uma abertura do nosso psiquismo, principalmente dos nossos conteúdos inconscientes. A Hipnose tem sido usada no tratamento de inúmeros transtornos e sintomas físicos e psíquicos.

Suas aplicações nas dores crônicas já são bem conhecidas e seus efeitos analgésicos já foram comprovados por testes experimentais e por aparelhos detectores de zonas cerebrais. Testes realizados na Universidade de Montreal, sob a supervisão de Pierre Rainville, com o Pet-scan, permitiram verificar mudanças fisiológicas no cérebro após a indução hipnótica. Pierre Rainville mergulhou a mão de mulher numa água com 46 graus e acompanhou as mudanças em seu cérebro com o Pet-Scan. O resultado foi que o cérebro não registrou em sua atividade a resposta da dor. Isso demonstra que a Hipnose não é apenas simulação, pois há uma alteração concreta em nosso cérebro após a indução.

Além disso, a capacidade do transe hipnótico de ampliação da memória, que é o mais importante recurso da Terapia de Vidas Passadas, também já está extensamente demonstrada.

Essa capacidade foi atestada até mesmo pelo conhecido Programa de TV *Myth Busters*, “Caçadores de Mitos”. Os próprios apresentadores se submeteram a um experimento onde somente conseguiram resgatar informações sob Hipnose; informações essas que não puderam ser recordadas em estado de vigília.

Existe uma diferença básica entre Hipnose e estado hipnótico. A Hipnose é uma técnica praticada por terapeutas, dentistas, médicos ou psicólogos que ocorre apenas durante uma sessão com um hipnólogo. Porém, o estado hipnótico pode estabelecer-se em nossa vida diária, em toda uma série de situações que nos induzem ao transe espontâneo. As sugestões de natureza hipnótica podem ser encontradas em muitos locais diferentes. Isso ocorre porque focalizamos a atenção fortemente sobre um ponto qualquer e esquecemos todo o contexto a nossa volta.

O cientista mais conhecido que se utilizou vários anos da Hipnose é o criador da Psicanálise, Sigmund Freud, que convenceu-se da autenticidade do fenômeno após conhecer as experiências de Charcot, um hipnotizador que difundiu a Hipnose e lhe conferiu certo prestígio entre médicos e cientistas em sua época.

Ao contrário da noção corrente que tentava associa-la ao domínio do ocultismo, Freud insistiu na construção de uma imagem da Hipnose como técnica que ajudava a revelar leis psicológicas do funcionamento dos indivíduos e permitia a investigação direta do inconsciente. Freud chegou a usar a Hipnose regressiva em vários

pacientes e obteve resultados positivos. Apesar de Freud ter posteriormente largado a Hipnose, suas experiências com a técnica foram decisivas para a formulação da teoria psicanalítica, que veio posteriormente. Freud largou a Hipnose após a descoberta do método da “associação livre”.

As propagandas de TV frequentemente lançam mão de recursos imagéticos e mensagens subliminares que são essencialmente sugestivos, capazes de induzir ao transe momentâneo. Esses pequenos transes passageiros tornam a mente mais receptiva às sugestões de um anúncio na TV.

Quando estamos absorvidos por um programa televisivo, lendo um livro, fazendo sexo, usando drogas, vendo uma peça de teatro, podemos despertar para um estado que pode ser considerado como hipnótico.

É preciso dizer que meditação e Yoga nada têm a ver com técnicas hipnóticas ou autossugestão. Embora muitas escolas de meditação ensinem a concentração, a focalização nos pensamentos e na respiração, o desligamento dos estímulos externos, dentre outros recursos, essas técnicas (se é que podemos assim chamar), nada têm a ver com a autoHipnose no sentido de tornar as pessoas mais suscetíveis e sugestionáveis.

Dentro da Hipnose há um ramo que se denomina Hipnoterapia. A Hipnoterapia não é apenas uma técnica, mas uma abordagem terapêutica criada para provocar efeitos curativos através das técnicas hipnóticas. A Hipnoterapia clássica trabalha com a transformação de reações negativas, condicionando-as através de programações mentais positivas. Ao invés de investigar as causas da negatividade, alguns hipnoterapeutas optam por apenas realizar a chamada “reprogramação” de nossa mente. Porém, a programação mental apenas tem efeito temporário e dispensa a participação consciente do indivíduo, o que não é recomendável. Além disso, não liberta a pessoa dos seus traumas, apenas os encobre de alguma forma com um tecido supostamente positivo.

Os terapeutas de vidas passadas preferem ir em busca das possíveis causas dos problemas ao invés de inverter a polaridade mental através de programações diversas. Fica claro que uma programação negativa não pode ser substituída por outra positiva. É preciso, ao contrário, buscar o núcleo ou a causa da programação.

A Terapia de Vidas Passadas pode valer-se das técnicas hipnóticas ou não, dependendo da preferência do terapeuta. Edith Fiore, por exemplo, ainda fez uso da Hipnose clássica, assim como

Joel Whitton. Já Tendam, Woolger e Netherton utilizaram outros recursos de indução que não são exatamente hipnóticos.

O Transe Hipnótico

O transe hipnótico pode ser definido como um estado alterado de consciência. Nesse estado podem ocorrer vários fenômenos neurofisiológicos e mentais modificados. Os mais comuns são: a anestesia (ausência de dor), a alta sugestionabilidade (fenômeno mental), paralisia (incapacidade de mover o corpo ou partes dele), hiperestesia (aumento dos sentidos e das sensações), a amnésia (perda temporária da memória), visões de imagens e audição de sons ou vozes (por vezes encaradas como alucinações visuais e auditivas), dentre outros.

Além destes, há outros sinais possíveis de serem verificados que evidenciam o transe. Lívio Túlio Picherle nos dá indicações a esse respeito:

- Alterações Pupilares
- Alterações Musculares e Sensoriais
- Lentificação do Reflexo de Piscar
- Lentificação do Pulso
- Lentificação da respiração
- Catalepsia
- Distorção do tempo
- Ideação autônoma
- Mudança de qualidade da voz
- Relaxamento
- Economia de movimentos
- Enrijecimento facial
- Sensação de distância
- Falta de resposta de susto
- Diminuição da salivação, dentre outros.

A palavra transe está historicamente associada a sua utilização com Hipnose. O objetivo da Hipnose não é o transe, mas este deve ser considerado como um meio através do qual pode-se atingir um objetivo qualquer, seja terapêutico ou não. Apesar do termo transe ter sido, principalmente no Brasil, associado a estados modificados de consciência durante experiências religiosas ou místicas, a palavra deve ser empregada dentro de um contexto científico, principalmente entre pesquisadores que usam a Hipnose.

O transe hipnótico possui diversos graus de intensidade. Pesquisadores procuram classificar o transe em três níveis principais: transe leve, transe médio e transe profundo. O primeiro e o segundo são os mais usados dentre os terapeutas e psicólogos em suas abordagens de tratamento; o terceiro é mais comum nas práticas de Hipnose na Odontologia, onde se visa atingir uma anestesia natural sem a necessidade do uso de substâncias a fim de se realizarem cirurgias e outros procedimentos. Porém, na maioria das vezes não se pode controlar o grau do transe, pois isso vai depender da pessoa e de sua capacidade de “mergulhar” mais ou menos no estado de consciência alterado.

Dentro do trabalho com TVP, o transe não deve ser encarado como uma supressão da consciência, mas como uma interiorização do indivíduo dentro de si mesmo, visando focalizar nas origens dos seus problemas atuais. Diz-se que o transe é a porta de acesso aos conteúdos inconscientes. Além disso, qualquer focalização ou concentração num tema pode provocar o estado de transe, ou estado alterado de consciência.

O transe pode ser provocado espontaneamente, mesmo por uma simples pergunta. A insistência de frases repetidas (como demonstrou Morris Netherton), tal como os postulados (falaremos sobre isso mais adiante), podem induzir uma pessoa ao transe e serem as portas de entrada para uma vida passada. A focalização da atenção em partes do corpo, em emoções, em palavras, frases ou sentenças e em imagens que brotam espontaneamente podem ser suficientes para ativar o estado de transe e também podem ser, elas mesmas, um efeito do transe previamente estabelecido.

Apesar do termo transe ter tomado uma significação mais voltado ao seu aspecto neurofisiológico e médico, é possível considerar o transe, assim como os estados alterados de consciência, como sendo o resultado de uma emancipação de nossa vibração mental; uma expansão de nossas capacidades psíquicas. Talvez o transe seja um provocador tanto de uma internalização quanto de uma externalização de nossa energia: internalização para recuperar algo que já esteve em nós; externalização para atingir algo que está além de nós.

Léon Denis se referia ao transe magnético como sendo uma emancipação de nosso ser: “O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e à alma voltar a viver por um instante sua vida livre e independente”. É preciso mencionar que na Terapia de Vidas Passadas, existe a preferência pelo termo “estado alterado de consciência” em vez do termo transe.

A Hipnose Regressiva

A Hipnose Regressiva é uma técnica realizada por meio da Hipnose que faculta ao indivíduo revivenciar, mediante um estado de transe leve, médio ou profundo, certas fases anteriores de sua vida. Essa também é chamada de Regressão de Idade.

A Hipnose Regressiva não é necessariamente aplicada com fins terapêuticos. Ela pode ser realizada com finalidades de pesquisa. Mas quando o objetivo é o tratamento de problemas de ordem emocional e psíquica, o hipnoterapeuta deve investigar fatos e eventos da vida do cliente que possam ser a força motriz ou o desencadeador da queixa.

Diz Lívio Túlio Picherle que a Hipnose regressiva “pode ser usada para regressão de curto prazo, para melhorar a memória de determinados detalhes parcialmente esquecidos ou para regredir a fases traumáticas da infância, do parto, da gravidez, e em certos casos para voltar a supostas vidas anteriores”.

O objetivo da Hipnose Regressiva é usar as técnicas comuns de Hipnose para se percorrer o passado do atendido e reviver ou reativar reminiscências ou arquivos que estejam de alguma forma vinculados ao quadro clínico apresentado. Essa abordagem procura levar a pessoa a experimentar várias fases diferentes de sua vida, como a adolescência, a infância, o nascimento e a fase intrauterina. Além desse limiar, os terapeutas de vidas passadas afirmam existir um vasto e profundo arquivo desconhecido, e até então não acessível à consciência, que pode ser a causa de inúmeros males que assolam o ser humano.

A Hipnose regressiva não necessariamente nos faz reviver vidas passadas, embora isso seja uma possibilidade sempre presente. Mesmo os terapeutas de regressão que não consideram como hipótese de trabalho a realidade da transmigração da alma, ou reencarnação, podem já ter presenciado vários casos em que a pessoa, durante a regressão, começa a relatar cenas, imagens e eventos associados a situações que parecem pertencer a um passado longínquo, além de sua existência atual. Porém, quando isso ocorre, alguns terapeutas céticos interpretam esses dados e o material psíquico evocado como sendo produto da fantasia ou mesmo um conteúdo simbólico do psiquismo, como um psicodrama.

A Hipnose Ericksoniana

A Hipnose Ericksoniana é uma modalidade de Hipnose clínica que teve origem com as pesquisas do psiquiatra norte-americano Milton H. Erickson. Erickson é considerado um dos maiores ou mesmo o maior hipnotizador de todos os tempos. Ganhou fama de conseguir induzir qualquer pessoa ao transe com grande simplicidade. Isso ocorre por que, na Hipnose clássica, as pessoas têm certa resistência a colocar-se sob o comando do terapeuta, pois temem a perda do controle consciente. Na Hipnose Ericksoniana, ao contrário, trabalha-se com a sensação da transferência desse poder e controle do terapeuta para o paciente, deixando-o muito mais tranquilo e aberto.

Erickson entendia que a eficácia de uma técnica universal da Hipnose era significativamente reduzida, por isso optou em se especializar no entendimento da forma singular que cada pessoa possui de entrar em transe. Desenvolveu então um estilo próprio de se realizar a Hipnose. Erickson verificou que a Hipnose deveria ser adaptada à realidade psíquica de cada cliente e acredita-se que isso conferiu uma maior qualidade ao seu trabalho. Erickson evitava entrar em confronto com as crenças dos pacientes e procurava segui-los em sua subjetividade. Dessa forma, na Hipnose Ericksoniana, não se procura incutir nenhuma sugestão que possa atrapalhar o transe, já que tudo ocorre de forma natural quando se “segue” a singularidade do paciente.

O psiquiatra desenvolveu aos poucos um método em que a resistência do cliente era sensivelmente diminuída, sem que o próprio cliente se desse conta disso. Inclusive, segundo Erickson, seu método permite tratar uma pessoa usando a Hipnose com um mínimo de resistência, o que garante os melhores efeitos terapêuticos. Pode-se inclusive, tal como na TVP, utilizar-se dos próprios sintomas, crenças, ideias fixas e até mesmo sua própria resistência para fazê-lo entrar em transe.

O hipnólogo que segue o método Ericksoniano presta bastante atenção nas pistas não verbais, ou seja, na linguagem corporal do paciente, tal como a sua forma de se sentar, o movimento dos olhos, a expressividade com mãos e braços, as posturas diversas, a expressão facial, dentre outros. Desse modo, pode-se inclusive adaptar nossa linguagem de forma sutil à linguagem do paciente, para que este se sinta ainda mais a vontade.

Apesar de Erickson não formular uma teoria uniforme e tão pouco preocupar-se em definir sua metodologia, outros pesquisadores estudaram seus métodos. É importante mencionar que foi a partir do seu trabalho que pesquisadores como Richard Bandler, Gregory Bateson, William H. O'Hanlon, Ernest Rossi e outros desenvolveram o que ficou conhecido como PNL (Programação Neurolinguística). O próprio Erickson curiosamente declarava não saber exatamente como levava as pessoas ao transe e sequer como as curas eram realizadas.

Muito ainda poderia ser descrito sobre o método, mas não é nossa intenção aprofundar-nos na Hipnose Ericksoniana. Falando um pouco do homem, parece que Erickson é um desses poucos seres que trazem o conhecimento da Hipnose de forma intuitiva e aplicam aquilo que está guardado em seus arquivos espirituais sem compreender bem seus mecanismos lógicos. Talvez esses mecanismos sejam menos para ser compreendidos e mais para serem vivenciados.

As Ondas Cerebrais

Ondas Cerebrais é um termo que caracteriza a atividade cerebral a partir da medição das ondas elétricas das células neuronais. Essas ondas também são chamadas de bioelétricas. A forma de mensuração mais conhecida é o chamado Eletroencefalograma ou EEG. A unidade de medida se dá através dos ciclos de ondas elétricas a cada segundo. Ou seja, em cada segundo quantas ondas se manifestaram na atividade cerebral. A quantidade dessas ondas é considerada a frequência da atividade cerebral.

Os estados de consciência, como vigília, sono e sonho profundo são medidos por intermédio da frequência de ondas, também chamados de HZ ou Hertz (ciclos por segundo). Há quatro estados de consciência mais conhecidos. Cada um deles corresponde a uma fase do processo de adormecer. Esses estados são mensurados em ondas e frequências cerebrais. As frequências são medidas através de tensões elétricas oscilantes do cérebro. Essas frequências são:

- *Estado Beta:* Essa é a frequência cerebral associada a estados de vigília, onde a concentração, a cognição e o raciocínio lógico são comuns. As características do estado beta são o trabalho, ações objetivas no mundo, atividades que

demandam atenção e concentração. O Beta oscila numa faixa de 13 a 30 ciclos por segundo ou Hertz. A leitura de livros e o estudo exigem o estado de ondas beta. Este é o estado de consciência de vigília sem relaxamento, onde a consciência objetiva e concreta está em plena atividade. É o estado em que permanecemos a maior parte do tempo quando acordados. Estado relacionado a tarefas do dia a dia.

- *Estado Alfa:* Essa frequência está relacionada com o sono, o relaxamento, a visualização e o estado de ausência de uma focalização mental. É comum a estados de relaxamento antes de adormecer. Oscilam na faixa de 8 a 13 ciclos por segundo ou Hertz. No estado alfa não há um foco de atenção definido, não há muito trabalho mental objetivo, apenas subjetivo; a consciência fica mais livre. Com o afrouxamento da musculatura e a diminuição do metabolismo, as imagens hipnagógicas começam a aparecer.
- *Estado Teta:* Associado a estados de sono mais profundos. Em teta a pessoa já está dormindo, mas ainda não se encontra em sono profundo. O Teta oscila numa faixa média de 4 a 7 Hertz.
- *Estado Delta:* Este é o chamado sono profundo, também denominado sono REM (Rapid Eyes Movement). É quando o cérebro físico entra na sua menor atividade conhecida pela ciência. É no estado Delta que a ciência afirma ocorrerem os sonhos. O Delta oscila em torno de 4 a 1 Hertz.

Estudos científicos demonstraram que a meditação pode provocar uma redução da atividade cerebral. Talvez para algumas pessoas isso possa ser um indicativo de algo anti-produtivo e sem nenhuma eficácia. De que adiantaria o cérebro não funcionar? A resposta é que o cérebro tem sua maior atividade para trabalhos realizados no mundo objetivo, como raciocínio, estudos, atividades diversas e tarefas do dia a dia. Quando o objetivo é uma interiorização e harmonização, devemos almejar uma diminuição da atividade cerebral.

Alguém consegue pensar com calma e avaliar tranquilamente uma situação mais profunda com a mente agitada? Quanto mais nos interiorizamos, maior abertura existe para nossa vida interior, mais conseguimos ter equilíbrio para fazer qualquer coisa, como tomar decisões importantes, não agir emocionalmente, não se

deixar envolver com problemas diversos, dentre outros. “Os que são capazes de alcançar um estado de atenção relaxada e absorta não são tão afetados pelas coisas exteriores que provocam estresse” diz Sandra Horn no livro “Técnicas Modernas de Relaxamento”.

Além disso, a atividade objetiva se reduz, mas a atividade interior, que suscita a criatividade, o acesso ao inconsciente, a ampliação da memória, o despertar de vários insights sobre nós mesmos e a vida, dentre outras capacidades, são aumentadas quando há essa diminuição da atividade bioelétrica. Como diz Dharma Singh Khalsa no livro “Longevidade do Cérebro”: “Muitas vezes, quando as pessoas experimentam as ondas teta, elas têm acesso às informações do seu subconsciente. Frequentemente elas veem imagens do passado ou têm vívidos devaneios. Às vezes, têm profundos insights pessoais. É comum terem ideias criativas e soluções engenhosas para os problemas. As ondas cerebrais teta associam uma sensação agradável e relaxada com vivacidade extrema”.

As ondas teta são comuns em meditadores já experientes, com maior tempo de prática. Esses meditadores apresentam o traçado de ondas teta durante a meditação, mas também podem apresentá-las fora desses períodos, em sua vida diária comum. Diz Khalsa que “quanto mais uma pessoa pratica meditação, mais apta ela se torna para produzir ondas teta de acordo com sua vontade”.

Uma das personalidades que conseguiu realizar as ondas bioelétricas em Delta (as ondas mais baixas e profundas) foi a yoguini indiana Dadi Janki. Após alguns experimentos científicos, ela foi considerada pelo Instituto de Pesquisa Médica e Científica da Universidade do Texas como a “mente mais estável do mundo”. Dadi Janki peregrina pelo mundo e difunde uma mensagem de paz e fraternidade, já tendo recebido vários títulos internacionais, inclusive um dado pelas Nações Unidas que a identifica como uma das “guardiãs da sabedoria do mundo” sendo condecorada durante a conferência “Cúpula da Terra”, em 1992, no Rio de Janeiro.

A noção mais difundida na TVP é a de que a regressão ocorre nas variações de ondas alfa, que ocorrem entre 13 Hertz e 8 Hertz. Trutz Hardo divide o estado alfa em seis fases distintas. Cerca de 6% dos remigrantes permanecem no primeiro e mais baixo estágio de alfa, ao menos na primeira tentativa, mas afirma que em sessões posteriores podem atingir níveis mais profundos de ondas alfa.

Hardo admite que, até o terceiro nível de alfa (11 hertz) as pessoas ainda podem duvidar do que viram, pois a experiência não é tão vívida e clara. Média de 25% dos remigrantes atinge esse nível na primeira sessão. No quarto nível (10 hertz) a pessoa

começa, na maioria dos casos, a aceitar a experiência como real. As imagens e cenas são mais claras. No quinto nível (9HZ), a pessoa tende a se entregar mais à experiência e as sensações vividas inspiram maior confiança, pois são mais claras e intensas. O sexto e último nível de estado alfa é mais difícil de ser atingido. Harido estima que 10% das pessoas o atinjam. O lado esquerdo do cérebro fica desligado, enquanto o inconsciente fica 90% aberto, segundo Harido.

Capítulo 6

Tempo, Memória e História Oculta

O Tempo

O tempo pode ser considerado uma medida humana baseada no fluir dos acontecimentos da vida e dos processos naturais, como por exemplo o dia e a noite, a passagem das estações, o movimento do sol no céu, dentre outros. Todos esses eventos naturais servem de marcadores da duração temporal. Observa-se que o tempo é uma medida que possui sempre um referencial objetivo, medido em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, séculos, milênios, eras etc. A medição do tempo não é o tempo em si mesmo, assim como o símbolo de um número não é o número per si.

A Terapia de Vidas Passadas dá considerável valor ao tempo. Porém, é reconhecido que o tempo objetivo é diferente do tempo psicológico. Uma pessoa pode sentir a passagem do tempo totalmente diferente de outra, pois isso dependerá do seu estado interno e emocional. Por exemplo, alguém que assiste a um filme de grande qualidade e mergulha em sua trama, pouco percebe a passagem do tempo; se no entanto o filme lhe desagrada consideravelmente, ela tenderá a perceber os minutos fluindo bem lentamente. Num engarrafamento o tempo parece passar bem devagar; num abraço do ser amado, o tempo parece passar bem rapidamente. Observa-se que o tempo depende em grande medida da apreensão consciente de cada indivíduo, sendo este relativizado dentro da subjetividade humana.

Em outro exemplo, uma pessoa pode ter morrido de fome numa existência pretérita e essa fome ainda ser sentida no presente, como uma ressonância ou repercussão do evento original que já passou. De acordo com a teoria da TVP, isso pode até mesmo estimular a formação de obesidade na vida atual. Neste caso, a fome está presente na consciência de momento a momento. Diante desse fato, afirma-se então que a consciência é atemporal, pois suas repercussões não respondem apenas a períodos históricos, mas a determinações de natureza psíquica.

Algo que ocorreu há dez anos pode estar tão vivo em nossa consciência que parece estar ocorrendo neste instante. Esse é o caso, por exemplo, das fortes emoções provocadas por traumas do passado. Eles ainda causam um efeito tangível em nossa vida que parecem estar ainda acontecendo. Na TVP é bem clara a natureza psíquica do tempo quando observamos os traumas de vidas passadas se reatualizarem no momento presente e aparecerem com toda a força do evento original. É como se aquele acontecimento não tivesse passado, mas ainda estivesse aqui, dentro de nós, vivo, presente e atuante.

Desde Newton, com o advento da física clássica, o ocidente pós-revolução industrial passou a observar a passagem do tempo como sendo puramente linear, ou seja, a percepção de que o tempo é o fluir de acontecimentos do passado ao presente e deste ao futuro. Essa ideia ganhou grande força nos meios intelectuais após esse período histórico. Segundo essa visão, haveria uma continuidade única de passado, presente e futuro. É como se nos dirigíssemos em direção a algo desconhecido no futuro, tal como uma pessoa que segue por uma estrada infinita e não enxerga além do horizonte. Para os ocidentais modernos, o tempo começou em algum ponto, seguiu em frente e continua a avançar. Essa é uma forma de entender a sucessão temporal.

Por outro lado, muitas culturas antigas e também as tradições contemplativas da humanidade, como o Hinduísmo, o Budismo, a Yoga, o Cabala, o Rosacruzianismo, os maias, os sumérios, os babilônios, até mesmo algumas tribos indígenas e xamânicas, concebem a passagem temporal como cíclica. Para eles, um evento que ocorreu há algum tempo tende a ocorrer novamente, numa infinita seriação rítmica.

É fácil de ver essa ideia na própria passagem do tempo. O dia de hoje se repetirá amanhã. O amanhecer que aconteceu no dia 14 de fevereiro se repetirá no dia 15 de fevereiro. O início da primavera ocorrerá novamente no mesmo período do próximo ano. A lua repetirá sua fase crescente ciclicamente de 28 em 28 dias, e assim por diante. Todos os fenômenos naturais tendem a se repetir numa série de ciclos naturais que configuram uma sucessão temporal.

Há também o eterno retorno dos grandes ciclos cósmicos, chamada pelos antigos de Palingenesia cósmica: “Após um período de vários milhares de anos (O Grande Ano) as mesmas coisas repetem-se, exatamente, e isso por toda a eternidade” (Dicionário de Esoterismo). A vida humana estaria contida numa cadeia temporal cíclica bem mais ampla do que nossa vida individual. Os

ciclos e os ritmos regem tudo na natureza e o tempo deve ser visto, sob essa perspectiva, como sendo essencialmente cíclico.

Essa lei se manifesta na natureza e no ser humano. Ainda não temos plena percepção deste fato, mas tudo o que ocorre com o ser humano é cíclico: sono e repouso, os ciclos circadianos, nascimento e morte, trabalho e descanso, juventude e velhice etc. Assim, o tempo considerado cíclico condiz muito mais com a realidade das coisas do que a noção de tempo linear. Na TVP, a noção de tempo cíclico e da atemporalidade da consciência é de grande importância para nosso referencial teórico e suas aplicações práticas.

No entanto, as tradições também afirmam que passado e futuro são meros joguetes ilusórios de nossa consciência e que, em essência, o único momento que existe é o presente. Não há como atribuir existência a outro tempo que não seja o presente. Mesmo imaginando o que aconteceu no passado, somos obrigados a admitir que no momento em que aquilo ocorreu, estávamos no presente e deste passado guardamos apenas a memória.

O passado existe, assim, apenas como um registro mnemônico de algo que não possui mais realidade fora de nossa consciência. A única forma de imaginar o passado e o futuro é recorrendo a consciência, que deverá resgatar a memória de certo acontecimento. Mesmo assim, esse acontecimento passado ou futuro também ocorreu no presente. Isso prova que a consciência é o grande fundamento da existência do tempo, mais precisamente nossa consciência objetiva. Além dela, a única realidade é a eterno presente.

A noção de tempo linear tem atrapalhado consideravelmente algumas abordagens da psicoterapia convencional. Alguns psicólogos acreditam que quanto mais distante no tempo está a origem de um problema, mais inconsciente ele é e mais difícil seria a intervenção sobre ele. De qualquer forma, a psicanálise admite a natureza atemporal da consciência, mas ainda possui resquícios da concepção linear da consciência.

Considerando a natureza atemporal da consciência, tal como fazemos na TVP, o tempo se relativiza a ponto de se tornar possível um tratamento direto de qualquer samskara ou complexo, mesmo que para isso precisemos remontar a experiências multimilenares. Como observamos em nossas pesquisas com a TVP, longas e muito extensas experiências milenares podem estar muito presentes ainda na pessoa justamente porque se repetiram e foram gravadas ao longo dos séculos. Assim, a TVP acredita na qualidade

atemporal da consciência e no acesso direto a qualquer situação que cause uma considerável repercussão na vida atual.

Mesmo admitindo a atemporalidade da consciência, não se pode negar que muitas das memórias de um passado muito longínquo ainda nos são desconhecidas, e possivelmente são vedadas ao acesso consciente. Isso se refere a arquivos bem antigos: muitos na Atlântida, Lemúria, no período entrevidas, em encarnações extraterrestres, ou mesmo em dimensões de energia, a maioria delas inconcebíveis para a nossa consciência atual.

Há, sem dúvida, um bom motivo para não lembrarmos de *todas* as nossas experiências do passado; muitas delas poderiam atrapalhar nossa vida atual, revelar certos conhecimentos que ainda não estamos preparados para receber e mesmo causar perturbação e desequilíbrio.

Podemos identificar na prática dos terapeutas de vidas passadas muitos indícios de que o tempo não seja linear, mas que seja um efeito de nossa percepção objetiva, ou seja, que a noção de temporalidade é relativa à consciência:

- As repercussões de vidas passadas, ou seja, todos os efeitos que nossas vidas passadas provocam em nossa vida atual.
- A possibilidade de resgatar memórias e experiências de vidas passadas com grande intensidade, como se tivessem acontecendo agora.
- A revisão da vida no pós-morte: um total fluir de acontecimentos que se apresentam todos ao mesmo tempo e que trazem ensinamentos sobre a vida que acabamos de deixar.
- A perda da noção do referencial do espaço-tempo no período entrevidas.
- A metaconsciência de Joel Whitton, dentre outros.

Essa noção confere uma dimensão amplificada à Terapia de Vidas Passadas, pois sempre devemos pensar todas as repercussões do passado como existindo tão somente no presente. Os traumas, por exemplo, não existem no passado, existem todos agora. Qualquer problema que seja não existe no passado, ele só pode ter sua existência no presente, pois o passado não tem qualquer realidade.

Devemos nos libertar da errônea visão de que o passado cria o presente, quando é o presente que cria o passado. O presente que estamos vivendo sempre cria o passado que será apenas uma memória. Isso se explica pela consciência de que, antes de qualquer coisa ser passado, ela foi, inevitavelmente, o momento presente. Resumindo: no passado, estávamos no presente. Sempre estamos no presente. Mesmo quando era passado, ainda assim era presente. Assim, é o presente que cria o passado e não o passado que cria o presente. Tendo isso em vista, nossa vida pode dar um salto imenso de qualidade. Toda essa nova visão de passado, presente e futuro forma uma base na qual se assenta a teoria da Terapia de Vidas Passadas.

Memória Extracerebral

Já que falamos do tempo e colocamos o passado como sendo apenas uma memória, cabe agora uma explicação sobre a memória e a chamada memória extracerebral. Mas o que é exatamente a memória?

Memória pode ser considerada a capacidade de registrar ou adquirir, armazenar (consolidar) e evocar (resgatar ou recuperar) informações e dados em nosso cérebro e mente. A memória extracerebral é considerada um registro que não depende do cérebro físico para existir.

O termo foi batizado por Hemendra Banerjee. Basicamente, a denominação de memória extracerebral veio para caracterizar todo tipo de memória que não existe no cérebro físico, mas só pode existir numa fonte sutil além da fisiologia cerebral. A criação desse conceito foi uma tentativa de conferir um formato científico e neutro ao processo de memórias de outras encarnações, impregnadas de ideários religiosos e muitas vezes ortodoxos.

Memória extracerebral é um armazenamento de informações que está além do cérebro, em alguma fonte espiritual que ultrapassa o corpo e a personalidade atual. É um tipo de memória que não pertence ao cérebro físico, pois não foi registrada por este. Trata-se de uma memória que armazena a vida do espírito, registrando tudo o que lhe ocorre.

A memória extracerebral pode vir à tona espontaneamente (no caso da regressão espontânea) ou através de técnicas especiais (regressão provocada). A recordação das memórias de vidas passadas recebeu vários nomes diferentes como forma de distingui-los da memória comum: pré-memória, memória distante,

retrocognição, memória paranormal e o mais reconhecido, memória extracerebral.

Nossos processos mentais, como o pensamento e a emoção, podem ser considerados ativos. Já a memória tem uma qualidade passiva, é apenas um registro estático de informações. Porém, o pensamento e a imaginação podem trabalhar com esse banco de dados e torná-lo dinâmico e vivo. Nesse momento, a memória do passado passa a fazer parte do presente. Muitas vezes, a imaginação está tão cheia de vivacidade, que a mente não capta a diferença entre a memória e a realidade atual, fazendo com que ambas se misturem e passem a fazer parte de uma mescla de conteúdos. Então o passado (pela memória) passa a influir no presente.

A despeito disso, a memória extracerebral, ou memória da alma, não é passiva, mas ativa. Se a memória influi decisivamente na personalidade atual, no comportamento e em vários campos da vida humana, ela só pode ser considerada dinâmica e ativa. A memória cerebral é passiva, mas a memória espiritual é ativa. Mas como algo que ocorreu há quatro séculos na Inglaterra e “já passou” pode ser encarado como ativo?

O maior exemplo é a autonomia das personalidades de vidas passadas. Os arquivos do espírito tomam vida de acordo com a energia que conferimos a eles. A energia canalizada pelo indivíduo pode evocar nossos arquivos mentais e espirituais e dar atividade à nossa memória, como se ela ainda estivesse viva. Dessa forma, a Terapia de Vidas Passadas propõem uma ruptura com o velho paradigma que proferia o caráter estático da memória, modificando essa visão para dentro de um enfoque dinâmico.

- As Tradições contemplativas afirmam que, não apenas humanos e animais, mas também vegetais, minerais, estruturas atômicas, planetas, corpos celestes e tudo o que existe no cosmos possui uma memória. As células de nosso corpo possuem uma memória, nossos órgãos, o ar, a água, a terra, o fogo, e até mesmo o próprio universo. Esse banco de dados universal é chamado de arquivos akashicos. Do atômico ao cósmico, tudo possui seus arquivos de memória.
- A memória é um tema central para a Terapia de Vidas Passadas. As ações do terapeuta e do cliente, seja condução, indução e tratamento, têm relação direta com a memória.

Remexendo nos arquivos da alma, conquistamos a autonomia sobre nós mesmos e despertamos para o autoconhecimento.

- É amplamente reconhecido por cientistas e pelo público que a memória é armazenada com maior eficiência quando existe um interesse real naquilo que posteriormente é registrado. Além disso, tudo que tem base na experiência direta tem maior probabilidade de ser armazenado e resgatado. Por isso, em algumas regressões, os detalhes da vida não são lembrados com tanta clareza. As principais experiências, felizes ou dolorosas e as experiências mais fortes e intensas, que foram capazes de mudar o curso de uma existência passada, essas sim serão recordadas e revivenciadas com mais força e nitidez.
- Alguns pesquisadores, como Pierre Weil, defendem a hipótese de que o cérebro físico não é exatamente o local onde estariam contidas as memórias, como um registro armazenado num local. Mas o cérebro teria a função apenas de recepcionar a memória contida em uma fonte além da estrutura orgânica (memória extracerebral). Assim, o cérebro seria como uma televisão. A televisão apenas recebe e traduz os impulsos elétricos vindos de uma central distante. As imagens que passam na TV não vêm de um registro do próprio aparelho de TV, mas de uma fonte externa. A televisão apenas capta e transforma os impulsos elétricos em som e imagem. O mesmo ocorreria com o cérebro. Ele seria um órgão que realizaria a codificação de informações vindas de uma instância que vai além do corpo e da personalidade.

Arquivos Akashicos

Além da memória cerebral e da memória extracerebral, vimos que todas as coisas possuem uma memória. O universo não poderia ser diferente; ele também guarda uma memória que é universal. Esta é chamada de arquivos akashicos pelas doutrinas esotéricas. Trata-se de uma memória da natureza, um arquivo cósmico onde são guardados todos os eventos e acontecimentos desde o princípio dos tempos. Todos os atos humanos, naturais e cósmicos geram marcas que ficam gravados nessa memória do universo.

O akasha é um conceito maciçamente divulgado por várias correntes de pensamento espiritualistas e esotéricas. Os místicos, esoteristas e paranormais afirmam que esse arquivo encontra-se suspenso num infinito oceano suprassensível de informações.

Roger Woolger chama essa memória de “Grande Memória”. Afirma ele que se trata da “crença de que todos temos acesso, em sonhos, meditação ou Hipnose, a um estado da mente inconsciente que é universal (...). Essa postura afirma que todos temos a capacidade, se corretamente preparados, de mergulhar no vasto banco de memórias coletivas da humanidade”.

Dizem que na Terapia de Vidas Passadas, os atendidos mantêm acesso aos arquivos akashicos para conseguirem revivenciar sua história encarnatória. Além disso, essa memória pode ser acessada por indivíduos com considerável desenvolvimento psíquico. A capacidade que alguns sensitivos possuem de captar eventos passados de outras pessoas, de coletividades ou da história do próprio universo é chamada de “leitura dos arquivos Akashicos”.

A noção dos arquivos akashicos ou memória universal já foi utilizada como explicação alternativa das lembranças de vidas passadas. O renomado filósofo William James pesquisou médiuns e usou essa hipótese para explicar as surpreendentes informações que chegavam durante o transe mediúnico. Supõe-se que, quando um atendido se recorda de uma existência pretérita, não significa que aquela seja a vida dele, mas ele estaria realizando uma leitura psíquica dessa memória cósmica e percebendo a vida de alguém que viveu no passado.

Porém, essa hipótese não fornece elementos para explicar por que os atendidos acessam a vida de uma pessoa em vez da vida de qualquer outra; ou por que as pessoas revivem a vida de alguém que viveu no século III d.C. e conseguem curar-se, por exemplo, de um sintoma físico; ou por qual motivo a vida de um camponês da Idade média possui estreita relação com nossa vida atual, como um encadeamento causal quase instantâneo à percepção. Não explica por que as pessoas veem vidas de épocas diferentes e não da mesma época. Também não explica como algumas pessoas identificam espontaneamente pessoas com as quais conviveram na vida passada como parentes, amigos ou conhecidos da vida atual.

Alguns autores defendem a possibilidade de um atendido não apenas reviver uma vida passada pessoal, ou seja, que está contida em seu arquivo de memória pessoal, mas também, num nível mais profundo, ter livre abertura aos arquivos akashicos e lembrar-se da

vida de personalidades históricas, como se fosse ele mesmo atravessando as circunstâncias de vida do personagem. Ou seja, num nível menor, acessamos nossas próprias vidas passadas, nossa memória pessoal; num nível maior, podemos acessar uma memória coletiva, e captar, não apenas nosso arquivo pessoal, mas também memórias de indivíduos que viveram em várias épocas. Essa hipótese é levantada por Judy Hall no livro “Quem é você?”. Assim, a princípio, cada pessoa pode ver não apenas as suas existências passadas, mas também as vidas de outras pessoas, geralmente de ícones da História mundial, ou de pessoas que participaram de grandes eventos históricos que mudaram o curso dos acontecimentos da humanidade. A pessoa também pode, por exemplo, se ver participando de eventos grandiosos, e acessar a memória de, por exemplo, um dos escravos que participaram da construção das pirâmides do Egito.

Explicamos esse processo com mais detalhes no livro “Regressão e Espiritualidade” que diz o seguinte: “Pode ser que esse personagem possua alguma qualidade ou atributo que a pessoa precisa experimentar para inspirar-se a se desenvolver. Assim, é como se a pessoa bebesse da “sabedoria do planeta” para sentir, por alguns momentos, como tal pessoa conseguia ter, por exemplo, a coragem que tinha. Como o exemplo de vida e as experiências de uma pessoa como Joana D’arc foram muito importantes na História e criaram um caminho de virtude que pode ser benéfico a boa parcela da humanidade, muitas pessoas podem espontaneamente procurar acessar a sabedoria e experiência contida no reservatório planetário e vivenciar a energia de uma personagem como Joana D’arc que fez diferença na História da humanidade”.

“Dentro do esoterismo e da magia, esse processo recebeu o nome de ‘assunção’. O que ocorre quando um mago ou esoterista realiza conscientemente a assunção é semelhante a uma pessoa que realiza a Regressão e se vê como alguém “famoso”. Assunção é um processo espiritual, conseguido através de certas práticas que exigem meditação, concentração, uso da vontade e perda parcial da consciência de identidade, que elevam a pessoa a um nível em que consegue assumir a personalidade de algum ícone da História, de algum mestre, de alguma figura arquetípica, de um deus, um ser mitológico etc. Considerando que isso seja possível, é provável que as experiências de regressão possam abrir certos canais espirituais e facilitar espontaneamente a assunção de personalidades marcantes da humanidade, pessoas que são reconhecidas pelo seu

exemplo, por alguma obra, alguma descoberta e sua realização ficou gravada nos arquivos planetários”.

O Continente Perdido Da Atlântida

A memória da humanidade parece ser mais extensa do que o homem de nossa época acredita. Há indícios e relatos históricos, assim como ensinamentos de tradições e organizações esotéricas, que falam sobre um continente perdido no meio do oceano atlântico.

Esse continente recebe a denominação de Atlântida. Trata-se de um continente muito antigo que teria desaparecido nas águas do oceano atlântico aproximadamente há 11.500 anos. A primeira referência que encontramos na História sobre a Atlântida foi Platão, no seu livro “*Timeu e Crítias*”.

De acordo com Platão, nas viagens de Solon ocorreu um encontro com um alto sacerdote de Sais, no Egito. O sacerdote lhe contou a respeito de uma memória já perdida na noite dos tempos relacionada a uma guerra entre os atenienses e o povo atlante, por mais incrível que isso possa parecer.

Conta a lenda que a Atlântida teria sido destruída por um desastre natural, como terremotos, inundações e uma gigantesca onda que se abateu sobre toda a extensão de suas terras no Oceano Atlântico. Isso ocorreu, pois, segundo algumas fontes esotéricas, os atlantes ambicionavam dominar o mundo e muitos dos seus magos estavam utilizando equivocadamente o conhecimento sagrado dos seus ancestrais e fazendo mau uso das energias e potências cósmicas. Afirmam alguns esoteristas que a Atlântida teria sido destruída pelo uso da energia vril. Essa é uma energia liberada a partir da ação sobre cristais.

Há hipóteses de que a Atlântida seja apenas um mito criado a partir da ideia do dilúvio universal, presente em várias culturas. Outros, no entanto, acreditam que o dilúvio seria a própria retratação do afundamento da Atlântida. Há um sem número de referências da existência da Atlântida na literatura mundial e muitos escritores procuraram indícios de sua realidade. Os sobreviventes da catástrofe na Atlântida foram os homens que projetaram e supervisionaram a construção das pirâmides do Egito há cerca de 12.000 anos, ao menos é o que afirmam alguns pesquisadores esotéricos.

Existem também diversas pirâmides espalhadas pelo mundo inteiro, como China, México, Guatemala, Peru, Japão, Iraque e outros países, o que talvez demonstre uma interação desconhecida entre as diversas culturas da antiguidade, tendo os atlantes como “pano de fundo”. Isso parece indicar que uma cultura antiga mais avançada em termos de conhecimento e tecnologia seja a responsável pela construção das pirâmides.

Nos ensinamentos de algumas escolas iniciáticas consta que os iniciados atlantes mais avançados em conhecimento teriam utilizado suas capacidades psíquicas para profetizar o dilúvio em seu continente. Tomaram então medidas para rapidamente migrarem a outros lugares do mundo, a fim de preservar intacta a tradição espiritual e iniciática de sua cultura. Dizem que essa tradição era riquíssima e extremamente profunda; algo incomparável ao conhecimento atual.

Dessa forma, os sacerdotes atlantes realizaram o maior êxodo já conhecido de toda a História desse planeta. Eles se deslocaram pelo mundo inteiro a fim de conservar a tradição espiritual e ensiná-la em cada recanto do mundo, adaptando seus ensinamentos à cultura e ao modo de vida dos diferentes povos. Assim, após a elite sacerdotal se instalar em definitivo no Egito, eles decidiram construir as grandes pirâmides: os maiores santuários iniciáticos da História conhecida. Posteriormente, foram surgindo as chamadas escolas de mistério. As escolas de mistério ou Ordens Iniciáticas eram organizações e fraternidades cujo propósito era difundir a sabedoria espiritual ao mundo, além de treinar discípulos capazes de transmitir esse mesmo conhecimento a futuras gerações. Por exemplo, uma das escolas de mistério existente na época era a *Ordem do Olho de Hórus*.

Tendam (1993) afirma que, de acordo com as pesquisas empíricas, cerca de 90% das regressões abordam vidas de até 3.000 atrás. Aproximadamente 10% dos clientes em regressão relatam vidas, ou em locais desconhecidos, ou no continente da Atlântida. Se a pessoa regride há mais de 10.000 anos pode se encontrar em dimensões de luz e energia, na Atlântida e até em outros planetas (Goldberg, 1982). Além disso, Tendam lembra que muitos dos treinamentos de templo mencionados pelos clientes foram realizados na Atlântida, por se tratar de um continente onde o uso das capacidades psíquicas era amplamente explorado e aceito.

O Continente Perdido Da Lemúria

Além da Atlântida, há outro continente perdido que é muito falado nas tradições espirituais e que, algumas vezes, é citado em regressões a vidas passadas: a Lemúria, também chamada de Continente perdido de Mu.

Trata-se de um antiquíssimo continente que existia numa área de imensa extensão localizado provavelmente no Oceano Pacífico. O Havaí, nos dias atuais, era um local de grande altitude do antigo continente lemuriano. Em decorrência de ser uma área bastante alta, o Havaí sobreviveu ao cataclisma que varreu com as águas esse vasto continente.

Um dos maiores pesquisadores antigos a buscar evidências da existência da Lemúria foi James Churchward, um escritor britânico e autor do clássico “O Continente Perdido de Mu: Pátria do Homem.” No livro, Churchward afirma ter encontrado provas documentais da existência de Mu. Apesar da maioria dos cientistas ignorar estas descobertas, o autor afirmou ter decifrado antigas inscrições em pedra cujas citações traziam várias informações sobre a Lemúria.

Além de relatar a existência do continente, essas inscrições, segundo Churchward, mencionavam a sua localização e a sua extensão (9.600 quilômetros de Leste a Oeste, e 4.800 quilômetros de Norte a Sul). Churchward ainda afirma que a civilização da Lemúria teria existido há cerca de 200.000 anos e seria o berço, ou a pátria-mãe de toda a civilização humana.

O Continente de Mu, ou Lemúria, parece ter existido na Terra na pré-história, há dezenas ou centenas de milhares de anos. Alguns afirmam que a Lemúria é ainda mais antiga que essa estimativa. Consagrados ocultistas como Helena Blavatsky, Rudolf Steiner e Max Heindel arriscaram-se a redesenhar a história humana trazendo à tona a hipótese da Lemúria.

Para muitos pesquisadores, a Lemúria teria sido contemporânea da Atlântida, inclusive com a ocorrência de várias guerras sérias e prolongadas entre os habitantes desses continentes. Fala-se também em várias guerras mágicas ou psíquicas entre moradores desses dois lugares.

A Teosofia de Helena Blavatsky confirma a existência da Lemúria e declara que esse continente abrigou uma raça de seres humanos que compunham a chamada terceira raça-raiz. Diz a literatura Teosófica que a Lemúria foi o primeiro local onde moraram as primeiras raças que se manifestaram em corpo físico do planeta. Antes desse tipo humano, existiram mais duas raças que eram apenas etéreas, ou seja, sem organismo físico.

Na “Doutrina Secreta”, Blavatsky afirma que a raça-raiz lemuriana era hermafrodita nos seus primórdios e que com o passar do tempo foi se criando a distinção entre macho e fêmea. Blavatsky chama essa raça de “nascidos do ovo”, pois a princípio os seres se reproduziam por meio de um ovo.

No final do ciclo da terceira raça o homem já possuía a reprodução sexuada tal como se conhece hoje. De qualquer modo, essas informações são o resultado de percepção clarividente e até o momento ainda não foram confirmadas pelas pesquisas com regressão.

Encontramos referências na literatura esotérica e na palavra de clarividentes de que a Lemúria foi o berço de uma antiga civilização em que os homens possuíam uma ligação mais íntima com seu Eu Superior. Dizem os esoteristas que o povo da Lemúria não estava limitado por qualquer barreira psíquica restritiva no contato direto com os planos espirituais. Isso era possível porque os lemurianos possuíam corpos etéricos antes do corpo se tornar denso e material. Dessa forma, a visão clarividente e outros poderes psíquicos eram de uso corrente para todos eles. Além disso, os lemurianos estavam plenamente integrados com a natureza e, por este motivo, ao menos por um tempo, não sofreram de doenças como as que conhecemos hoje.

Com o passar do tempo, porém, parece que essa situação foi se modificando e as distorções foram se tornando mais frequentes, até que o egoísmo, o orgulho, desejo de poder e outros defeitos que ainda fazem parte do cotidiano do homem atual levaram a totalidade do continente de Mu à ruína e à destruição completa. Diz-se que alguns dos seus habitantes teriam sobrevivido ao grande cataclisma e migrado para as Américas e outras partes do mundo.

Os habitantes de Mu possuíam seu terceiro olho muito desenvolvido. Os lemurianos foram associados à lenda dos antigos ciclopes: seres com um olho só. Esse olho seria a expressão orgânica da glândula pineal, uma estrutura material que lhes permitia um grande poder paranormal, como telepatia, telecinesia, dentre outros. Hoje em dia a glândula pineal tornou-se uma estrutura interna no cérebro humano e foi gradativamente atrofiando, pela ausência de uso ou utilização equivocada. Pesquisas modernas, como as do psiquiatra brasileiro Sérgio Felipe de Oliveira, indicam grande potencial da glândula pineal na mediunidade e na produção de poderes psíquicos.

Embora esses relatos não sejam tão comuns, é possível aos terapeutas de vidas passadas ver junto aos seus clientes casos em que uma pessoa teve vidas na Lemúria. Por se tratar de uma

existência extremamente antiga, essa memória pode não ser tão vívida como a memória, por exemplo, de nossa última existência. De qualquer forma, muitos terapeutas relatam já terem visto casos de pessoas que viveram nesse misterioso continente. Segundo Hans Tendam, a Lemúria foi o palco de muitas guerras por poder.

Helen Wambach, no livro *“Recordando Vidas Passadas”* afirma que uma pequena amostragem dos sujeitos que participaram de suas pesquisas relataram vidas na América pré-colombiana bem antiga. É curioso notar que, segundo Wambach, “Os sujeitos que regressaram a vidas na América do sul em 2000 A.C. descreveram civilizações que pareciam muito mais adiantadas”. Um dos sujeitos da experiência relatou o seguinte: “Era uma civilização muito adiantada e artística. Parece deslocada em quadra tão remota. Procurei saber a data de minha morte e verifiquei ser o ano de 2031 A.C. Vi com absoluta nitidez o índio que eu era, com meus cabelos pretos e corridos”. Wambach afirma que vários sujeitos descreveram coisas semelhantes em sua vida em 2000 A.C. na América.

Os relatos também falavam do mesmo tipo de construção, com grandes templos com pedras lisas, o clima quente e gostoso, uma escrita simbólica desconhecida e ensinamentos espirituais elevados. Um deles falou que um dos ensinamentos era da existência de *que “O sol espiritual é Deus ou uma força”*. Isso nos remete a crença dos antigos Maias a respeito do deus-sol, assim como possíveis conexões com o Egito da dinastia do deus-solar.

Wambach completa questionando se por acaso algumas de suas descobertas com o relatos dos sujeitos não seriam indivíduos originários de continentes desconhecidos, como a Atlântida [ou mesmo a Lemúria] que estariam fundando ali uma nova civilização. Talvez alguns povos da antiguidade, como egípcios, maias, povos da América pré-colombiana e outros tenham como herança comum os continentes desconhecidos da Atlântida e da Lemúria.

Capítulo 7

Tipos de Regressão

A Análise De Vidas Passadas

Segundo Roger Woolger, em seu primeiro livro de TVP “*As Várias Vidas da Alma*”, existem três tipos mais gerais da maneira como os pesquisadores interpretam o material originário das regressões à vidas passadas:

1) *Análise parapsicológica de vidas passadas*: Este se concentra na comprovação da experiência, nos detalhes históricos e na possibilidade de fantasia, imaginação exacerbada, criptomnésia e outras hipóteses alternativas. O objetivo da análise científica não é a cura de sintomas, a compreensão das causas dos bloqueios ou sofrimentos, mas a constatação empírica dos relatos, verificando a correspondência com os conhecimentos históricos correntes.

2) *Análise terapêutica de vidas passadas*: Aqui não há nenhuma preocupação com a realidade factual da experiência. Essa análise se concentra no trabalho clínico e terapêutico.

“Enquanto o terapeuta cria uma atmosfera de apoio e tem confiança de que o inconsciente produz o necessário para o desenvolvimento da autoconsciência, o pesquisador está sempre suspeitando da imaginação, da Hipnose e da sugestão” (Woolger, 1987).

3) *Análise religiosa*: Esse tipo procura testar a hipótese das vidas passadas a fim de comprovar os postulados e ideias de uma religião qualquer. Esta abordagem é muito vezes velada. Apesar de se revestir de uma suposta cientificidade, há uma necessidade implícita de confirmar dados relativos à revelações de cunho religioso. A análise religiosa procura enquadrar o material dentro de conceitos estabelecidos pela sua religião, algumas vezes contaminando a pesquisa com elementos subjetivos, de ordem emocional e passional.

4) *Análise clarividente*: Realizada por indivíduos cuja sensibilidade os permite visualizar ou intuir acontecimentos de vidas passadas. Ainda hoje é amplamente utilizada no movimento esotérico e espiritualista. Constitui-se como uma abordagem antiga e que sempre foi objeto de pesquisa por parte dos videntes, sensitivos, ocultista e místicos. O vidente mais conhecido da era

moderna é, sem dúvida, o norte-americano Edgar Cayce. Seu extenso material de clarividência realizado em suas consultas foi objeto de estudo por pesquisadores do mundo inteiro e trouxe informações valiosas aos cientistas e espiritualistas sobre temas como vida após a morte, reencarnação, karma, vida após a morte, Atlântida, dentre outros.

A Regressão

Começaremos agora a falar da regressão propriamente dita e das várias formas pelas quais ela se apresenta. A palavra regressão possui diversos significados. Na Terapia de Vidas Passadas, porém, seu sentido é muito preciso e não dá margem a outras interpretações.

Regressão é o ato de retornar no tempo e no espaço através de uma ativação das cargas adormecidas, reavendo nossa memória do passado desta ou de outra vida, com objetivo terapêutico. Isso significa que regressar é fazer um retorno, um regresso, um acesso, uma retomada, reatualizando nosso passado em nosso presente. Esse retorno ao tempo, porém, não significa que somos viajantes do tempo; não nos deslocamos no tempo, estamos apenas acessando um tempo psicológico que está dentro de nós. Como disse Hans Tendam *“Não somos viajantes do tempo, mas detetives e cirurgiões de nossa própria videoteca”*.

A regressão de memória ocorre independente das crenças, religiões ou predisposições psicológicas do indivíduo. A regressão é fato inegável, conhecido e considerado real pelos grandes pesquisadores da área psi. Diz-se que a única diferença entre a regressão de memória de vida atual e a regressão de memória de vidas passadas é a distância a que nos propomos investigar determinado material psíquico que pode ser a origem do problema, tal como afirmava Morris Netherton. São esses os principais tipos de regressão:

- *Regressão na psicanálise*
- *Regressão de idade*
- *Regressão a vidas passadas*
- *Regressão espontânea*
- *Regressão em crianças*
- *Regressão por uso de substâncias*
- *Regressão por práticas psicoespirituais desconhecidas e reservadas*

- *Regressão por meditação*
- *Regressão onírica*

A regressão pode ser espontânea ou provocada. A regressão espontânea muitas vezes também tem efeito terapêutico e possui um significado mais profundo e providencial na vida da pessoa, vindo a esclarecer pontos sobre a personalidade, o comportamento e as circunstâncias de vida antes obscuros.

Em outras situações a regressão ou recordação espontânea não provoca qualquer resultado terapêutico, mas isso é menos comum de acontecer. Quando isso ocorre, é recomendável buscar um terapeuta a fim de aprofundar nas questões levantadas. Finalmente, a regressão provocada é aquela que se faz num consultório, com um terapeuta de regressão, por intermédio de certa técnica.

A regressão tem outros sentidos possíveis. Um deles é o sentido psicanalítico, que indica um retorno ou reaparecimento das nossas antigas e estruturais fases de desenvolvimento e maturação psíquica. Por exemplo, uma pessoa regressa, como mecanismo de defesa, a um certo período de sua infância em que a trama de sua vida era mais simples, ou mesmo porque algo que vivenciou nessa época ainda o prende. A regressão no sentido psicanalítico pode ser uma fuga inconsciente dos conflitos que a vida lhe impõe no momento atual. Isso significa que a pessoa irá adotar um modo de comportamento não condizente com os demais de sua idade. Esse é um mecanismo de defesa do ego que o faz entrar em regressão, fazendo emergir uma estrutura de desenvolvimento que pertencia ao passado, mas onde ele encontra proteção e isolamento das dificuldades.

Na Terapia de Vidas Passadas, reconhecemos a possibilidade da regressão no sentido psicanalítico, mas observamos que ela não se restringe ao passado da vida atual, mas a múltiplas personalidades de vidas passadas, que também se constituem como estruturas psíquicas que possuímos agora e que fazem toda diferença na formação da personalidade atual. A psicanálise usa o termo fixação para ilustrar como uma pessoa pode ficar presa a uma fase de desenvolvimento, e o termo regressão para indicar o processo de retorno a essa fase. Da mesma forma, uma pessoa pode ficar fixada numa vida passada, que também pode ser considerada uma fase de desenvolvimento, porém, é uma fase da evolução da alma ao longo das encarnações.

Quais seriam as principais características da Regressão? No livro “Investigando Vidas Passadas” Raymond Moody descreveu algumas das principais características da regressão a vidas passadas, são elas:

- As Experiências de Vidas Passadas são geralmente visuais.
- As Regressões a vidas passadas parecem ter vida própria.
- As Imagens dão a estranha impressão de familiaridade.
- O indivíduo se identifica com um personagem.
- Emoções de vidas passadas podem ser revivenciadas durante a regressão.
- Os eventos de vidas passadas podem ser vistos sob duas perspectivas distintas: primeira e terceira pessoa.
- A experiência geralmente reflete questões atuais da vida da pessoa.
- As condições mentais podem realmente melhorar depois da regressão.
- As regressões podem afetar as condições clínicas.
- As regressões se desenvolvem conforme os significados e não segundo uma sequência histórica.
- Regressões a vidas passadas se tornam mais fáceis com a repetição.
- A maior parte das vidas passadas é comum.

Regressão Espontânea

Como mencionamos a regressão espontânea, cabem algumas considerações sobre esse tema que poucas pessoas parecem dominar.

Chamamos de regressão espontânea um tipo de regressão não provocada e natural, onde a pessoa pode ver e sentir, através de imagens, sensações, emoções, percepções, visões e impressões diversas uma outra existência física e passada. A regressão espontânea pode ocorrer como um flash-back, uma visão ou conjunto de sensações súbitas, repentinas, que brotam sem motivo aparente em nossa consciência. Toda uma existência corpórea ou parte dela se descortina diante de nossa mente. Na maioria das vezes, uma pequena parte dessa vida (a que mais nos marcou) se faz presente à consciência.

A regressão espontânea pode emergir a partir do contato com uma série de fatores, tais como:

- Visita a um lugar antigo, como museus, templos, cidades, ruínas, catedrais etc;
- Entrar em contato e (re)conhecer uma pessoa que já convivemos no passado;
- Uma situação qualquer que ative, por associação, uma experiência de vida passada;
- A leitura de um livro que aborde sobre um local, cultura ou qualquer contexto a qual pertencemos numa vida passada;
- Assistir a um filme de época ou algo que nos recorde o período histórico que vivemos;
- Através dos sonhos podemos ter revelações espontâneas de vidas passadas;
- Contato com Mestres, espíritos de luz ou guias espirituais que espontaneamente nos revelam uma ou várias vidas passadas;
- Práticas psicoespirituais, exercícios psíquicos, vivências, meditações, práticas de visualização criativa sem a intenção de trazer à tona resíduos de memórias.

As regressões espontâneas podem ocorrer geralmente ativadas por um conjunto de circunstâncias similares àquelas que experimentamos numa de nossas vidas passadas. A partir dessa correspondência entre a vida passada e a vida atual, fortes conteúdos podem vir à tona e se apresentar à consciência instantaneamente e sem qualquer aviso prévio.

Por exemplo, uma pessoa fica a noite inteira na cama, rolando, sem conseguir dormir. Após a sensação de ficar tanto tempo na cama, abruptamente lhe vem uma visão que lhe pareceu meio estranha na hora. Estava de cama durante muito tempo, talvez anos e um padre a acompanhava. Ela tinha alguma doença e estava incapaz de se mover (essa situação ocorreu de fato com uma pessoa conhecida do autor desta obra). Nesse caso, a regressão espontânea foi ativada, provavelmente, pelo tempo que ela ficou rolando na cama na noite passada. Por similaridade, o período noturno de insônia evocou as reminiscências do mesmo período dessa vida em que ela permaneceu na cama com o padre doente sem poder se mover. Dessa forma, a experiência atual, por semelhança e analogia, trouxe a sua consciência uma experiência bem parecida de seu passado.

Em outros casos, uma regressão espontânea pode ser evocada quando fazemos um pedido sincero solicitando que algo ou alguém superior nos ajude a desvendar algo que não compreendemos. Não é tão raro sonhar com uma vida passada, ou mesmo visualizar cenas e acontecimentos após uma súplica ou uma oração. Mas, na maioria das vezes, entendemos aquilo como fantasia ou um capricho da nossa imaginação. De qualquer forma, nosso pedido pode ser atendido por algum ser de luz que vem ao nosso encontro e rompe o véu que encobre a nossa memória. As regressões espontâneas podem nos ajudar a entender o elo de causa e efeito entre o passado e o presente.

A Regressão Em Grupo

A regressão de memória a vidas passadas pode ser realizada individual ou coletivamente. Chamamos de regressão em grupos as realizadas com duas ou mais pessoas. Essas são geralmente ministradas em cursos, palestras, workshops, demonstrações ou para fins de pesquisa.

Alguns autores, com Denise Linn (Vidas Passadas, Milagres Presentes) afirmam que a regressão em grupo têm resultados muito positivos, talvez até mais eficazes do que a regressão individual. Isso ocorre, provavelmente, por causa da energia ou aura coletiva que se forma em torno do mesmo objetivo: a energia de várias pessoas focalizadas numa realização conjunta reforça as experiências individuais, facilitando o processo. Essa autora já trabalhou com grandes grupos, com média de público entre 100 a mil pessoas ao mesmo tempo, com média de 200 pessoas por grupo.

Linn explica que pôde notar, não apenas a eficácia do trabalho, mas também a sincronicidade dos acontecimentos em regressões em grupo. Ela conta que “comecei a perceber que por várias vezes, nesses grupos, as pessoas que se sentavam perto uma da outra geralmente experimentavam vidas passadas nos mesmos países e períodos da História. Era como se eles tivessem subconscientemente decidido juntar-se nessa impressionante união para libertar não apenas seus karmas individuais, mas também karmas coletivos”. É muito curioso perceber como os ocidentais ainda acreditam verdadeiramente no acaso, quando a sabedoria hermética ensina há milênios que o acaso não existe e que “O acaso é tão somente um nome dado a uma lei não reconhecida” (O Caibalion).

Assim como Denise Linn, alguns autores e terapeutas conhecidos também ministram sessões em grupo, como Hans Tendam, Helen Wambach, Raymond Moody, dentre outros.

Apesar dos resultados positivos comprovados das sessões de regressão coletiva e da possibilidade de tratar centenas de pessoas em um curto espaço de tempo, a regressão em grupo tem suas contrariedades e limitações. Uma das maiores críticas que se faz as sessões coletivas é a chance de se levantar cargas muito pesadas sem o tempo necessário para que sejam devidamente tratadas, como já vimos acontecer. Num grupo, por exemplo, 100 pessoas, caso umas 3 ou 4 pessoas tenham catarses muito fortes, torna-se praticamente inviável acompanhá-las individualmente, a não ser que o condutor esteja acompanhado de auxiliares ou alunos que possam cuidar dos casos mais fortes.

No entanto, nunca ficamos sabendo de prejuízos mais graves em pessoas que participaram das sessões regressivas em grupo. Algumas pessoas, no entanto, relataram mal estar após sessões de grupo. Mas podemos perguntar: esse mal estar veio da regressão em grupo, ou é algo que já iria ocorrer de qualquer maneira?

Na realidade, a restrição quanto a regressões em grupo existe em maior número apenas no Brasil; autores de outros países parecem desconsiderar os supostos riscos. De fato, essa ainda é uma questão em aberto. É importantíssimo dizer que apenas terapeutas com sólida formação e vasta experiência podem realizar regressões em grupo. Aventureiros nessa prática, pseudo-terapeutas podem, sem dúvida, levar as pessoas a certos prejuízos.

De qualquer forma, talvez nosso eu interior, já sabendo que não haverá tempo para tal empreitada, libera apenas os conteúdos que podem ser harmonizados numa sessão em grupo. É preciso sempre lembrar que a essência divina presente em cada um de nós atua por mecanismos inteligentes e perfeitos.

A Regressão Simbólica

Um tipo de regressão muito importante, porém não muito conhecida, é a chamada regressão simbólica. Esse é o tipo de regressão onde as experiências resgatadas não possuem um conteúdo literal e temporal, mas são metafóricas, analógicas e representativas de nossa dinâmica psíquica.

Essas imagens e experiências simbólicas podem ser de ordem individual ou coletiva. O nível da produção inconsciente individual remete a experiências passadas e atuais que são parte

do psiquismo apenas de um indivíduo. O nível coletivo engloba experiência filogenéticas que são comuns a toda uma raça e cultura. Essas últimas foram repetidas ao longo da história humana e gravaram em nossa consciência certas figuras fundamentais. Esse é o domínio dos arquétipos.

Judy Hall explica sobre a regressão simbólica: “Numa regressão simbólica a pessoa pode parecer reviver outra vida, mas isso é mais uma analogia à vida atual que uma experiência de vida passada. Por exemplo, uma mulher procurando uma casa antiga e finalmente encontrando uma varanda segura em uma, encontra uma antiga chave. Ela estava na verdade buscando conhecer a si mesma. Estava insatisfeita com sua vida atual, especialmente com o rumo de sua carreira profissional, mas não sabia que caminho tomar. Seguindo a “regressão”, ela estudou astrologia e shiatsu, com os quais se envolveu naturalmente. A chave destrancou talentos adormecidos e sua vida mudou para melhor. Curiosamente, sua nova carreira estava dentro de casa”. (Judy Hall, 1996)

Segundo a Psicanálise, os símbolos são modos da consciência mascarar e modificar o real a fim de que este não se torne insuportável para a pessoa, guardando um conteúdo de intensa carga emocional. Essa experiência estaria ligada à repressão da experiência literal e a modificação para o plano do simbólico. Segundo a psicanálise, o simbólico surge para que a experiência possa ser digerida pela consciência sem maiores danos. Não é tão raro o cliente em regressão expressar-se em símbolos diversos quando mergulha num estado alterado de consciência.

Muitos terapeutas ficam em dúvida sobre como diferenciar o literal e experiencial do simbólico e metafórico. Para diferenciar uma regressão simbólica de algo literal pode-se simplesmente questionar ao cliente se o que ele sente e vê trata-se de um símbolo ou de uma circunstância literal. Caso seja um símbolo, o terapeuta deve aprofundar no sentido simbólico e procurar descobrir quais as relações entre o símbolo e a vida da pessoa. Pode acontecer de um símbolo expressar uma experiência que reúne o significado de várias existências. Porém, é mais comum o símbolo transmitir uma mensagem sobre o estado atual da vida presente do indivíduo, apesar de entendermos que nossas vidas passadas e a vida presente estão sempre interligadas.

Muitas vezes, os símbolos são indicativos de um insight que ainda não foi captado pela consciência; outras vezes representam mensagens de grande sabedoria, que abordam o conhecimento

profundo de arquétipos da alma, concentrando um saber de grande valor sobre nossa estrutura psíquica e nossa missão na Terra.

- Apesar das analogias (conhecimento simbólico) terem sido rechaçadas e postas de lado após a revolução científica, parece que atualmente o cenário está se invertendo. A ciência moderna, principalmente a Física Quântica, utiliza-se muito de analogias e metáforas para explicar mecanismos naturais. Certas explicações seriam muito difíceis de serem traduzidas em conceitos analíticos e puramente intelectuais sem o recurso de símbolos, analogias, comparações ou metáforas, por carecerem estes de material mais complexo de significados. O símbolo é um meio válido e universal de apreensão do real.
- O valor do símbolo está nas relações de analogia entre os termos. Uma escada pode representar a ascensão; o sol pode representar a divindade; o céu pode representar um estado de consciência sem limites; um leão pode representar a força e o comando; uma estrada pode representar a caminhada espiritual; uma porta pode representar a passagem de uma condição à outra; um pilar pode representar um fundamento; o chão representa a base; o fogo pode representar a sabedoria e a transmutação; o rio pode representar o fluxo e a circulação de energias, e assim por diante. O símbolo cria padrões de relação entre as coisas.
- Os mestres espirituais parecem dar grande importância à transmissão simbólica dos conhecimentos elevados do espírito. Esse é o caso de Jesus, que expressou ensinamentos muito profundos por intermédio de contos simples, conhecidos como parábolas. As parábolas retratam situações casuais que, em seu sentido latente, possuem significados profundos e podem conduzir a mente a impressionantes insights sobre a natureza humana e cósmica. Buda também usou o recurso das parábolas em vários de seus ensinamentos. Além dos símbolos e das parábolas, podemos citar outras técnicas de transmissão de ensinamentos que se valem de analogias e correspondências, como signos, emblemas, vestuários, palavras, contos, mitos, lendas, alegorias, fábulas, anedotas, dentre outras formas de transmissão simbólica. O que não pode ser expresso em

simples palavras e esteja fora da esfera do intelecto pode ser exposto em símbolos.

- Após estudar profundamente os sonhos, Freud estabeleceu claramente o fundamento do inconsciente como tendo uma linguagem simbólica. Até hoje é reconhecido nas escolas de influência psicanalítica que o símbolo é um reservatório de significados que o inconsciente produz visando conhecer-se a si mesmo. Assim, a TVP também acredita nisso e o terapeuta não pode negligenciar o uso profundo dos símbolos em sua leitura das múltiplas existências físicas.
- Apesar da ciência ter negado o valor dos símbolos durante séculos, o uso dos símbolos acabou sendo explorado por outros setores, principalmente após o advento da cultura midiática. Os meios de comunicação, a televisão, o marketing, o cinema, as artes em geral sempre fizeram amplo uso dos símbolos para transmitir mensagens que outros meios são incapazes de reproduzir. Assagioli ressalta que esse uso pode ser positivo ou negativo. Infelizmente, a propaganda tem utilizado os mecanismos simbólicos com intenção meramente financeira e consumista, estimulando o individualismo, a vaidade e o egocentrismo.
- A imaginação ativa de Jung é um método que cria um espaço de produção e interação dos símbolos do psiquismo. Um dos objetivos dessa técnica é atuar sobre os símbolos para a obtenção de resultados terapêuticos. O inconsciente acaba demonstrando por intermédio dos símbolos aquilo que o nível racional e concreto da consciência não consegue alcançar. A análise dos sonhos da psicanálise também tem esse objetivo. Nessa perspectiva, os símbolos são a representação dos sintomas e o meio pelo qual os próprios sintomas podem ser tratados. A TVP concorda com essa avaliação.
- Além de o inconsciente ter a função de produção simbólica, outros símbolos podem agir sobre o inconsciente e induzir transformações significativas. Os símbolos religiosos e místicos são exemplos dessa função catalisadora e metabolizadora do psiquismo. Exemplo: a paixão de Cristo é até hoje um símbolo cristão de abnegação, caridade e esforço pessoal na luta pelo transcendente. A morte e a ressurreição de Cristo é um símbolo universal. Mesmo dois milênios após

do evento original, permanece seu ensinamento profundo relacionado à morte e ao renascimento espiritual. A cruz carregada por Jesus também pode significar as provações da vida humana e o quanto precisamos morrer diante do pesado ego crucificado pelas dificuldades para renascer na transcendência do espírito. Os rosacruzistas identificam no simbolismo da cruz as vicissitudes da vida humana. Outros místicos falam da cruz como relacionada ao pesado karma que cada um de nós tem que carregar durante a vida ou as inúmeras vidas humanas.

- Na Terapia de Vidas Passadas, os símbolos podem ser extremamente úteis. Os terapeutas podem fazer a pessoa interagir com o símbolo, questionando seu significado e correlacionando tudo com a vida atual ou mesmo vidas passadas. Pode-se orientar o cliente a fazer perguntas ao símbolo. Pode-se também pedir ao atendido que permita ao símbolo ter uma continuidade imaginativa e observar quais outros símbolos são revelados à pessoa. É possível pedir ao Eu Superior que conceda um símbolo ao cliente, algo que lhe revele o significado de alguma experiência passada em associação com a vida atual. A reflexão sobre o significado do símbolo pode ser feita em conjunto com o Eu Superior, o Mestre ou guia espiritual do atendido (como falaremos mais à frente). No livro “Psicossíntese” de Assagioli encontramos técnicas eficazes para se trabalhar psiquicamente com os símbolos e que podem ser usadas na TVP.
- O processo da TVP, nas suas várias fases (indução, condução e tratamento) contém todo um conjunto de símbolos que contribuem para os bons resultados que ela atinge. O terapeuta deve compreender esse sentido para bem utilizar-se do potencial simbólico de cada aspecto terapêutico. O Mestre ou Eu Superior é um símbolo de um estado mais elevado de consciência que o atendido deve ter como meta espiritual.
- O terapeuta pode também ser um símbolo de alguém que detém um conhecimento que vai além da pessoa (não necessariamente isso é verdadeiro, mas a imaginação da pessoa pode representar o terapeuta dessa maneira). Esse pode ser inclusive o princípio do processo que Freud chamou de transferência. Vários métodos de indução utilizados pelos

terapeutas de vidas passadas podem ter força simbólica como:

1) *Caminhar por um estrada e ir voltando* (representa o retorno ao passado);

2) *Adentrar por um portal de luz para entrar na vida passada* (símbolo da passagem de um estado a outro);

3) *Envolver-se numa luz branca* (luz como símbolo da clarificação da consciência que permite enxergar melhor as coisas), dentre outros métodos de indução simbólicos. Além destes, podemos citar: descer por um elevador, descer por uma escada, entrar numa nave e regressar ao passado, dentre vários outros.

- Roger Woolger é um autor que enfatiza o valor dos símbolos na TVP. Ele diz que seu trabalho está no limite entre a produção da fantasia simbólica do inconsciente e o reconhecimento da realidade literal da experiência de vidas passadas. A esse respeito, a pesquisa histórica tem pouca importância, como afirma: “Nunca encorajo meus clientes a investigarem o substrato histórico de uma recordação de vida passada, pois isto pode drenar energia do poder imediato da imagem ou história que está emergindo”. (Woolger, 1987) Assim, para Woolger, o que importa é o que a consciência toma como realidade, mesmo que ela seja simbólica, e não a suposta realidade literal gravada na consciência.

Regressão A Vida Animal

Já falamos da regressão espontânea e da regressão simbólica. Agora podemos descrever um tipo de regressão possível de ocorrer e que gera muita curiosidade no público. Essa é a regressão à vida animal. Trata-se da recordação provocada ou espontânea de indivíduos que revivem existências corpóreas em outras espécies, vendo-se como animais de vários tipos. Como já explicamos, a teoria segundo a qual a alma pode retroceder a corpos de animais chama-se metempsicose. Essa hipótese é comum em algumas escolas budistas e hindus. Apesar disto, algumas tradições espirituais reencarnacionistas parecem negar essa possibilidade. As pesquisas com Terapia de Vidas Passadas não a corroboram de modo algum.

A regressão à vida animal não é muito comum na Terapia de Vidas Passadas e nem todos os terapeutas contam casos do gênero. Ian Stevenson foi um dos que encontrou evidências de regressões espontâneas a vidas de animais em suas pesquisas. Além de Stevenson, Joel Whitton (1985) e Helen Wambach (1978) contam casos e falam da vida animal.

Não é difícil imaginar que as lembranças da vida animal sejam uma realidade para o ser humano. Os animais parecem ser nossos “irmãos menores” em evolução e muito do que eles possuem, nós ainda guardamos. O instinto seria uma das principais heranças da vida animal. Algumas tradições espirituais ensinam que antes da raça humana nascer no reino hominal (reino humano) ela renasce no reino animal. No meio espírita é corrente a frase “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”.

Outra referência célebre à evolução de reino a reino é a do místico Al Rumi, que descreve poeticamente: “Fui mineral, morri e me tornei planta, como planta morri e depois fui animal, como animal morri e depois fui homem, porque teria eu medo? Acaso fui rebaixado pela morte? Vi dois mil homens que eu fui; mas nenhum era tão bom quanto sou hoje. Morrerei ainda como homem, para elevar-me e estar entre os bem-aventurados anjos. Entretanto, mesmo esse estado de anjo terei de deixar”. Al Rumi (1210 - 1273)

De qualquer forma, há possibilidade das lembranças de animais terem um sentido simbólico. O xamanismo chama essas percepções de “animais de poder”. Cada um desses animais se relaciona com qualidades e atributos associados a cada animal que os indivíduos precisam desenvolver em si mesmos.

No livro *Regressão e Espiritualidade* comentamos a possibilidade das vidas de animal serem na realidade símbolos produzidos pelo psiquismo: “Um outro atendido poderia, por exemplo, ver-se como um lobo. Esse animal poderia ser, por exemplo, a representação de um ‘desejo insaciável’ da pessoa por sexo. Nesse caso, a pessoa não teria vivido uma vida como lobo, mas o lobo foi apenas um significado que traduzia bem a necessidade exacerbada de sexo. Assim, esse pode ser um contato com um arquétipo de animalidade presente em cada um de nós; uma parte de nossa estrutura genética que ‘conta a história’ de toda a vida animal que passou pela Terra e que desenvolveu uma base estrutural de instinto no próprio ser humano”. Apesar disto, o debate sobre o simbólico e o literal permanece em aberto.

Caso de regressão: Uma pessoa se percebe como dinossauro. Ela era uma pessoa bastante agressiva na vida

profissional. Ao fazer a regressão, ela se vê como um dinossauro enorme que saia pisando em todos os outros animais, impondo sua presença pelo tamanho e força. Após essa experiência, sua vida profissional começou a fluir melhor.

A Regressão A Vida Mineral

Essa é a experiência regressiva onde o cliente se percebe na consciência mineral. Apesar dessa revivência não ser muito comum, muitos terapeutas reconhecem que ela é perfeitamente possível. Judy Hall cita que uma de suas clientes regrediu a uma vida onde teve uma profunda experiência espiritual sentindo-se como um cristal de ametista.

Resta saber se essa é uma experiência regressiva ou uma resgate da memória ancestral. A explicação de que as experiências de vida mineral são realmente vidas passadas são também aceitas entre os terapeutas. Também não se pode descartar a hipótese de se tratar de uma regressão simbólica.

Podemos também especular até que ponto os símbolos encontrados nas regressões simbólicas não são arquétipos de experiências coletivas da humanidade. Por serem experiências coletivas e terem se repetido durante toda a história, talvez sua força esteja mais do que na simples repetição, mas em estruturas universais de consciência, tal como acreditava Platão, Jung e outros.

A Regressão em Espíritos

A regressão de memória é fenômeno universal. Isso significa que ela ocorre tanto nos planos visíveis como nos invisíveis. Podemos constatar esse fato na possibilidade de se realizar uma regressão em espíritos, como fazem pesquisadores da área e os próprios terapeutas de vidas passadas.

O que é a regressão em espíritos? A regressão em espíritos pode ser definida como a regressão cuja finalidade é a realização de regressões de memória em desencarnados.

Através do método da magnetização, o pesquisador espírita brasileiro Hermínio C. Miranda realizou inúmeras regressões em espíritos. Miranda é autor do clássico “Diálogo com as Sombras”, lançado no Brasil e é um dos principais personagens do movimento

espírita na atualidade. Suas obras versam bastante sobre regressão, obsessão, desobsessão e mediunidade em geral.

Miranda traz uma verdadeira revolução em termos de desobsessão de entidades obsessoras. Ele demonstra em seus livros a ferramenta da regressão de memória em espíritos presos à Terra. Esse procedimento de levar um espírito a rever suas vidas passadas pode ser bastante útil como técnica de desobsessão. Na Terapia de Vidas Passadas pode-se conduzir o espírito a reviver fatos que ele não se lembre, como por exemplo uma vida em que ele e o remigrante tiveram disputas acirradas e que geraram muito sofrimento no passado.

Miranda realizava a regressão através de passes magnéticos que eram ministrados em espíritos obsessores incorporados nos médiuns, fazendo-os retornar no tempo e compreender o início da trama obsessiva, suas causas, condições e o aprendizado decorrente. Partindo dessa técnica, a regressão em espíritos começou a ser reconhecida como fator de cura. Os espíritos passaram a conhecer mais diretamente os primórdios do sentimento de ódio que alimentavam por seus desafetos. Além do insight libertador através da compreensão prática da lei de causa e efeito, os espíritos eram levados ao passado e realizavam uma verdadeira catarse ao reviver os principais acontecimentos-chave que deram origem à obsessão. Isso é uma evidência de que a regressão é tema universal, tanto entre encarnados como entre desencarnados.

Por exemplo, uma pessoa queixa-se de sentir uma forte dor na coluna. Em regressão, ela vê uma vida onde matou uma pessoa com um machado em suas costas. Percebe também que há um desencarnado por perto e que este espírito é o mesmo que ela assassinou nesta existência. O espírito deseja vingança e passa ao cliente toda a dor relacionada à morte com o machado. Assim, podemos dar o comando para que ele regrida no tempo e veja uma vida onde se criou um karma que lhe trouxe a necessidade de ter que atravessar uma morte traumática, como a que experimentou com o machado. O espírito pode ver, por exemplo, uma vida de guerreiro onde matou milhares de pessoas em campos de batalha. Assim, ele poderá compreender o significado de tudo e ver que sua vingança não faz sentido, posto que a responsabilidade pelas suas experiências negativas são fruto de seus próprios atos e escolhas. Assim, a regressão em espíritos é uma possibilidade terapêutica promissora e que pode render bons frutos a encarnados e desencarnados.

A Regressão A Vidas Felizes

As vidas felizes, ou seja, as vidas em que na maior parte do tempo fomos alegres, livres e desprendidos, podem ser vistas e são consideradas por alguns terapeutas como importantes no processo de cura. Algumas vezes as regressões podem dar a impressão de que todas as nossas vidas anteriores foram miseráveis e sofridas, mas isso não é bem verdade, pois também há o resgate de muitas vidas em que a felicidade predominou em nossas vidas. Algumas vezes rever nossos estados de alegria, mesmo que momentâneos, pode dar certo alento e contribuir para que os remigrantes não se sintam desanimados em sua jornada de autoconhecimento.

Para outros autores, as vidas felizes não são exatamente o foco de uma intervenção terapêutica. Para Roger Woolger (1987) “As Vidas felizes não constituem o foco imediato da terapia”. Esse autor prefere explorar as vidas mais graves e sofridas. Sua célebre frase ilustra com clareza esse ponto: *“Não nos iluminamos imaginando figuras de luz, mas tomando consciência das trevas”*. Isso significa que o ponto focal da TVP deve ser o tratamento das vidas infelizes ou de parte dessas vidas em que houve conflito e dor, pois as vidas felizes não demandam tratamento, já que não causariam qualquer transtorno atualmente. Porém, Woolger admite que as vidas felizes podem ser importantes, só não devem ser invocadas antes da hora, mas somente após percorrer nossa memória traumática e tratá-la.

Algumas vezes constatamos que mesmo vidas felizes podem ser a raiz de alguns problemas, principalmente quando há apego e desejo de retornar àquela felicidade perdida num passado remoto. O ser humano pode sentir nostalgia dos momentos de felicidade vividos, mesmo que não tenha lembrança consciente deles. Ele pode então buscar essa felicidade perdida e ansiar pelo retorno dessas circunstâncias boas. Essa procura pode se tornar mais grave na medida em que desloca o seu interesse para o passado em troca dos desafios apresentados na vida presente. Não é exagero dizer que o apego a uma vida feliz pode ser um grande entrave na vida atual.

Em trabalhos de grupo, Trutz Hardo deixa as pessoas primeiro visitarem a vida em que foram mais felizes. Netherton também faz as pessoas regredirem para as suas vidas felizes. Seu procedimento inicia com *“Qual a primeira palavra de felicidade que lhe vem à mente?”*. Tendram explica que “Netherton envia os pacientes de volta para uma situação em que eram muito felizes e

pergunta-lhes o que diziam aos outros quando se sentiam assim. Depois, leva os pacientes a abrirem os olhos, sentarem-se eretos e pergunta-lhes se alguma vez já disseram as mesmas coisas às pessoas que atualmente amam”. Segundo Tendam, esse é um desfecho excelente para lidar com uma vida feliz.

A Regressão A Vidas Paralelas

As Vidas Paralelas não existem de fato, são apenas uma possibilidade, ou um potencial vibratório a se expressar. Essas são as vidas que se formam a partir de vida passada, mas seguem linhas distintas, caminhos alternativos após uma mudança no rumo de uma vida passada. Essa mudança no curso de nossa vida geralmente se dá a partir das escolhas que realizamos. Como esse é um tópico de difícil entendimento, o melhor a fazer é ilustra-lo com exemplos:

Exemplo 1: Uma filha escolhe assassinar seu pai numa de suas vidas passadas. Ela pode fazê-lo ou não, tudo depende de sua escolha. No caso de optar em tirar a vida do pai, seu destino pode ser um; caso escolha não fazê-lo, seu destino será outro. O curso de sua vida tomará uma outra trajetória dependendo de suas escolhas e ações. Se ela matar o pai, sua linha de vida (sua vida paralela) será de uma forma; se não matá-lo, sua vida paralela, o curso do seu destino, será diferente. Assim, as vidas paralelas podem ser definidas como essas diferentes possibilidades dentro daquilo que se nos apresenta.

Exemplo 2: Uma mulher está de casamento marcado com um homem que ela não ama, mas que foi obrigada a se casar pelo seu pai. No caso dela aceitar passivamente o casamento, sua vida tomará um rumo determinado. Se, por acaso, ela decidir não se casar, seu destino irá se modificar. Caso ela opte pela segunda opção, ela poderá fugir e viver uma existência miserável, ou poderá conhecer outro homem e se apaixonar por ele. Muitas dificuldades e provações podem surgir, mas bons frutos podem brotar de uma escolha pela liberdade e pela independência. Supondo que a mulher tenha escolhido permanecer no cárcere do casamento forçado, caso escolhesse fugir e não se casar, essa segunda opção seria uma vida paralela, uma linha de destino alternativa que se formaria a partir de certas escolhas e de uma mudança de rumo.

As Vidas Paralelas podem ser acessadas durante a regressão de memória de várias formas. O cliente pode reviver experiências relacionadas a uma vida em Roma e se perceber, por exemplo,

denegrindo a imagem de alguém publicamente. Essa pessoa humilhada volta dias depois e se vinga do seu detrator o matando. A pessoa se percebe passando pela transição (morte) e atravessando pelas etapas do pós-morte. O terapeuta pode, nesse caso, mostrar ao cliente o que teria acontecido se ele não tivesse denegrido aquela pessoa. Em outras palavras, o profissional pode mostrar ao indivíduo sua vida paralela, ou seja, uma linha de vida potencial, algo que teria ocorrido caso ele tivesse seguido outro caminho. Nesse instante, o cliente pode começar a ver a continuidade da sua vida sem que ele tivesse tomado essa atitude que o conduziu a morte. Essa outra possibilidade é o que chamamos de vida paralela. Muitas vezes, a vida paralela pode ser muito melhor do que a vida normal da pessoa.

Quando o terapeuta ajuda o remigrante a acessar sua vida paralela os seus erros podem ficar muito mais claros. É possível ver mais claramente o uso equivocado do seu livre arbítrio e como esse o fez criar circunstâncias que lhe prejudicaram. Ou seja, ele pode entender os efeitos kármicos que se seguem a uma escolha e como essas criam consequências indesejáveis em sua vida. Por outro lado, o bom uso de nosso poder de escolha pode gerar uma linha de vida positiva e satisfatória. O acesso às vidas paralelas permite ao cliente desenvolver um sentimento de responsabilidade pessoal perante sua vida, seu karma e seu futuro, tomando consciência de que é o senhor do seu destino.

A Progressão A Vidas Futuras

Falamos sobre vidas passadas e vidas paralelas, agora chegou o momento de descrever como ocorre o processo de visão de nossas vidas futuras. O nome desse mecanismo de acesso ao futuro chama-se “progressão”. Todo o avanço da consciência ao futuro pode ser considerado uma progressão.

Progressão seria um adiantamento no tempo, onde se vai de um ponto temporal qualquer e avançamos adiante a um outro ponto mais à frente. Esse ponto no futuro pode ser mais recente ou mais longínquo; pode ser alguns dias a nossa frente como pode abraçar um período futuro de séculos.

A progressão se faz da mesma forma que a regressão, através da entrada num estado alterado de consciência. Dessa forma, é possível levar a pessoa a experimentar o futuro da vida atual e até mesmo suas vidas futuras.

A hipótese das vidas futuras é controversa, até mesmo na TVP. Todavia, há suficiente material empírico para que sua realidade seja ao menos levada em consideração.

Um dos horizontes mais promissores dessas pesquisas é a mudança do paradigma do tempo. Como já dissemos em capítulo anterior, o tempo pode não existir da forma que acreditamos, como um conjunto de pontos temporais que se sucedem indefinidamente. As pesquisas com regressão e progressão apontam para a simultaneidade do tempo. Isso significa que passado, presente e futuro pode estar ocorrendo todos ao mesmo tempo. Essa é uma grande revolução no pensamento humano. Parece que pela primeira vez temos a chance de criar uma metodologia de pesquisa empírica que seja passível de reprodução e possa atestar a verdade dos mistérios do tempo e da consciência. Talvez seja uma descoberta de que:

A consciência não existe dentro do tempo, mas o tempo existe dentro da consciência.

Um dos autores que aborda mais profundamente a chamada progressão ao futuro é Bruce Goldberg, autor do livro *Vidas Passadas, Vidas Futuras*. Segundo Goldberg, antes de realizar a progressão ao futuro, é necessário tratar as nossas vidas passadas. Não há uma explicação muito bem definida para este fato, como diz Goldberg. Porém, é possível que somente após o tratamento de nossas vidas passadas, com nosso karma amenizado, nos seja permitido e liberado o caminho para iniciar a pesquisa de nosso futuro imediato ou mesmo de nossas vidas futuras. Isso pode acontecer por um motivo simples: antes de saber do nosso futuro, é necessário buscar referências pessoais e autoconhecimento através do conhecimento e da purificação do nosso passado. Assim, passado, presente e futuro poderiam se harmonizar num contínuo temporal mais claro e lúcido, com um número menor de mazelas e moléstias. Talvez seja possível afirmar que, quanto mais conseguimos regressar e tratar nosso passado, mais conquistamos a abertura para ir adiante e ter conhecimento do nosso futuro.

Essa afirmação poderá causar certo estranhamento ou até mesmo ser de difícil compreensão. Como exemplo, uma pessoa regressa no tempo até uma vida na China onde participou de verdadeiras chacinas coletivas, com a morte de milhares de pessoas em guerras. Em consequência desse forte karma acumulado, ela deveria experimentar uma grave doença no seu futuro imediato, digamos daqui a 2 anos de sua vida atual. Porém, é

possível que, limpando esse karma de guerras passadas, não haja mais necessidade da doença para drenar as feridas de guerra e adquirir aprendizado. Dessa forma, em vez de contrair uma doença grave que inevitavelmente a levaria à morte, essa situação pode ser atenuada, sem a necessidade da morte decorrente da enfermidade. Assim, com nosso karma passado desobstruído, é possível não apenas limpar, mas também ver com mais clareza o nosso futuro. Retirando os véus do passado, a visão do futuro, provavelmente, torna-se mais simples e nítida.

Nesse ponto, podemos nos perguntar: por que a visão do futuro é tão importante? O motivo mais óbvio é o de que, quanto mais conhecemos o nosso futuro, mais podemos modificar o nosso presente. No caso de visualizar um futuro infeliz seguindo determinado caminho, pensaremos duas vezes antes de tomar a decisão de tomar esse rumo. Por outro lado, há indivíduos que, mesmo sabendo as consequências negativas que o esperam, não possuem força suficiente para deixar certos hábitos arraigados ou não querem se desapegar e sair da zona de conforto. Esse é o caso de fumantes compulsivos: hoje em dia não faltam pesquisas demonstrando os malefícios do tabaco. Essas pessoas sabem o que lhes reserva no futuro, mas não conseguem soltar as amarras do vício, e seguem irremediavelmente para um futuro cuja consequência são patologias associadas às toxinas do cigarro. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que quanto mais o homem conhece a vida e o universo, quanto mais entende as leis naturais, mais ele pode prever seu futuro e seu destino. Conhecendo a causa, ele projeta ao futuro o efeito mais provável. A medida que o homem se científica, ele prevê seu futuro. Conhecendo a causa, ele entreve seus efeitos futuros.

É preciso esclarecer que o futuro existe apenas enquanto probabilidade de expressão. Por exemplo, uma pessoa, através da progressão, percebe que, daqui a cinco anos, conquistará um cargo mais alto em sua empresa. No caso dela se acomodar e não buscar o aperfeiçoamento necessário ao seu crescimento profissional, sua visão pode não se tornar realidade. Esse fato deixa bem claro que nosso futuro não está pré-determinado, mas existe enquanto potencial de realização, dependendo das energias que vamos acumulando em nosso presente. Ou seja, existe apenas uma linha de futuro provável, mas essa trajetória pode ser mudada por aqueles que a criaram no passado a partir de suas escolhas e ações.

Assim, o futuro depende sempre daquilo que construímos a partir do presente. Aqui vale a frase: *conhecendo com profundidade nosso presente, podemos ter um vislumbre do nosso futuro. Ou: conhecendo a nós mesmos hoje, podemos entrever como seremos num ponto qualquer do futuro.*

Dentro desse enfoque, talvez seja possível modificar nossas vidas futuras em consequência da purificação de nossas vidas passadas. Como já dissemos, algumas experiências podem se tornar desnecessárias em nosso futuro após o tratamento de um karma de nosso passado.

Brian Weiss defende que é possível modificar o futuro através da precognição: “Fiz uma pesquisa com pessoas que têm sonhos precognitivos e que tiveram experiências de quase morte. Os sonhos sobre acidentes ou doenças as ajudam a se prevenir e a tentar mudar o futuro. Se há quem sonhe com o futuro, por que as pessoas sob Hipnose não poderiam vê-lo?” diz ele em recente reportagem a uma revista brasileira.

Uma das principais críticas a progressão a vidas futuras é a desconexão dos relatos dos pacientes. Dizem os críticos que é impossível reconhecer a validade da experiência do futuro se os indivíduos que fazem a progressão contam histórias contraditórias sobre épocas futuras. Brian Weiss explica que já realizou mais de 7000 progressões ao futuro:

“Faço pesquisa com grupos de pessoas que foram levadas para determinados anos, 2150, 2500 e 3000, e há consenso sobre o que veem. Sete mil já participaram. Por que tantos dão a mesma informação? E essas pessoas se sentem mais felizes, melhoram sua saúde e seus relacionamentos e tomam decisões mais acertadas. Como médico e terapeuta, isso é o que me interessa”.

No que se refere aos efeitos terapêuticos da progressão, há muitos casos trazendo fortes indícios de resultados muito positivos. Um exemplo interessante é citado por Brian Weiss. Um dos seus pacientes com tendências suicidas vivenciou uma vida futura em que, após o seu suicídio na presente existência, deveria se deparar com o mesmo padrão de problemáticas que seriam a causa do suicídio na vida atual. Após ver essa vida futura, o paciente desistiu de seu plano suicida. Isso aponta para os efeitos terapêuticos da progressão e para a possibilidade de uma modificação do futuro através do conhecimento das consequências de nossas escolhas no presente.

Outra pesquisadora que se aprofundou no estudo da progressão foi Helen Wambach. Suas pesquisas contam com nada mais nada menos do que 2.500 casos de progressão a vidas futuras em vários anos de experimentação, datando do início da década de 80. Wambach pediu aos sujeitos da experiência que escolhessem entre cinco períodos diferentes de tempo, sendo três no passado e dois no futuro. A mente subconsciente da pessoa iria optar em ser deslocada a uma época no passado ou no futuro. Os dados finais indicavam que, das 2.500 pessoas do estudo, apenas 6% relataram estar vivos em 2.100 d.C. e 13% disseram estar encarnados no ano de 2.300 aproximadamente. Ver vidas passadas é, provavelmente, mais simples do que ver vidas futuras.

Infelizmente, a Dr. Wambach veio a falecer em 1985 e não conseguiu completar seu experimento. Um dos discípulos de Helen Wambach, o dr. Chet Snow, do Arizona, deu continuidade a esse trabalho e tirou algumas conclusões sobre os dados colhidos na pesquisa. O Dr. Snow deduziu, a partir destes experimentos e de outros dados, que após o advento do século XXI, haverá uma drástica diminuição na população mundial. Porém, essa diminuição não durará muito, pois dois séculos depois haverá um crescimento populacional do dobro dos indivíduos.

Nada há de surpreendente nisso. Essas visões são, provavelmente, uma consequência da destruição a que o ser humano está submetendo o planeta Terra. Além disso, os sujeitos da experiência previram no início da década de 80 alguns fatos que verdadeiramente se realizaram. Para citar alguns: 1) uma moeda única na Europa; 2) Graves mudanças climáticas; 3) Uma grave crise econômica mundial; 4) a falência dos bancos no mundo inteiro; 5) alguns sérios cataclismas, dentre outras previsões. Resta saber se as previsões de grandes catástrofes mundiais que devastarão uma considerável parcela da população estão para ocorrer. O Dr. Snow é um pouco criticado pelo sensacionalismo com que tratou a pesquisa de Wambach, postura que a autora jamais teve em vida. Por isso, o trabalho de Wambach e Snow acabaram por não conquistar o crédito merecido da comunidade científica e dos próprios terapeutas de regressão.

Alguns pesquisadores acreditam que essa drástica redução populacional tem relação com o evento previsto do encerramento de uma era astrológica, tal como previsto pelo Calendário Maia, no dia 21 de dezembro de 2012. Paralelamente às transformações físicas e ao suposto desencarne coletivo, alguns esoteristas e espiritualistas acreditam que em breve vamos atravessar um verdadeiro “portal cósmico” que transportará a consciência humana

a outro padrão evolutivo. Assim, as transformações físicas são apenas um efeito material das transformações que já estariam ocorrendo na consciência humana. Se isso é real ou fantasia, só o tempo dirá. Porém, há evidências de que está ocorrendo, de fato, uma revolução de mentalidade sem precedentes na História conhecida. Nesse sentido, muito mais do que uma mudança meramente física e geográfica, há, sem dúvida, uma transformação na consciência humana em curso.

A Autorregressão

Autorregressão a vidas passadas é um dos temas que mais desperta a curiosidade do público leigo. Muitas pessoas desejam conhecer suas vidas passadas e acreditam que o meio mais fácil para isso é a autorregressão. Através da autorregressão uma pessoa pode conduzir a si mesma à experiência de suas próprias vidas passadas.

A autorregressão é ensinada por alguns autores, como Brian Weiss, Raymond Moody e outros. Porém, essa técnica é desaconselhada pela maioria dos terapeutas e possui certos riscos relacionados à falta de critério com que pode ser realizada. Uma das mais sérias contraindicações é que, numa autorregressão, estamos apenas conhecendo nossas vidas passadas, e não necessariamente estamos tratando seus conteúdos negativos e a repercussão que eles têm na vida atual. Terapeutas aconselham a não se realizar a autorregressão, pois o material psíquico de vidas passadas, assim como várias influências inconscientes, poderiam vir à tona de forma desordenada e sem alguém para nos orientar e conduzir.

Dispensar a figura do terapeuta não é recomendável em nenhum caso. O terapeuta é um profissional que estudou a teoria e a prática e tem conhecimento das técnicas de condução e do tratamento de uma vida passada. A autorregressão nem sempre permite uma conclusão, uma finalização ou “fechamento” da situação passada com qualidade terapêutica. Ela acaba servindo apenas para alguém conhecer e experimentar uma encarnação passada. Apesar disso, pode não nos ajudar a soltar as amarras que nos prendem àquela vida.

Já tive contato com algumas pessoas que realizaram a autorregressão com um CD comercializado por um autor famoso. Após seguirem as orientações em áudio começaram a sentir-se mal, a ter catarses fortes e não sabiam como fazer para

descarregar todas as emoções que surgiam. Esse é o momento mais importante e que se faz extremamente necessária a figura do terapeuta. Não adianta levantar as cargas sem que se saiba o que fazer com elas, como organizá-las no psiquismo, a forma correta de descarregá-las, identificar as influências para a vida atual, dentre várias outras técnicas que são amplamente conhecidas pelos terapeutas.

Fazer a autorregressão seria o mesmo que evocar um espírito trevoso das zonas inferiores apenas para conhecê-lo e, ao se apresentar a nós, não sabermos o que dizer ou fazer com ele.

Somente um profissional treinado e experiente pode conhecer as complexas nuances da consciência e cuidar da trama das encarnações passadas, dando uma contribuição eficaz. Assim, a autorregressão provocada não é recomendada e deve ser tratada com restrição por parte dos terapeutas de bom senso.

Capítulo 8

Anatomia sutil humana

A Anatomia Sutil

O estudo da anatomia sutil humana não poderia faltar em nossa apostila. Ele é importante fonte de informações para se compreender o complexo multidimensional e vibratório do ser. A TVP lida diretamente com as energias humanas, e por isso, todo terapeuta deve conhecer bem sua natureza, propriedades e funções.

A anatomia física é o estudo das estruturas corporais dos seres vivos em sua constituição interna e externa. A anatomia médica interessa-se pela “dissecção”, sendo este o seu significado original da língua grega antiga.

Já a anatomia sutil é o ramo do esoterismo que estuda a contraparte sutil e vibratória dos seres vivos, tendo como foco o estudo das bioenergias humanas.

Enquanto a anatomia física se preocupa em seccionar o corpo e estudar a forma objetiva, a anatomia sutil interessa-se, sobretudo, em conhecer os mecanismos sutis de circulação e expressão das bioenergias.

A Terapia de Vidas Passadas ensina sobre a existências de inumeráveis correntes sutis de bioenergia percorrendo o corpo. Essas correntes vitais que podem ser a expressão etérica do surgimento de vários sintomas físicos. De acordo com as terapias holísticas, o bloqueio do livre fluxo da energia vital no organismo pode dar origem a vários sintomas físicos.

Na Terapia de Vidas Passadas é possível visualizar a circulação das energias sutis através da mente num estado mais profundo. As retenções, os bloqueios e os desequilíbrios da energia sutil podem ser captados interiormente. O trabalho desenvolvido por Hans Tendam da “Exploração da Aura” mostra o modo de aplicação desse procedimento. Essa técnica ajuda, não apenas no reconhecimento do estado de nosso biocampo, como também ajuda a desobstruir os canais e a anatomia sutil. Através da Exploração da Aura (tópico que falaremos em capítulo futuro) pode-se entender quando e como surgiram as causas desses desequilíbrios.

As várias tradições espirituais, como o Hinduísmo, a Yoga, a Teosofia, o Rosacruzianismo, Antroposofia, Budismo, Lamaísmo, assim como a Medicina Tradicional Chinesa e a Medicina Ayurvédica, investigam, procuram mapear e ensinar a respeito das correntes sutis que impregnam e influenciam o corpo físico, além de suas diversas camadas ou níveis. Porém, as interpretações e os modelos das correntes, canais, centros, plexos, camadas ou níveis sobre a sua localidade, função, grau, aparência, forma, cor e luminosidade são múltiplas e variam de tradição para tradição, embora existam muitas correlações e a identificação de um padrão em comum.

A multiplicidade de modelos e modos de ver e compreender a anatomia sutil pode ser explicada pelo fato de não serem essas estruturas sutis totalmente objetivas e localizadas espacialmente. Seriam, antes de tudo, realidades de energia e consciência. Elas podem variar conforme o grau de clareza e o avanço espiritual do praticante ou do paranormal. Assim, seu modo de apreensão(ou seja, a visualização dessas estruturas) passa necessariamente pela subjetividade do observador e deixa clara a “elasticidade” do significado da estrutura sutil. Fica claro que a constituição da anatomia invisível não pode ser analisada objetivamente, tal como se faz em Física e Biologia. Apesar disso, as tradições ensinam sobre as várias partes da anatomia sutil. Os principais são:

- 1) *Nadis.*
- 2) *Meridianos.*
- 3) *Pontos de acupuntura.*
- 4) *Chakras ou Cakras.*
- 5) *Corpos Espirituais.*
- 6) *Aura humana.*
- 7) *Prana.*

O Espírito

O estudo da anatomia sutil deve ter seu início na noção de espírito. Isso porque o espírito é o fundamento de tudo. Vamos procurar dar várias definições de espírito e averiguar o que a Terapia de Vidas Passadas tem a nos dizer sobre esse tema.

Espírito é um termo de grande amplitude de significado, sendo usado de formas diferentes por grupos de pensadores diferentes. Na Terapia de Vidas Passadas a palavra espírito é comumente usada para definir o princípio inteligente individualizado, sendo

sinônimo de “alma” ou centelha divina, a individualização do universal. Em seu sentido original, na maioria das línguas antigas, como o sânscrito (atman), o Hebraico (ru’ah) e o grego (pneuma), a palavra tem um sentido de “sopro”, sendo considerada o sopro vital. Mas também agrega em seu significado original termos como vitalidade, ar, atmosfera, vida, exalação, dentre outros. A partir deste significado, todos os outros foram derivados.

Espírito, em sua origem, significa basicamente
“aquilo que vivifica”.

Para facilitar a apreensão correta do sentido, vamos distinguir os significados mais comuns do termo:

Na Filosofia Moderna: A palavra espírito aqui toma uma acepção distinta, abrangendo o sentido de alma racional ou intelecto, ou seja, tudo o que diga respeito a racionalidade humana no seu apogeu e pureza. É também usado, muitas vezes, em oposição à “letra”. “A letra mata, mas o espírito vivifica” (Coríntios, 3:6). Em Filosofia o termo toma o significado de algo que visa demonstrar a essência de um ensinamento. Por exemplo, “O Espírito das Leis” de Montesquieu.

Nas crenças: Aqui o espírito é um ser sobrenatural, incorpóreo, etéreo, bom ou mau, tal como descrito nas teologias e nos mitos, como por exemplo, anjos, demônios etc.

Nas tradições: é um ser imaginário, como no paganismo, um ser que pertence a contos, mitos e lendas antigas, com maravilhosos e incompreensíveis poderes. Aqui podem ser citados os elementais, duendes, gnomos, fadas, silfos, gênios etc. Estes são também chamados de espíritos da natureza e formam uma classe especial de entidades.

No Cristianismo: O Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade.

No Espiritismo: “O Princípio inteligente do Universo” (*O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, q. 23). “Os espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio matéria” (q. 79). Seriam almas humanas desencarnadas, sem corpo físico. Por um lado, de acordo com o “O Livro dos Espíritos”, o espírito não é “um ser abstrato, indefinido (...) É um ser real, circunscrito que, em certos casos, se torna apreciável pela

vista, pelo ouvido e pelo tato”. Ainda no mesmo O Livro dos Espíritos, vemos a afirmação de que “Pela sua essência espiritual, o espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele”. Essas duas passagens de O Livro dos Espíritos pareceriam uma contradição se não levássemos em conta os dois níveis do espírito. Num nível menos elevado e mais próximo à matéria, quando revestido pelo envoltório fluídico, ele se torna definido e circunscrito, podendo ser apreciado pela vista e pelo ouvido. Num nível mais universal, ele não pode ser bem definido, pois nos falta a inteligência e a elevação para esse fim. O livro acrescenta ainda que “O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea” (q. 88). Esse é o sentido que a maioria dos terapeutas de vidas passadas confere ao termo espírito.

No Misticismo: Nas Tradições místicas o sentido geralmente empregado é o de espírito como sendo um princípio universal; uma eternidade e um infinito. A própria expressão da divindade dentro de nossa compreensão. Nesse caso, o espírito não é tido como individualidade, como um ente, mas como a energia primeira de Deus, que permeia o Universo inteiro. O espírito é uma centelha divina presente em nós e da qual somos o receptáculo. “Não sabeis que sois o Templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Corinthius 3, 16).

O espírito é a não-dualidade: a unidade primordial. É o fundamento de tudo o que existe. Para Wilber, é o nível mais alto da realidade: matéria, corpo, mente alma e espírito. Para Wilber e para o misticismo oriental, o espírito inclui matéria, corpo, mente e alma, mas transcende e está além de todos estes.

No Rosacruçianismo: A energia que dá origem ao mundo material. Esta é chamada de Energia Espírito. Esta seria uma matéria sutilíssima e intangível que tem o poder de animar as coisas, ou seja, os objetos e fenômenos do mundo. Os estóicos já usavam o termo espírito nesse sentido, assim como os magos da renascença (Abagnanno, Dicionário de Filosofia). Também os alquimistas e os rosacruzes usavam espírito dessa forma: “Os grandes rosacruçianos sabem preparar um líquido a que dão o nome de ‘espírito universal’. Esse líquido seria extraído da atmosfera, da neve, da chuva ou do orvalho. É uma condensação do espírito da natureza que tudo vivifica”. (O. M. Aïvanhov)

Na Terapia de Vidas Passadas, o termo empregado está mais próximo do Espiritismo, embora tenha algo também de Misticismo. O espírito é uma individualização da unidade total. Seria como o ponto dentro do círculo; ao mesmo tempo que o ponto tem a natureza do círculo, o primeiro é menor que o segundo e está nele incluído. É também considerado o ser humano na ausência de corpo físico, após a morte.

A Alma

A palavra *animus*, que derivou o termo alma, tem correlação com o grego *anemos* e com o sânscrito *aniti* (Dicionário de Símbolos). Esses dois termos tem o significado de “sopro”. Nesse sentido, a palavra alma tem o mesmo sentido de “espírito”, que significa sopro, alento etc. Essa palavra possui uma diversidade imensa de sentidos, como o religioso, teológico, filosófico, epistemológico, psicológico e antropológico. O termo atualmente é mais usado dentro de um contexto religioso e teológico; o que antes era chamado de alma, hoje recebeu a denominação de mente, psiquê, ou psiquismo. O estudo da alma está relacionado ao estudo ontológico, do eu, do espírito, da psiquê e principalmente da consciência.

Em algumas culturas, o homem pode ser representado com várias almas, duas, três, quatro ou até mais. Essas almas têm funções diferentes e residem em graus de densidade mais ou menos elevados (Dicionário de Símbolos). Porém, pode-se identificar três significados principais sobre a palavra alma, que nos remetem a três níveis de consciência distintos, que formam a constituição do ser:

Alma como princípio divino: Aqui a alma aparece como sendo o princípio divino inerente a todos os seres. Essa alma é invisível, mas não se desloca no espaço, posto que para se transportar ela deveria ser necessariamente limitada. A dimensão divina (se é que podemos usar a palavra “dimensão”) não pode ter limites, ela está ligada e pertence ao infinito.

Antigamente, a concepção de alma unia-se a de espírito, significando “sopro, hálito, alento, vida, respiração”. Em outras situações, a alma era concebida como uma “chama” ou um “fogo perene”, uma chispa ou “centelha divina”. Há uma ideia de que a alma humana está indissociavelmente ligada à alma universal. Dizem alguns místicos que não se podem falar em alma individual,

pois sempre que falamos em alma, ela é universal, pois o princípio divino, mesmo que seja um princípio latente no ser humano, não pode nunca ser pessoal, mas universal e transcendente.

Alma como duplo do homem: Várias culturas consideram que a alma deixa o corpo nos períodos de repouso e sono, podendo encontrar-se com a alma dos mortos. No Egito antigo, esse princípio anímico era chamado de Ba, ou seja, o duplo do homem, sua alma invisível, que pode se deslocar a grandes distâncias, é independente do suporte físico e apresenta-se com a aparência do próprio corpo. Essa alma deixa o veículo material durante o sono do corpo físico e pode viajar a grandes distâncias. Esse é o chamado corpo astral dos esoteristas. “As primeiras especulações filosóficas acerca da alma se congregam principalmente em torno da ideia de simulacro ou fantasma do ser vivo, simulacro ou fantasma que podem sair ou afastar-se desse ser (aparecer em sonhos) até mesmo no decorrer da vida” diz José Ferrater Mora (Dicionário de Filosofia vol.1). Assim, a noção de alma tem o significado de um duplo do homem, uma espécie de princípio independente do corpo físico, que pode deixá-lo após a morte e que tem sua origem num princípio transcendente.

Alma como princípio vital: Esse nível também é denominado de Elan Vital. Termo conceituado pelo filósofo Henri Berson, no seu livro “A Evolução Criativa” de 1907, que designa um princípio, força ou energia vital, que se acredita ser responsável pela criação de toda a vida. É também definido como o princípio de evolução da natureza; a energia básica que faz as coisas evoluírem. Esse é o nível da vitalidade do organismo físico. Não pode deixar o corpo físico, pois caso isso ocorresse, o corpo seria destituído de vitalidade, o que provocaria irremediavelmente a morte. Há uma essência espiritual que “anima” a vida orgânica e ativa o funcionamento dos órgãos. Esse é o chamado ki dos japoneses, o chi dos chineses, a força vital dos rosacruzes, o princípio vital do Espiritismo, o prana dos Hindus e assim por diante.

Na Terapia de Vidas Passadas a alma é o princípio, fundamento ou “essência” do ser. Diz-se que a alma encarna de vida em vida, num ciclo de mortes e nascimentos até atingir a iluminação, ou o despertar de todas as suas faculdades arquetípicas e universais. Nesse sentido, a alma seria sinônimo de espírito, ou seja, uma individualização do universal.

De qualquer forma, a TVP considera, assim como a maioria das culturas e tradições, os diversos níveis da alma, tal como os três citados anteriormente. Parece ser um fenômeno quase universal a alma ser tratada em diversos planos ou graus de realidade.

O Eu Superior

O espírito e a alma são realidades espirituais, mas em nossa visão humana, são apenas abstrações teóricas. O espírito representando a essencialidade individualizada do ser, enquanto a alma, apesar de ser divina, se constitui como a apresentação dos mais elevados níveis ou camadas que revestem o espírito. Por outro lado, o Eu Superior, apesar de ser ainda algo distante do entendimento humano, está mais próximo de nós. Podemos até mesmo entrar em íntima conexão com ele por intermédio de certas técnicas da TVP.

O Eu Superior, ou Eu interior, é conhecido como a fonte de nossas intuições e da sabedoria que emana de nossa consciência. Algumas vezes ele é denominado tal como o espírito, como um pequeno microcosmos do grande macrocosmos. Seria uma partícula individualizada de Deus latente no homem. Como se diz nas tradições de mistérios, uma centelha ou chispa divina, eternamente presente em nosso interior.

Contrastando com ele, o Eu inferior seria uma sombra do Eu Superior, ou seja, um aspecto extremamente limitado dele. Da mesma forma que a sombra do planeta Terra não se opõe ao Sol, o Eu inferior não é contrário ao Eu Superior, mas apenas um reflexo distorcido deste. Enquanto o Eu Superior é o reflexo da vida divina em nós, o Eu inferior é um reflexo modificado e sombrio do Eu Superior.

O Eu Superior conhece o passado, o presente e o futuro. Nele estão contidas todas as nossas vidas passadas como memória e nossas vidas futuras em estado potencial. É com a matéria prima do Eu Superior que o Eu inferior e a personalidade (juntamente com a influência do meio e de múltiplas outras vidas), são moldados e formatados a cada encarnação.

O Eu Superior tudo sabe e tudo vê.

Muitos místicos e iniciados conhecem técnicas, meios e recursos de comunicação direta com esse centro nuclear de

consciência. As técnicas mais conhecidas para isso são a meditação e o silêncio. A harmonização com o Eu Superior nos oferece um ponto de vista total sobre tudo em nossa vida. Nossa capacidade de ver todas as coisas do ponto de vista do infinito se origina nessa elevada instância psíquica, que é o Eu Superior. Tendam chama, por vezes, o Eu Superior de Eu maior.

Há uma diferença entre Eu Superior e o mestre espiritual do paciente. O primeiro é a própria individualização das potencialidades divinas em nosso âmago; o segundo é uma entidade que já atingiu ou está prestes a atingir a iluminação ou o despertar total. Nos mestres espirituais, o Eu Superior está plenamente desperto, ao contrário de pessoas comuns.

Segundo Sanaya Roman o Eu Superior é *uma “parte de nosso ser que supervisiona e observa as outras partes”*. Ele também é responsável por coordenar todas as outras partes do nosso psiquismo, nossas subpersonalidades. Nossa missão seria fazer evoluir essas subpersonalidades dentro do nosso Eu Superior, de onde todas se formaram.

A harmonização das diferentes partes do psiquismo abre caminho para o aparecimento do Eu Superior. O Eu Superior é o orientador do diálogo das diversas facetas da consciência.

Como já dissemos, existem técnicas precisas para se invocar o Eu Superior e se valer de seu influxo e de uma consciência mais elevada. Porém, Tendam adverte ainda para o cuidado em não ficar invocando o Eu Superior, assim como mestres e guias espirituais, com a intenção de demonstrar parceria com os seres de luz – julgando-se assim alguém muito especial, praticamente sentindo-se como um ser de luz tal como os espíritos que invocamos (Tendam, 1988). Por outro lado, Tendam (1994) menciona que quando usamos o termo “Eu Superior” devemos evitar a conotação de “meu Eu Superior”, posto que o Eu Superior é algo que nós somos e não algo que nós temos.

O Eu Superior é da esfera do “ser” e não do “ter”.

Há uma técnica na Terapia de Vidas Passadas cujo nome é “Intervenção do Eu Superior”. Essa técnica foi divulgada por Hans Tendam. Consiste em pedir ao cliente que se desloque em consciência a um ponto extremamente elevado de visão total. Tendam diz que *“sugerimos ir até um lugar panorâmico de visão global onde você é totalmente você mesmo”*.

Nesse ponto, além das medidas humanas, podemos ver qual caminho encarnatório seguimos até chegar ao presente momento ou num outro ponto qualquer. Ou seja, esse ponto de vista total nos mostra, em perspectiva, o caminho percorrido em nossas vidas passadas e como chegamos ao estado atual. Descortinamos nossas vidas passadas sob uma visão superior e entendemos muitas coisas sobre nós. Essa visão se torna possível graças ao olhar abrangente do nosso Eu Superior.

Nessa técnica devemos tomar cuidado para não cair nas malhas de camadas inferiores, ou de personalidades passadas pseudo-espirituais. O contato com o Eu Superior deve ser libertador e oferecer um feedback geral. Todo cuidado é pouco para não cair nas armadilhas dos níveis inferiores tentando se passar por superiores. Nesse sentido, Tendam afirma que a responsabilidade do cliente e do terapeuta não deve ser posta de lado sob a justificativa de aceitar instruções imprecisas do “Alto”.

Os Corpos Do Ser Humano

É importante abordar rapidamente sobre a hierarquia oculta do ser humano, com suas várias camadas. Os corpos do ser humano são invólucros, envoltórios ou roupagens do Eu Superior, alma ou espírito. Na Terapia de Vidas Passadas, o corpo tem vários níveis, são todos eles os veículos de expressão da essência espiritual. O espírito se manifesta a partir dos seus veículos, que são chamados de corpos. O princípio básico dos corpos pode ser mais bem compreendido com o axioma dos rosacruzistas que afirmam que *“O ser é múltiplo em manifestação, mas um só em essência”*.

Os corpos ou invólucros do espírito são uma hierarquia de vários graus de expressão, cada qual vibrando numa faixa ou plano de consciência. Os corpos vão do mais inferior, o próprio corpo físico, ao mais elevado, o atman, a centelha divina, ou mônada (unidade de consciência universal individualizada). Do físico ao atman, existem múltiplos envoltórios sutis de manifestação da essência, cada qual dentro de um plano vibratório.

A existência da natureza multidimensional humana é uma realidade para as religiões e tradições de sabedoria. O catolicismo fala de corpo e alma. Paulo de Tarso já falava sobre corpo, alma e espírito (1 Tes 5, 23). No antigo Egito ensinava-se uma anatomia sutil de sete níveis hierárquicos diferentes. A Yoga transmite uma sabedoria prática de sete invólucros ou koshas. A Cabala fala de dez sephiroths, as dez dimensões humanas e cósmicas das

emanações divinas. O Budismo clássico ensina sobre cinco agregados de consciência, mas o Budismo vajrayana já fala dos sete chakras. Maomé sonhou com os “sete céus”, sendo levado pelo Anjo Gabriel quando ascenderam juntos ao Trono de Deus. Vemos que as tradições concordam num ponto muito importante: existe uma anatomia sutil humana e ela é mais real do que a realidade do corpo físico, pois quanto mais elevado, mais se aproxima do divino.

Cada um desses veículos superiores serve de base para a manifestação da centelha divina dentro de um plano de consciência. Os corpos superiores são, para a maioria dos indivíduos encarnados nesta época, totalmente inacessíveis, posto que existem em esferas extremamente sutis. Em meditação profunda, é possível elevar-se ao nível dos veículos superiores, como o mental superior e o causal. Apesar disso, o homem moderno, pela vida agitada, tensa e inconsciente que leva, possui pouquíssima percepção consciente dos seus veículos sutis.

Uma das demonstrações científicas do modelo dos níveis sutis do ser pode ser investigado através da bioeletrografia (kirliangrafia). No entanto, como já dissemos, essas pesquisas demonstram apenas uma pequena parcela da anatomia sutil humana, mais notadamente uma faceta do corpo etérico. O melhor método de investigação ainda é a percepção direta dessa realidade, tal como sugerida pelas tradições místicas e esotéricas. As pesquisas científicas mais conhecidas nesse ramo são:

- a pesquisa do corpo etérico com a bioeletrografia,
- os pontos de acupuntura e os meridianos,
- evidências elétricas da posição dos chakras,
- os estudos do desdobramento ou projeção do corpo psíquico ou astral.

Mais informações sobre essas pesquisas podem ser encontradas no livro “Medicina Vibracional” de Richard Gerber.

A classificação dos corpos espirituais tem sido objeto de estudo das mais antigas tradições de sabedoria da humanidade. Na Tradição da Yoga, os yogues têm procurado mapear esse terreno nebuloso e desconhecido do homem comum através de intensa pesquisa introspectiva e meditativa.

O estudo dos corpos foi denominado de anatomia esotérica, e tem sido alvo de pesquisas incansáveis ao longo das eras. Porém, o principal objetivo desse estudo não são definições e descrições lineares, mas oferecer abertura para um caminho de experiência direta através de exercícios psíquicos.

Após a morte, os envoltórios ou corpos da centelha divina vão sendo descartados um após o outro. Primeiro descartamos o físico, logo depois o etérico, em seguida o astral, indo para o mental. Até mesmo o mental é posteriormente descartado, dando lugar ao corpo budhico ou causal. Durante o processo do nascimento, no período pré-encarnatório, vai ocorrendo justamente o oposto disso: o espírito vai começando a adquirir veículos, a revestir-se de invólucros cada vez mais densos e deixando de lado a pura expressão dos seus níveis mais sutis. Finalmente, no nascimento físico ele toma uma roupagem extremamente densa com o corpo físico e inicia sua jornada no mundo material e objetivo. Dessa forma, vemos que, enquanto a morte é o despojamento dos corpos, o nascimento é o ato de adquirir veículos cada vez mais densos.

Os envoltórios sutis do espírito podem ser investigados também através da TVP, porém, esse não é exatamente o foco da pesquisa clínica. Como já aludimos, a matéria prima da TVP é a busca da qualidade de vida e da cura do ser humano, tendo como base o despertar de sua consciência e o autoconhecimento.

O Corpo Astral

Começaremos agora a falar dos dois corpos mais densos do ser humano, que são o corpo astral e o corpo etérico. O corpo astral é o veículo ou invólucro composto de matéria astral imediatamente superior em vibrações ao corpo físico e ao corpo etérico; e inferior ao corpo mental (que se situa “acima” do astral).

O corpo astral não é muito diferente do etérico e do físico; é constituído de menor densidade e de matéria mais fina, sendo mais luminoso e tendo sua forma menos delimitada que os dois corpos que lhe são inferiores (físico e etérico). É o corpo que permite a expressão das emoções, paixões e dos desejos. Cada partícula do corpo físico tem sua contraparte no corpo astral.

Quanto mais elevada é a consciência do homem, maior será sua lucidez durante o sono. O veículo astral permite deslocamentos no espaço, na chamada projeção astral, e também pode interagir com seres do próprio plano astral. Muitos fenômenos de aparição têm relação com o corpo astral.

O corpo físico é penetrado pelo corpo astral, conferindo-lhe a capacidade de ter sentimentos e emoções. O corpo astral tem sete graus, que representam sete estados diferentes de emoções, das emoções mais inferiores às mais superiores. Essas sete subdivisões é que possibilitam o homem sentir desde emoções grosseiras a emoções mais sutis. O corpo astral atua como ponte entre a mente e o corpo físico (Arthur Powell).

O corpo astral responde prontamente a maus pensamentos e sentimentos, em velocidade muito superior as reações do corpo físico. Nesse sentido, o corpo físico do homem serve como uma espécie de proteção às vibrações que, caso o atingissem com maior prontidão, poderiam desestabilizá-lo de alguma forma. Logo após a morte, o corpo etérico é descartado e a pessoa permanece no nível astral e seu respectivo veículo, o corpo astral.

O conhecimento da anatomia sutil do homem tem a sua importância na Terapia de Vidas Passadas. As marcas de nascença, os traumas físicos, os defeitos congênitos e outras cargas kármicas manifestadas no físico têm sua contraparte no astral e são moldados por este. O veículo astral é o chamado *modelo organizador biológico* (MOB) pelo brasileiro Hernani Guimarães Andrade no livro “Espírito, Perispírito e Alma”. O MOB seria como um domínio informacional histórico e é nele que se localizam as primeiras impressões que posteriormente vão se expressar no corpo físico.

Através da percepção do corpo astral, é possível determinar o estado emocional do cliente, além da possibilidade de tratamentos energéticos serem realizados diretamente na origem de nossas emoções. É possível verificar o estado do corpo astral da vida passada e entender como aquela vida afetou a sua constituição. Nesse sentido, a técnica da exploração da aura pode ser usada e surtir bons resultados.

Alguns terapeutas brasileiros trabalham com a reconstituição do corpo astral do atendido. Em outras palavras, um corpo astral que parece debilitado por alguma carga, doença ou trauma do passado poderia ser restaurado graças a procedimentos determinados. Essa técnica, obviamente, tem a sua importância, mas parece que, muito mais importante do que esses artifícios, é estabelecer as correlações entre o passado e o presente em forma de insight através do alívio proporcionado por uma catarse eficaz e bem realizada. Essa parece ser a melhor forma de se tratar e purificar o corpo das emoções. A esse respeito, a conscientização da problemática passada, trazendo à tona sua origem, é a via mais eficaz de se tratar nossos corpos.

O Cordão De Prata

O cordão de prata pode ser considerado um fio ou filamento prateado composto de vibrações sutis que tem a função de conectar os corpos espirituais ao corpo físico do homem, servindo de intermediário vibratório. Também chamado de “fio de prata” ou “cabo de prata”. Durante a projeção astral ou psíquica, o cordão de prata pode ser visualizado pelo projetor e por sensitivo treinado. Diz-se que o cordão de prata, ou fio de prata, liga o corpo físico ao corpo astral do homem.

O rompimento desse fio de luz e energia provoca inevitavelmente a transição (morte). Tanto a Teosofia, quanto a Ordem Rosacruz AMORC falam sobre o cordão de prata. Diz-se que uma referência ao cordão de prata indicando a morte é encontrada na Bíblia, no livro de Eclesiastes:

Antes que se rompa o cordão de prata, e se quebre o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se quebre a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.

Diz-se que durante as experiências extracorpóreas, o cordão de prata vai se alongando conforme o projetor vai se distanciando do corpo físico. Segundo autores, o fio de prata teria a capacidade de se prolongar infinitamente.

Esoteristas afirmam que o corpo de prata não apenas liga o corpo astral ao físico, mas é uma extensão energética que desce da mônada e vai conectando todos os veículos sutis do ser, dos superiores aos inferiores. Assim, existiria um fio de prata do físico ao etérico; do etérico ao astral; do astral ao mental, e assim por diante. Há alguns metafísicos que dizem que, durante a projeção astral, nunca perceberam o cordão de prata, embora todos sejam unânimes em declarar que sentem uma profunda ligação com o corpo físico (Coutinho, Além do Corpo, a arte tradicional).

O Corpo Etérico

Falaremos agora do chamado corpo etérico. O corpo etérico é o corpo de vitalidade, onde se situam os meridianos e pontos de acupuntura. Também denominado corpo elétrico, ou corpo bioplasmático na Parapsicologia. É o elán vital de Paracelso.

Não se pode confundir corpo etérico com a aura. O corpo etérico é o duplo do homem, também chamado de duplo etérico. Envoltório de energias densas e grosseiras; é o primeiro corpo

acima do corpo físico. Invólucro onde residem os instintos, a sexualidade e as paixões inferiores. Possui diversos canais sutis que percorrem todo o corpo físico alimentando com energia vital o núcleo de todas as células.

De acordo com Richard Gerber (1989), “o corpo etérico é um modelo ou campo de energia holográfico que contém informações relativas ao crescimento, desenvolvimento e regeneração do corpo físico”. O corpo etérico tem a propriedade de orientar “o desdobramento espacial do processo genético”, tendo uma função reguladora dos processos vitais e formativos do corpo físico. Além disso, “o corpo etérico é constituído de matéria que vibra numa frequência mais elevada que a do corpo físico e que é chamada de matéria sutil”. O autor diz ainda que “o corpo etérico é um molde energético que nutre e energiza o corpo físico”.

É encarado como uma “neblina prateada que se estende alguns centímetros além da pele”. O corpo etérico é a sede dos chakras ou vórtices, os centros psíquicos do homem.

Cada chakra do corpo etérico distribui as energias vitais para o corpo físico e entre os próprios chakras. O corpo etérico é considerado uma verdadeira usina geradora de energia, regulando a vitalidade das atividades do dia a dia e o funcionamento dos órgãos internos, como o batimento do coração, a digestão e outras funções vitais. Na realidade, caso o corpo etérico retirasse do físico toda a sua energia, este morreria imediatamente.

O corpo etérico leva ao corpo físico correntes de energia sutil que se distribuem ao longo de todo o organismo.

As doenças que se manifestam no corpo físico iniciam nos corpos mais sutis, o corpo mental e o astral, e tomam forma imediatamente no corpo etérico, criando miasmas, bloqueios na circulação de energia, até que essas retenções vêm atrapalhar o funcionamento dos órgãos físicos aos quais está ligado e a consequência inevitável é a doença. O duplo etérico recebe este nome pois é o talhe que reproduz com fidelidade o corpo físico, com tudo o que ele contém. O corpo etérico, apesar de penetrar cada molécula do corpo, vai além dele.

Apesar de muita confusão em torno do tema, uma pequena parcela rarefeita e nebulosa do corpo etérico pode ser visualizada por meio da fotografia kirlian, ou bioeletrografia. Porém, Gerber adverte que “As energias empregadas no processo Kirlian não têm a mesma frequência que as do corpo etérico. Elas são constituídas de harmônicos ou oitavas mais baixas dessas energias vibracionais

mais elevadas”. Por meio da bioeletrografia, cientistas descobriram padrões de formas diversas que podem ser sinais da instalação de doenças físicas. Assim, tornou-se possível diagnosticar doenças antes mesmo delas se expressarem no corpo físico.

Quando um indivíduo perde algum membro ou parte do corpo, mesmo assim muitas pessoas ainda relatam sentir dor no membro que não está mais lá. Apesar de existirem hipóteses neurofisiológicas para tal fato, algumas tradições espirituais e a Terapia de Vidas Passadas ensinam que a dor sentida reside no corpo etérico. Apesar da inexistência física do membro, a contraparte etérica permanece existindo e vibrando no mesmo local e pode ainda permanecer por longos períodos de tempo.

O corpo etérico é nutrido a partir de três fontes. Primeiro, das energias sutis que têm origem nos corpos superiores, astral, mental e búdhico. Em segundo lugar, de duas fontes ditas “materiais”, que são a energia proveniente da respiração humana e dos alimentos ingeridos e processados. Por fim, o corpo etérico é nutrido pelo prana, ou energia vital proveniente do sol. Parece que o prana ainda não pode ser mensurado por aparelhagem científica moderna, mas pode ser visualizado por qualquer indivíduo. Para tanto, não há a necessidade ser clarividente, desde que observe atentamente, com olhar concentrado, qualquer espaço com pouca luminosidade, de preferência antes do anoitecer.

Quando uma pessoa passa pela transição (morte), uma parte de seu corpo etérico ainda se conserva no corpo físico em estado de putrefação; outra parte do etérico se retira do físico e após algumas horas é dissolvida no espaço astral, quando a alma então perde seu invólucro etérico e passa a encontrar-se no corpo astral, dentro do plano de consciência correspondente ao nível de evolução espiritual atingido durante a encarnação.

A Aura

A palavra aura vem do grego, e significa “brisa ligeira, sopro”. A aura é vista como uma espessa nuvem luminosa de cores e matizes distintos, com tonalidades, nuances e gradações de densidade variantes. Em esoterismo e espiritualismo, a aura é conhecida como um campo de energias magnéticas e sutis que envolvem o corpo físico dos seres vivos, dos animais, vegetais, minerais, átomos, planetas e galáxias.

Nos seres humanos a aura consiste na expressão vibratória dos diversos veículos dentro de várias camadas de consciência. Ao contrário do que se pensa, a aura não se irradia a partir do corpo físico, ela existe nos níveis sutis.

Os rosacruzes falam da aura como possuindo três níveis distintos e hierárquicos: aura física, aura emocional e aura espiritual. A aura física reveste o corpo físico; a aura emocional representa a expressão de nossas emoções traduzida em vibrações e numa sutil luminosidade; a aura espiritual abrange nossos níveis mais elevados de consciência, nossas cargas kármicas acumuladas e nossa ligação e interação com o divino.

Na iconografia cristã, encontramos na arte sacra as pinturas dos santos com um halo luminoso ao redor da cabeça. Esse halo de luz é uma indicação de sacralidade, pureza e autoridade divina. Essa é também conhecida como auréola ou nimbo; simboliza a glória do ser em sua totalidade. A imagem circular da auréola nos evoca o significado do simbolismo do círculo, que traz a ideia de totalidade, unidade, perfeição, universalidade etc. Clarividentes afirmam que a aura tem forma ovóide, o que nos remete à representação do ovo como gérmen simbólico da criação (Dicionário dos Símbolos).

Na Yoga, a aura é associada a irradiação dos diferentes koshas, ou invólucros, chamados de corpos ou níveis de consciência. “São perfeitamente visíveis para a visão intensificada do yoguin, ou ‘olho divino’ (divya-cakshus). Em sânscrito, as palavras que significam aura são chaya (‘sombra’), prabha-mandala (‘círculo radiante’) e dipta-cakra (‘roda fulgurante’), sendo que as duas últimas se referem à luminosidade do campo de energia” (Feuerstein, 1997).

A aura humana pode irradiar uma quantidade significativa de intensidade de brilho e cores diferentes. Estudos psíquicos afirmam que as cores variam desde o marrom e negro, como uma sombra, até a luminescência do branco mais puro e cristalino. No Espiritismo, vemos uma referência semelhante “88-a. Esta flama ou centelha [do espírito] tem alguma cor? Para vós, ela varia do escuro ao brilho do rubi, de acordo com a menor ou maior pureza do Espírito”. Há nessa passagem uma ideia de um certo teclado, com níveis diferentes de variações da aura, “ela varia do escuro ao brilho do rubi”. Há uma noção de um espectro que corresponde a evolução de cada espírito e a estados emocionais e mentais.

Dentro desse espectro, encontramos várias cores, como amarelo, laranja, vermelho, azul, violeta, verde, dentre outras. Cada cor tem um significado especial e representa um conjunto de

estados e qualidades humanas. Por exemplo, o vermelho pode indicar uma pessoa mais voltada para a sexualidade; o amarelo, uma pessoa mais intelectualizada, com grande atividade mental e racional; o negro representa um indivíduo extremamente negativo ou incrivelmente depressivo; o branco puro representa uma pessoa de altíssima espiritualidade, altruísta, caridosa, sábia e compassiva.

Uma disfunção física, com sintomas e doenças orgânicas, impregna a aura física, tendo como consequência um bloqueio em nossas energias, uma diminuição do seu brilho, uma mudança de cores, dentre outras modificações. Um corpo físico debilitado produz uma aura debilitada; uma complicação emocional gera uma aura emocional enfraquecida, e assim por diante. O termo *aura vitalis* foi empregado por Jean Baptiste van Helmont para designar a força que move, anima e ordena os elementos corpóreos e as funções vitais.

Videntes, clarividentes, médiuns, paranormais, meditadores, yogues, projetores conscientes e até pessoas comuns em estados de expansão psíquica podem visualizar a aura de pessoas e objetos. É possível conhecer o estado físico, emocional e espiritual de uma pessoa pela visão de sua aura. Diz-se que nas antigas escolas de mistério do Egito, os candidatos à iniciação eram colocados num local determinado e os hierofantes (mestres) daquela tradição ou fraternidade observavam o estado e as variações de sua aura. Eles faziam isso como forma de averiguar o estado interior do iniciando e aprovar sua honestidade, sinceridade e caráter.

Tanto na antiguidade das antigas Ordens iniciáticas quanto atualmente nas práticas psicoespirituais, como Yoga, meditação budista e outras experimentações, é possível desenvolver a sensibilidade psíquica que permite a visão da aura. Atualmente, através da regressão de memória e de um estado especial de consciência, pode-se realizar uma interiorização capaz de ver e sentir a aura humana. Isso demonstra que, a princípio, essa capacidade não demanda um dom especial, mas é experiência comum a todos aqueles que conseguirem atingir determinado estado interior.

O método da “Exploração da Aura” desenvolvido por Hans Tendam, faculta aos remigrantes terem um contato direto com sua própria aura e verificar seu estado de espírito no momento, além da possibilidade de fazer um tratamento direto em sua energia.

Os Chakras

A palavra chakra, em sânscrito, significa “roda”. Chakra é um centro, vórtice ou círculo de energia psíquica que gira e vibra a frequências mais ou menos elevadas. Dependendo da localização de cada chakra, ele irradia e distribui energias de patamares diferentes.

Os chakras estariam localizados no corpo etérico. Clarividentes com visão psíquica direta desses centros psíquicos o identificam como rodas de energias luminosas de tons e cores diversos. Poucos sabem disso, mas de acordo com pesquisas yogues, cada chakra emite não apenas luz e cor, mas também uma sonoridade, que pode ser captada através da audição psíquica.

Os chakras são semelhantes aos pontos de acupuntura, a diferença seria a maior abrangência de função que os chakras possuem em relação aos pontos. Cada chakra estaria ligado a glândulas endócrinas e a órgãos do corpo físico.

Os chakras são em número de sete. Na verdade, algumas organizações místicas e esotéricas afirmam que existem sete chakras principais e cinco chakras secundários: sete maiores e cinco menores, perfazendo um total de doze chakras. A localização exata dos chakras é controversa. Clarividentes discordam nesse ponto, mas não há grandes divergências. As semelhanças superam em muito as diferenças.

Os chakras têm a função de distribuir o prana (energia vital) pelo corpo. É conhecido que nossas emoções e comportamentos podem causar certos bloqueios energéticos na circulação do prana no organismo. “Através deles que uma singular forma de energia sutil ambiental é absorvida e distribuída por nossas células, órgãos e tecidos do corpo” (Gerber, Medicina Vibracional 2). A tradição yogue indiana foi a primeira que conhecemos a codificar e descrever há milhares de anos a função e a natureza dos chakras.

Alguns terapeutas no Brasil realizam regressões com a fixação da atenção nos chakras. “Muitos terapeutas utilizam-se da focalização nos chakras para levar uma pessoa a uma vida passada. De acordo com essa teoria, os chakras são os grandes depositários dessas memórias, cada chakra dentro do nível de experiência que lhe é próprio. Exemplo: a focalização no chakra básico pode trazer à consciência uma encarnação onde a vivência predominante foi a sexual, como vidas de promiscuidade ou prostituição. O chakra cardíaco pode fazer emergir uma sensação de uma vida onde houve uma desilusão amorosa, ou emoções de diversos tipos. O chakra frontal pode, por exemplo, levantar o véu

de uma existência onde a pessoa foi um sacerdote dotado de capacidades psíquicas e grande conhecimento de assuntos espirituais e assim por diante” (Regressão e Espiritualidade).

O terapeuta de vidas passadas pode, através da técnica da Exploração da Aura de Hans Tendam, pedir ao cliente que visualize seu próprio chakra e perceba se ele está vibrando adequadamente. Além disso, pode inquirir o cliente sobre a existência de impurezas derivadas de vidas passadas. Apesar da literatura da TVP mencionar pouquíssimo sobre os chakras, eles são considerados verdadeiros “portais”, capazes de desvendar muitos dos mistérios de nossa consciência.

Os chakras são os responsáveis pelo desenvolvimento dos “poderes psíquicos”, tópico controvertido dentro dos sistemas esotéricos. Diz-se que o despertar dos chakras através de exercícios psicoespirituais prolongados, em anos ou mesmo décadas de prática, poderia ativar certas faculdades adormecidas. No Yoga Sutras, Patanjali escreve que uma das formas de desenvolver os sidhis é a concentração em vários pontos específicos do corpo. Nossa sensibilidade às energias sutis também pode ser despertada através de exercícios específicos nos chakras. O chakra frontal, localizado na testa, é o responsável pela visão psíquica, a clarividência, a telepatia, a telecinese, mediunidade, dentre outras capacidades.

O trabalho de alguns sistemas espirituais sobre determinado chakra pode até mesmo revelar as reais intenções desses cultos, suas aspirações e a essência de uma tradição. No seu “Doutrina Secreta VI”, Blavatsky menciona que “a grande importância que atribuem [os tantristas] ao plexo principal, Muladhara chakra (o plexo sagrado) denuncia a tendência material e egoísta de seus esforços pela aquisição de poderes”. Dessa forma, observamos que os chakras formam um capítulo muito importante para os estudos terapêuticos e espirituais.

Os Nadis

Os Nadis são os “condutos” ou “canais” por onde circula a energia vital ou bioelétrica no corpo. Embora a tradição da Yoga fale de 10, 12, 14, 72, até 72.000 nadis pelo corpo, existem três nadis principais, que são: Ida, Sushumna e Pingala. Sushumna fica situado no centro e Ida e Pingala localizam-se como uma espiral à volta de sushumna. Estes são os mais importantes canais para a tradição da Yoga.

Porém, o *Tri-shikhi-Brahmana-Upanishad*, um texto tradicional da Yoga, afirma que os nâdis são incontáveis (Feuerstein, 1997).

Para a Yoga, a purificação dos nadis ou canais sutis são essenciais para o progresso das práticas meditativas mais avançadas. O avanço do yogue deve privilegiar a limpeza desses canais de circulação de energias, sob pena de causar perigos para si mesmo no chamado “despertar da kundalini”. Essa purificação chama-se Nadi-Shodhana na Yoga.

Os Átomos Permanentes

Para fechar nosso estudo sobre a anatomia sutil humana é importante mencionar certas estruturas sutis que ajudam a conservar a memória espiritual de uma vida a outra. Esses são os átomos permanentes.

Trata-se de uma partícula ou vórtice de energia que registra as experiências, lições e tendências da alma ao longo das vidas. O átomo permanente é uma síntese das memórias que vão sobreviver à morte do corpo físico e dos corpos etérico, astral e mental. Para cada um destes corpos, há um átomo permanente. Os átomos permanentes arquivam as memórias que servirão de modelo para a formação dos corpos inferiores (físico, etérico, astral e mental) na futura existência. Por este motivo, eles recebem a qualificação de “permanentes”, pois se constituem como o princípio capaz de guardar memórias de uma vida para a outra, resistindo à corrente de transformações e dissolução das formas materiais e etéreas.

O átomo permanente, porém, não é a instância do ser que conserva a individualidade. Trata-se apenas de um registro das fases do espírito ao longo das experiências corpóreas. Uma memória arquivada não deve se confundir com a individualidade. Esta se refere a uma realidade interior que diz respeito à essência integral do ser (Glossário Esotérico). Em outras palavras, nenhuma forma de memória deve se misturar com a individualidade, pois ela nos remete ao nosso eu mais profundo.

“O átomo permanente situa-se no coração etérico de cada corpo simultaneamente e registra as emoções, os pensamentos, as reações e as experiências, conforme ocorrem nos mundos da existência” diz Stylianos Atteshlis no livro “A Prática Esotérica”.

Diz-se que há três átomos permanentes para os quatro corpos inferiores, o físico-etérico, o astral e o mental. Após a morte e o descarte desses corpos pela mônada, espírito ou centelha divina, os átomos permanentes são absorvidos pelo corpo causal, o corpo que guarda todas as memórias de uma alma.

Quando a centelha divina sente o impulso da encarnação, ela começa a se preparar para um novo nascimento. Então, vai formando em si mesma os quatro corpos inferiores. Para gerar os corpos, a alma se vale dos átomos permanentes que até então estavam preservados no corpo causal ou búdhico, ou nos arquivos eternos do espírito. Mesmo que os corpos e a personalidade sejam diferentes do corpo e personalidade anterior, os átomos permanentes trazem a carga das capacidades, qualidades e tendências para a nova encarnação.

Segundo autores teosóficos, a alma é ajudada a formar seus corpos pelos anjos construtores e também pelos Senhores do Karma. Aos poucos, os átomos permanentes servem de base para estabelecer o potencial e também os limites da condição corpórea da alma que espera para nascer.

Capítulo 9

O Psiquismo Humano

Essa parte mais voltada ao aspecto psicológico pode não ser do interesse de alguns leitores. Se for esse o seu caso, não hesite em passar direto ao próximo capítulo.

O Ego

Agora que já abordamos as estruturas sutis que fazem parte da constituição humana multidimensional, cabe descrever um pouco, mesmo que resumidamente, aquelas estruturas mais próximas de nossa persona humana comum, como o ego, a personalidade, o caráter, o inconsciente, a emoção etc.

Esta área, apesar de ser aprofundada por estudos da psicologia moderna, também é muito valiosa ao profissional de regressão de memória, principalmente quando ela se apresenta dentro de um enfoque correlacionado ao ensinamento das tradições espirituais. Por isso, vamos começar pela principal instância do nosso psiquismo, que mais gera polêmica e cujo significado é difícil de definir: o Ego.

O termo Ego é originário da Psicanálise. Dentro do sistema psicanalítico, ele significa, na segunda tópica freudiana, o mediador entre o Id (pulsões, desejos, impulsos) e o Superego (autorrestrições, exigências). Em filosofia, é o Eu (Ego) que permite a autoconsciência e fazer de si mesmo um objeto do pensamento. O Ego é reconhecido como o ponto focal da consciência, seu centro ordenador, onde se constitui a nossa individualidade humana. Falamos individualidade humana pois existe uma individualidade muito maior, que é nossa individualidade cósmica, a mônada. Não falaremos da mônada pois as explicações sobre ela não seriam muito proveitosas para esta obra.

Ao contrário do eu, o Ego seria mais um construto aprendido através das influências do nosso meio, dos nossos pais e da sociedade. Nosso ego se estrutura a partir de nossas crenças centrais e visão de mundo. É o somatório dos pensamentos, sentimentos, comportamentos. É a forma como nós enxergamos a nós mesmos.

É um termo também definido como o centro de um sentimento de autoimportância, de investimento afetivo em nós mesmos. Levado ao extremo, pode conduzir a disfunções como orgulho,

vaidade e egoísmo, egocentrismo, narcisismo. A expressão “egocentrismo” define bem uma pessoa voltada unicamente para os interesses do ego, suas próprias vontades e aspirações. Uma pessoa voltada apenas para si mesmo acaba quase sempre ignorando as necessidades de outros e pode sentir o desejo de impor suas vontades diante do meio em que vive.

No plano da matéria, temos um corpo físico, o que ajuda na sensação de que somos entidades dissociadas de tudo. Porém, pessoas que adentram em estados intensificados de consciência, tendo o que comumente se chama de “experiência mística”, sentem um afrouxamento do sentido do eu, e aumentam infinitamente sua consciência, reportando-se a um “sentimento de eternidade” - uma “Experiência Oceânica” - como definiu Freud. Sujeitos que passaram por essa experiência de pico tendem a transformar totalmente as suas vidas e passam a ensinar que o conceito de eu é apenas uma ilusão, pois, segundo os místicos, estamos todos interligados uns aos outros, à eterna fonte da vida.

Os mestres orientais aconselham o desapego do nosso ego, nos libertar de seu jugo, a fim de soltar as amarras que nos prendem ao mundo da imperfeição. Para algumas tradições espirituais, o ego é a fonte de todo o sofrimento humano. Quanto mais uma pessoa se identifica com seu ego, mais ela se sente instável, perdida e cai na dor e no desespero. Buddha dizia que “*o ego é a morte, a verdade é a vida*”. Vê-se claramente uma distinção nítida entre o ego e a verdade, taxando-o de algo ilusório, mentiroso, falso e sem realidade. Dizem ainda as tradições espirituais que o ego é revestido com aparências do mundo ilusório; o ego seria Maya, a ilusão cósmica a qual todos os seres devem se libertar para atingir a perfeição, ou o Nirvana dos budistas.

O ego se diferencia da personalidade por estar mais ligado ao nosso sentimento de individualidade, de sermos nós mesmos ao invés de outras pessoas. Muitos indivíduos podem ter personalidades com traços em comum, podem reproduzir comportamentos semelhantes com base nos padrões de uma personalidade, mas nosso ego indica a existência de um ser autônomo e distinto dos demais, algo que é apenas dele e de mais ninguém. Alguns Mestres espirituais podem contestar essa afirmação, defendendo que não há nenhuma singularidade nos indivíduos. Se fossemos prescrever uma singularidade absoluta, o homem deveria tornar-se isolado de tudo e de todos. Como declaram os rosacruz: “Até nisso somos iguais, cada um é diferente”.

A percepção de um eu isolado e autônomo é uma ilusão. Lao Tsé já dizia: “Por que você sofre? Por que 99% das coisas que você faz são para você e você não existe”. Há uma frase que afirma: “Se você se sente só é porque construiu muros em vez de pontes” (autor desconhecido).

Apesar de não possuir uma realidade inerente, o ego existe para nós e tem certa importância no mundo concreto. Muitas vezes precisamos vestir certas máscaras em situações sociais, pois a coletividade nos exige isso. Assim, o valor do ego está na sua “importância de função” na vida humana. Ele nos ajuda a fixar nosso espírito dentro das tarefas comuns do dia a dia. Diz Helen Wambach que a função do ego “consiste em bem desempenhar nossas atividades enquanto estamos despertos”.

Na Terapia de Vidas Passadas não há muita distinção dos termos Ego e Personalidade. Porém, o ego é encarado como tendo aspectos relacionados à determinada existência, mas que pode guardar uma memória de experiências anteriores conservando-as e detendo seus caracteres positivos ou negativos.

A Personalidade

Personalidade é o conjunto de características psicológicas e comportamentais que distinguem os indivíduos de acordo com determinados traços psíquicos. O termo personalidade tem sua origem no grego *persona*, com a significação de máscara, capa ou aparência utilizada por atores gregos em suas apresentações teatrais. Estudos demonstram que a personalidade vai se formando através de interações do indivíduo com o meio, influenciada pela criação dos pais, pela genética e também por influências culturais e históricas.

Personalidade também pode ser considerada uma organização dos componentes psíquicos em torno de um núcleo central, que permitem a adaptação à sociedade e ao meio ambiente. A personalidade não é um conjunto de elementos irregulares, desordenados e descompassados, mas sim uma síntese desses elementos.

A Psicanálise tenta definir a personalidade nos termos de uma dinâmica inconsciente. Para Freud existem motivos ocultos que contribuem para a constituição de nossa personalidade. Para ele, a personalidade é formada pela interação de três componentes dinâmicos que interagem, o Id (desejos e impulsos), o Ego (um

orientador voltado para o mundo objetivo) e o Superego (um agregado de ideias fixas introjetadas).

De acordo com pesquisas, a personalidade não é estática, ao contrário do que se pensa. Ela é dinâmica e pode mudar ao longo do tempo.

Por outro lado, existe a teoria dos traços de personalidade, que busca descrever objetivamente a personalidade em termos de padrões identificáveis. Segundo essa visão, a personalidade seria formada por características mais estáveis, seguras e mais ou menos prolongadas. Os traços de personalidade definem determinados padrões verificáveis, ao invés de reportarem a um conteúdo causal inconsciente. A Terapia de Vidas Passadas aceita ambas as visões e considera que existem estes dois níveis de compreensão da personalidade. É como a lava incandescente que posteriormente se molda em formas estáveis. Por analogia, tanto a lava quanto a pedra são formas diferentes de se apresentar a mesma substância básica componente da personalidade.

Na TVP, estudamos o componente reencarnatório presente na formação de cada personalidade. Há possibilidade de a personalidade ser formada por meio do somatório das tendências de outras vidas e o meio onde se vive na atual encarnação. Os estudos apontam para uma pré-disposição de tendências que seriam inatas, adquiridas em experiências anteriores ao nascimento físico, relacionadas às fases uterina, pré-encarnatória, intermissiva e de vidas passadas.

Pesquisas mais recentes apontam para a autonomia das personalidades de vidas passadas, à semelhança das ideias de Jung sobre os complexos. Tendram reforça essa ideia em seu “Panorama sobre a Reencarnação”.

Não apenas as subpersonalidades (aspectos dissociados da vida atual) podem ser independentes do conjunto do psiquismo, mas também as personalidades de vidas passadas podem adquirir certa autonomia, provavelmente na medida exata da energia que a personalidade atual confere à parte dissociada. Dentro da prática terapêutica, é possível dissociar a personalidade, estabelecer um diálogo e realizar o seu tratamento. *Ver mais em personalidades de vidas passadas.*

O Inconsciente

O Inconsciente é uma instância psíquica ou um construto hipotético contrário ao consciente. Dizemos construto psíquico pois

ele não pode ser identificado objetivamente. Trata-se de uma hipótese de trabalho, pois ninguém pode observar o inconsciente diretamente, tal como se observa uma estrutura mental. O inconsciente é considerado um reservatório de conteúdos de experiências, afetos, emoções, que são inacessíveis à compreensão do eu consciente ou da mente objetiva.

Na antiguidade a ideia do inconsciente sempre existiu, embora não tenha sido elaborada sistematicamente. O homem sempre intuiu a existência de uma realidade interna desconhecida. O transe, os sonhos, as profecias, as visões espirituais e os diversos graus ou estados de percepção transpessoal eram evidências de uma realidade psíquica da qual os homens não tinham consciência. Os sonhos sempre foram encarados como o veículo pelo qual os deuses se comunicam com os homens, e por ser assunto antigamente associado às divindades, é algo não controlável pela esfera de influência da consciência humana.

A noção do inconsciente não foi criada pela psicanálise, embora com Freud é que tenha sido possivelmente melhor formulada e definida. Leibniz já falava sobre as pequenas percepções que não temos consciência. No entanto, o que estabeleceu mais firmemente a ideia de um inconsciente em si foram as grandes metafísicas alemães de Von Schelling, Hegel, Schopenhauer, Carus, Von Hartman e Nietzsche (Tipos de Diversidade Humana, José Zacharias).

Além da contribuição na filosofia, a noção de inconsciente encontra base em vasto material empírico retirado dos hipnotizadores depois de Mesmer, como Charcot, Janet, Braid, entre outros. Pouco antes de Freud, membros da Sociedade Teosófica já ensinavam a respeito da constituição setenária do ser, composto por sete corpos ou níveis de consciência. Segundo Helena Blavatsky, os níveis de consciência mais elevados, atman/buddhi/manas são inconscientes no homem mediano, mas conscientes nos Adeptos, arhats e avatares. Dizia-se que os homens são inconscientes de sua natureza verdadeira, são afetados pelas ilusões do mundo e vivem como que adormecidos da vida real do ser. Ideia semelhante é defendida pela maior parte do pensamento do extremo oriente.

Freud começou suas pesquisas com Hipnose e logo se deparou com alguns fenômenos que o levariam a considerar a existência de um inconsciente no homem. Essas pesquisas deram a Freud a bagagem necessária para a construção de um modelo que dali em diante viria a influenciar toda a Psicologia do ocidente.

Um experimento simples desenvolvido pelo Dr. Bernheim deu a Freud material suficiente para muitas reflexões. Um paciente sob Hipnose recebeu uma sugestão para abrir um guarda chuva após o contato com um sinal qualquer. Já fora do transe, os experimentadores provocaram o sinal, e o paciente levantou-se, pegou o guarda chuva e o abriu. Ao ser questionado do motivo de ter feito isso, ele respondia coisas do tipo: “eu queria saber a marca do guarda chuva” ou “queria saber quem era o dono do guarda chuva” ou ainda “vim apenas olhar o guarda chuva, pois gostei de sua estética”. Na realidade, o paciente executava o ato, mas não tinha consciência do motivo de fazê-lo. Algo dentro dele o movia para a ação e ao realizá-la, sua consciência transformava a justificativa em algo que conscientemente lhe parecia ser a razão verdadeira, mas que de fato não era. Assim, a ideia de um inconsciente já estava clara para os hipnólogos que realizavam experimentos como esse, mas coube a Freud construir todo um novo paradigma baseado na realidade de uma instância psíquica subliminar à vida consciente. É preciso dizer que raras são as vezes que esse tipo de instrução implantada surte efeito. Provavelmente é necessário um estado de transe mais profundo.

Afirma Freud que “Quando nessa divisão da personalidade a consciência fica constantemente ligada a um desses dois estados, chama-se esse o estado mental consciente e o que dela permanece separado o inconsciente. Nos conhecidos fenômenos da chamada ‘sugestão pós-hipnótica’, em que uma ordem dada durante a Hipnose é depois, no estado normal, imperiosamente cumprida, tem-se um esplêndido modelo das influências que o estado inconsciente pode exercer no consciente”.

Assim, a conclusão a que chegamos é de que, se no estado hipnótico podemos suggestionar o inconsciente a dar uma ordem qualquer que poderá ser posteriormente cumprida, de igual forma, o inconsciente pode ser acessado diretamente também através do estado hipnótico para desfazer outras possíveis sugestões autoimpostas do nosso passado.

A ideia do inconsciente chegou em definitivo ao cenário científico após a publicação do clássico “A Interpretação dos Sonhos” de Sigmund Freud. Nesta obra, Freud aborda a significação dos sonhos traduzindo-os em termos de um conteúdo manifesto (o significante) e um conteúdo latente (o significado oculto do sonho). Rompendo com a tradição clássica, os sonhos são finalmente codificados em termos de símbolos para o consciente.

Dessa forma, os sonhos apenas poderiam ser explicados a partir de uma noção de um inconsciente agindo e reagindo, sem explicação aparente e consciente no psiquismo. O estudo dos sonhos e a prévia verificação empírica a partir dos seus estudos com Hipnose deu a Freud os elementos para a formulação da hipótese do inconsciente.

“O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, em sua natureza mais íntima, é tão desconhecido de nós quanto a realidade do mundo externo e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais” (Psicologia dos Processos Oníricos, Freud, 1901). Porém, mais à frente no mesmo artigo, Freud ressalta que não sabe até que ponto se pode considerar os desejos inconscientes como uma “realidade”, sendo esta uma realidade psíquica, que não poderia ser confundida com uma realidade material.

Freud e outros teóricos comparam o inconsciente a um iceberg. O iceberg tem uma parte visível fora da água, digamos 10% e uma imensa camada embaixo da água, digamos 90%. Os 10% são a nossa apreensão consciente das coisas e os 90% restantes não temos qualquer percepção pelos meios intelectivos e mentais.

A repressão das energias sexuais e psíquicas também é fator responsável pela concentração das emoções no nível inconsciente. Segundo Freud, a repressão vem restringir a percepção consciente de pensamentos e emoções relacionados a aspectos dolorosos e difíceis de serem digeridos pelo ego, sendo então relegados ao inconsciente em decorrência de um mecanismo de defesa do ego. Além disso, a própria repressão também é inconsciente, pois ninguém deseja reprimir algo conscientemente. Assim, a repressão se torna tanto o efeito quanto a causa.

Na abordagem cognitiva e comportamental o inconsciente não existe enquanto instância ou função psíquica. Não há um inconsciente enquanto reservatório de experiências ou símbolos, mas um conjunto de crenças disfuncionais que determinam a cognição, o pensamento, as emoções e o comportamento. Na Gestalt-terapia o inconsciente é encarado não como uma instância, mas como um processo.

Ken Wilber, o grande ícone da Psicologia Transpessoal, que hoje a denominou de Psicologia Integral, no início de sua obra faz uma descrição dos tipos de inconsciente. Segundo Wilber, existem:

1) *Inconsciente base (ou Primordial)*: Este é o inconsciente mais básico e original, onde se possui, nas palavras de Wilber “todas as estruturas profundas que existem como potenciais prontos a aflorar, por meio da recordação, em algum momento futuro”. Este inconsciente é formado por todo o potencial original e essencial da humanidade, em todas as suas estruturas, em sua totalidade. Aqui não há repressão, há apenas a plenitude das potencialidades latentes e imperceptíveis. Segundo Wilber, a evolução da consciência ocorre a partir do desdobramento desse inconsciente formando todas as fases do desenvolvimento, da mais inferior à superior. “Tudo é consciência com o Todo”, diz Wilber.

2) *Inconsciente Arcaico*: Formado pela repetição das experiências humanas ao longo da cadeia filogenética; a experiência instintiva herdada da espécie, semelhante à herança genética da raça. Uma esfera inconsciente filogenética foi admitida posteriormente na obra de Freud, ressaltando que o inconsciente não coincide apenas com o material reprimido, mas também com a natureza instintiva do Id (segunda tópica). “É verdade que tudo o que é reprimido está no inconsciente, mas nem tudo que é inconsciente é reprimido” diz Freud em “*O Ego e o Id*”. Freud, assim como Jung, admitiu a existência do que denominou de “Fantasias Primordiais” como um bem filogenético de eras passadas. Assim, o inconsciente Arcaico é formado pela repetição das experiências filogenéticas arcaicas da história da raça.

3) *Inconsciente Imergente*: O início do processo de repressão. O inconsciente imergente é o mecanismo pelo qual o consciente ou ego se protege da emergência do material do Id. O conteúdo da estrutura do inconsciente arcaico pode vir à tona e ser reprimido e relegado ao inconsciente imergente. Nesta esfera, os conteúdos reprimidos já foram um dia conscientes, mas deixaram de ser pela via da repressão. Algum material originário do Id pode ainda permanecer neste sem nunca ter sido tocado pela consciência, mas outros conteúdos podem ser ativados e aparecer à consciência, e esta já pode realizar a repressão.

4) *Inconsciente Incorporado*: Parte do ego que não é reprimida, mas era inconsciente e não pode ser vítima da repressão posto que é a própria parte repressora. A essa parte repressora e inconsciente Freud chamou na segunda tópica de Superego. É o Superego que promove a repressão, apesar de ser inconsciente.

5) *Inconsciente Emergente*: É a incapacidade de perceber as esferas transpessoais que, pela natureza de apego ao ego, ainda não puderam se manifestar à consciência, e são por isso inconscientes. Os níveis superiores de consciência só deixarão de ser inconscientes quando o indivíduo ascender da esfera pessoal para a esfera transpessoal.

Na Terapia de Vidas Passadas o inconsciente não é apenas um reservatório de memórias traumáticas e reprimidas de nossas fases do desenvolvimento, ele é uma esfera ou nível psíquico atemporal que sobrevive à morte física e concentra emoções, afetos, crenças, sofrimentos, angústia, tristeza etc, de experiências além do limiar da vida atual. O inconsciente na TVP toma uma profundidade muito maior, pois é uma esfera transpessoal que concentra a influência de experiências milenares e arquetípicas. A TVP também adere à teoria do inconsciente coletivo como reservatório dos arquétipos, ou figuras estruturantes e originais do psiquismo.

O Caráter

Caráter é um termo bem próximo de personalidade, embora não seja exatamente a mesma coisa. Frequentemente confundido com personalidade, mas sua definição varia levemente desta. Segundo o Dicionário Técnico de Psicologia, caráter é um “sinal identificador da natureza de qualquer ser ou coisa”. O caráter é um conjunto de constituições do ego que nos permite distinguir uma pessoa da outra, mas não inclui, tal como a personalidade, a soma total das características da personalidade, como afetos, impulsos, crenças, traços, dentre outros.

Por um lado, a personalidade é um conjunto de características mais externas, mais vulneráveis a força do meio. Caráter já encerra uma qualidade mais básica, mais estrutural, algo relacionado a genética. São caracteres pessoais tão primários que diz-se que nascemos com eles. Obviamente, considerando essa definição, pode-se levantar a hipótese de que o caráter seja uma herança de nossas vidas passadas, enquanto a personalidade é parte dessa herança que foi modificada pelo meio, pela criação e pelas experiências da vida atual.

Caráter também pode ser considerado, no popular, o conjunto de traços morais e éticos de um indivíduo. Diz-se que João é “uma pessoa de bom caráter” enquanto Alfredo é um “mau caráter”.

Para Tendam, caráter deve ser entendido como “O total de hábitos no pensar, sentir e fazer com o qual o indivíduo se identifica e que forma parte de sua auto-imagem”. Na TVP afirma-se que alguns traços marcantes do caráter podem sobreviver de uma vida para outra, constituindo a composição primária do nosso nível mental. Porém, esses traços não são permanentes, eles vão se modificando conforme a vivência de várias vidas, apenas a sua base continua fixada por algum tempo. Tão logo seja possível, devemos abandoná-los para adiantar nossa evolução espiritual.

Dessa forma, não se pode falar, como supõem alguns terapeutas, numa espécie de “personalidade permanente ou contínua” que vai evoluindo de vida em vida. A única coisa que existe de eterna no ser é o espírito, o atman, a centelha divina, que não evolui, pois já é divina em sua natureza.

A Aptidão

Aptidão é uma palavra que define a capacidade ou facilidade com que certos indivíduos aprendem ou solucionam questões de vários campos do conhecimento ou da prática humana. O termo aptidão tem como sinônimos talentos e dons.

Na TVP uma aptidão é explicada, em parte, com base nas experiências passadas de indivíduos. Isso explica como certas crianças aprendem rapidamente certas coisas, ou mostram extrema habilidade com, por exemplo, um instrumento musical, cálculos matemáticos, desenho, pintura e assim por diante.

A Emoção

O termo emoção, para a ciência convencional, é um complexo estado de ser que se associa a condições orgânicas, produzindo impulsos internos que podem determinar atitudes, crenças e comportamentos. Não se consegue definir com exatidão o que é uma emoção. Geralmente psicólogos e psiquiatras recorrem a explicações de base orgânica físico-química, de impulsos neurais e carga instintiva para obter elementos básicos de definição.

Até hoje há poucas teorias que sustentam com propriedade o mecanismo das emoções e sua verdadeira conceituação. A teoria James-Lange foi uma das primeiras a tentar conceituar as emoções. No entanto, tal como o psiquismo, as emoções vibram numa densidade além da matéria física e não se pode explicar a

emoção tomando-se por base o organismo, sob o perigo de se cair num extremo reducionismo.

Assim como outras instâncias do nosso ser, as emoções somente podem ser apreciadas fisicamente pelos seus efeitos, mas não pelo que elas são de fato.

As emoções seriam um produto da atividade do nosso nível astral e se manifestam pelas vibrações sutis do corpo astral do homem, dentro de sua configuração imaterial. As emoções são fluxos de consciência que despertam estados de ser e perceber o mundo. Dentro de uma designação mais geral, o sentimento é considerado a forma como um indivíduo se relaciona com a vida e as pessoas.

O papel das vidas passadas sobre as emoções humanas é um dos objetos centrais da Terapia de Vidas Passadas. Muitos pesquisadores buscam a explicação dos intrincados mecanismos dos resquícios de vidas passadas e como estes afetam o sentir e o agir do homem.

Os Skandhas

Skandha é uma palavra sânscrita muito corrente no Budismo e usada também pelo Hinduísmo e pela Teosofia. Literalmente são “faces” ou grupos de atributos. Os Skandhas são conhecidos como agregados mentais que formam cada personalidade individual. Há cinco skandhas principais:

- 1) forma
- 2) sensação
- 3) percepção (ou discriminação; cognição)
- 4) formações mentais (samskaras); vontade
- 5) consciência.

Esses são os chamados “cinco agregados” no Budismo. Da combinação dessas categorias de elementos, forma-se o senso ilusório de eu. Destes cinco agregados, apenas o primeiro é material e objetivo. Os outros quatro elementos são subjetivos e mentais.

Dizem os budistas que não se pode compreender esses elementos separadamente, pois eles formam um todo com a consciência (Budismo: psicologia do autoconhecimento). Os skandhas definem a existência como objetos de apego e reforçam o sentimento de que algo “é meu” ou “sou eu”. Os skandhas existem ao longo da vida de uma pessoa e aos poucos vão se degenerando e perecendo junto com a personalidade.

De acordo com a Teosofia, a pessoa permanece após a morte um certo tempo num plano chamado Kamaloka. No Kamaloka, os resíduos astrais e etéricos da personalidade que acabou de desencarnar são vivenciados até um ponto máximo, onde se desgastam e decaem naturalmente, ficando seus resíduos retidos no próprio Kamaloka, um dos subplanos do astral inferior.

Após a morte, os skandhas permanecem como reminiscências, ou melhor dizendo, memórias de experiências. Eles se mantêm no plano astral e ficam aguardando uma nova encarnação e a formação de uma personalidade. Dessa forma, os skandhas de vidas passadas formam a base para o ressurgimento do karma numa nova encarnação.

Os skandhas, para os teósofos, são os elementos que atraem as almas para o plano da Terra e a nova encarnação. “(...) são os vínculos que atraem o ego quando se reencarna” (Glossário Teosófico).

Os Sonhos

Material ou conteúdo psíquico que brota na consciência durante o sono do corpo físico. Os sonhos são sequências de imagens, pensamentos, emoções e sensações que ocorrem involuntariamente na consciência durante algumas fases de sono.

Por outro lado, os sonhos são encarados como despertar de aspectos subjetivos da interioridade humana. Trata-se de um processo inconsciente do psiquismo que, por vezes, é recordado pela mente objetiva no estado de vigília. De acordo com o pensamento vigente da antiguidade, os sonhos possuíam propriedades premonitórias, além de serem um veículo de comunicação entre o humano e o divino.

Em geral, os sonhos são manifestações psíquicas de questões e problemáticas enfrentadas em nosso dia a dia. Há profunda relação dos sonhos com nossas emoções. Não é raro ver pessoas sonhando com situações temidas por elas, como término do casamento, um acidente, o filho morrendo, ser reprovado num exame, ser submetido a eventos angustiantes, dentre outros. Se eu tive um trauma recente, é normal que eu sonhe com a repetição da situação traumática. Os traumas são grandes ativadores de sonhos, por isso alguns psicólogos costumam afirmar que o sonho é uma produção do psiquismo na tentativa de elaborar/trabalhar aquele conteúdo. É uma forma de adaptar a experiência a nossa subjetividade, fazendo com que ela seja mais suportável.

O livro “*A Interpretação dos Sonhos*” de Sigmund Freud (1900) marcou a história do estudo dos sonhos como sendo a primeira obra a abordar o tema com um enfoque mais científico. Neste livro, Freud toma por base material já publicado sobre os sonhos e acrescenta visões revolucionárias sobre o tema. Basicamente, Freud define os sonhos como sendo parte de uma repressão dos nossos desejos inconscientes e uma tentativa de realizá-los subjetivamente.

Para Freud, há dois níveis de apreciação dos sonhos. O primeiro é o *conteúdo manifesto* (o que aparece em formas, imagens e acontecimentos). O segundo é o *conteúdo latente* (o significado interior do sonho, que é revestido pelas formas simbólicas do conteúdo manifesto).

A partir dessas primeiras pesquisas de Freud, os sonhos passam a ser compreendidos de uma perspectiva simbólica, como representações diversas das experiências humanas. Dizem que os sonhos têm a sua linguagem própria, pois através dos símbolos expressos é possível revelar o conteúdo emocional e mental do sonhador. Além disso, são trabalhadas as aspirações e os desejos que ele procura esconder de outros e dele mesmo.

Por exemplo, um homem casado sonha que está saindo com outras mulheres. Mesmo sem reconhecer objetivamente que ele se sente atraído sexualmente por outras mulheres, no sonho ele poderá experimentar aquilo que esconde para si mesmo.

Um dos fenômenos mais comuns no que se refere ao lado espiritual dos sonhos são os famosos “sonhos repetidos”. Muitos terapeutas acreditam que quando um sonho se repete, há grande chance do sonho estar revelando uma memória de vida passada. Pessoas descrevem os sonhos repetidos como sendo mais reais do que os sonhos comuns.

Centenas de pessoas que nos procuram têm relato semelhante. Sonham com a mesma trama quase todos os dias, geralmente situações literais, onde vivenciam cenas que parecem ter ocorrido numa vida passada. Ao realizar a regressão, em muitos casos constatamos que o sonho era um prenúncio de uma vida passada. Isso acontece quando uma vida passada possui uma demanda de tratamento e encontra a via dos sonhos para se expressar e liberar-se. Em nosso psiquismo, tudo o que está oculto tende a se expressar de alguma forma, mesmo que seja traduzido em símbolos ou sintomas. Como disse Jesus: “Não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido” (Matheus 10, 26).

Como descobrir se os sonhos repetidos nos remetem a memórias reais de vidas passadas? Os sonhos que representam recordações geralmente têm umnexo sequencial entre os acontecimentos. Os sonhos comuns carecem de elementos lógicos e temporais, tudo vai se mesclando e ocorrendo sem muito sentido.

Os sonhos de vidas passadas têm uma sequência lógica e são muito vívidos, além de algumas vezes ativarem emoções fortes. Quando isso ocorre, a pessoa não tem nenhum controle sobre os acontecimentos, tudo vai se desenrolando e ela nada pode fazer para evitar. Isso ocorre porque são provavelmente informações gravadas em nosso psiquismo e se configuram como eventos literais.

Podemos resumir isso em alguns pontos:

- *A coerência do sonho:* No sonho, quando vemos as situações sucedendo-se de forma linear, coerente, com ocorrências sequenciais e lógicas, há grande chance de ser uma memória, ou mesmo uma projeção astral.

Exemplo: Me vejo caminhando numa rua de pedras, paro em frente a uma casa, sai uma pessoa dessa casa, me cumprimenta e vamos a um bar. Nesse bar, entra um homem alto com um facão. Inicia-se uma luta entre ambos e ele crava o facão em minha barriga, levando-me à morte. Nesse exemplo, todas as circunstâncias foram acontecendo com uma sequência lógica e coerente de fatos. Em sonhos normais ocorre o contrário. Não há nexone coerência entre as cenas.

- *Falta de controle:* Quando um sonho revela uma memória, não temos nenhum controle sobre os acontecimentos. Tudo vai se passando como se nada pudéssemos fazer a respeito. Não dominamos as situações que fluem. Isso pode indicar que se trata de uma memória, algo que já ocorreu e não pode ser mudado pela nossa vontade. Em sonhos lúcidos, podemos definir o que vamos fazer, para onde vamos, o que falar e escolher outros rumos dos acontecimentos, algo que não ocorre nos sonhos mnemônicos.
- *Experiência vívida:* Quando o sonho apresenta sensações e situações que são mais vivas, mais presentes, mais vibrantes, a ponto de chegarmos a sentir quase sensações físicas mais sutis, isso é outra evidência de que é real.

Exemplo: Encontramos uma pessoa no sonho e ela nos toca. Temos uma sensação de toque que não é física, mas que parece muito com a sensação física do toque, sendo bem semelhante a esta. Isso pode ser uma memória de vida passada ou pode ser uma projeção astral em que encontramos essa alma nos planos sutis.

- *Sonhar com pessoas desconhecidas:* Já ouvi muitos relatos de pessoas que afirmam sonhar constantemente com pessoas desconhecidas. Para alguns, a impressão que dá é de que estamos numa espécie de reunião, e dialogamos com pessoas que nunca vimos na vida e nem desconfiamos quem sejam. Sonhos assim podem indicar que de fato encontramos com almas no plano astral, durante a saída do corpo astral do corpo físico. Talvez nossa consciência objetiva não reconheça aquelas pessoas, mas nossa alma se encontre com elas nos planos invisíveis há muito tempo.
- *Sonho de época:* No caso de um sonho revelar características históricas diferentes das atuais, há grande chance de ser um sonho de vidas passadas. Podemos nos ver como sendo outra pessoa, com outra aparência, com roupas diferentes que parecem vestimentas típicas de outros períodos históricos. Observamos e convivemos com pessoas que usam roupas semelhantes a nossa. Algumas vezes, encontramos alguém que nos parece familiar, e até o reconhecemos como algum parente, amigo ou conhecido atual. Apesar de enxergar essa pessoa com outra aparência, temos a forte impressão de que ela é nossa mãe, nosso pai, nosso irmão, nosso colega de trabalho, nosso vizinho, ou mesmo alguém que hoje nutrimos simpatias/antipatias sem causa aparente. Tanto o sonho de época quanto o reconhecimento de pessoas do nosso convívio atual podem ser fortes indícios de sonhos como recordações.
- *Emoções fortes:* Geralmente, quando o sonho é um encontro real, as pessoas que encontramos nos despertam emoções. Às vezes, essas emoções são tão fortes que podemos acordar chorando ou profundamente emocionados e sensíveis. Em outras ocasiões, sentimos saudade de alguém que vimos no sonho; sentimos vontade de ver essa pessoa novamente; sentimos uma emoção positiva ou reações diversas. Por outro lado, a pessoa também pode nos evocar

emoções negativas, como raiva, medo, rancor, aversão, tristeza, apego etc. Essas emoções são uma grande evidência de que o encontro espiritual é real e não imaginário.

É interessante notar como os sonhos podem ser o sinal de algum grande feito, como por exemplo, o anúncio do nascimento de um filho. Ocorre muitas vezes da mãe, antes mesmo da gravidez, sonhar com a alma que está para nascer. Esse sonho é geralmente considerado bastante real pelas mães e às vezes há considerável conteúdo emocional.

Durante o sonho, é comum a criança declarar que está prestes a nascer. Em alguns casos, o espírito lhe pede a permissão para nascer como seu filho ou filha. Por mais incrível que isso possa parecer, muitas mães chegam a conhecer a forma física do filho (a) antes do nascimento. As imagens do sonho aparecem com o mesmo formato do futuro corpo físico da criança de vários anos depois. Há considerável número de relatos a esse respeito para que passemos a considerar esse fenômeno como real.

Roger Woolger (1987) aborda em seu primeiro livro de TVP sobre como os sonhos de sua paciente Peggy traziam conteúdos de vidas passadas, os quais uma análise junguiana convencional não conseguiria dar conta. Apesar disto, com o desenvolvimento das sessões, Peggy fez emergir de seu inconsciente representações e conteúdos psíquicos que até então só poderiam brotar através dos sonhos.

Os estudos dos sonhos apontam para várias de suas funções. Os sonhos podem ser reveladores não apenas de vidas passadas, mas de outros processos. Vejamos alguns de seus aspectos:

Experimentação dos desejos: Os sonhos são, frequentemente, uma tentativa do psiquismo de usufruir dos seus desejos e prazeres. Uma pessoa que deseja possuir uma casa pode sonhar com essa casa. Um homem que deseja sexualmente sua vizinha pode sonhar com a consumação do ato sexual entre ambos. Uma pessoa pode aspirar uma posição de destaque em sua empresa e sonhar com sua ascensão profissional.

O sonho como manifestação dos nossos desejos conscientes ou inconscientes foi uma das pesquisas centrais da psicanálise. Os sonhos também podem nos colocar em cenários temidos, como situações que em nossa vida prática procuramos ao máximo evitar. Por exemplo, se tenho medo que meu filho morra, posso sonhar que ele está morrendo. Se tenho fobia de cachorros, posso sonhar que um cachorro está me mordendo.

Por outro lado, num nível mais inconsciente, os sonhos podem trazer a nossa presença certas informações que desejamos ocultar de nós mesmos. Por exemplo, uma pessoa está infeliz com seu casamento, mas procura ignorar esse sentimento a fim de manter sua estabilidade financeira. Ela pode sonhar que tudo está dando errado em seu casamento e o sentimento de infelicidade pode se agravar durante o sonho. Há inúmeros exemplos de casos como esse. Os sonhos revelam nossos desejos, emoções e reproduzem várias tramas da vida humana através de uma linguagem própria.

Arquétipos: Essa foi uma pesquisa revolucionária trazida pelo psiquiatra suíço C. G. Jung. Os sonhos podem trazer figuras simbólicas ou mitológicas de significado universal. Tratam-se de temas que são parte integrante da própria estrutura comum do psiquismo humano.

Vidas Passadas: Como já dissemos, por meio das imagens oníricas podemos ter acesso a um conteúdo de nossas vidas passadas.

Visão do futuro: Na antiguidade, os sonhos eram reconhecidos como proféticos, trazendo sinais dos deuses para os homens. Existem inúmeros relatos de precognições em sonhos. Precognição é a capacidade humana de prever o futuro. Relatos como esse são bastante corriqueiros. Os sonhos de precognição são geralmente bastante vívidos e reais. Há muitas pessoas que se assustam com esses sonhos, pois ficam sabendo com antecipação de catástrofes, mortes ou acidentes variados. Elas percebem eventos negativos com seus familiares antes mesmo deles acontecerem. Inclusive, há casos em que alguns acidentes já foram evitados por conta dessa habilidade psíquica.

Projeção astral: Os sonhos são também resíduos de locais visitados no astral, mas modificados pela subjetividade do sonhador. Em outras palavras, alguns sonhos podem ser uma forma de interação com outros planos. Sentir a presença de pessoas nos sonhos pode ser uma indicação de que estivemos em contato com ela nos planos sutis. Muitas percepções oníricas podem ser atribuídas às energias do plano astral ou mesmo a formas-pensamentos.

Sonhos com filhos antes de nascer: Segundo Stevenson, citado por Whitton (1986) é comum o relato de sonhos premonitórios da mãe antes do nascimento de uma criança. O sonho anuncia a chegada de uma alma que será nosso próximo filho. Esse sonho

provavelmente indica uma projeção consciente ou inconsciente onde o pai ou a mãe passam a conhecer seu futuro filho. Não é difícil encontrar mães mais intuitivas que alegam ter contato psíquico com o espírito do filho antes da concepção ou durante a fase intrauterina.

Existem algumas técnicas usadas por psicólogos e terapeutas para uma avaliação, diagnóstico ou tratamento psicológico por intermédio das imagens oníricas. Seguem três das principais técnicas utilizadas:

Técnica para os sonhos (1)

A primeira técnica se refere tão somente à análise objetiva dos sonhos. O terapeuta, por associações mentais, vai desvendando o significado de cada imagem simbólica e correlacionando à vida corrente e à subjetividade do cliente. Essa é a principal técnica da psicanálise dos sonhos. As técnicas mais recentes são consideradas mais profundas e diretas; esse é o caso de quando experimentamos diretamente uma situação onírica, ao invés de percorrer os laços de associação entre um aspecto e outro do sonho.

Apesar desta técnica já apresentar um avanço em relação ao que se conhecia cientificamente sobre os sonhos e seu tratamento antigamente, ela permanece apenas na superfície e exige que a mente objetiva compreenda algo que não é de sua esfera de entendimento. As técnicas mais atuais e mais diretas são as mais recomendadas, pois procuram revelar seu significado latente através do “mergulho” do sonhador no próprio sonho.

Técnica para os sonhos (2)

Levando-se em consideração que os sonhos são sinais indicativos de processos inconscientes disfuncionais, existem algumas técnicas que nos permitem dar vida ao sonho e investigar mais diretamente os símbolos gerados pela nossa realidade psíquica. Uma dessas técnicas é realizada através da Imaginação Ativa de Jung. Essa técnica funciona através do relacionamento do cliente com suas próprias imagens oníricas.

Pede-se ao cliente que relaxe e deixe livre o fluxo da consciência. Em seguida, pode-se seguir a mesma sequência da técnica da imaginação ativa, porém ativando os conteúdos oníricos que não fazem sentido à mente objetiva.

Através da liberação da fantasia, o cliente pode dar continuidade ao sonho e ver como as imagens vão se desenrolando. É possível conversar com as partes do sonho, descobrir subpersonalidades, deixar a emoção livre, realizar catarses, buscar o entendimento dos símbolos, investigar as relações entre o sonho e o cotidiano, e até mesmo transformar as imagens oníricas negativas em algo positivo para o cliente.

Bill Anderton, no livro “Prática da Meditação hoje”, chama essa interação com imagens mentais criadas através da visualização de “Visualização Interativa”. Pode-se também verificar o significado dos arquétipos emergentes na psique e como eles se associam à vida prática do indivíduo. É possível, nesse momento, que as imagens oníricas possam aos poucos ir cedendo lugar a imagens de experiências reais de vidas passadas. No caso de isso ocorrer, o terapeuta deve aprofundar nas imagens que levam à regressão e deixar que elas prossigam.

Técnica para os sonhos (3)

Essa técnica é descrita na obra “O Monge e o Filósofo” de Matthieu Richard e Jean-François Revel e trata-se de algo ainda mais profundo que as duas primeiras abordagens. Pierre Weil também a cita num dos seus livros.

“Há toda uma progressão de práticas contemplativas ligadas ao sonho. Primeiro, a pessoa se exercita em reconhecer que está sonhando no próprio momento em que isso acontece; depois, em transformar o sonho; e, finalmente, em criar a vontade as diversas formas de sonho. O ponto culminante dessa prática é a cessação dos sonhos. Um meditador excepcionalmente consumado não sonha mais, diz-se, a não ser quando, ocasionalmente, tem sonhos premonitórios” diz Richard. Dentro da Yoga, essa abordagem é chamada de Yoga do sonho lúcido.

Aqui não interessa o conteúdo dos sonhos, como nas abordagens psicoterápicas ocidentais; aqui interessa-nos ficar consciente durante o sonho. Essa técnica é geralmente utilizada por meditadores mais avançados, mas não há impedimento de que o terapeuta possa ensiná-la ao seu cliente e trabalhar com ela, caso seja possível.

As explicações de Richard podem nos levar a conclusões interessantes sobre as técnicas budistas do sonho. Num primeiro momento, a pessoa faz esforço para reconhecer que está sonhando. Esse é o primeiro nível de lucidez durante os estados oníricos, o que nos deixa mais próximos do nosso inconsciente.

Em seguida, ele adquire controle sobre os sonhos, passa a modificá-los através do contato direto com as imagens; esse é o segundo nível de proximidade com o inconsciente.

E por fim vem o terceiro nível, a criação de outras imagens oníricas dentro do próprio sonho, que pode ser considerado o mesmo que criar uma nova configuração positiva para o nosso inconsciente, tal como o desenhista é senhor de sua criação e pode, a partir do material existente, criar uma obra de arte. Porém, como admite Richard, a cessação de todas as formas de sonho é o ápice dessas práticas. O yogue avançado não sonha mais, a não ser que receba uma mensagem premonitória.

No Livro *Caminhos Além do Ego* um dos autores, Stephen LaBerge, fala sobre uma das etapas finais de uma prática chamada loga onírica do Tibet, muito semelhante a Yoga do sonho lúcido: “Depois de desenvolver um controle suficiente sobre suas reações ao conteúdo de seus sonhos lúcidos, o iogue passa a exercícios mais avançados por meio dos quais domina a capacidade de visitar – em seu sonho lúcido – qualquer domínio da existência”. Quando se domina o corpo astral, nosso corpo dos desejos e das emoções, conseguimos guia-lo a qualquer nível de realidade. O domínio do inconsciente tem muita relação com o domínio do corpo astral.

Assim, quando temos controle sobre o nosso inconsciente, nos tornamos os senhores de nossa vida. Quando conseguimos lançar luz sobre a nossa sombra, restam poucos limites entre nosso espírito e o divino. As etapas dessa técnica podem ser ensinadas pelo terapeuta ao seu cliente e, assim que o cliente conseguir reconhecer que está sonhando, pode ser orientado a transformar a própria constituição do inconsciente.

O COEX

COEX é uma palavra que significa “*Sistemas de Experiência Condensada*”. Trata-se de um termo cunhado pelo psiquiatra tcheco Stanislav Grof, um dos precursores da Psicologia Transpessoal. COEX pode ser compreendido como uma constelação de memórias associadas entre si tendo por núcleo uma pesada e intensa concentração de energia emocional e sensações físicas, agrupadas em torno de um mesmo tema básico. Essa carga emocional retida está associada a momentos históricos específicos da vida de uma pessoa. Essa constelação pode existir de maneira autônoma e independente da totalidade do psiquismo.

Falando de outra forma, COEX são sistemas psíquicos que organizam experiências em torno de memórias com qualidades em comum. As energias condensadas são tanto emocionais quanto sensoriais e se agrupam em torno de elementos de mesma natureza no psiquismo. Esse conceito é semelhante ao que Jung chamou de complexo, embora existam algumas diferenças teóricas de superfície.

Grof diferencia o COEX positivo do COEX negativo. O positivo agrega experiências consideradas boas e prazerosas; o negativo concentra experiências consideradas ruins e desprazerosas.

Segundo Grof, o COEX está relacionado diretamente com o mecanismo perinatal, ou do nascimento. Essa é a chamada “Matriz Perinatal”, que se compõe de ricos mecanismos de experiências relacionadas ao nascimento físico. A Matriz perinatal, trabalhada clinicamente, utiliza a revivência incrivelmente direta, nítida e real das experiências de várias etapas do nascimento, como, por exemplo, a proteção única do ventre materno, a fusão com a mãe, a sensação da passagem pelo canal do parto, dentre outras. Assim, o COEX está presente em várias dessas fases, formando conjunções de energias emocionais e sensoriais que devem ser tratadas.

Além disso, Grof fala em quatro matrizes perinatais básicas e cada uma delas encontra correspondência com a dinâmica psicológica humana de múltiplas formas. Grof também aponta correlações diretas entre a matriz perinatal e a experiência da morte. As etapas que antecedem o nascimento seriam similares às etapas posteriores à morte do corpo físico. Afirma Grof que “Nascimento e morte parecem ser o Alfa e o Omega da existência humana, e qualquer sistema psicológico que não os incorpore permanece superficial e incompleto”.

A experiência do nascimento e seus temas teriam, segundo Grof, estreita conexão com as fases transpessoais. Grof ressalta a importância de uma perspectiva não-linear no estudo das constelações dinâmicas sobre a correlação de temas do nascimento e o material transpessoal.

Isso significa que a consciência não obedece a fases determinadas pelo tempo ou espaço, não segue sequências rígidas lineares segundo a física newtoniana. O tempo não faz muita diferença, pois se podem acessar temas correlatos dentro de épocas totalmente distintas. As distinções entre a experiência humana e a animal caem diante de uma perspectiva atemporal, assim como a fases objetiva da mente, comparando-a com as experiências arquetípicas e transpessoais.

Capítulo 10

Fases da Regressão

O Roteiro Kármico

O Roteiro Kármico é também chamado de “plano de vida” ou “planejamento encarnatório”. Trata-se de um encontro ou reunião realizada antes do nascimento do corpo físico, onde se determina quais serão os temas a serem experimentados e assimilados pela alma durante sua existência terrena.

As almas que se preparam para nascer encontram-se com os chamados “Senhores do Karma”, almas muito evoluídas que cuidam da aplicação da lei do karma no plano físico. Esses espíritos têm a função de organizar uma proposta, um programa, um roteiro, uma missão ou projeto de vida do ser que aguarda a encarnação. Os Mestres espirituais reunidos com a função de cuidar do karma das criaturas recebem a denominação de “Conselho Kármico”.

A aceitação de um plano de vida é comum a maioria das almas do período pré-encarnatório. Helen Wambach, em suas pesquisas quantitativas e qualitativas com regressão, descobriu que aproximadamente 81% dos indivíduos voluntariamente aceitaram o plano encarnatório, e 19% resistiram a proposta e não queriam nascer.

A primeira decisão fundamental quando se elabora o roteiro kármico para a existência física são os pais, sejam biológicos ou de criação. Uma alma ser criada por pais biológicos ou de criação pouco interfere em sua vida, a não ser por algumas características vitais que ela retira da genética. Os pais biológicos cedem seu DNA e a alma poderá se aperfeiçoar a partir dessas influências.

É curioso observar como alguns escritores intuem certas leis espirituais. Talvez seja essa intuição que levou o escritor italiano G. Bufalino a dizer: “Convém, a quem nasce, muita cautela na escolha do local, do ano e dos pais”. Esses três fatores são, sem dúvida, muito importantes ao nosso roteiro kármico.

O período intrauterino é de suma importância, pois ele acaba sendo o determinante de nosso modo de ser, constando assim como previamente definido dentro da proposta de vida. Os talentos também causam grande impacto no rumo de nossa vida, por isso

também são fundamentais na hora do planejamento (Tendam, 1994).

A escolha dos pais pode ser feita antes da concepção, durante a fase intrauterina ou minutos antes do nascimento. Segundo a Teosofia, as almas mais adiantadas escolhem seus pais e o momento do nascimento. Para pessoas comuns isso é determinado por um processo natural.

Alguns esoteristas ensinam que, além das escolhas da família, do corpo, do meio ambiente, da cultura, das dificuldades e limitações físicas e relacionais, a alma também pode escolher qual conjunção astrológica lhe seria mais propícia ao desenvolvimento interior. Assim, cada alma nasceria no cenário astrológico que lhe proporcionaria o influxo dos planetas mais favorável à experimentação das suas condições de vida (Stone, 1993).

Uma pergunta muito comum é: se existe o roteiro kármico, tudo que nos acontece está pré-determinado? A resposta é não. As determinações oscilam de uma alma para outra, dependendo do seu nível de evolução. Um ser iluminado elabora sua própria encarnação; grandes iniciados que vieram a Terra têm quase total e irrestrita escolha sobre seu roteiro kármico; almas em estado de despertar tem apenas alguns padrões definidos; por fim, almas materialistas têm acesso muito restrito a escolha consciente do seu plano, dado visto que as suas chances de fugir, burlar ou se equivocar são muito maiores. Tal como uma criança não pode nem deve possuir livre vontade para fazer o que desejar, uma alma ainda em evolução não pode deter o controle total do curso do seu adiantamento.

Whitton deixa bem claro que quanto mais elevada é a alma, mais ela pode agir criativamente na elaboração e realização do seu plano; mais ela pode ter controle das coisas e pode agir sobre seu destino, tendo liberdade para criar seu caminho. (Whitton, 1986) Allan Kardec, em contato com espíritos, teria recebido mensagens que explicam esse ponto: “um Espírito pode ter uma encarnação compulsória quando, por sua inferioridade, ou má vontade, não está apto a compreender o que lhe poderia ser mais útil e quando essa encarnação pode servir à sua purificação e adiantamento, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação”. Tendam lembra que algumas vezes ocorre uma pré-determinação até certa idade, depois disso a alma pode agir mais livre e criativamente.

Como conseguimos caminhar de acordo com a nossa proposta de vida? Tendam (1993) explica isso a partir de três elementos fundamentais que nos impulsionam a seguir a trilha de nosso plano de vida:

- *Intuição*: sabemos intuitivamente que curso seguir para nossa vida. Há dentro de nós uma convicção íntima de quais escolhas tomar e qual caminho seguir. A intuição pode ser uma recordação do momento da escolha do programa de vida.
- *“Coincidências” significativas*: nossa vida é “sintonizada” a acontecimentos e desfechos que nos colocam dentro de certas circunstâncias chave para o curso e cumprimento do plano de vida. Rudolf Steiner ensina que uma percepção sutil dessas coincidências significativas pode ajudar na verificação do nosso karma passado e aprender a distinguir o que é pré-determinado em nossa vida e o que é de livre escolha.
- *Inspirações sobre o que fazer*: durante a vida, somos “inspirados” a percorrer a estrada de nossa vida. Diferente da intuição, a inspiração não vem de uma recordação, mas de sinalizações sobre a melhor opção de vida.

O roteiro kármico pode ser modificado ou reestruturado durante a vida. Isso se faz com uma nova reunião com o Conselho Kármico. Se uma alma já cumpriu a missão estabelecida para uma vida, ela pode adiantar-se nas tarefas da vida seguinte. Se, por outro lado, ela está tendo grandes dificuldades de cumprir o estipulado e ainda há tempo hábil para o remanejamento à outras circunstâncias igualmente evolutivas, ela pode realizar nova reunião com o conselho e suas tarefas encarnatórias serem modificadas.

Apesar de nosso plano de vida estar, ao menos em parte, pré-determinado por circunstâncias cujo propósito é a evolução da alma, as reações que a pessoa tem durante a vida diante de algumas situações chave não são planejadas.

Exemplo: no plano de vida de uma moça está previamente acertado que ela irá encontrar-se com um grande amor de vidas passadas, porém há algumas pendências kármicas a acertar com ele. Quando as almas (da moça e do rapaz) se encontram, é possível que uma delas sinta a carga kármica pendente e simplesmente opte por não manter nenhum relacionamento com o outro; pode também ocorrer deles decidirem iniciar um relacionamento, mas não se entenderem durante a resolução das questões kármicas, e em vez de insistirem até a solução, um deles resolve separar-se do outro. Pode também ocorrer deles se unirem,

superarem os desafios e viverem felizes (não para sempre, pois como disse Jesus *“Meu reino não é deste mundo”*).

Com esse exemplo queremos deixar claro que o determinismo não existe em nossa vida. Em primeiro lugar porque na maioria das vezes nós mesmos escolhemos esses padrões. Em segundo lugar, apenas algumas circunstâncias e acontecimentos estão determinados. Em terceiro lugar, podemos agir criativamente sobre eles e, apesar de sua força sobre nós, seguir firmes para a sua resolução (o que também define o poder de nossa livre escolha). Além disso, entramos numa prisão para que possamos nos libertar dela, e após essa libertação, nossa liberdade será infinitamente maior do que o pequeno livre arbítrio que possuímos nesse mundo de ilusão.

Helen Wambach estudou profundamente a questão do plano de vida ou roteiro kármico antes do nascimento. Em seu livro *“Vida antes da Vida”* ela dá uma série de exemplos de pessoas que relataram, durante a regressão ao período pré-encarnatório, o que aconteceu e como foi a experiência de programar a própria existência:

- *“Sim, exerci a opção para nascer e parecia haver uma junta ou comissão – junta com autoridades – a me ajudar na escolha”*
- *“Não era essa a minha intenção (nascer), mas fui convencido por um mentor de que era necessário que eu auxiliasse com esclarecimento.”*
- *“Quando você perguntou sobre as perspectivas do nascimento, eu não pretendia abandonar aquele belo jardim e os amigos que ali estavam.”*
- *“Aparentemente, havia morrido há pouco tempo e estava muito ansioso para regressar a um novo corpo. Julguei que o tempo e a hora dar-me-iam a oportunidade para levar um tipo de vida muito diferente da anterior, da qual tinha sido personagem algo desprezível.”*
- *“Eram ambivalentes minhas sensações quanto às perspectivas de viver a existência porvindoura. Sentia-me como a pairar acima de tudo, a olhar para baixo, a observar minha futura mãe e sua família. Senti a ansiedade da separação do plano de existência em que me encontrava.”*
- *“Parecia haver cinco conselheiros espirituais que atuavam na forma dos dirigentes que conhecera em existências pregressas. Estava receoso quanto as perspectivas de viver*

esta existência, mas gostei da mulher que vi lá embaixo e que seria minha mãe e queria fazê-la feliz.”

- *“Eu estava ambivalente quanto às perspectivas de viver esta existência. Preciso prosseguir e desde que o faça, tudo estará bem. Mas o esclarecimento é tão amplo neste plano. Como é belo ver as coisas em perspectiva.”*

Os Senhores do Karma

Os Senhores do Karma podem ser considerados, dentro do nosso nível de entendimento, como almas muito evoluídas cuja função é integrar, organizar e aplicar a lei do karma dentro dos vários reinos da natureza.

Na Terapia de Vidas Passadas, eles recebem nomes diferenciados. Podem ser denominados de “juízes”, “planejadores”, “administradores kármicos”, “consultores”, “conselheiros”, “grupo de autoridades”, dentre outros.

Para a Teosofia, eles são “grandes inteligências espirituais que arquivam os registros e ajustam as complicadas operações da lei kármica. São também designados pelos nomes de Lipika e Maharajas” (Glossário Teosófico). Os Lipikas são os responsáveis pela aplicação da lei de causa e efeito no karma individual e no karma coletivo da humanidade. Esses são os intérpretes da lei e os administradores de sua justiça.

Os senhores do karma arquivam os dados sobre cada ato dos seres humanos. Eles imprimem essas memórias no chamado akasha, ou arquivos akashicos. A partir desses dados, esses seres retiram o material primitivo para moldar as etapas da vida e o destino dos seres.

Lipika é um termo sânscrito que se refere aos grandes “registradores celestes” ou “escrivães”, aqueles que armazenam as ações, palavras e escolhas humanas ao longo da encarnação. Esses registros são conservados nos arquivos akashicos, na luz astral e também no grande “*Livro da Vida*” de tudo o que foi, é e será na realidade universal.

Além de avaliar cada ato humano, eles preparam o molde de seu corpo etérico para a futura encarnação. Esse molde etérico é adaptado ao karma pessoal e aos desafios da encarnação dentro do campo de experiências de cada vida.

Roger Woolger fala um pouco sobre esses seres: “Nessa região entrevidas, chamada bardo pelos tibetanos, deparamo-nos frequentemente com uma figura sobrenatural, um anjo ou sábio

vestido de branco, que interpreta simplesmente o significado simbólico da vida e da morte para a pessoa que está se recordando.”

As funções dos Senhores do Karma já identificadas na TVP são basicamente as seguintes:

- *Na experiência da morte:* Receber a alma no entrevidas após a morte do corpo físico.
- *Após a morte:* Ativar a experiência da revisão da vida da alma recém chegada ao plano espiritual.
- *A programação da vida seguinte:* Realizar a mesma revisão da vida antes do nascimento, no momento em que se deve programar a próxima existência material.
- *Informar sobre as chances de evolução:* Mostrar as possibilidades da vida seguinte enquanto terreno fértil para o aprendizado. Mostrar como a alma pode resolver de uma parcela dos nossos karmas passados e o quanto isso é importante para seu desenvolvimento espiritual.

Os Lipikas não se comunicam apenas pela linguagem humana para que sejam por nós compreendidos. Eles também podem manipular certas forças e fazer a alma experimentar diretamente seu próprio karma e de suas obras passadas. Eles nos mostram o que realizamos no passado, nossos erros e acertos, nossos avanços e atrasos; como cada escolha criou um caminho positivo ou negativo. Seu diálogo conosco se dá por intermédio de uma linguagem sem palavras, baseada na experimentação de nossos atos de vidas passadas e suas consequências no presente.

Exemplo 1: Fiz uma alma sofrer numa vida em que fomos irmãos. Hoje sinto culpa por isso, pois a amava e me deixei levar pelo ódio e ressentimento, ignorando as lições do amor e do perdão. Os Senhores do Karma podem ajustar minha energia e me fazer sentir com maior intensidade o que ela sentiu, a culpa que ficou dentro de mim e trazer as energias emanadas por ela. Tudo isso serve para despertar em mim um senso de responsabilidade, visão plena e uma necessidade de liberação desses entraves.

Exemplo 2: Uma pessoa matou muitos indivíduos em várias vidas. No contato com os senhores do karma, eles explicam que ele precisa retornar à Terra para neutralizar esse karma. A alma refuta essa possibilidade afirmando que não há necessidade de se melhorar. Então, os senhores do karma procuram mostrar-lhe os momentos de grande sofrimento suportado em várias vidas provocados por esses assassinatos e mostram como tudo está interligado no Universo; como o sofrimento deles é também o meu

próprio sofrimento. Os senhores do karma, ao invés de usar as palavras ou a intelectualidade, usam a experiência direta do próprio karma da alma que se nega a nascer.

Fica claro que a elaboração da vida seguinte é estruturada pelos senhores do karma a partir da nossa necessidade e não de nossas preferências pessoais. Os Juizes geralmente se apresentam em número de três, quatro ou sete, segundo Joel Witton (1986). Os pacientes de Helen Wambach, porém, falam em números diferentes, geralmente de 1 a 7.

Os Senhores do Karma não são autoridades castradoras que impõem provas e constroem as almas a atravessá-las. Eles podem ser comparados a professores benevolentes e sábios que amam seus alunos e os querem bem. Já demos esse exemplo outras vezes, mas ele é preciso para explicar esse ponto: por vezes, eles são como uma mãe que vacina seu filho mesmo sabendo que a vacina lhe causará dor. Apesar do sofrimento passageiro, a mãe sabe que aquela vacina livrará a criança de uma ou várias doenças futuras. Eles se integram a lei natural de causa e efeito (karma) e atuam em ressonância com ela. Os senhores do karma fazem com que a lei de causa e efeito seja cumprida.

Os planejadores emanam uma energia de inspiração, ânimo e cura, mostrando à alma as conquistas já realizadas e alertando sobre as boas possibilidades futuras caso certa parcela de karma seja sublimada. As almas não se sentem embaraçadas com seus erros, ou culpadas pelos seus excessos, pois lhes é mostrado não apenas as situações pendentes anteriores, mas as chances de sucesso futuro. Elas (as almas) não são martirizadas com seus erros, mas lhes são mostradas suas possibilidades de acerto e as consequências benéficas após a vitória das tentações e desafios de cada vida. Também são incentivadas com uma revisão dos acertos passados e o que já se conquistou em termos de aprendizado.

Nesse sentido, o espírito pode ter, por um lado, uma vida de sofridas carências humanas; mas por outro, uma vida de altíssimas conquistas espirituais. “Quando a pessoa chora por aquilo que perdeu, o espírito se ri por aquilo que encontrou” diz o sábio Sufi.

Além disso, qualquer sofrimento, por pior que seja, é algo infinitamente pequeno diante da felicidade da eterna bem aventurança dos planos espirituais mais elevados. Não importa a intensidade e a duração das dores e angústias da vida, o infinito com o divino será a eterna morada de nosso espírito. Como vemos escrito na Bíblia: *“Os sofrimentos da vida presente não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada”*.

Os Senhores do Karma não tratam apenas de questões individuais. Eles também ajustam o karma pessoal da alma ao karma coletivo. De acordo com o teosofista Jinarajadasa (1921) os “Senhores do Karma devem se servir do reservatório de forças do indivíduo; nada lhe podem adicionar ou dele subtrair. Ele vem de um passado remoto, tem laços kármicos com outros indivíduos, com uma comunidade, com um povo; é necessário, pois, enviá-lo para nascer onde possa esgotar o seu karma relacionado com eles”.

Basta esgotar o karma passado para atingir a iluminação e a imortalidade? Segundo a Teosofia, uma alma deve passar pela roda dos nascimentos e mortes em cumprimento do seu arquétipo. Afirma Jinarajadasa que a alma é direcionada no rumo da plenitude do seu ideal transcendente. O autor também menciona a importância que a escolha do corpo físico tem para a alma antes de nascer, pois dele depende as atividades do homem durante a vida.

Os senhores do karma escolhem nossos provações pelo simples motivo de que ainda não estamos aptos a compreender nossas necessidades. Se nos fosse dada a faculdade total de escolha, nossos rumos provavelmente se encaminhariam no sentido da manutenção dos nossos defeitos e da ilusão a que estamos mergulhados.

A Vida Intrauterina

A Vida intrauterina, ou o período de gestação, compreendido num tempo aproximado de 9 meses, é uma fase de extrema importância de nossa existência atual. Do ponto de vista da mãe e do pai, é um momento de muitas expectativas, medo, preocupações e outras defesas, mas também são comuns a alegria, entusiasmo, senso de responsabilidade, cuidado, dentre outros. Principalmente a mãe costuma ficar muito mais sensível que de costume e isso pode ser uma consequência da influência do espírito que começa a se aproximar com mais frequência.

Ninguém duvida que a gravidez é uma das maiores mudanças a que se pode submeter uma pessoa em toda a sua vida. A presença de um outro ser em nossa convivência é algo que tem força suficiente para modificar valores, crenças, comportamento e visão de mundo. Não é muito difícil ouvir falar de casos em que a mãe teve um pressentimento de que estava grávida antes da confirmação final por testes médicos.

Como já dissemos, há mulheres que tem sonhos que anunciam a chegada da criança. Algumas contam terem estado na presença dessas crianças e até mesmo vislumbrarem o seu rosto, mesmo anos antes de vê-los por inteiro. Sabemos que antes do nascimento as almas da mãe e da criança são apresentadas uma a outra e podem elaborar conjuntamente o seu roteiro kármico para a presente existência.

Sabe-se que o feto ligado ao espírito que aguarda o momento da descida é extremamente permeável às energias do meio. Há mesmo algumas mães que optam em realizar passes magnéticos na barriga ou mesmo cobri-la com símbolos místicos protetores, tal é a facilidade que se tem de absorver modelos e frequências de energia, dos pais e do meio ambiente.

Morris Netherton considera a fase intrauterina fazendo a analogia com um gravador. Segundo Netherton, a consciência do feto no útero materno grava tudo o que lhe vem do mundo externo e esse arquivo passa a influenciar a futura formação de sua personalidade.

Roger Woolger, por outro lado, argumenta que o gravador, nesse caso, não possui uma fita virgem, ou seja, o feto sempre grava a partir de algo que já existia em seus registros etéricos. Segundo Woolger, “já há impressões pré-existentes ou samskaras estabelecidos no inconsciente da criança no momento da concepção. Essas impressões ou samskaras podem ser detonados ou reativados – e, em consequência, inconscientemente reforçados – por certos pensamentos, ações e interações da mãe durante toda a gravidez e o parto”.

Assim, não se pode considerar o feto apenas como um receptor descontrolado de impressões diversas que lhe vem de fora, mas deve-se encarar a fase uterina muito mais como um reforçador, realimentador ou reatualizador de aspectos, temas ou conflitos inconscientes de vidas passadas que já estavam presentes. Nesse sentido, podemos levantar uma hipótese bem razoável de que a fase uterina se constitui num campo muito fértil de reativação dos samskaras de vidas passadas.

Existem organizações e fraternidades místicas e iniciáticas, entre elas a Ordem Rosacruz, AMORC, que transmitem um conhecimento milenar sobre a influência pré-natal. Essa influência ocorre tanto partindo do espírito do feto perante os pais quanto dos pais perante o feto.

Existem certas técnicas ensinadas que visam influenciar positivamente o psiquismo do feto, ou seja, o espírito que aguarda a entrada no corpo, a fim de que ele desenvolva uma personalidade

saudável. Mas além destas técnicas, por mais incrível que possa parecer, há também a possibilidade de uma influência exercida sobre a constituição física do feto. Esse processo é real e essa influência pré-natal pode ser produzida por métodos de visualização.

É conhecido que muitas mães afirmam que, durante a gravidez, imaginaram seus filhos com certos traços em seu rosto e que, após o nascimento, constataram que a visualização, de fato, surtiu efeito. Verificaram que o perfil da criança correspondia de certa forma a sua própria mentalização ao longo dos meses. Esse conhecimento, contudo, deve ser usado com extrema responsabilidade, posto que deve ser aplicado com amor e comedimento. No caso do mau uso de tais procedimentos, um forte karma negativo se abaterá sobre o transgressor.

Na realidade, as pesquisas demonstram que a expectativa dos pais durante a gravidez podem se refletir fortemente sobre o espírito que espera a encarnação. Sentimentos de rejeição e aprovação podem surtir efeitos muito negativos no primeiro caso, e muito positivos no segundo. Não apenas a expectativa no sentido emocional pode ser percebida pelo espírito, mas também os pensamentos e os acontecimentos mais marcantes durante a gravidez.

Quando o espírito entra em definitivo no corpo físico? Helen Wambach fez uma pesquisa com 750 pessoas realizando a regressão de memória até o útero materno. Essa investigação constava de um questionário que indagava às pessoas em qual momento ela adentrara no corpo físico. As estatísticas demonstraram que 89% das pessoas apenas entraram no feto ou se envolveram com ele após o sexto mês de gravidez. Segundo Wambach, muitos pacientes relataram que deslocavam-se para dentro e para fora do feto periódica e ciclicamente. Em outras palavras, o espírito pode oscilar entre ver e sentir as coisas do ponto de vista do feto e ver e sentir do ponto de vista do espírito. Isso ocorre, provavelmente, por que os laços vão se formando e há uma gradual ligação e identificação entre ambos.

Tendam (panorama 2) afirma que há um cordão etérico que une o espírito ao feto na fase da gestação. Esse cordão provavelmente é o responsável por essa conexão entre os dois. É possível que o cordão etérico seja a contraparte sutil do cordão umbilical, que liga a criança à mãe fisicamente. De qualquer forma, o cordão etérico parece ser o primeiro laço estabelecido entre o espírito e o feto.

Isso demonstra para alguns que o espírito já possui alguma conexão com a mãe e que o feto não é um mero pedaço de carne que pode ser descartado por conveniências humanas, como no caso do aborto provocado. Por outro lado, levando-se em consideração que o espírito sente tudo o que ocorre à sua volta, como as pesquisas já evidenciaram, o aborto seria para ele um grande ato de rejeição; algo que pode sem dúvida gerar, não apenas problemas físicos para a mãe, mas também problemas psicológicos e obsessão espiritual.

De qualquer forma, o aborto se caracteriza por um trauma muito profundo ao espírito, algo que sem dúvida deve ser evitado a todo o custo. Isso exclui aqueles casos em que a vida da mãe corre perigo de alguma forma, pois nessa situação deve-se privilegiar a vida em curso em detrimento da vida em formação. Não apenas o aborto em si, mas tão somente cogitar o aborto como uma possibilidade já pode ocasionar certos danos ao psiquismo do espírito. Assim, do ponto de vista da Terapia de Vidas Passadas, o aborto é ato condenável e potencial gerador de karma negativo.

O Nascimento físico

Optamos pela expressão “*nascimento físico*” em vez de simplesmente “*nascimento*” porque o nascimento não se limita apenas ao envoltório da alma com a corporeidade carnal, ou seja, não se restringe apenas ao seu aspecto orgânico. Segundo as tradições espirituais e iniciáticas, em vários níveis de realidade, a alma pode nascer e renascer. “O primeiro nascimento é só o nascimento físico, o segundo nascimento é o nascimento de verdade: o nascimento espiritual” (Osho).

Os esoteristas falam de dois outros níveis de nascimento, diferentes do nascimento físico. O “segundo nascimento”, em sânscrito *upanayana*, são os ritos de passagem que firmam os laços para a entrada na vida adulta na Índia. Estes são considerados os “*nascidos duas vezes*”.

Há também o nascimento iniciático propriamente dito, o chamado “*terceiro nascimento*”. Esse é o acesso irrestrito aos mistérios, a libertação ou a autorrealização. Na Alquimia, o terceiro nascimento refere-se à transmutação do chumbo em ouro, considerado uma “*sublimação*”. Além disso, a própria morte para os esoteristas, para o Livro Tibetano dos Mortos e para a TVP, pode ser considerada um novo nascimento, tal é a semelhança que

existe entre esses aparentes opostos. Vamos demonstrar essas analogias na tabela abaixo.

Existem alguns padrões claramente definidos na literatura teosófica e espiritualista a respeito do nascimento. Judy Hall, terapeuta e autora de regressão, também adere a esses padrões. São fases ou estágios que antecedem a entrada da alma no corpo físico. Esses padrões são definidos como:

- *Decisão ou aviso de que a alma precisa retornar:* A alma pode sentir, naturalmente, a atração do magnetismo terrestre e começar sua descida aos níveis mais densos. Isso também pode ocorrer em decorrência dos desejos e aspirações de se retornar ao plano físico para mais uma vez usufruir dos desejos ainda presentes. Pode também ocorrer dos senhores do karma aproximarem-se da alma e falarem a respeito da necessidade do retorno.
- *Formulação do planejamento encarnatório ou plano de vida:* Os Senhores do Karma fazem a alma vivenciar seu karma passado demonstrando a necessidade de purificação. Quando esta fica evidente, eles traçam um plano mais ou menos determinado de quais desafios e condições serão enfrentadas. A alma pode aprovar ou desaprovar seu novo nascimento.
- *Escolhe-se os pais, o corpo e o ambiente:* Esses três fatores são essenciais no plano de vida e devem ser plenamente adaptados à alma antes da encarnação, para que ela possa aproveitar ao máximo as lições de sua vida. Tudo é definido por inteligências superiores, exceto quando se trata de uma alma mais adiantada.
- *Entrada nos corpos inferiores, astral e etérico:* o corpo astral e o corpo etérico vão começando a se formar. Esses corpos serão o modelo organizador do formato, das qualidades e atributos do corpo físico, assim como das falhas, defeitos e imperfeições, geralmente provenientes de traumas, postulados ou quaisquer reminiscências de vidas passadas. Esses corpos serão gerados a partir do material mnemônico e kármico de vidas passadas. Na literatura teosófica é ensinado que os “anjos construtores” são os responsáveis pela modelação dos corpos densos a partir do material extraído do karma passado e do ideal ou arquétipo a ser atingido.

- *Concepção*: Momento que deve ser elevado e realizado com base no amor e respeito. Diz-se que o momento da concepção é de suma importância para se realizar um convite a almas mais desenvolvidas espiritualmente para nascerem como nossos filhos.

Como diz Yogananda “Quando bons pais se unem fisicamente, geram uma pura luz astral oriunda da mescla das correntes positivas e negativas que fluem da base de suas espinhas e órgãos sexuais. Essa luz é um convite para as almas virtuosas, com vibrações compatíveis no mundo astral, serem fisicamente concebidas graças a união do espermatozoide e do óvulo. Quando a alma entra, o embrião se forma e o corpo vai aos poucos sendo preparado para o nascimento” (Livro: Karma e Reencarnação).

É curioso pensar que o nascimento ocorre a partir de uma produção de energias que surge da base de nossa espinha e do nosso sistema nervoso. Ainda segundo Yogananda, no livro “Autobiografia de um yogue”, o sistema nervoso tem a forma de uma árvore virada de cabeça para baixo. O simbolismo da árvore pode servir para representar a espinha e o sistema nervoso, assim como a corrente de energias que circula na coluna chamada de kundalini na Yoga e no Esoterismo. Isso corresponde nas mitologias à árvore do paraíso, da qual Adão e Eva comeram o fruto proibido. A árvore tem relação com a geração seguinte a partir do pecado original, que foi o mau uso da energia da kundalini, a energia da base da espinha, representada por uma maçã (símbolo da sexualidade, assim como a cor avermelhada da maçã, que corresponde a cor vermelha do chakra básico, o primeiro chakra de baixo para cima). É igualmente curioso verificar que alguns povos antigos entendem o nascimento como associado a uma árvore simbólica, como por exemplo Adônis.

- *Vida intrauterina*: Após a formação do molde astral e etérico, inicia-se a formação do corpo físico. Algumas obras afirmam que a alma ajuda nessa formação. Como já vimos, diz-se que a vida intrauterina, além de ativar os samskaras de vidas passadas, faz o feto e a alma vulneráveis a todo tipo de influências emocionais e mentais originárias dos pais e do ambiente.

- *Nascimento físico*: Momento da passagem pelo canal do parto e saída no ambiente externo.

Da mesma forma que a morte é uma subida ou ascensão a planos mais sutis; o nascimento é, por outro lado, uma descida e um adensamento; a pessoa vai tornando seu campo de energia mais denso, durante a fase uterina até o nascimento. Todo o processo do nascimento é um “*tornar-se mais denso*”, com todas as implicações que esse processo tem. Algumas pessoas sentem que vão diminuindo de tamanho pouco antes do nascimento. Outros afirmam sentir-se numa espiral descendente, como passando por um funil vibratório. Essa sensação vem do fato de começarem a se sentir como parte integrante do feto em formação.

Outra correlação entre a morte e o nascimento é o túnel de luz quando comparado ao canal de parto. Da mesma forma que as experiências de quase-morte revelam a presença de um túnel com uma luz no final após a morte do corpo físico, as experiências de nascimento demonstram que a percepção do feto é como se estivesse atravessando um túnel ou canal (o próprio canal do parto) e tem um vislumbre de uma luz no final, quando afinal ocorre o nascimento. A única diferença é que a luz no fim do túnel da morte é libertadora, ao passo que a luz do nascimento é aprisionadora. Thomas Mann, o grande escritor alemão, expos esse aprisionamento da seguinte forma: “Todo homem não era uma ideia e um passo em falso? Não caiu numa prisão penosa assim que nasceu? Prisão! Prisão! Barreiras e Grilhões por toda a parte”. Estudaremos a morte física ainda neste capítulo.

Morris Netherton confirma as pesquisas realizadas por psicólogos de que o nascimento é um dos momentos mais estressantes de nossa vida. Estudos demonstram que boa parte do estresse que sentimos ao longo de nossa vida tem relação direta com o estresse que passamos no instante do nascimento. Porém, se a mãe está tranquila, enfrenta o desafio com profundo amor e os profissionais de saúde sabem levar com confiança e equilíbrio o processo de parto, os impactos da experiência são sensivelmente reduzidos.

Além disso, para Netherton, Woolger e outros terapeutas, o trauma do nascimento parece estar em sintonia com traumas de vidas passadas, a ponto do trauma do nascimento reacender ou trazer à superfície os traumas ocorridos em vidas anteriores. Assim como na vida intrauterina, o nascimento seria uma reatualização de antigos padrões traumáticos e negativos de encarnações passadas. Pode-se dizer que o trauma do nascimento, assim como outras

repercussões em períodos anteriores na fase da gestação, são como “pontes” ou passagens diretas para estados e circunstâncias de tonalidade emocional similar em vidas passadas.

Vejamos algumas das mais claras semelhanças entre a morte e o nascimento:

MORTE	NASCIMENTO
Saída do corpo	Entrada no corpo
Elevação ao céu	Descida à Terra
Túnel escuro com a luz no final (experiência libertadora)	Canal do parto com a luz no final (experiência aprisionadora)
Visualizar entes queridos após a morte (revisão da vida)	Encontrar-se com entes queridos antes do nascimento (programação de vida)
Revisão da vida após a morte	Programação da vida antes do nascimento
Progressivo descarte dos corpos densos (físico, etérico, astral para o mental)	Progressiva adesão a corpos mais densos (mental, astral, etérico para o físico)
A forma como se morre (com tranquilidade e equilíbrio) vai influenciar o estado de ser do pós-morte.	A forma como se nasce (com tranquilidade e equilíbrio) vai influenciar o estado do ser durante a encarnação.

Apesar de todas estas serem as fases que o espírito percorre até o derradeiro momento do nascer, o que caracteriza mais o nascimento é a passagem pelo canal do parto. Pesquisas de regressão normalmente indicam que a passagem pelo canal do

parto é extremamente desagradável e traumática para a pessoa. O feto sai do conforto e aconchego do ventre materno - ainda em contato com o plano espiritual - para perceber-se num mundo hostil e conflituoso.

Como já experimentaram diversas vezes o nascimento em vidas passadas, muitas almas têm a sensação de “*ah não! De novo não!*” quando sentem que estão nascendo. Helen Wambach fez uma pesquisa com centenas de sujeitos e verificou que a maioria deles sente a experiência do parto como perturbadora e desagradável. Pelo menos 10% dos sujeitos choraram ao reviverem a experiência do parto. Parece que o sentimento de tristeza se vincula à expectativa de que a alma perderá a liberdade que experimentou no espaço entrevidas e deverá ficar enjaulada e encarcerada ao corpo, quase sem vida, ao longo de várias décadas.

As sensações de cada espírito ao nascer são as mais variadas e dependem das predisposições interiores de cada um. Porém, os relatos costumam identificar que o feto sente-se mal ao se deparar com a luz forte da sala do parto, com os sons e barulhos ao seu redor, produzido pelas pessoas e pelo meio, e finalmente pela temperatura do ambiente, sendo quente ou fria. Outras sensações são de aperto e solidão: aperto em decorrência do tamanho do canal do parto, e solidão porque parece que estamos sozinhos num mundo ainda desconhecido. Muitas vezes, os sentimentos de tristeza e melancolia de estarem mais uma vez encarnados eram mais fortes do que as sensações puramente físicas da experiência, como a luz, a temperatura, os barulhos etc (Wambach, *Vida Antes da Vida*).

Apesar do nascimento ser, na maioria das vezes, um momento triste para a alma; ele é, também na maioria das vezes, um momento alegre para os pais. A alegria dos pais parece consolar, de certa forma, o pesar do recém nascido e a perda do “*paraíso*” do mundo espiritual. Mesmo triste, a alma que chega encontra consolo na alegria e no cuidado dos seus pais.

No momento da morte parece ocorrer o contrário. A alma daquele que morreu está, na maioria das vezes, feliz por libertar-se do corpo e das prisões do mundo. Aqueles que deixou aqui, por outro lado, sentem-se tristes pela sua passagem, e choram de saudade pela suposta perda.

Observamos que as leis naturais são perfeitas, e apenas quando procuramos burlar sua exatidão matemática é que nos vem o sofrimento.

No caso do nascimento, o poeta latino G. Leopardi parece ter captado com maestria esse processo quando disse: “O Homem nasce com sofrimento / e o nascimento é um risco de vida. / Sofre pena e tormento antes de tudo; e mal começa a viver, / a mãe e o pai / passam a consola-lo por ter nascido”.

Outros pacientes relatam sentirem-se desconfortáveis com a frieza e impessoalidade dos médicos e enfermeiras durante o processo do parto. Infelizmente, o materialismo que permeia a metodologia dos procedimentos de saúde ao redor do mundo faz os profissionais de saúde acreditarem que o recém nascido não tem consciência do que lhe ocorre e nem guardará nenhuma impressão do nascimento. Porém, nossas pesquisas deixam claro que é justamente o oposto que acontece. Trata-se de um momento de extrema importância para a vida da pessoa e este deveria ser tratado com todo o respeito, atenção, cuidado e calor humano, além de outras precauções com relação ao meio.

Nesse sentido, todas as pesquisas apontam para a necessidade de se modificar o sistema de partos vigentes na maioria dos países do mundo. A luz forte, os barulhos, a temperatura, a distância emocional dos profissionais de saúde e muitos outros fatores são comprovadamente negativos para o nosso nascimento. Uma revisão no saber médico do nascimento é essencial para que a entrada no plano físico se torne algo menos traumático e mais sutil.

Outra questão que deve ser evitada a todo custo são as grandes expectativas e preferências com relação ao sexo, a aparência e ao futuro do recém-nascido. Quando pais e parentes próximos depositam muitas expectativas, isso gera uma energia mental que pode influenciar negativamente o curso de vida de uma pessoa. Há muitos clientes que reclamam sobre as cobranças que sentiram, durante a fase intra-uterina, de corresponderem ao sexo e a outras expectativas dos pais e pessoas próximas.

É interessante notar como as evidências nos mostram que a experiência do nascimento persiste e continua presente em nós, mesmo décadas depois. Uma das pacientes de Helen Wambach conta o seguinte: “A experiência do canal de parto foi, para mim, de vibração. (...) A vibração que senti foi a mesma que capto, com frequência, ao meditar, na medida em que as correntes energéticas fluem através do meu corpo. Foi deveras surpreendente descobrir, sob Hipnose, que isso correspondia à experiência do canal de parto”.

Obviamente que nem toda a vibração ou corrente sutil que flui pelo nosso corpo físico traz à tona a experiência do nascimento, mas no caso citado, a vibração que emergia em sua consciência durante a meditação era a mesma vibração que sentira durante o parto. Frequentemente, ao nos depararmos com situações estressantes em nossa vida, há, sem dúvida, uma reação de várias forças ocultas do nosso passado.

A Descida

Durante a fase intrauterina, há um período em que a alma passa a incorporar-se e integrar-se ao feto; o espírito sai da condição de exterioridade em relação ao feto e passa a fundir-se nele. Esse processo é chamado de “descida”.

A descida do espírito ao feto ocorre geralmente no advento dos últimos dois meses de gestação. Mais ou menos aos sete meses, ou um pouco mais, a alma faz sua “descida” e se liga definitivamente ao feto. Antes disso, ele observava a formação de seu futuro corpo de fora. Após um certo momento, a alma vai se ligando ao feto até que chega um momento em que deve unir-se a este de forma mais completa.

É reconhecido que, durante a fase da gestação, o espírito está vinculado ao feto por um cordão etérico de energia, parecido com o cordão de prata das experiências fora do corpo. Tendani (panorama 2) afirma que “Quando o nascimento se aproxima, o cordão encurta. Muitas vezes a alma está alternadamente no corpo e fora dele. Parece que o cérebro precisa estar suficientemente desenvolvido para que se esteja no corpo”.

Tendani ainda afirma que, após a descida, a alma ainda pode partir, ou seja, pode deixar aquele ventre e procurar por outro, e isso ocorre pelos mais variados motivos. Porém, a partir do momento seguinte à descida, torna-se muito mais difícil ausentar-se e na maioria das vezes, a alma permanece mesmo ligada ao feto até o nascimento, quando se une definitivamente ao corpo físico.

A Morte

A morte pode ser definida como a perda do corpo físico ou do envoltório carnal. Para a Terapia de Vidas Passadas, a morte é tão somente uma passagem, uma ponte, um portal para uma nova forma de vida.

A morte não ocorre apenas com a perda do corpo físico. Alguns espiritualistas e esoteristas falam de uma “segunda morte”, que seria a perda de seu corpo astral, quando a alma ascende para o corpo mental. Fala-se também da morte do corpo mental, ascendendo para uma esfera além do plano mental, o chamado plano búdico ou causal.

Com a Terapia de Vidas Passadas, os estudos sobre a morte evoluíram muitíssimo, pois através da regressão de memória, cruzando o limiar da vida atual, tornou-se possível observar diretamente essa fenomenologia, mapear e classificar os diferentes estágios do pós-morte, tal como um biólogo observa diretamente uma nova espécie de planta; ou um físico observa diretamente as moléculas de hidrogênio. Através de uma metodologia específica e comprovada, a morte deixa o terreno do sobrenatural e da superstição para ser encontrada nos consultórios psicoterapêuticos, nas pesquisas psíquicas e na ciência empírica. Dessa forma, sobre a existência da vida após a morte, há quatro formas mais gerais de pesquisa psíquica e empírica que trazem informações sobre o limiar da vida física:

- *A pesquisa mediúnica:* Essa é uma forma de pesquisa psíquica apenas. O ocidente começou a aprofundar o estudo desses fenômenos após o caso das irmãs Fox, as médiuns Margaret e Katherine Fox, que praticamente deram origem ao moderno estudo do Espiritualismo.

Tudo começou quando se mudaram para uma casa em Hydesville, Nova Iorque. Diz-se que os antigos inquilinos já consideravam a casa mal assombrada e com raps, estranhos barulhos que aparentemente se produziam sozinhos. As irmãs começaram a ouvir sons estranhos e as batidas, que as incomodavam cada vez mais.

Esses curiosos fenômenos atingiram o ápice no dia 31 de março, quando a filha mais nova, Katherine Fox, pediu ao “demônio” que provocava as batidas que as repetisse. Ela começou a bater palma e pediu que a suposta entidade repetisse o barulho. Curiosamente, o barulho foi reproduzido com a mesma frequência com que ela batia palmas. A partir deste simples experimento, começou-se a especular que esses fenômenos poderiam estar sendo produzidos por algo imaterial, porém dotado de inteligência.

Diz-se que, a partir desse evento, nasceu o Moderno Espiritualismo e se tornou possível a comunicação entre os vivos e os mortos. Isso causou grandes repercussões na

época, atraindo multidões. Não tardou até que céticos, religiosos, curiosos e cientistas de vários lugares visitassem a casa para atestar ou negar os fenômenos. Até hoje ninguém conseguiu provar conclusivamente a fraude do caso das irmãs Fox.

Por outro lado, grupos de espiritualistas americanos e europeus começaram a se formar e logo foram criadas vertentes diversas que visavam estudar a fenomenologia. Nesse contexto, um cientista se destaca dentre os estudiosos. Hippolyte Leon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, resolveu estudar a fundo a possibilidade da comunicação com os espíritos e suas pesquisas com vários médiuns formaram a base para a criação de uma corrente de pensamento. Assim nasceu o Espiritismo.

Apesar do ocidente ter começado a voltar suas atenções à vida após a morte no início do século XIX com base nesses fatos, sabemos que a pesquisa psíquica e mediúnica é milenar e muito anterior ao surgimento do Moderno Espiritualismo. Assim, esses foram os primeiros resquícios de uma pesquisa abrangente sobre a sobrevivência da alma após a morte.

- *A pesquisa de Visões no Leito de morte:* Essa é uma forma de pesquisa psíquica e clínica. Constitui-se de investigações com pacientes terminais, no leito da morte, que relatam perceber parentes, amigos, seres de luz e entrever algumas facetas do “outro lado” da vida.

Essa hipótese defende que a aproximação da morte teria a capacidade de abrir certos canais psíquicos e ajudaria o despertar da visão do plano espiritual.

Os maiores expoentes dessa pesquisa foram o Dr. Karlis Osis, que foi diretor de pesquisa da Sociedade Americana de Pesquisa Mediúnica (SAPM) e o Dr. Erlendur Haraldsson, do Departamento de Psicologia da Universidade da Islândia. Suas observações sobre o que ocorre com pacientes hospitalares no leito de morte trouxeram informações valiosas sobre o pós-morte.

Muitos pacientes relatavam ver pessoas conhecidas e desconhecidas poucos minutos antes da morte. O tempo desse tipo de visão é curto, varia de alguns segundos a poucos minutos. Em casos mais raros podem durar de 20 minutos a 40 minutos. Céticos alegam que a proximidade da

morte cria alucinações de uma vida além como último mecanismo de defesa de negação do inevitável.

Porém, alguns casos pesquisados por William Barret (físico e pesquisador) indicam que pacientes observaram, antes de morrer, parentes seus que julgavam ainda estar vivos, mas posteriormente foi descoberto que a pessoa já havia falecido (Murphet, 1990). Apesar de essas pesquisas trazerem algumas evidências interessantes e dignas de mais estudo, elas ainda não são muito efetivas para convencer os céticos e para trazer conhecimentos mais bem fundamentados da vida após a morte.

- *A pesquisa com Experiências de Quase-Morte:* Essas são pesquisas essencialmente clínicas, coletadas a partir de dados médicos com pessoas que foram declaradas clinicamente mortas, mas por alguma razão voltaram à vida algum tempo depois.

Os expoentes dessa forma de investigação são os médicos Raymond Moody, autor do best seller "*Vida Depois da Vida*" e a médica Elisabeth Kubler-Ross, considerada a maior autoridade mundial no estudo sobre a morte.

Segundo Kubler-Ross, uma pessoa pode perceber-se flutuando sobre a sala, tendo uma experiência extracorpórea. Até mesmo cegos podem ter visão do ambiente em cores (Kubler-Ross, 1984).

Essas pesquisas demonstram de forma bem clara e científica que existe não apenas vida após a morte, mas um padrão de fases pelas quais os indivíduos passam além do limiar da vida. Céticos alegam alucinações como mecanismo de defesa, mas isso seria uma impossibilidade já que o cérebro muitas vezes para de funcionar.

Mesmo com a morte cerebral, indivíduos relatam cenas fortes e vívidas do além. De acordo com Grof, no livro "*A Aventura da Autodescoberta*", as recentes pesquisas da Tanatologia (investigações sobre a morte) confirmam o conteúdo de "*O Livro Tibetano dos Mortos*" sobre o "corpo do bardo", que afirma a capacidade humana de ir além das fronteiras do espaço-tempo. Falaremos com mais profundidade sobre as EQMs num capítulo próximo.

- *A pesquisa com Regressão de Memória:* Essa é a pesquisa que tratamos com mais detalhes ao longo desta obra. Trata-se do uso da regressão com o objetivo de pesquisa e tratamento. O próprio Raymond Moody, uma das maiores

autoridades em Experiência de Quase-Morte, analisou detalhadamente as regressões a vidas passadas em seu livro “Investigando Vidas Passadas” e atestou que se trata de um fenômeno real e bastante proveitoso do ponto de vista terapêutico.

Essas pesquisas foram empreendidas por cientistas como Morris Netheron, Edith Fiore, Hans Tendam, Helen Wambach, Roger Woolger, Hermínio Miranda, dentre vários outros pesquisadores de renome. Trata-se basicamente de resgatar uma memória perdida no passado de alguém que atravessou o limiar da morte durante a regressão.

Considerações Gerais:

- As religiões e tradições espirituais divergem em pontos fundamentais, mas todas concordam que a vida não termina com a morte do corpo físico.
- Apesar das religiões e tradições concordarem com a continuidade da vida, ainda não há consenso no meio científico sobre o tema. A verdade é que o rigor dos atuais métodos de pesquisa e a falta de aparelhos mais sofisticados que investiguem o invisível impedem a descoberta da realidade pós-morte.
- A morte, em si mesma, não traz sofrimento para a alma. Antes de tudo, o apego gerado durante a existência é o que determina a experiência mais ou menos dolorosa no instante do desenlace.
- A morte não provoca a perda da individualidade. A personalidade é transitória; é arrastada pela correnteza do tempo e das mudanças. Mas a individualidade é a percepção do espírito profundo dentro de cada um. Esta não cessa com a morte, mas apenas perdem-se os seus veículos de manifestação.
- O choro excessivo, sentimentos de apego, sofrimento intenso, clamores de retorno, são exemplos de atitudes que podem gerar correntes mentais que são captadas pelo recém-desencarnado e podem dificultar sua passagem, tornando-a árdua, difícil e pesada. Sentimentos egoístas e chamados mentais para que o falecido retorne podem provocar-lhe

sensações de preocupação, confusão e outros sentimentos negativos, que são suficientes para atrapalhar uma transição calma e equilibrada, tal como deveria ser.

- Grande parte das vezes, o ceticismo arraigado, o fundamentalismo religioso, o apego ao ego e uma morte rápida, trágica e traumática podem bloquear a percepção do espírito sobre si mesmo e sobre sua nova condição. Tudo isso pode fazer com que ele não se dê conta de que cruzou os portais da morte. Quando isso ocorre, a alma fica perambulando errática pelas correntes do astral, jogada a sua própria sorte, sem rumo. A não ser quando é resgatada por encarnados com missão de auxiliar os recém-desencarnados ou quando é ajudada por espíritos de luz.
- O último pensamento antes da morte pode determinar o local e as condições que enfrentaremos no pós-morte. Krishna disse que *“Ao morrer, é o último pensamento que determina o lugar para onde você vai”*. Assim, diz-se que toda a nossa vida deve ser um esforço para morrer pensando no amor. A TVP e as tradições espirituais concordam nesse ponto. Roger Woolger ressalta esse aspecto em sua obra.
- Robert Crookall, pesquisador de fenômenos psíquicos e mediúnicos, afirma com base em pesquisas que, no momento da morte, nosso Eu Superior envia uma mensagem telepática de aviso sobre sua própria morte. Parentes e amigos podem captar essas ondas de pensamento e dar-se conta do recente desencarne. Segundo Crookall a própria pessoa não tem consciência desse “chamado mental”, mas mesmo assim ele é emitido por algum mecanismo espiritual desconhecido. Esse chamado pode não ser realizado em pessoas que sofrem mortes trágicas, rápidas e inesperadas. Mas quando a morte é natural e esperada, esse aviso é irradiado. Nesse momento, guias espirituais dos planos sutis podem captar a mensagem e socorrer a alma durante a transição (Murphet, 1990). Essa pode ser a explicação do significativo número de pessoas que percebem psiquicamente o momento da morte de amigos e entes queridos.
- As religiões e tradições contemplativas do passado e do presente ensinam sobre um “julgamento divino” para as almas no pós-morte. Essa ideia é comum a boa parte das religiões e

não seria de surpreender que ela repouse sobre um fundamento real. No entanto, ao contrário da visão corrente na antiguidade, esse julgamento não é realizado por Deus, mas auxiliado e orientado por entes espirituais que muitas pessoas podem considerar “deuses”, mestres ou espíritos de luz. Além disso, é a própria alma, em sua consciência, que realiza esse julgamento sobre si mesma, sendo esse um autojulgamento. O que há de mais elevado na alma julga e avalia sua obra numa encarnação, com seus erros e acertos. Ela vai revendo seus erros, atitudes e programando os próximos passos de sua evolução futura.

- Após a morte, a alma deverá migrar para a zona de consciência que guarde uma relação estreita com sua vibração, pensamentos, inclinações, desejos e nível de consciência. Existem planos de realidade inferiores e superiores. O processo de atração para os níveis elevados ou baixos é determinado por uma atração natural, por afinidade de energia. Essa sintonia tem relação direta com nosso karma individual. Recebemos após a morte exata e matematicamente aquilo que semeamos durante a vida ou durante várias vidas.
- Durante a estada no plano espiritual, as almas parecem despertar capacidades espirituais que as tornam mais libertas dos limites típicos do plano físico. Certas faculdades afloram naturalmente e são uma decorrência da vida espiritual sem os grilhões do corpo físico. Algumas habilidades são:
 - 1) A telepatia.
 - 2) A clarividência.
 - 3) O potencial criativo e construtor das formas-pensamento modelando os entornos de sua psicoesfera.
 - 4) Deslocamento no tempo e no espaço com a velocidade do pensamento para qualquer ponto.
 - 5) Capacidade de atravessar a matéria, transmitir vibrações positivas ou negativas aos encarnados.
 - 6) Inspirar a realização de trabalhos evolutivos de transformação da humanidade.
 - 7) Deslocamento a mundos extraterrestres, outros planos e dimensões, dentre outros.

- Pesquisas indicam que, após a morte, os indivíduos têm percepções variadas do que acontece e encontram muitas vezes aquilo que esperam encontrar. O cenário pós-morte parece corresponder as nossas expectativas. A alma pode ver-se mergulhada dentro do caldeirão de suas próprias formas-pensamentos criadas ao longo da vida. “O Livro Tibetano dos Mortos afirma repetidamente que o morador do bardo produz seus próprios arredores ou circunstâncias a partir do conteúdo de sua mente” (Whitton & Fisher).
- Por outro lado, essas criações mentais não podem suplantar a natureza de nossas atitudes. As criações mentais são apenas isso, criações a partir do conteúdo de nossa mente durante a vida e não constituem realidade. Se uma pessoa matou, roubou e estuprou durante a vida e mesmo assim espera algo de positivo no pós-morte, sua recompensa não será nada animadora. De acordo com pesquisas, uma existência com ações desse porte trarão inevitavelmente os efeitos de nossos atos, fazendo com que a alma se depare com todo o mal que tenha realizado. Por outro lado, uma vida virtuosa trará a compensação da virtude; uma vida de amor trará o amor; uma vida de devotamento a causas humanistas trará todo o puro e límpido sentimento de gratidão e o amor transmitido, e assim por diante. As experiências com regressão demonstram que as almas sentem diretamente os efeitos das boas e más ações que praticaram durante a vida. Todo o turbilhão de atitudes e comportamento retornam invariavelmente, como um eco que ressoa dentro de nós e a nossa volta.
- Em um ponto muitas tradições concordam com a TVP: seremos após a morte muito parecidos, senão exatamente iguais, àquilo que fomos durante a vida. A morte não modifica ninguém, apesar de permitir a livre expressão da essência de cada alma. Depois de morrer, a alma não pode mais esconder aquilo que é. Sua natureza interior se manifesta com grande transparência e crueza. No plano material podemos dissimular quem somos. Nossas reais intenções podem ser mascaradas. No pós-morte, a alma se enxerga tal como é. Seu estado de espírito fica muito mais claro e visível.
- As experiências que sucedem a passagem da vida para o plano espiritual não podem ser traduzidas pela linguagem humana. Antes de tudo, elas podem necessitar de material

simbólico para serem expressas. Elas recorrem a arquétipos, símbolos universais contendo temas comuns a toda a humanidade, tal como descreveu o psiquiatra C. G. Jung.

- No pós-morte, tudo parece ocorrer ao mesmo tempo. Os acontecimentos não obedecem uma sequência regular cronológica. O tempo se relativiza dentro das esferas da consciência e não há uma continuidade temporal, mas uma coexistência de ocorrências, todas se sucedendo ao mesmo tempo. Whitton e Fisher afirmam que “uma sucessão lógica só é encontrada quando há proximidade com o plano da Terra no período imediatamente posterior à morte e imediatamente anterior ao nascimento”.
- Pessoas comuns morrem inconscientemente, mas alguns mestres espirituais podem descartar o corpo físico assim que encerram sua missão na vida. Seres como Paramahansa Yogananda, Ramakrishna e outros têm plena consciência de seu plano de vida, sabem o dia de sua morte e podem escolher deixar seu corpo físico ao final da realização de suas tarefas no plano físico. O estado em que o yogue deixa conscientemente o corpo é chamado de Mahasamadhi.

Na Terapia de Vidas Passadas, foram mapeadas as principais etapas do pós-morte. Apesar dos relatos variarem de pessoa para pessoa, há um padrão comum à maioria das experiências, e é essa semelhança que se deve considerar como o ponto de partida dos estudos e da teoria da TVP sobre a morte.

- 1) Último suspiro
- 2) Experiência extracorpórea
- 3) Luz no fim do túnel
- 4) Rompimento do cordão de prata
- 5) Recepção de entes queridos e amigos
- 6) O ser de luz
- 7) Revisão da Vida
- 8) Do etérico ao astral
- 9) Do astral ao mental
- 10) Metaconsciência

Nesse sentido, a morte seria uma passagem para vários níveis de consciência mais sutis à medida que a alma vai se despojando dos invólucros ligados à matéria e à forma.

Instruções Práticas:

- Na Terapia de Vidas Passadas observamos que existem dois grandes traumas para as pessoas: a morte e o nascimento. São duas fases de transição, de mudança súbita de nosso estado de consciência, com poder de causar impressões bem enraizadas. Segundo as pesquisas de Edith Fiore, boa parte dos problemas atuais tem seu ponto de partida numa morte mal atravessada.
- É possível até mesmo dizer que todo trauma envolve, de alguma forma, a morte. Isso porque o trauma induz a morte de algum aspecto de nossa personalidade. Esse aspecto fica aprisionado no passado, morto para a consciência.
- As impressões que ficam gravadas com o trauma da morte trazem grande carga emocional para a vida presente. Elas podem ser a causa de vários bloqueios, traumas, fobias e sofrimentos para a existência atual. Através da regressão, deve-se lembrar e revivenciar a morte para libertar a intensa carga psíquica acumulada do trauma.
- Fiore ajuda seus pacientes a revivenciar o momento da morte, por vezes, fazendo-os visualizar o processo do morrer numa tela. Porém, conforme eles vão ficando mais a vontade, é necessário fazê-los sentir a experiência mais direta e vívida, aproximando a pessoa da experiência tanto física quanto emocionalmente.
- Logo após a transição entre a vida e a morte, a pessoa sente-se leve, viva, desprendida e serena. Ela percebe que o grande portal do morrer conduz a uma sensação de liberdade, de despojamento de muitos limites impostos pelo corpo físico. Por isso, a vivência da passagem é muito agradável e tem a propriedade de produzir efeitos terapêuticos muito positivos. É como se percorrêssemos do pântano mais lamacento direto para a sublimação celestial num curto espaço de tempo. Por esse motivo, diz-se que a morte tem capacidade regeneradora, quando a atravessamos diretamente sem interrupções e de forma consciente. Alguns místicos a denominam de “*a Grande Iniciação*”.

A Morte Consciente

A morte consciente é um termo cunhado por Bruce Goldberg, reconhecido terapeuta de regressão, em seu livro “Uma Tranquila Transição” para descrever a capacidade humana de atravessar os portais da morte de uma forma tranquila, serena, equilibrada e consciente. De acordo com as antigas escolas de mistério, O Livro Tibetano dos Mortos e outras tradições orientais, como a Yoga, a maioria das pessoas passa pela transição (morte) de uma forma inconsciente e muito negativa. O ato de morrer inconsciente pode gerar muitos problemas para o espírito nas suas próximas vidas.

Sabe-se que muitos sábios, yogues e mestres espirituais experimentaram a morte consciente de forma bastante sublime e elevada. Na Yoga, existe um método específico, não apenas de permanecer consciente no momento da morte, mas de escolher por livre vontade, o momento de deixar o corpo físico. Isso ocorre no momento em que o mestre sente que sua missão na Terra está encerrada. Esse processo chama-se Mahasamadhi, que consiste no ato da saída voluntária e consciente do corpo físico. Esse estado ocorre apenas uma vez na vida física, na hora da morte, e não pode ser realizado em ocasiões anteriores. Nesse momento, o karma do yogue se extingue totalmente com a morte e ele retorna à bem-aventurança eterna.

No budismo, esse mesmo processo tem o nome de parinirvana, que implica numa libertação dos karmas, do samsara e a dissolução dos skandhas. O parinirvana de Buda foi descrito no Sutta Mahaparinibbana.

Bruce Goldberg explica que, tanto o “O Livro Tibetano dos Mortos” quanto as escolas de mistério antigas e a tradição da Yoga afirmam que, caso a pessoa consiga manter de algum modo um vínculo com o seu Eu Superior na hora da morte, a contraparte perfeita e imortal, que representa em nós as sementes da eternidade, a alma terá por recompensa a eterna bem-aventurança. Goldberg dá o nome desse processo de tomada de consciência na hora da morte e após a transição de ECFC (Experiência Consciente Fora do Corpo).

Esse vínculo entre a pessoa e o seu Eu Superior é explicado em várias tradições e cada qual possui uma forma de se atingir os resultados positivos no ato de morrer fisicamente. Goldberg, porém, propõe uma técnica com base em sua experiência empírica, para que cada pessoa possa tomar consciência do Eu Superior e beneficiar-se de seu influxo a fim de alcançar a graça de uma morte consciente e evoluir com a experiência.

Goldberg chamou essa técnica de purificação, que consiste basicamente em “apresentar o subconsciente ao Eu Superior de modo que isso resulte um vínculo entre os dois. Esse vínculo vai deixar que o Eu Superior eleve a qualidade da energia da mente subconsciente (taxa vibracional de frequência) a um plano mais elevado e mais perfeito”. E acrescenta que: “Mediante a manutenção desse seu vínculo com o Eu Superior, a alma pode aprender a repetir essa técnica no momento da morte. Isso vai servir-lhe para libertar-se das forças desorientadoras do ciclo kármico, que bloqueiam todas as lembranças de vidas passadas, ficando quase impossível a adaptação da alma ao mundo em seu novo corpo de maneira positiva e voltada para a evolução”.

Isso significa que a morte inconsciente é uma dos grandes entraves para a recordação natural de nossas vidas passadas em existências futuras. Segundo a visão de Goldberg, se tivermos sucesso no processo da morte consciente, há uma grande chance de a alma reter as informações da existência passada sem que estas recaiam no esquecimento. Estaremos chegando num momento em que técnicas e pesquisas empíricas facultarão, num futuro próximo, a continuidade da consciência no espaço entre duas existências? Só o tempo dirá...

Goldberg cita alguns dos benefícios da morte consciente:

- * Abreviação do nosso ciclo kármico. Isso resulta num menor número de vidas remanescentes.
- * Aumento de qualidade da vida que resta viver.
- * Recordação instantânea de vidas passadas.
- * Poder de decisão sobre o próprio destino.
- * Uma magnífica evolução espiritual.
- * Aumento das capacidades extrassensoriais
- * Eliminação do medo da morte.
- * Uma experiência de pesar (luto) mais curta com respeito aos entes queridos deixados aqui.
- * Um aumento da qualidade do universo como um todo.

A Revisão da vida

A Revisão da vida pode ser definida como um flash back, recapitulação ou retrovisão da última vida da alma no período pós-morte. A alma sem corpo físico sente e visualiza um panorama completo dos principais atos, eventos e acontecimentos de sua

existência. É como assistir um filme da própria vida, porém não apenas vendo os acontecimentos, mas revivenciando cada aspecto importante.

Na revisão da vida abre-se uma perspectiva imediata, total e abrangente de tudo o que fizemos e que nos foi feito. A revisão ativa um esboço global ou um cenário totalizante, não apenas do que ocorreu, mas também das relações kármicas entre ações, acontecimentos e pessoas. Vemos a causa e o efeito de nossos atos, sentimos o efeito produzido retornando inadvertidamente a nós e explicando todas as situações que tivemos que experimentar, sentir, passar, elaborar e aprender.

Rudolf Steiner fala em duas revisões da vida, uma logo após a morte, que pode durar dois dias inteiros, quando estamos com o corpo etérico. A outra ocorre logo após o descarte do etérico, quando nos encontramos apenas com o corpo astral. A segunda revisão seria de trás para frente e traria intensa experiência e impressão emocional. Essa revisão nos capacita sentir diretamente como nossos atos atingiram outras pessoas. É curioso observar como as pesquisas de Rudolf Steiner e outros ocultistas anteciparam descobertas que só décadas depois seriam reveladas através de pesquisas empíricas com a regressão a vidas passadas e as EQMs (Experiências de Quase-Morte).

Os chamados “juízes kármicos” permanecem em contato conosco e são eles que ativam esse panorama geral. São os Senhores do Karma ou *Lipikas* da Teosofia. A revisão da vida tem algumas características:

- Alta conscientização muito além do nível racional-emotivo. Uma recapitulação que jamais o espírito poderia fazer enquanto encarnado. Exceto muito raramente em estados profundos de meditação ou nas iniciações aos mistérios.
- Verificação das verdadeiras causas dos problemas atuais. Observa-se, por exemplo, quando nossa tristeza começou; quando escolhemos o caminho do sofrimento; quando abandonamos nossa esposa e escolhemos mergulhar no trabalho; quando enveredamos por caminhos que criaram doenças; quando abandonamos o convívio social e nos isolamos na solidão; quando deixamos de impor os limites necessários aos filhos evitando problemas futuros, dentre outros.

- Tempo e espaço deixam de existir como referenciais objetivos. Há um quadro completo de várias épocas interpenetrando-se num fluxo de consciência. Caem as barreiras temporais e espaciais e a alma vislumbra em segundos (que mais parecem uma eternidade) seu passado encarnatório e a carga kármica cultivada e acumulada ao longo de uma ou várias vidas que se entrecruzam.
- A revisão fica gravada indelevelmente nos arquivos do eu interno do espírito e serve de base para as escolhas da próxima vida. Muitas das intuições que brotam em nossa vida atual são resquícios, lembranças distantes de uma certeza interior sobre o melhor caminho a seguir, muitas vezes fundamentada em revisões de vida anteriores.

A recapitulação da vida após a morte é tema recorrente nas tradições espirituais. Yogue Ramacharaca antecipa as pesquisas com EQM e com regressão a vidas passadas quando afirma que: “Aqui também havemos de mencionar o admirável fenômeno da recordação da vida passada, esse grande panorama que desfila ante a visão mental da alma antes de adormecer. As autoridades neste domínio afirmam que esse quadro ocupa, na realidade, apenas um diminuto instante, um momento tão breve que se pode denominar um ponto no tempo. E, todavia, neste curto momento, a alma vê o panorama de sua vida inteira que passou na Terra. Uma cena após outra, desde a infância até à velhice, passam ante sua vista. O incidente mais insignificante é reproduzido com tanta fidelidade e minúcias como o acontecimento mais importante. Os planos subconscientes da memória desenrolam seus segredos até o último; nada fica reservado ou retido”.

Acrescenta ainda Ramacharaca que “O resultado deste processo é que as ações de uma vida passada ficam concentradas e impressas nos registros da alma para ali se tornarem como sementes que produzem melhor fruto futuro”.

O Suicídio

O Suicídio, ou o autoextermínio, é visto pela TVP e também por outras correntes como uma fuga dos desafios e provações da existência. O suicídio é encarado não apenas como uma evitação ou esquiva, mas também como um grande atraso de vida e uma significativa perda de tempo.

Provavelmente, após cometer suicídio, uma alma deve refazer suas tarefas numa vida seguinte, talvez em situações ainda mais adversas do que a da vida em que cometeu o suicídio. Essas circunstâncias mais adversas não têm origem num punitivo decreto divino, mas vem do resultado das mazelas causadas pelo suicídio, que tem o poder de baixar o tom vibratório e criar entraves à vida.

Através das pesquisas com Terapia de Vidas Passadas, fica claro que o suicídio não liberta ninguém dos problemas e da responsabilidade pessoal diante da produção do karma passado e da necessidade do enfrentamento de nossos defeitos, apegos e limites. Algumas religiões afirmam que o suicídio leva ao inferno e ao sofrimento; o Espiritismo declara que o suicídio nos faz ir diretamente ao umbral – uma zona de consciência de extrema negatividade e energias densas. Essa ideia é encontrada principalmente nas obras do médium mineiro Francisco Cândido Xavier. Falaremos do Umbral num capítulo próximo.

No livro *Terapia de Vida Passada: uma abordagem profunda do inconsciente* de Lívio Túlio Pincherle afirma-se que: “às vezes [após a TVP] desaparecem rumações suicidas, principalmente quando o paciente vê que já havia se suicidado em vidas anteriores e como é inútil o suicídio para a nossa evolução kármica”. Assim, a TVP, mostrando a realidade da vida após a morte e a bagagem que se leva após a transição física, modifica a sua visão das coisas, aceitando o fato de que o suicídio é coisa vã e sem sentido.

Afirma-se que o suicídio nem sempre deve ser encarado como algo súbito e repentino, como dar cabo da própria vida de uma só vez. Muitas vezes, há uma forma gradual de autodestruição, quando, por exemplo, sabemos das mazelas trazidas por uma alimentação desregulada e intoxicante; uma vida de vícios com tabagismo e álcool; falta de tratamento médico ou outros comportamentos comprovadamente letais. Muitas dessas atitudes vão minando aos poucos a nossa estrutura física e nos levando à morte iminente.

O suicídio não deve ser visto como um direito, mas como uma ação criminosa praticada contra si mesmo. Isso porque, o nosso corpo físico não é nosso, não fomos nós que o criamos e ele não nos pertence. É um instrumento que a inteligência divina nos concede para a existência corpórea. Nós temos o direito apenas de cuidar dele adequadamente e, após cumprida nossa missão, devolvê-lo às entranhas da terra. Por esse motivo, ninguém tem o direito de tirar a própria vida, embora isso seja possível através de nosso livre arbítrio (que possivelmente trará consequências indesejáveis).

Uma alta taxa de suicídio é encontrada em pessoas que sofrem de depressão profunda. A depressão está intimamente relacionada com o suicídio. Isso porque a depressão nos induz a acreditar que nossa vida não tem mais esperança, que por mais que nos esforcemos, nada irá mudar.

Apesar disso, sabemos que a própria vida tem como fundamento as transformações incessantes, e se agora estamos por baixo, no futuro podemos estar por cima e nos sentir bem melhores. A vida tem as suas oscilações; tudo o que o ser humano vive são estados passageiros, que vem e vão, chegam e passam. Assim também são os nossos pensamentos, cruzam nossa mente e vão embora. Não é o pensamento que nos envolve; nós é que envolvemos o pensamento.

Há uma sabedoria popular que diz que quando chegamos ao “fundo do poço” e nada mais pode piorar, esse é o momento em que começamos a subir e a melhorar. Por outro lado, quando chegamos no cume de uma montanha e atingimos o ápice em algum setor da vida humana (como nosso profissional), o único caminho possível é o da descida. A partir daí, só vamos piorar, ou pelo menos, teremos a sensação de estar piorando. Tudo isso demonstra que a inteligência da vida sempre muda nossos estados e nossa condição. Essa é uma demonstração de que sempre temos capacidade de mudar a nossa vida, por pior que seja. Muitas vezes, precisamos enfrentar as dificuldades com paciência, com fé, confiando nas leis divinas e tendo consciência que, essas provações trarão um alívio em nossa mente e um desenvolvimento espiritual.

Além disso, aqui cabe a frase “Temos toda a eternidade pela frente, mas não temos um segundo a perder”. Isso significa que o sofrimento que estamos atravessando hoje é algo infinitamente pequeno diante de tudo o que podemos viver, daqui para frente, no caminho da eternidade.

Experiência de Quase-Morte

Termo cunhado por Raymond Moody no clássico “Vida depois da Vida” de 1975. A palavra “*Experiência de Quase-Morte*” (EQM) descreve experiências vividas por pessoas declaradas clinicamente mortas ou próximas da morte. Essas experiências trazem em si todas as sensações e percepções de quem teria deixado o corpo físico, vislumbrado o pós-morte e retornado em seguida.

Muitos pesquisadores depois de Moody coletaram relatos de experiências. Raymond Moody, apesar de ser mais conhecido pelo estudo das Experiências de Quase-Morte, também pesquisou profundamente a Terapia de Vidas Passadas e conta seus estudos no livro “Investigando Vidas Passadas”.

Conforme os estudos foram prosseguindo, um padrão de acontecimentos do pós-morte muito significativo foi sendo revelado. O padrão dos relatos não significa uma equivalência entre todos os aspectos da experiência, ou seja, não significa que todas as pessoas contem a mesma coisa após a morte clínica. O reconhecimento desse padrão significa que existem grandes semelhanças entre os relatos. As pesquisas sobre EQM são muito importantes na Terapia de Vidas Passadas.

Outra pesquisadora que investigou as EQMs a fundo foi a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross. Apesar de suas pesquisas a terem desacreditado perante o ceticismo da classe médica, Kubler Ross não se intimidou e manteve as investigações sobre os relatos de EQM.

Outro pesquisador famoso é o doutor Kenneth Ring, professor emérito de psicologia da Universidade de Connecticut. Segundo Ring, em pesquisa realizada em 1981, 23 milhões de americanos tiveram experiências próximas da morte, o que nos oferece um vasto campo de pesquisa. “De três pessoas, uma teve uma experiência transcendental” afirma Ring numa entrevista ao jornal *The New York Times*. Ring ainda menciona que, em sua vasta pesquisa, tanto religiosos como ateus não sofrem variações significativas em seus relatos quando têm uma experiência de quase morte. “Ateus tinham a mesma probabilidade de ter uma experiência de quase-morte que as pessoas religiosas” afirma Ring. Isso significa que as crenças pessoais influenciam muito pouco na experiência.

Uma diferença significativa a favor da TVP é o fato de que ela pode, a qualquer momento, ser reproduzida, ao passo que a EQM só ocorre em momentos determinados e não controlados. As EQMs possuem estreitas correspondências com as pesquisas realizadas pelos terapeutas de vidas passadas sobre o pós-morte. O padrão encontrado nas EQMs é similar em muitos pontos ao padrão das pesquisas com TVP.

No livro “Vida depois da Vida” Moody declara jamais ter encontrado uma pessoa com todos os elementos da EQM, porém essa afirmação foi contestada após a coleta de mais relatos e apresentada no seu livro seguinte “A Luz do Além”. Vamos averiguar no que consistem os relatos das EQMs em linhas gerais:

Sensação de estar morto: Pessoas declaradas clinicamente mortas ou próximas da morte declaram perceber a si mesmas flutuando acima do corpo físico. Isso pode gerar certa confusão e medo a algumas pessoas, sem entender o que acontece. Podem tentar se comunicar com médicos ou pessoas próximas sem sucesso. Passado algum tempo, elas de súbito compreendem a condição que se encontram, sentindo paz e serenidade. Há também um repentino sentimento de derrubada de máscaras e papéis humanos. As pessoas estabelecem maior contato com o que são em essência. Uma sensação de inefabilidade (experiência que não pode ser traduzida em palavras) também é relatada por muitos indivíduos.

Paz e ausência de dor: Após a saída do corpo, a dor desaparece por completo e sobrevém um grande alívio. Os sentidos podem ficar entorpecidos, desaparecendo qualquer sensorialidade.

Experiência de estar fora do corpo: Moody descreve uma intensa mudança de perspectiva sobre tudo. A pessoa redescobre a si mesma após passada a carga de tensão do processo de morte. Elas se percebem num corpo mais etéreo, porém ainda com uma forma levemente definida. “Alguns descrevem como uma nuvem colorida, outros como um campo de energia” (Moody). Há relatos de pessoas que flutuaram além da Terra, atravessaram galáxias e tiveram experiências cósmicas. Tempo e espaço se relativizam dentro das EQMs.

Experiência do Túnel: Nesse momento, as pessoas descrevem estar percorrendo uma certa escuridão, algo semelhante a um túnel. Algumas dizem que são literalmente puxadas por alguma espécie de influxo sutil e sentem estar atravessando uma região sombria, como um túnel, com uma luz brilhante no final. O túnel, porém, não parece ser universal, pois algumas pessoas relatam também uma escadaria que ascende ao céu, às vezes em forma de espiral. Yogananda, no livro “Karma e Reencarnação” também menciona a experiência do túnel, muitos anos antes do início das pesquisas com EQM. Outras pessoas falam de um portal de luz, a qual percebem tratar-se de uma passagem de um plano de realidade a outro. Porém, o túnel parece ser o relato mais comum a maioria dos casos. De qualquer maneira, fica evidente que a forma não é relevante, mas o símbolo de algo que nos permite uma

“subida de nível”. “A pessoa está atravessando uma passagem a direção de uma luz intensa” (Moody).

Encontro com entes queridos: É comum o relato de pessoas que encontraram parentes já falecidos. Muitos também citam o encontro com pessoas desconhecidas, junto com a sensação de que a conhecem de outros lugares. Os parentes podem vir saudar o recém falecido, incentiva-lo ou mesmo dizer que ainda não é o momento dele deixar o corpo físico. “Muitas vezes, dizem que essas pessoas também estão em corpos tão indescritíveis como os seus próprios”, afirma Moody. Quando Allan Kardec questiona os espíritos sobre se a alma, após a morte, encontra desencarnados que conheceu durante a vida, a resposta é a seguinte: “Sim, de acordo com a afeição que havia entre eles, muitas vezes vêm recebê-lo na volta ao mundo dos espíritos e o ajudam a se desprender das faixas da matéria. Assim como reencontra também muitos que havia perdido de vista durante sua permanência na Terra. Vê os que estão na erraticidade, como também vai visitar os que estão encarnados”.

Seres de Luz: Atravessando o túnel, a pessoa geralmente percebe seres de luz, mas não se trata de uma luz comum, mas uma luz que tudo penetra transmitindo paz e amor. Essa luz é relatada como sendo a luz mais brilhante que já viram na Terra, porém, ela não é ofuscante; ela é “luz quente, vibrante e viva” (Moody). Além dos seres de luz, as pessoas têm contato com parentes e amigos já falecidos, que o recebem.

Outras contam a visão de diversas paisagens e cidades composta de luz e energia. Talvez estas referências sejam uma visão das famosas colônias espirituais, tal como descritas na obra do médium mineiro Francisco Cândido Xavier, em especial na famosa obra “Nosso Lar”, psicografada pelo espírito André Luiz. A comunicação ocorre sempre pela via telepática, que parece ser a linguagem universal usada nos planos sutis.

A esse respeito, Emmanuel Swedeborg diz que “Enquanto os espíritos conversam uns com os outros mediante uma língua universal, todo homem, imediatamente após a morte, depara com essa língua universal, que é própria do seu espírito”. Será essa língua mencionada por Paulo de Tarso como “a língua dos anjos”?

O Ser de Luz: Além dos seres de luz, a pessoa mantém contato com um Ser de uma Luz infinita, que parece ser o regente de toda a situação.

Frequentemente algumas pessoas o descrevem como sendo Deus; os cristãos dirão que é Jesus; os budistas poderão dizer que é Buddha, os muçulmanos que é Maomé, e assim por diante. Outras, no entanto, não declaram ser nem Jesus, nem Buddha, nem ninguém conhecido, mas tão somente um ser iluminado que irradia profunda paz e compreensão. O ser de luz pode informar a pessoa sobre a necessidade do retorno à Terra, a fim de terminar sua missão ou roteiro kármico. Alguns relatos afirmam que a própria pessoa pode, se quiser, optar em retornar ao seu corpo ou mesmo pode decidir dar por cumprida a sua missão. Nesse sentido, parece que, ao menos para algumas pessoas, existe uma escolha de continuar na Terra e ausentar-se dela.

Recapitulação ou Revisão da Vida: Como já dissemos anteriormente: trata-se de uma revisão completa, panorâmica e vívida de todos os atos da pessoa. As barreiras do espaço-tempo são quebradas e a pessoa mergulha num fluxo de consciência atemporal de retrocognição, ou visão do passado. A pessoa sente suas ações e o resultado que elas acarretam aos outros.

Se fiz o bem, sinto o bem; se fiz o mal, sinto todo o mal que pratiquei. Compartilhamos do céu ou do inferno que criamos para as pessoas, os animais e o mundo. Nesse momento, a pessoa constata que as separações entre os seres são ilusórias e que todos fazemos parte de uma mesma teia ou rede infinita de consciência e realidade. Após o retorno ao corpo físico, o amor e o conhecimento passam a ser muito valorizados e tidos como essenciais.

Relutância em retornar: Parece que a EQM é uma experiência tão agradável, que a maioria dos pacientes sente certa tristeza em retornar, preferindo permanecer naquele estado de plenitude, provavelmente transmitido pela presença do ser de luz ou da Luz Clara no fim do túnel. Alguns chegam mesmo a sentir nostalgia da experiência, desejando repeti-la. Ao contrário do que se poderia pensar, isso não gera uma falta de vontade de viver e tampouco o desejo de abreviar a própria vida. A experiência acaba se tornando como um farol que guia os seus passos e orienta seu caminho.

Quanto às consequências de uma experiência de quase-morte, a maioria das pessoas relata sentir transformações intensas em suas vidas. Essas transformações são muito semelhantes entre diferentes pessoas que atravessaram os portais da morte.

Apesar de serem fortes, essas mudanças não são determinadas por uma crise, mas ocorrem naturalmente, como um espontâneo efeito de uma nova maneira de encarar de vida. Moody relatou algumas dessas mudanças:

- *Perda do medo da morte:* Quase a totalidade das pessoas que passam por uma EQM passam a encarar a morte de outra maneira. Elas perdem aquele medo que a maioria possui, como uma extinção da individualidade.
- *O amor passa a ser reconhecido como a coisa mais importante da vida:* O amor vem da sensação de que todos nós, inevitavelmente, estamos conectados uns aos outros. Eles sentem que o amor é o laço que une nosso ser a todo o universo físico e invisível. O amor passa então a ser considerado o sentimento nobre mais importante da vida. Não há um caminho para o amor; o amor passa a ser o próprio caminho.
- *A sensação de união com todas as coisas:* É algo que a maioria não consegue definir e nem se preocupa muito com isso, mas as pessoas passam a sentir ou reconhecer uma indissociável ligação entre todas as coisas. As pessoas e as coisas passam a ser tão presentes e vivas, que tudo passa a ser parte de um mesmo elo de realidade.
- *A valorização do conhecimento:* Muitos passam a estudar mais, adquirir informações sobre várias coisas, pois percebem que o conhecimento é uma das poucas coisas que se leva após a morte. O conhecimento é algo que ninguém pode tirar de nós, acaba fazendo parte do que somos.
- *Maior responsabilidade pessoal pela sua vida e seu destino:* Principalmente após a revisão da vida, a pessoa sente-se mais responsável pelo que lhe ocorre e passa a se compreender como a única criadora do seu destino.
- *Vivenciar as pequenas coisas e dar um novo sentido à vida:* Temos a tendência a dar valor a coisas vazias: dinheiro na conta bancária, promoção a novo cargo na empresa, a vitória de um time de futebol, dentre outros. Mas, após a Experiência de Quase Morte, as pessoas redescobrem o sentido da

simplicidade da vida. As coisas simples passam a ser aquilo que mais importa, e é o que levamos após a morte.

- *Desenvolvimento da espiritualidade:* Muitas pessoas passaram a desenvolver um novo sentido de vida, buscando mais valores e princípios além da visão mundana. Muitos começam a estudar a mensagem dos sábios da humanidade e a aderir a correntes de pensamento espiritual. O seu desenvolvimento espiritual passa a ser visto como essencial para a nossa existência.

Boa parte dos autores da Terapia de Vidas Passadas afirmam encontrar em suas pesquisas clínicas relatos do pós-morte muito semelhantes às histórias de pacientes declarados clinicamente mortos nas EQMs, como Edith Fiore (1987), Joel Whitton (1986), Raymond Moody (que estudou a Terapia de Vidas Passadas) e outros.

Por meio de pesquisas de campo nessas duas áreas (TVP e EQMs), é maravilhoso verificar como os conhecimentos convergem para os mesmos princípios básicos e como estamos mais próximos da realidade espiritual.

O Kamaloka

O Kamaloka pode ser definido como um plano semi-material, muito estudado na Teosofia, onde as almas se encontram após a desencarnação. É a esfera onde a personalidade, as formas-pensamento, as paixões e emoções e as tendências inferiores vão aos poucos se dissolvendo e se desgastando. Esse processo de dissolução é necessário, segundo a Teosofia, para a alma ascender a planos mais elevados, como o plano mental, ou Devachan, a esfera de consciência onde permanecem os espíritos durante longos períodos que antecedem a encarnação seguinte.

O eu inferior, com seus agregados de desejos e paixões mais densas e grosseiras, tem como consequência a desintegração no Kamaloka. No Kamaloka a alma está livre para expressar plenamente seus desejos e usufruir deles, até o momento em que se desgastam completamente e “morrem” para si mesmos. Eles se desagregam na massa astral do próprio Kamaloka, onde se resolvem numa massa informe de energia astral, tal como o corpo humano após a morte se resolve em seus componentes materiais primários e volta para o pó da terra.

Diz-se então que as formas dos desejos gastos não se encerram completamente, ao contrário, sobrevivem ainda como “átomos permanentes” e se recolhem aos corpos superiores sendo registrados na memória espiritual. Como já mencionamos, os resíduos das formas de desejos, porém, se mantêm nos planos inferiores como skandhas, ou seja, como resíduos astrais que são os portadores do karma do indivíduo. Os skandhas ficam retidos no astral e retornarão nas vidas futuras do indivíduo como karmas a serem experimentados.

Kamaloka é semelhante ao Hades na Grécia antiga, e ao Amenti dos egípcios. Se a alma após a morte não dissolvesse ou desgastasse o peso dessas energias inferiores ligadas à última existência física, ela não poderia sutilizar-se e elevar-se, permanecendo nas proximidades da crosta terrestre. O Kamaloka é, ainda, algo próximo do Summerland dos espíritas americanos e uma ideia análoga e razoavelmente similar ao purgatório dos católicos. Em outras palavras, é um subplano de purgação dos impulsos emocionais e instintivos.

Diz-se que os *“restos astrais dos defuntos corrompem-se e se decompõem”*. É o “local” no astral onde ocorre aquilo que chamamos de “segunda morte”, ou seja, quando descartamos o corpo astral após o esgotamento dos órgãos que precipitaram a morte física. Assim, há também o esgotamento dos resíduos emocionais e instintivos, ou Kama-rupas, as “formas de desejo” que são abandonadas pela alma após um período maior ou menor no Kamaloka. Dessa forma, qualquer ascensão a um plano mais elevado é precedido de um desgaste e abandono das energias já em decomposição do invólucro ou corpo anterior.

Na TVP, Hans Tendam (1994), Bruce Goldberg (1997) e outros autores que estudaram a literatura teosófica falam do Kamaloka como uma possibilidade dentro de seu arcabouço teórico. A Terapia de Vidas Passadas interessa-se particularmente pelas reminiscências do pós-morte, pois deverá encontrar nesse terreno pistas para o tratamento mais eficaz de suas demandas clínicas. Assim, ao contrário do que pensam alguns, o que ocorre no entrevidas pode ser de grande valor terapêutico.

Bardo

Bardo significa literalmente “entre dois” (bar “entre” e do “dois”). A junção de ambos forma o significado de “entre dois estados” (Wentz, 1927).

Este é o estado entre duas existências corpóreas; é o estado de intermissão ou entrevidas na Terapia de Vidas Passadas; o estado intermediário entre a morte e o nascimento. Não se pode falar sobre “onde” a alma fica entre as encarnações, pois o bardo se refere tão somente a um estado de consciência e não a um espaço físico determinado. Bardo significa mais exatamente o período posterior a morte numa vida e o período que precede um nascimento. São as etapas do pós-morte e as etapas que precedem a encarnação da alma.

A doutrina do Bardo é mencionada nos textos budistas do Abhidhamma e do Tantra, mas a referência mais famosa é encontrada nos textos Nyingma conhecidos pelo nome de “*Libertação*”. A expressão Bardo foi popularizada após a publicação do clássico de Evans-Wentz em 1927 em Londres do Bardo Thödol, conhecido pelos ocidentais como “O Livro Tibetano dos Mortos”. No Bardo pode-se conhecer a clara luminescência da Verdade, conhecida como “Luz Clara” no texto do Bardo Thodöl, O Livro Tibetano dos Mortos.

Devachan

Devachan significa literalmente “paraíso” em sanscrito; ou devakhan (morada dos deuses) em tibetano. Esse paraíso não é como o paraíso da cultura judaico-cristã (um espaço físico), mas um paraíso de eterna consciência e bem aventurança. Devachan foi um termo descrito pelos teosofistas para explicar o que acontece a uma alma após o desenlace do corpo físico.

É o plano no qual a alma ascende após o descarte dos princípios inferiores, o Kama rupa, e o Atman/Buddhi/Manas, os princípios superiores do homem segundo a Teosofia, podem permanecer até a próxima encarnação. Segundo Mary Browne no livro “*Reflexões sobre o outro lado da vida*”, o que determina o maior ou menor tempo no Dechavan é o karma individual. Anie Besant no livro “*Sabedoria Antiga*” afirma que é o plano no qual não existem sofrimentos e é protegido pelas inteligências superiores que cuidam da evolução da humanidade.

Segundo a literatura teosófica, quando a alma chega ao final do Kamaloka, ela atinge o Devachan. Uma pessoa que viveu sob o jugo dos impulsos instintivos, uma vida conduzida pelas correntes do desejo mundano quase não permanece no Devachan, encarnando logo em seguida, atraída pela necessidade de dar livre curso a suas paixões no plano material.

É onde os pensamentos e as ideações elevadas são vivenciadas. Assim que estas são desgastadas e satisfeitas, a alma pode deixar o Devachan.

“O Eu Superior adormece no final do período do Kamaloka e redesperta no Devachan. Trata-se do mundo dos pensamentos. Livre de causas, esse mundo consiste apenas de efeitos. A única ação possível nessa dimensão é dar livre curso aos pensamentos. É um mundo de ilusões autocriadas. Aí a alma pode adquirir novos conhecimentos, ao lado de aspirações superiores. Quanto maior o acúmulo de pensamentos e de sabedoria na vida anterior, tanto maior a permanência no Devachan. O corpo mental é desprezado depois que a alma deixa o Devachan e esta chega ao manas, o componente do Eu Superior, abrigado no corpo causal” diz Bruce Goldberg, explicando sobre o Devachan.

Entrevidas

O *entrevidas* significa literalmente “entre uma vida e outra”. Representa o estado de passagem da alma entre duas encarnações, onde o espírito deve realizar certas tarefas e aguardar seu próximo nascimento. Já falamos sobre a morte nesse mesmo capítulo e demos explicações gerais e resumidas sobre as principais fases do pós-morte. Aqui procuraremos apenas citar e explicar os aspectos gerais que mais o caracterizam.

Alguns terapeutas chamam o estado *entrevidas* de “*plano espiritual*”; outros o denominam “*intermissão*”. O *entrevidas* não pode ser descrito como um local, um espaço definido geograficamente. Trata-se de um estado de consciência, uma condição de ser e existir. Vejamos alguns dos aspectos do *entrevidas*:

O espaço de tempo entre duas vidas: O período que a alma passa no *entrevidas* sempre foi objeto de muita polêmica entre os pesquisadores. Sabemos que as doutrinas esotéricas e as descobertas empíricas atuais muitas vezes se posicionam de forma distinta quanto a natureza desse estado.

É preciso antes esclarecer que a sensação da passagem do tempo é totalmente diferente entre o encarnado e o desencarnado. O desencarnado vive numa dimensão onde o tempo não é uma força atuante, tal como ocorre nos planos físicos. O tempo é relativo à consciência.

Para ilustrar a relatividade do tempo: muitas vezes a passagem dos séculos pode ser equivalente a alguns minutos e alguns minutos podem equivaler a alguns séculos. Existe uma frase no esoterismo que diz: “Para nós, um dia é um século e um século é um dia. Assim, em pouco tempo, pode-se mudar tudo totalmente”.

O teósofo Leadbeater fez um quadro explicativo num de seus livros onde relaciona o tempo do entrevidas com o grau de pureza da alma. Quanto maior a elevação do espírito, mais tempo ele permanece no entrevidas. Por outro lado, no caso de um espírito inferior ou muito inferior, o espaço entrevidas se torna muito restrito.

Esse período tem variação média de 2.300 anos para as almas que atingiram altos graus de depuração e até 5 anos para as almas mais primitivas e de baixa vibração. Seguindo essa ideia, as pesquisas de Leadbeater correspondem às pesquisas empíricas de regressão, como atestam muitos autores.

Joel Whitton diz que as intermissões (o tempo entre uma vida e outra) têm se reduzido consideravelmente nos últimos séculos.

Tendam (1993) aponta que ao longo da elaboração da literatura teosófica, alguns autores foram diminuindo o tempo da intermissão, sendo este o caso de Sinnet e Steiner. Esse fato pode ser explicado, provavelmente, em decorrência das necessidades evolutivas atuais, onde um período menor de intermissão, mais precisamente nos últimos dois séculos, seria mais produtivo para os espíritos reencarnantes.

As pesquisas de Ian Stevenson com crianças revelaram um período entrevidas bem reduzido, além de constatar que as crianças nascerem próximas fisicamente ao local de sua morte na vida anterior.

As pesquisas de Karl Muller apontam desde um período extremamente curto da morte ao nascimento a um tempo de entrevidas que pode durar séculos. Há uma média de 70 anos nas estimativas de Muller baseado na análise dos seus casos clínicos.

Já Helen Wambach verificou a ocorrência de intermissões que alternam de quatro meses a dois séculos.

Allan Kardec afirma, no seu contato com os espíritos, que:

As atividades da alma no entrevidas: Esse questionamento sempre gerou muita polêmica nos meios espiritualistas e religiosos. Pesquisadores da regressão citam períodos de intenso estudo e preparação da alma no entrevidas. O espírito deverá habilitar-se de várias formas, através de estudos e outras formas de preparação, visando o cumprimento das tarefas que lhe serão passadas na próxima vida.

Muitas almas aplicam em vida os conhecimentos adquiridos durante o entrevidas. Esse estudo tem efeitos benéficos para o indivíduo. Tendram (Panorama sobre a Reencarnação vol. 2) diz que “a educação durante a intermissão pode diminuir nosso apego ao passado. Aparentemente, podemos aprender a planejar melhor a vida futura durante a intermissão”. O plano espiritual seria basicamente uma época de estudo e preparação, enquanto o plano físico seria uma época de ação e realizações.

A realidade é moldável: O plano sutil é plástico. A realidade astral parece corresponder a nossa natureza interna. A consciência do espírito molda o cenário em que ele vai viver nos planos espirituais. Isso é positivo por se levar uma vida de poucas privações, mas negativo na medida em que não nos impulsiona a buscar algo diferente de nossas próprias criações mentais. A vida física nos força a ter experiências mais agudas e extremas, obrigando a alma a extrair a força necessária para prosseguir.

A Metaconsciência

A Metaconsciência é um termo cunhado por Joel Whiton que descreve um estado de suprema consciência que pode ser vivenciado no período entrevidas. A alma sente a união de sua alma individual com a alma universal, ou consciência cósmica.

A metaconsciência é um estado amplificado de percepção onde o comum e o habitual se perdem numa vastidão sem limites e isso ocorre após a morte do corpo físico.

Os pacientes de Joel Whiton relatam experimentar certos estados além da condição passageira do mundo, quando se veem numa vida passada e passam pela morte. No período pós-morte, há possibilidade de sentir, ao menos por um pequeno lapso de tempo, esse indescritível estado de beatitude.

Na descrição de Joel Whiton a metaconsciência possui as seguintes qualidades:

- Estado paradoxal supremo de memória e percepção.
- Perda do sentido de identidade pessoal.
- Fusão do ser na existência, aumentando incrivelmente nossa autoconsciência.
- Descoberta do propósito da vida.
- Encontro com nossa realidade kármica individual.

- Impossibilidade da descrição deste estado pela via da linguagem, dos sentidos e de qualquer símbolo.
- Paz e quietude jamais experimentada nos estados mentais da consciência objetiva.

Confira o volume 2 dessa apostila, disponível a partir de outubro de 2010 em www.terapiadevidaspassadas.net